

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

“Fazer de algumas passagens, quadros, e quem sabe um dia, você possa assinar”: homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor

Eronides Câmara de Araújo

Campina Grande, Agosto de 2011

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG**

A663f Araujo, Eronides Câmara de.

“Fazer de algumas passagens, quadros e quem sabe um dia, você possa Assinar”: homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor / Eronides Câmara de Araujo. – Campina Grande, 2011.  
295 f.: il. color.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Moebus Retondar

Referências.

1. Masculinidade. 2. Infidelidade Feminina. 3. Experiência 4. Dor  
I. Título.

CDU 159.922 (043)

# ERONIDES CÂMARA DE ARAÚJO

“Fazer de algumas passagens, quadros, e quem sabe um dia, você possa assinar”: homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção ao título de doutor

Orientador: Anderson Moebus Retondar

Campina Grande, Agosto de 2011

Eronides Câmara de Araújo

“Fazer de algumas passagens, quadros, e quem sabe um dia, você possa assinar”: homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor

Tese apresentada em 31 de Agosto de 2011

### Banca examinadora

Anderson Moebus Retondar (PPGCS- UFPB- Orientador)

Lemuel Dourado Guerra Sobrinho (Examinador Interno –PPGCS-UFCG)

Elizabeth Cristina de Andrade Lima (Examinadora Interna- PPGCS-UFCG)

Durval Muniz de Albuquerque Junior

(Examinador Externo– (PPGH-UFRN)

Adriano de León (Examinador Externo – PPGCS-UFPB)

Marcela Zamboni (Examinadora Externa – PPGCS UFPB)

## Dedicatória

A Lia, a história que a bisneta vai adorar

A Rafa, pela inspiração

A dona Toinha, seu Nené, José Câmara, Fábio Gutemberg (im memoriam)

## Agradecimentos

Por mais que eu possa endereçar os meus agradecimentos nominalmente à cada homem ou mulher, pela contribuição dada a esta tese, com certeza, alguns nomes serão escapados da memória neste momento, mas não serão esquecidos.

Agradeço ao professor Anderson Moebus Retondar, meu orientador, que me acolheu como uma órfã de orientação; pelo o incentivo e a paciência demonstrada na relação, orientador - orientanda; pelas críticas realizadas ao texto, e principalmente, a confiança que depositou em mim, como pesquisadora; ao professor Adriano de León, membro da banca examinadora que tem acompanhado o caminhar da escrita desta tese desde a disciplina, 'Seminário de Tese'; agradeço pela suas sugestões, sua disponibilidade para ajudar na construção deste texto e seu espírito alegre ao tratar o tema; ao professor Durval Muniz de Albuquerque Jr, membro da banca, incentivador e referência intelectual na minha trajetória acadêmica, obrigada por tudo; aos demais membros da banca, o professor Lemuel Guerra e as professoras, Elizabeth Lima e Marcela Zamboni pelas leituras e críticas ao texto.

As minhas amigas que leram os primeiros escritos deste texto. Agradeço à professora Silede Leila, pelas contribuições e as críticas realizadas ao texto, mas também pela contribuição espiritual; à professora Kyara Almeida, não só pelas leituras e sugestões, como também pelas longas conversas sobre a tese, nas quais foram geradas idéias e argumentações para trabalhar o tema; à professora Regina Coelli Gomes do Nascimento pela leitura emocionante que fez do texto e pelo apoio cotidiano para eu terminar esta tese;

Ao professor Joel de Andrade e a professora Juciene Félix de Andrade pela dedicação em conseguir bibliografia para analisar o tema; ao professor e amigo, Iranilson Buriti pelo incentivo cotidiano para concluir a tese; à Manuela Aguiar, professora e amiga, pela paciência em procurar os primeiros capítulos da tese que foram deletados; pela contribuição tecnológica ao fotografar o material da pesquisa e principalmente, por me fazer acreditar que o texto estava concluído; a minha amiga Aldinete Bezerra, pelos contatos cotidianos para incentivar a conclusão do texto; à Cícero Souto, pela inspiração para eu selecionar as músicas colocadas na tese; as minha filhas e neta, por compreenderem a necessidade da minha 'solidão' para escrever a tese;

a minha irmã Neném, pelo apoio espiritual, fazendo orações para que eu chegasse ao fim da escrita; e aos demais e irmãos e irmãs pela colaboração em compartilhar as lembranças para escrever o primeiro capítulo.

Ao meu parceiro de vida conjugal, Rafael Vieira da Silva, meus agradecimentos não só pela compreensão do meu 'isolamento intelectual' para escrever a tese, mas principalmente, pelo o amor, o carinho e o cuidado que tem me dedicado para que o trabalho fosse concluído, um agradecimento no coração.

A minha professora da graduação, Marta Lúcia, exemplo e referência de mulher. A Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de Souza (im memoriam) pela inspiração das emoções encontradas nesta tese.

Meus agradecimentos aos sujeitos da pesquisa, pela colaboração para realizar o trabalho. Um agradecimento especial à professora Joseane da Escola Estadual Raul Córdola e seus alunos pela colaboração na pesquisa. Meus agradecimentos aos funcionários e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFCG, em especial, à professora Marilda Menezes e o professor Luis Henrique, pela promoção de debates em sala de aula que contribuíram para pensar a pesquisa desenvolvida pela turma 2007 para o doutorado.

Obrigada a Jade e a Robenilda, por aliviarem o meu stress nos últimos meses da escrita da tese.

## Resumo

O tema desta tese é masculinidade e infidelidade feminina. Discuto nesta tese como os homens ao lidar com a infidelidade feminina, exercem formas distintas de praticar a masculinidade e suportar a dor da traição. Trabalho três experiências distintas de pesquisas. Uma primeira experiência, datada de 1990 e disponível em processo-crime; uma segunda, realizada através de entrevistas, com homens que foram traídos e vivenciam as práticas da masculinidade em uma Associação de Cornos, e a última, uma entrevista com um grupo de homens que narram histórias de homens traídos. As duas últimas experiências são vividas na contemporaneidade. Para operacionalizar os dados da pesquisa usei como principais conceitos, os de estratégias e táticas de Michel de Certeau e o de poder de Michel Foucault. Os resultados apontam que os homens exercem suas masculinidades frente à traição feminina, pelo funcionamento do poder e por formas distintas para suportar a dor, baseadas na virilidade e na defesa da manutenção de uma forma de estar HOMEM.

Palavras – Chave: masculinidade, infidelidade feminina, experiência, dor

## Abstract

The theme of this thesis is masculinity and female infidelity. I discuss in this thesis as men to deal with female infidelity, have different ways of practicing masculinity and bear the pain of betrayal. Work experience three different surveys. A first dated 1990 and available in criminal proceedings, a second was obtained from interviews with men who were betrayed and practical experience of masculinity in an Association of Horns, and last, an interview with a group of men who tell stories men betrayed. The last two experiments are experienced in contemporary times. To operationalize the research data used as key concepts, strategies and tactics of Michel de Certeau and Michel Foucault power. The results suggest that men perform their masculinity against the betrayal of women, the operation of power, and different ways to endure the pain, based on the defense of masculinity and maintenance of way to be a MAN.

Words - Key: masculinity, female infidelity, experience, pain

## RESUMÉ

Le thème de cette thèse est la masculinité et de l'infidélité féminine. Je discute dans cette thèse que les hommes pour faire face à l'infidélité des femmes, ont différentes façons de pratiquer la masculinité et de supporter la douleur de la trahison. L'expérience professionnelle de trois enquêtes différentes. Une première date de 1990 et disponibles dans les procédures pénales, un second a été obtenu à partir d'entretiens avec des hommes qui ont été trahis et l'expérience pratique de la masculinité dans une association de cornes, et le dernier, une entrevue avec un groupe d'hommes qui racontent des histoires hommes trahis. Les deux dernières expériences sont vécues à l'époque contemporaine. Pour opérationnaliser les données de recherche utilisées comme concepts clés, les stratégies et les tactiques de Michel de Certeau et Michel Foucault le pouvoir. Les résultats suggèrent que les hommes exécutent leur masculinité contre la trahison de la femme, l'opération de la puissance, et différentes façons de supporter la douleur, fondé sur la défense de la masculinité et la maintenance de façon à être un homme.

LES MOTS - CLÉS: la masculinité, l'infidélité féminine, de l'expérience, de la douleur

# Sumário

## Introdução

Uma escrita assinada	14
As palavras desenhadas: produzindo uma tese	17
O projeto da tese: objetivos, problemática, hipótese, fontes e temporalidade	19
A pesquisa	21
A operacionalização dos conceitos	24
A metodologia	32
A estrutura da tese	34

## CAPÍTULO PRIMEIRO

### A pedagogização dos valores da honra masculina no corpo feminino: os territórios da escrita de si

Pedagogias como arte e ação para abrigar a honra masculina no corpo feminino	37
A trajetória da pedagoga familiar: dona Toinha, brejeira e defensora da honra	42
A produção das minhas recordações: encontro e encanto com a fotografia	46
A conexão dos saberes para a ação pedagógica sobre meu corpo: a produção de subjetividades	49
“Prendam suas cabritinhas porque meus bodes estão soltos”: enunciado que produz subjetividades sobre o comportamento feminino	52
O tapete negro corta a cidade. As cores da vergonha, da honra e dos gêneros: os limites da pedagogia feminina na rua	57
As alianças entre a pedagogia dos gêneros e as brincadeiras: o ‘amor ao lar’	64
“Você botão de rosa, amanhã a flor mulher”: virgindade e honra como jóias preciosas	69
Honra, sentimentos e gênero nas ondas sonoras do rádio	73
A (des) honra liberta e a honra vigiada: os rapazes depois da ‘linha do trem’ e as moças embaixo dos lençóis	79
Cutucando a honra ‘com vara curta’: os limites das intimidades nas festas e nos namoros	82
Burlando o valor da honra pela ocasião: fugindo para casar	92
“Prometo não sair dos trilhos até casarem os filhos”: a vida em matrimônio	96

## CAPÍTULO SEGUNDO

### Você ‘caça’ a honra manchada e eu vivo a paixão: a defesa da honra masculina entre a traição e a paixão

Adulterio e desonra: a montanha se desmancha e o mais valente dos homens chora como criança	107
Honra e adultério: norma e lei como pares de proteção à honra masculina	110
Macho com H’ e forte como a montanha: traços da masculinidade de um ‘bicho home’	115
A busca da honra manchada nas (entre) linhas da carta: a prova da traição (1º lance)	120
Na fogueira de São João, a honra em chamas: o paparazzo no Parque do Povo(2º Lance)	135
A desonra em panfleto na instância partidária: a militância da dor e do desespero (3º lance)	138
A violência domestica: “conduta comum (...) quando flui na cabeça do homem latino o pensamento da traição conjugal’ (4º lance)	140
A honra ‘lavada’ no tribunal: a defesa da honra masculina pelo controle social (4º lance)	144
“Fazer de algumas passagens, quadros, e quem sabe um dia, você possa assinar”: a paixão vivida, sentida e assinada	150
“Traduzir em palavras ou escrever sentimentos em papel”: gostoso demais	159

## CAPÍTULO TERCEIRO

### Um masculino subjetivado e transtornado: a terapia da dor, o agenciamento de códigos sociais e outras masculinidades

O meu reencontro com o homem traído em mesa de bar: o tema (re) significado	166
Outros [com] textos: subjetividades trans-formadas	171
Animal arisco', ferido, peito atingido: subjetivado, 'esquece' o risco	180
Da Paraíba para São Paulo, de São Paulo para Paraíba: a migração da dor e do homem subjetivado	185
Na Cornolândia um masculino transformado, transtornado e agente de outros códigos da masculinidade	198
A Cornolândia e o agenciamento de novos códigos: outras práticas masculinas	201
O tratamento terapêutico da dor masculina: a produção de subjetividades para acalmar a dor	205
Os enunciados dos textos de uma masculinidade: as posições identitárias dos homens traídos quando permanecem na relação	211
A dor e a morte da dor: com que rosto ela virá?	218

## CAPÍTULO QUARTO

“Que busco eu com toda essa assassina fúria de macho”? A traição feminina, a linguagem falocêntrica e práticas da masculinidade

A fúria da linguagem masculina: o escárnio sobre o corpo feminino e a desclassificação do homem traído	222
‘A parte ruim você vai comer agora... [são] mais de quatro palmos de peia’: a força e o poder da linguagem centrada no falo	227
Que busco eu, em fogo aqui embaixo [se] a ‘bitola’ não é mais a mesma: ‘a flor que exala urina e mel’ despetalada pela linguagem	234
A desclassificação do homem traído: ‘você não tem saco pra aguentar’	238
Do corno ‘vulto’ ao ‘corno estacionamento’: as construções identitárias construídas nas relações intragêneros	241
Os enunciados da linguagem falocêntrica: poder, controle e disciplinarização da ordem masculina	247
Enunciados que produzem posições dos sujeitos na economia masculinista: ‘João da burra’ e ‘a pomba e o chifre jogaram na tua casa’	250
Elas sentem prazer e eles dizem que elas estão doentes: o diagnóstico masculino marcado pela dor	254
Conclusão...(provisórias, acidentais)	265
Bibliografia	278

## INTRODUÇÃO, uma escrita assinada...

“O terceiro me chegou como quem chega do nada  
 Ele não me trouxe nada também nada perguntou  
 Mal sei como ele se chama, mas entendo o que ele quer  
 Se deitou na minha cama e me chama de mulher  
 Foi chegando sorrateiro e antes que eu dissesse não  
 Se instalou feito um posseiro dentro do meu coração”.<sup>1</sup>

No trecho da música acima, do compositor Chico Buarque, o homem na relação com Terezinha, ‘chegou do nada e nada lhe perguntou; foi chegando sorrateiro e feito um posseiro no seu coração se instalou’. O tema desta tese, “Masculinidades e traição feminina,” instalou-se na minha trajetória pessoal por multiplicidades de subjetividades, me Tateando, por várias conexões de saberes e experiências. Diferente do terceiro homem que entrou na vida de Terezinha, não trazendo nada e nada lhe perguntando, o tema desta tese, arrastou recordações, dores, saudades, angústias, sentimentos, ressentimentos, mas também saberes, nos quais foram me subjetivando, para que eu pudesse escrever sobre minhas experiências, representada como mulher infiel ou adúltera, o que me possibilitou produzir outras subjetividades e escrever sobre as experiências do outro, o masculino traído.

Discutindo este tema tento escapar da apropriação, da instrumentalidade e do distanciamento, critérios da análise epistemológica que “[...] pertencem a uma estratégia de dominação que joga o “eu” contra o outro (BUTLER: 2003, p. 208/209)”<sup>2</sup>. Desejo fazer um esforço para escrever esta tese e poder assiná-la, no sentido dado por Fischer (2005: p. 122)<sup>3</sup> apud Derrida, como: “[...] uma leitura dividida, diferenciada, até mesmo

---

<sup>1</sup>Trecho da música “Terezinha”, composição de Chico Buarque e interpretada pela cantora Maria Bethânia.

<sup>2</sup> Butler, Judith. Problemas de gêneros. Feminismo e Subversão da identidade, Tradução Renato Aguiar.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>3</sup>Fischer, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: a arte de ensinar o que se lê. In Caminhos Investigativos III Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Marisa Vorraber Costa e Maria Isabel Edelweis Bujes (orgs). – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

aparentemente contraditória. Ativa, performativa, assinada, essa leitura deve e não pode deixar de ser a invenção de uma escrita.”

Assino esta tese por duas questões que para mim são importantes para gestar a vida: primeiro, por tornar pública, memórias femininas. As mulheres foram educadas para sufocar ou guardar no privado as memórias, particularmente, aquelas que se referem ao amor, ao seu corpo e a sua dor, as quais foram vigiadas e controladas pelo social. Enquanto isso, os homens foram educados para gestar e publicizar suas memórias, o que os legitimavam como sujeitos da história; segundo, assino esta tese, como um tributo a Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de Souza, homem que fez parte da minha história, não só amorosa, mas presente e incentivando para que eu me tornasse uma outra mulher. “Fazer de algumas passagens quadros, e quem sabe um dia você possa assinar’ é a primeira parte do título desta tese, de autoria deste homem, que está registrada em uma de suas cartas, a mim endereçadas. É uma homenagem e uma promessa cumprida.

Tratar o tema da ‘masculinidade e da traição feminina’, e mais precisamente, partindo da experiência de si, como afirmou Larrosa, em uma de suas palestras (2001)<sup>4</sup> é ver, escutar, parar, e sentir: “[...] a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm[...]” mas também, eu diria, é produzir operações que envolvem as recordações, a intimidade, ou seja, é escrever sobre o cotidiano, pelo o qual, muitos rostos se reconhecem e muitos corpos partilham das lembranças e das experiências, já que o tema possibilita pensar as vivências das relações, entre o masculino e o feminino, a sexualidade, a dor e a honra, enfim, sobre o poder e as relações de forças dos códigos culturais que envolveram e envolvem, subjetivamente, as experiências afetivas entre homens e mulheres, envolve a própria vida.

Escrever sobre as experiências que me ‘pertencem’ exige de mim sensibilidades e uma técnica de si, ou seja, “[...] um exercício sobre si mesmo, em favor de uma escrita menos automática, menos servil, menos utilitarista; em favor de uma escrita transgressora, que não perde de vista a lei (a lei da Pós-Graduação, a lei das agências

---

<sup>4</sup>Palestra proferida no 13º Congresso de Leitura do Brasil, (COLE) realizado na Unicamp, Campinas/SP, no período de 17 a 20 de julho de 2001.

Disponível no site <<http://www.miniweb.com.br/atualidade/info/textos/saber.htm>> visitado em Junho de 2011.

fomentadoras de pesquisa, a lei do mundo científico [...] (FISCHER, 2005: p.132)” ou como afirma Foucault (2006)<sup>5</sup>, as técnicas de si são:

[...] aquelas que permitem aos indivíduos, realizar por eles mesmos, um certo número de operações em seu corpo, em sua alma, em seus pensamentos, em suas condutas, de modo a produzir neles, uma transformação, uma modificação, e a atingir um certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza, de poder sobrenatural(p.95).

É bem verdade que escrever por esta técnica exige de mim transformações que não acontecem em um único momento, como a escrita da tese, por exemplo. Escrever uma tese com este interesse não é uma tarefa fácil, mas é uma atividade permeada pelo desejo de revisitação. É produzir significações sobre as experiências de si e do outro. A significação, afirma Butler, (2003: p.209)“[...] não é um ato fundador, mas antes um processo regulado de repetição que tanto se oculta quanto impõe suas regras, precisamente por meio da produção de efeitos substancializantes.”

Escrever as experiências, que não as minhas, mas por elas envolvida, comprometida socialmente e emocionalmente, são aquelas que envolvem o ‘Outro’, o masculino. São formas de representar a alteridade e a diferença, particularmente entre gêneros. Representação para Duschatzky e Skliar (2001),<sup>6</sup>“[...] supõe um sistema de significação que dá inteligibilidade ao mundo e que é produzida dentro das relações de poder (p.122)”. Assim, quando escrevo sobre as minhas experiências e as experiências do Outro, uso da produtividade do poder e da violência, no sentido de criar, de inventar.

A experiência de ter sido acusada e julgada judicialmente, como culpada pela dissolução do casamento, contribuiu para que depois de duas décadas, eu pesquisasse sobre o tema e analisasse as formas de os homens lidarem com a infidelidade feminina na contemporaneidade. O tema apareceu como uma provocação na minha trajetória acadêmica e pessoal, para que eu pudesse pensar as discontinuidades, nas quais constitui a produtividade subjetiva do masculino sobre a infidelidade feminina, mas também, pensar as subjetividades sobre as condições assimétricas e inferiores,

---

<sup>5</sup> Foucault, Michel. *Ética, Sexualidade e Política*. Organização e seleção de textos- Manoel Barros da Mota; Tradução: Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa.- Ed.-Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2006.

<sup>6</sup> Duschatzky, Silvia e Carlos Skliar. *O nome dos outros. Narrando alteridade na cultura e na educação*. In *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença* /organizado por Jorge Larrosa e Carlos Skliar; tradução Semíares Gorini da Veiga.- Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

construídas historicamente para a mulher. Diante disso, o tema sugere discutir as múltiplas formas como os homens exercem a masculinidade, e nesta tese, em particular, se diferencia com mais intensidade, porque são experiências em três temporalidades distintas e vivenciadas na contemporaneidade.

A história tem apresentado, por vários testemunhos, as formas distintas de os homens se posicionarem em relação à infidelidade feminina. Embora não seja uma regra, mas em geral, a violência física, emocional, psicológica são reações masculinas para suportar a dor subjetiva produzida pela infidelidade, diferentemente da reação da mulher, que não tem sido comum usar destes procedimentos. Os dados, da minha pesquisa apontam para a multiplicidade de formas de os homens suportarem esta dor e em parte, devem-se as transformações sociais da contemporaneidade e a produção da subjetividade na atualidade. É bem verdade que estes posicionamentos estão divididos por outros mais ‘conservadores’ e contribuem para que o masculino também pratique masculinidades diferenciadas, o que estimulou ainda mais fazer este estudo.

## 1. As palavras desenhadas: produzindo uma tese

“[...] o homem se dá na palavra e pela palavra e como palavra. Por isso atividades como atender às palavras, criticar palavras, escolher palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc., não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrorio<sup>7</sup>.

Desenhar palavras é violentá-las e por elas, também sentir a violência da produtividade. É uma arte de criar, de dizer diferente, sempre, de quando foi produzida. Esta é a minha experiência nesta tese: viver, sentir e modificar as palavras. A euforia e o

---

<sup>7</sup>Larrosa, Jorge. Linguagem e educação depois de Babel./Jorge Larrosa; traduzido por Cyntia Farina.- Belo Horizonte: Autentica, 2004, p.153.

entusiasmo com o tema, por diversas vezes me fez sonhar acordada, com palavras organizadas no meu pensamento, mas que quando eram arrastadas para escrita, não correspondiam ao que eu havia pensado. Mas pensar, como afirma Larrosa (2004: p.152), “[...] não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar” “[...] mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras”. Foram muitas palavras, muitas descobertas. Como é difícil conviver e traçar as palavras! ‘Como dói’, disse-me certa vez, um aluno meu. E dói mesmo. E eu senti também muitas dores. Dores físicas e dores da alma, dores subjetivas. Dores para produzir minhas próprias palavras, para rascunhá-las. Dores que passam e voltam. Se o masculino sente a dor subjetiva em sentir-se traído, escrever uma tese, foi para mim, um outro tipo de dor: a de produzir a dor do outro.

As dores apareciam nos dias que se seguiam, um após outro; depois vinha o deslumbramento com as descobertas das palavras do outro [dos autores, dos sujeitos da pesquisa, daqueles que criticamente, lendo este texto, me deram palavras], mas também o não deslumbramento de passar horas, dias, sem conseguir escrever uma palavra. Parecia um teste de paciência. É preciso chegar a algum lugar, e como muitos usam assim as palavras para fazer a tese terminar: ‘é preciso terminar’, e eu sonhei com isso, muitas vezes: terminar o meu relacionamento com as palavras.

Não um texto conclusivo, em que as palavras param como uma prova da verdade do conhecimento, mas terminar uma etapa, um ciclo, no qual, as palavras são resignificadas transformando o conhecimento. Esperar a banca examinadora usar das palavras, dar novas palavras, para começar outro ciclo, outro e...mais...e nunca mais termina a relação com as palavras... morre a autoria, os autores e quando há o questionamento se perde a evidência da autoria (FOUCAULT, 2008).<sup>8</sup>

Assim, é que as palavras são modificadas e dão múltiplos sentido ao mundo, à pesquisa. Seria esta experiência, uma tese? Larrosa (2004) nos fala da experiência da paixão: aquela que o sujeito da experiência “[...] é um território de passagem (p.163)”. Esta é uma tese como experiência da paixão, na qual fui por ela possuída e afetada.

Começo pelo desenho de traçar palavras, nas quais me orientaram para ir ao encontro da pesquisa e a produção da escrita desta tese. Palavras para os objetivos, a

---

<sup>8</sup>Foucault, Michel- A arqueologia do saber/Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves,-7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

problematização, as hipóteses, as fontes, os conceitos e a metodologia. Palavras dos autores, minhas e dos sujeitos da pesquisa. São palavras construídas e (re) construídas para dar sentido a tantas outras palavras. Palavras que me guiaram para ir à pesquisa, mas que também foram modificadas pelas palavras nela encontradas. A pesquisa foi nesta experiência, mudanças de palavras. Fui por elas subjetivada e sobre ela foram produzidas significações. São desenhos que foram redesenhados. Aqueles que me ajudaram na organização da articulação dos dados da pesquisa com os procedimentos conceituais. É através dessa articulação que há a produtividade da escritura.

Considerando o que fala Continentino, (2006: p,11)<sup>9</sup>“[...] o que importa é permitir que cada discurso possa exercer sobre um outro, um poder de interrogação e provocação, não como exigência de resposta, mas como perpetuação e atualização de um desejo de invenção.”

## **2. O projeto da tese**

### **2.1 Objetivos**

O objetivo geral desta tese é discutir como os homens, a partir de experiências distintas, têm suportado a traição feminina, analisando as táticas que foram acionadas para exercer a masculinidade.

Para articular com o objetivo geral, foram elaborados quatro objetivos específicos os quais descrevo abaixo:

- a) Discutir a pedagogização do corpo feminino durante os anos 50 e 60, através de vários dispositivos discursivos, para preservar a honra masculina;

---

<sup>9</sup>Continentino, Ana Maria Amado. A alteridade no pensamento de Jacques Derrida: escritura, meio-luto, aporia / Ana Maria Amado Continentino; orientador: Paulo César Duque Estrada. – 2006.216 f. ; 30 cm Tese (Doutorado em Filosofia)– Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

- b) Analisar os discursos do homem traído, dos envolvidos no processo de separação conjugal e do considerado adúltero, analisando as distintas formas de eles lidarem com a traição e exercerem a masculinidade;
- c) Analisar as experiências de um homem traído refletindo como é praticado o agenciamento de códigos na Associação de Cornos para exercer a masculinidade;
- d) Discutir como os homens, ao lidar com a traição, feminina usam a linguagem falocêntrica e exercem práticas da masculinidades conservadoras

## **2.2 Problemática**

Como foi produzida a pedagogia do corpo feminino para zelar e proteger a honra masculina e como os homens na contemporaneidade tem elaborado táticas para suportar a traição feminina, analisando as diversas práticas que têm contribuído para afirmar sua masculinidade.

## **2.3. A hipótese**

Nas experiências discutidas nesta tese, os homens ao lidar com a traição feminina, exercem múltiplas masculinidades, tanto para fazer funcionar o controle social, como exigência das transformações ocorridas a partir da segunda metade do século XX.

## **2.4. As fontes e a temporalidade**

Do ponto de vista das fontes e da temporalidade, utilizo as minhas experiências, compartilhadas com meus irmãos e irmãs para discutir a pedagogização da honra no meu corpo, acionando as recordações sobre as décadas de 50, 60 e 70. Como afirma Certeau

(2004), esse possível ‘retorno’ “[...] implica em primeiro lugar a mediação de um saber, mas um saber que tem por forma a duração de sua aquisição, e a coleção interminável dos seus conhecimentos particulares (p.157).”

Utilizo o meu processo de separação conjugal<sup>10</sup>, datado de 1990 e duas cartas do homem pelo qual me apaixonei neste mesmo período; analiso três revistas fotonovelas dos anos 60 para localizar um dos tipos de saber que funcionava através das leituras realizadas pela pedagoga familiar, minha mãe; utilizo as entrevistas realizadas em 2008, ao Presidente e à ‘Psicóloga’ da - Cornolândia - Associação de Cornos do bairro da Torre -, em João Pessoa; analiso o jornal que trata da matéria sobre a criação desta associação; e por último, utilizo as entrevistas realizadas em 2009 à um grupo, formado por três homens sobre as experiências de ‘amigos’ traídos.

## 2. 5. A pesquisa

A pesquisa foi realizada de três formas distintas: primeiro, pela produção das minhas experiências pessoais, uma espécie de aproximação de uma autobiografia que pode ser definida como “A relação do escritor com aquilo que foi no passado, a reconstituição da experiência vivida numa construção "para a leitura" e as diferentes posições atualizadas pelo sujeito no ato de escrever (ALBERTI, 1991: p.66).”<sup>11</sup> Foi um tipo de atividade, na qual denominei de ‘produção de minhas próprias fontes’, o que não significa dizer: solidão ou uma “[...] posição "monolítica" e "linear" do sujeito da criação (ALBERTI, 1991: p. 66)”. Foi uma experiência, compartilhada com meus irmãos e irmãs, para recolher lembranças, recordações sobre o passado, através de narrativas.

Essa tática teve como pressuposto dois objetivos: participar como sujeito da e na pesquisa, aproveitando o meu envolvimento com o tema para fazer uma escrita terapêutica; e usar a primeira pessoa, como um jogo de poder, no qual, desejei a morte da experiência, como se assim, pudesse fazê-la. A experiência que transpassa o sujeito não morre, é transformada pela produção de subjetividades. Se eu não pude matar a

---

<sup>10</sup>Processo nº 357/90, fl. 25- Segunda Vara de família. Folhas 01 a 76- Fórum Desembargador Federal Nereu Santos. Rua Edgar Vilarim Meira, s/n Liberdade- Campina Grande Pb -1990.

<sup>11</sup>Alberti Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, p. 66-81.

experiência, fiz dela um fragmento desta tese, no qual, analiso a pedagogia do corpo e a infidelidade feminina, como uma experiência de si.

A segunda forma de pesquisa que está relacionada com a primeira foi a leitura do processo-crime da minha separação conjugal. É muito comum um cientista social se debruçar sobre as posições sociais dos sujeitos representados nos arquivos, considerando ser o arquivo, como afirma (SARGENTINI E NAVARRO –BARBOSA, 2004: p.91),<sup>12</sup> aos olhos de Foucault, “[...] um lugar onde se torna possível pensar as práticas discursivas de uma sociedade”, mas não é muito comum ler as representações de si, produzidas discursivamente, como a posição do sujeito na sociedade e refletir sobre ela, particularmente, quando se trata de uma mulher que traiu. Essa experiência produziu em mim muitas dores e muitas angústias. Foram mais de três meses lendo o processo crime, sobre o qual, não conseguia escrever uma linha.

Essa experiência, se por um lado foi positiva porque permitiu refletir as minhas experiências, por outro, pode ter contribuído para que algum tipo de ressentimento apareça na escrita. Mas, como afirma Nietzsche (1998: p. 29)<sup>13</sup>, o ressentimento é um valor produzido como voltado para si, negando a verdadeira reação dos atos. Aqui nesta tese, é provável que a esta formulação do ressentimento sufocado ‘ para dentro’, eu tenha dito um Não, e este valor tenha aparecido na escrita.

A terceira forma de pesquisa foram as entrevistas realizadas com homens durante os anos de 2008 e 2009, na cidade João Pessoa. Uma entrevista com um homem que fala de sua própria experiência como homem traído e das práticas masculinas na associação de cornos. Uma entrevista com uma mulher que fala, como ‘psicóloga’ das experiências de homens traídos e, uma outra experiência de entrevista, realizada à um grupo, que narra e interpreta as experiências dos amigos traídos.

Na primeira e segunda entrevista utilizei a técnica da história de vida, considerada como tópica ou temática. Boni e Quaresma (2005)<sup>14</sup> baseadas nos estudos de MINAYO (1993), afirmam que: “Existem dois tipos de HV [Histórias de vida]: a completa, que retrata todo o conjunto da experiência vivida e a tópica, que focaliza uma etapa ou um

---

<sup>12</sup>Sargentini, Vanice; Navarro Barbosa, Pedro. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.

<sup>13</sup>Nietzsche, Friedrich Wilhelm. Genealogia da moral: uma polemica/Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. -São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>14</sup>Boni, Valdete e Quaresma, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais- Revista Eletrônica dos Pós- Graduandos em Sociologia Política da UFSC- Vol. 2 nº 1 (3), Janeiro-Julho/2005, p. 68-80.

determinado setor da experiência em questão (p.73).” Nas minhas experiências, deixei os entrevistados familiarizados sobre o interesse da pesquisa, possibilitando que as histórias de vida fossem direcionadas para o tema, o que não significa dizer, que não houve a necessidade de voltar ao encontro dos entrevistados para aprofundar a pesquisa.

No segundo caso, utilizei a técnica do grupo focal. As principais características da entrevista com grupos focais são: o estímulo a um assunto de interesse comum, tendo um perfil de um debate. Os participantes são escolhidos dentro de um determinado grupo; e geralmente, a presença do pesquisador é de moderador (BONI E QUARESMA: 2005).

Na minha experiência com este tipo de entrevista, os entrevistados não foram selecionados, até porque, o tema é bastante singular para que eu pudesse fazer escolhas entre eles. Não foi muito fácil encontrar homens que quisessem falar de suas experiências ou das experiências de homens traídos. Encontrei muitos homens que afirmavam saber histórias de ‘amigos’ traídos, mas quando por diversas vezes tentei marcar um encontro para desenvolver a pesquisa, eles adiavam o encontro por motivos diversos, confirmando que falar sobre a infidelidade da mulher ainda é um tema que provoca muita dor. Também na entrevista com grupo focal, evitei fazer o debate, pois minha intenção foi deixá-los à vontade para que eu pudesse explorar bastante as suas falas. Entretanto, foi uma entrevista participativa, na qual, os três homens completavam as possíveis lacunas deixadas por algum deles. Com eles, fiz uma primeira entrevista e retornei uma segunda vez para completar os dados que na época achei necessário.

Os dados da pesquisa permitiram pensar as experiências individuais e as narrativas de um grupo sobre os indivíduos traídos, o que não significa dizer que considero uma amostragem de como os masculinos tem lidado a infidelidade feminina. É uma experiência, entre múltiplas sobre masculinidade e infidelidade feminina. Estou nessa pesquisa, valorizando as experiências cotidianas, aquelas que podem ser representadas como uma parte da multiplicidade dessa nova configuração histórica que é a contemporaneidade. São nas experiências efêmeras do masculino que a pesquisa foi produzida.

## 2.6. A operacionalização dos conceitos

Para operacionalizar a relação entre o material da pesquisa e a escrita, utilizo vários conceitos que estão diluídos no corpo do trabalho, entretanto farei uma breve leitura dessa relação, para situar a temática em construção para o leitor. A palavra masculinidade, segundo Oliveira (2004: p.14)<sup>15</sup> “[...] é derivada do termo latino ‘*masculus*’ e começou a ser utilizada apenas em meados do século XVIII, no momento em que se realizava uma série de esforços científicos no intuito de estabelecer critérios de diferenciação entre os sexos”.

As diferentes formas de o homem exercer a masculinidade e a produtividade de vários dispositivos discursivos, sobre a diferença entre os sexos, contribuíram para que o conceito de masculinidade passasse a ser associado não só aos valores físicos, mas aos gestos, ao comportamento, as atitudes, nos quais foram “[...] transformados em valores morais (BARBOSA, 1998: p.323)”<sup>16</sup>, o que, nas relações de gêneros, por exemplo, contribuiu como marcador das diferenças, fortalecendo as desigualdades entre o feminino e o masculino.

Nos estudos sobre masculinidade é comum analisar as práticas masculinas pelo conceito da masculinidade hegemônica. O conceito de masculinidade hegemônica foi formulado no final do século XX a partir da idéia de hegemonia formulada por Gramsci<sup>17</sup>, (FIALHO, 2006)<sup>18</sup>, na qual implica uma “[...] constante luta pela posição de preponderância” em toda rede social (FIALHO, 2006: p.2). A masculinidade como hegemônica, se refere ao fato de que, embora existam várias formas dos homens exercerem sua masculinidade, há aquela que corresponderia a um ideal cultural de

---

<sup>15</sup> Oliveira, Pedro Paulo de. A construção social da masculinidade- Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

<sup>16</sup>Barbosa, Maria José Somerlate. Chorar, verbo transitivo. In. Cadernos Pagu (11) 1998.

<sup>17</sup>Fazendo uma leitura do conceito de hegemonia para Gramsci, Fialho (2006), “[...] destaca dois aspectos que parecem centrais em sua abordagem: (1) a persuasão e a criação de consenso em grande parte de uma população de forma a “naturalizar” a sua organização; e (2) a luta pela posição hegemônica, de poder, que permite definir uma situação (e a criação de um consenso), e uma vez alcançada tal posição, haveria a manutenção de uma constante tensão com outros grupos para sua manutenção” (p. 5).

<sup>18</sup>Fialho, Fabrício Mendes. Uma Crítica ao Conceito de Masculinidade Hegemônica tese de doutorado apresentada no Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2006. Disponível no site <[http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006\\_9.pdf](http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006_9.pdf)> visitado em Junho de 2011.

masculino. As outras formas seriam consideradas subalternas ou cúmplices da masculinidade hegemônica (FIALHO, 2006: p.4).

Segundo Almeida (1996: p. 162)<sup>19</sup> “A masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível – na prática e de forma consistente e inalterada – por nenhum homem, exerce sobre todos os homens e sobre as mulheres um efeito controlador”. O que não significa dizer, que esse exercício de dominação não tenha sido, praticado, burlado e reinventado, por outras subjetividades, tanto por homens como pelas as mulheres.

Fonseca (2006: p.1)<sup>20</sup> em de seus artigos sobre a masculinidade se apóia na interpretação de Kimel para definir a masculinidade hegemônica, como aquela, na qual, o masculino é um homem no poder, um homem com o poder, e um homem de poder”. Essa formulação indica que o poder masculino deve ser considerado como central e o único do ponto de vista das relações de gênero, exercido nas tramas culturais e sociais, o que diferencia da concepção de poder sugerida por Foucault, (1979)<sup>21</sup> no qual “[...] ele nem é um aparelho, nem uma instituição, na medida em que funciona como uma rede que as atravessa sem se limitar as suas fronteiras (p. XVII)<sup>22</sup>”.

Canalizando essa formulação de poder de Foucault para a posição do sujeito na masculinidade hegemônica, as práticas masculinas dela diferenciadas, atravessariam as fronteiras das relações entre intragêneros, mas não só, funcionaria, muitas vezes, como uma indisciplina, uma reação, uma astúcia produzida na ocasião, como afirma Certeau (1994)<sup>23</sup>, o que significa, que o poder é uma tecnologia, ele não está no centro, ele funciona nas relações, produzindo os sujeitos por relações de forças.

As formas dos homens exercerem sua masculinidade, em geral, têm como funcionamento a referência de uma economia masculinista, a qual é uma produtividade social, lingüística, cultural, gestual, falocêntrica, heterossexual, simbólica, que idealiza

<sup>19</sup>Almeida, Miguel do Vale. - Gênero, masculinidade e poder. Revendo um caso no sul de Portugal- Anuário Antropológico, 95: 161-190 (Brasil), 95: 161-190, 1996.

<sup>20</sup>Fonseca, Carlos. La desconstrucion da masculinidade. In. Revista Internacional de Estudios sobre masculinidades. Volume 1, número 1, Enero-Marzo 2006. Disponível no site <<http://www.estudiosmasculinidades.buap.mx/paginas/frames.htm>>

<sup>21</sup> Foucault, Michel. Microfísica do poder. Organização e Tradução - Roberto Machado .- Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

<sup>22</sup> É bem verdade que Foucault ao sugerir essa concepção de poder estava associando aos estudos que estava fazendo sobre a penalidade, mas como afirma Roberto Machado na introdução da obra Microfísica do poder de Foucault, essa tecnologia, essa forma de exercer o poder não é exclusiva da prisão, podendo ser encontrada em outras instituições (p.XVII).

<sup>23</sup> Certeau, Michel. A invenção do cotidiano: 1- Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

o masculino como centro, viril, forte e honrado nas relações de gêneros que tem como marcador o falocentrismo e a virilidade atingindo “[...] seu objetivo totalizante por via da completa exclusão do feminino (LAGO APUD IRIGARAY p.18).”<sup>24</sup>

Pelo menos duas questões, nesta afirmativa de Lago acima, podem ser criticadas. A primeira é a de que nenhum objetivo é alcançado na sua totalidade, pois os sujeitos encontram suas linhas de fugas e também transitam pelas margens; a segunda remete-se à primeira, na qual, o sujeito usando de táticas, burla os objetivos programados e pulveriza a totalidade dos processos de exclusão e de inclusão. O exemplo que pode ser citado são os objetivos projetados para que a mulher se responsabilizasse pela honra masculina, circulando sobre o seu corpo subjetividades da sexualidade, nas quais, ela só podia sentir desejo em uma relação monogâmica, o que historicamente, tem sido burlado através da infidelidade; e o segundo exemplo, são as distintas formas dos homens se reconhecerem como masculino, o que, não significa afirmar que esta economia não continue produzindo textos, (como conselhos, orientações de comportamento, modelos de conduta etc.) para que ela funcione.

Diante disto, segundo Almeida (1996: p.162)<sup>25</sup>, “[...] a masculinidade seria um fenómeno do nível discursivo e do discurso enquanto prática [...] e que constituiria um campo de disputa de valores morais, em que a distância entre o que se diz e o que se faz é grande”, o que indica que há uma idealização da masculinidade, mas que é pulverizada por outras práticas para que os homens possam exercê-la.

Na conceituação de Lopes (2006), as masculinidades são posições dos sujeitos nas relações de gêneros, o que significa que há um funcionamento de uma economia masculinista, na qual produz e é produzida pelo processo de subjetivação e fabrica suas identidades. Nessa economia que se pretendia ser fechada ou hegemônica é pulverizada e fragmentada por experiências e subjetividades do Outro, o feminino, e também do Mesmo, o masculino.

A operacionalidade do exercício da masculinidade ao vivenciar a infidelidade feminina é focalizada nesta tese, pela produção dos diversos textos e subjetividades como a linguagem, o corpo, os gestos, as práticas de si, o reconhecimento de si e do outro e os sentimentos marcados pela diferença e articulados pelo funcionamento do

---

<sup>24</sup>Lago, Mara Coelho de Souza. A Psicanálise nas Ondas dos Feminismos- Disponível na página <MC de Souza Lago - [miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br](mailto:miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br)> visitado em 10 de Dezembro de 2010.

<sup>25</sup>Almeida, Miguel do Vale. - Gênero, masculinidade e poder. Revendo um caso no sul de Portugal- Anuário Antropológico, 95: 161-190 (Brasil), 95: 161-190, 1996.

poder. Estes textos funcionam como uma maquinaria para produzir um ideal de sujeito moralizado, o qual é pelas relações de forças, subjetivado, burlado, reinventado. Assim, não há uma masculinidade, mas várias formas de exercer as masculinidades em situações distintas.

Nesta tese, vamos encontrar vivências masculinas que não podem ser consideradas por um único modelo de masculinidade, ou melhor, por nenhum modelo na sua totalidade; o mais sugestivo é indicar que suas masculinidades (no plural) são praticadas, através do processo de subjetivação, nas quais são diferenciadas, provisórias, reservadas, abertas e fragmentadas.

As práticas subjetivadoras são nas leituras de Deleuze, produzidas no exterior do eu (DOMÈNECH, TIRADO, GÓMEZ, 2001).<sup>26</sup> Essa compreensão rompe com a noção de sujeito e a formulação de uma subjetividade enclausurada no interior do sujeito, o que seria “[...] o espaço de conexão ou de montagem, contínua pré-posição, uma dobra do exterior (DOMÈNECH, TIRADO, GÓMEZ, 2001: p. 123)” subjetivando e sendo subjetivado. Assim, o processo de subjetivação é múltiplo, provisório, inacabado, agenciado, o que significa que o sujeito é ‘dotado’ de ação. Agenciamento e construção, segundo Butler (2003: p.211) não se opõem; “[...] a construção é o cenário necessário em que a ação se articula e se torna culturalmente inteligível”.

Os sujeitos, o masculino e o feminino, tanto são agenciados como participam do agenciamento no processo de subjetivação pelas relações de poder. O poder não é algo que se possui como uma propriedade, “[...] o que significa que o poder se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda estrutura social (FOUCAULT, 1979: p.XIV)”.<sup>27</sup>

As vivências masculinas são agenciadas por múltiplos saberes para se reconhecer e ser reconhecido pelas práticas de sua masculinidade. Nesta produção da masculinidade, os masculinos tanto são reconhecidos como machos, emergentes, em trânsito, em dor, em fuga, como atravessados por valores distintos na relação com o feminino, e também, com outros masculinos que confirmam suas identidades como

---

<sup>26</sup>Domènech, Miguel, Tirado, Francisco, Gómez, Lucia. A dobra, psicologia e subjetivação. In Nunca fomos Humanos. Nos rastros dos sujeitos. Organização e tradução. Tomaz Tadeu da Silva...Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

<sup>27</sup>Foucault, Michel. Microfísica do poder. Organização e Tradução - Roberto Machado .- Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

provisórias. Se a infidelidade feminina é uma prática histórica que já teve como efeito, a ‘lavagem da honra’, com sangue [embora ainda tenha], as transformações da contemporaneidade, apontam para viver o contingente, o efêmero, o líquido e o provisório, pelos os quais a infidelidade feminina é sentida como uma dor, mas por práticas distintas de exercer a masculinidade.

Segundo Pitt-Riveres (1965)<sup>28</sup>, a honra de um homem está “[...] ligada a pureza sexual de sua mãe, de sua mulher, filhos, e irmãs, mas não a sua (p.33/34)”. Entendendo a pureza como, limpeza e ordem e, a impureza como uma ofensa contra a ordem (DOUGLAS, s/d: p.7)<sup>29</sup>, a honra masculina deveria ser de responsabilidade feminina para manter a ‘ordem’ da sexualidade entre o masculino e o feminino. O valor da honra masculina na modernidade foi edificado, historicamente para família nuclear, como um marcador das relações familiares, recaindo sobre a mãe a responsabilidade de educar as filhas para casar e serem fieis ao marido ou morrer virgens. Embora os dispositivos de higienização, para a família nuclear<sup>30</sup>, tenham prescrito o valor da fidelidade para o casal, a infidelidade masculina foi historicamente ‘tolerada’ e muitas vezes justificada, tendo o efeito de reforçar os códigos masculinistas. Essa trama cultural foi produzida por vários dispositivos discursivos, entre eles, o discurso médico<sup>31</sup> edificado no século XIX e o discurso jurídico<sup>32</sup> nas primeiras décadas do século XX.

Estes dispositivos construíram um ideal de família e de relação entre o masculino e o feminino marcado por um processo de subjetivação da sexualidade<sup>33</sup>, pelo qual, o masculino foi representado como possuidor de um corpo imune ao controle da moralidade social, e o feminino, possuidor de um corpo frágil, perigoso e suscetível à normatização<sup>34</sup>.

<sup>28</sup>Pitt-Rivers. Honra e posição social In Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas. PERISTIANY, J. G. (org). Tradução e prefácio de José Cutileiro. Fundação Calouste Gulbenkian Lisboa, 2ª ed. 1965.

<sup>29</sup>Douglas. Mary. Pureza e perigo. Ensaio sobre a noção de poluição e tabu - Mary Douglas- Edições 70, Brasil, Ltda. Rio de Janeiro. S/D.

<sup>30</sup>Sobre a higienização da família moderna, cf. a obra de Freire, Jurandir Costa. Ordem Médica e Norma familiar. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

<sup>31</sup>Cf. por exemplo, as obras de Vieira, Elizabeth Meloni. A medicalização do corpo feminino. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002; Costa, Jurandir Freire. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

<sup>32</sup> Viveiros de Castro, José Francisco. Os delitos contra a honra da mulher. 4 ed. São Paulo: Livraria Editora Freitas Bastos, 1942.

<sup>33</sup>Sobre o processo de subjetivação da sexualidade cf. a obra de Araújo, Inês Lacerda. Foucault e a crítica do sujeito./ Inês Lacerda Araújo. – Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.

<sup>34</sup>Essa discussão será feita no decorrer do segundo capítulo.

Delegar a responsabilidade de produzir simbolicamente a honra masculina no corpo feminino foi uma experiência de poder, para que o feminino subjetivasse a sexualidade como uma experiência da moral, através de conselhos da família e de modelos de conduta, e não, como uma experiência do desejo. Considerando o corpo como “[...] uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaço, conjunturas econômicas, grupos sociais e étnicos [...] mas também o corpo é provisório, mutável, (GOOLLNER, 2007: p.28)<sup>35</sup>, o que significa dizer que ele é resignificado por outras técnicas de subjetivação, e também produz alteração no seu processo. Quando a mulher transgredia o código de honra, como por exemplo, ‘perdendo’ a virgindade ou sendo infiel, ela não só ficava desonrada e falada,<sup>36</sup> mas toda a sua família, o que, associado às mudanças das primeiras décadas do século XX, consideradas como por exemplo, ‘a feminização da sociedade’<sup>37</sup>, contribuiu para que a legislação brasileira considerasse a honra um valor familiar e de moralização da nação, (CAULFIELD, 2000) e a sua não valorização, considerado um crime, no qual, só foi retirado do Código Penal no ano de 2005.

Foram estratégias discursivas cruzadas por vários saberes, produzidas culturalmente e socialmente por relações de poder, para se apropriar e disciplinar corpos, como formas de dominação. São “[...] métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas” (FOUCAULT, 1987: p.126)<sup>38</sup>”

As estratégias, são como afirma Certeau (1994: p.99) “[...] o cálculo, (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir de um momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado”. Mas as estratégias são como afirma ainda Certeau (1994), saberes e práticas sociais que não são consumidos em sua totalidade. Os consumidores usam de táticas, como uma astúcia e, em atos de indisciplina, burlam os

---

<sup>35</sup>Louro, Guacira Lopes. Jane Felipe, Silvana Vilodre Goellner. (organizadoras) Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 3 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

<sup>36</sup> Cf. a obra de Pedro. Joana Maria. Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe/ Joana Maria Pedro.-Florianópolis: Ed da UFSC, 1994.

<sup>37</sup>Sobre essa discussão, cf. Albuquerque Jr. Durval. Muniz de. Nordeste Uma invenção do Falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste -1920-1940) Maceió, Edições Catavento, 2003.

<sup>38</sup>Foucault. Michel. Vigiar e Punir. História da violência nas prisões. Tradução de Ligia M. Pondé Vassallo. Petrópolis, Vozes, 1ª Ed. 1987.

procedimentos produzidos. A tática, segundo Certeau (1994) “[...] é o movimento “dentro do campo do inimigo” [...] e no espaço por ele controlado (p.100).”

Em outras palavras, os saberes em conexão, que produziram um conjunto de procedimentos para fazer funcionar o social, não são consumidos da mesma forma que foram idealizados. Homens e mulheres, através de astúcias cotidianas, transformam as estratégias e vivenciam outras experiências, como arte de fazer e de dizer. Esses campos de fugas podem ter visibilidade nas experiências de infidelidade feminina<sup>39</sup> em que as mulheres foram consideradas adúlteras, por terem adulterado códigos, comportamentos e valores. Estas práticas indisciplinadas tiveram muitas vezes efeitos de violência, por parte do masculino sobre a mulher, com o argumento de ‘lavar a honra’, o que, muitas vezes, do ponto de vista jurídico, foi usado como argumento de ‘legítima defesa da honra’, o que diminuía a penalidade criminal do assassino ou suavizava seu aprisionamento, tendo muitas vezes, como cárcere sua própria residência, entre tanto outros exemplos, chamo a atenção para a experiência de Leila Diniz<sup>40</sup> citada no segundo capítulo desta tese. Como todo valor, a honra é modificável de acordo com a história, e em alguns contextos, o seu conceito é escorregadio, como exemplo, no Brasil do início do século XX, em que os sujeitos envolvidos podiam interpretá-lo, “[...] de diferentes maneiras, até mesmo de forma contraditória, e as mudanças em um domínio afetavam as demais (CAULFIELD, 2000: p.27)”.<sup>41</sup>

Nos estudos realizados por Caulfield (2000), a defesa da honra na cidade do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX, estava associada à moralização da família, e esta era considerada a base de uma nação civilizada. Na sua obra é possível perceber como o valor da honra foi discutido por juristas, jornais da época, autoridades religiosas e por muitas famílias. Mas o que atravessou o conceito de honra naquele período, nos julgamentos de crimes considerados como sexuais, principalmente por parte do poder judiciário, segundo essa autora, foram as questões de classes e de cor. “A

<sup>39</sup> Cf. por exemplo, os estudos de Cipriano, Maria do Socorro. A adúltera no território da infidelidade: Paraíba nas décadas de 20 e 30 do século XX/ Campinas, SP: [s.n], 2001.

<sup>40</sup> Assis, Maria Sonia de Medeiros Santos de. Tese de legítima defesa da honra nos crimes passionais. Da ascensão ao desprestígio. Dissertação de Mestrado- Curso de Pós- Graduação em Direito público da Faculdade de Direito de Recife – UFPE, Universidade Federal de Pernambuco- Recife, 2003. Disponível no site [biblioteca.universia.net/.../tese...legitima-defesa-da-honra-nos-crimes-passionais.../38511009.html](http://biblioteca.universia.net/.../tese...legitima-defesa-da-honra-nos-crimes-passionais.../38511009.html). >

<sup>41</sup> Caulfield, Sueann. Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)/ Sueann. Caulfield.- Campinas, SP: editora da Unicamp/Centro de pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

honra sexual era um instrumento que permitia aos juízes abraçar a democracia racial, e ao mesmo tempo, praticar a discriminação (CAULFIELD, 2000: p.315).”

Nesta tese, o valor da honra masculina transita nas relações entre o masculino e o feminino, mas também entre os homens, como exigência da fidelidade conjugal e em defesa de uma moral masculina, mas também há indícios de que os valores da honra masculina estão enfraquecidos devido às transformações sociais, tecnológicas e pela produção de outros saberes, etc. Quando ocorre a infidelidade, tanto há por parte do masculino, a produtividade de táticas consideradas típicas de um macho, mas também, há a reelaboração de novos códigos, indicando que tanto o masculino é plural, como há novas formas de lidar com a subjetividade da sexualidade na contemporaneidade.

Assim, a honra masculina é um valor usado para subjetivação da sexualidade, pela qual, marca a diferença arbitrária, entre o masculino e o feminino, dando forma as posições identitárias da masculinidade nas relações de gênero, o que, possibilita que as reflexões sobre a masculinidade sejam múltiplas. Segundo Lopes (2006, p.2-3)<sup>42</sup> apud Robert Connell, a masculinidade é “[...]uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero [...] que normalmente, há mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Dada esta pluralidade, não deveríamos falar em masculinidade, mas em masculinidades”.

Desse modo, nesta tese, o valor da honra masculina é um valor provisório que funciona nas relações entre gêneros, mas também entre homens, e tem sido resignificada por diversas práticas discursivas, contribuindo para outras formas de masculinidades. Diante disso, o masculino é múltiplo e produz efeitos diferenciados sobre a experiência da traição feminina e apresenta formas distintas para suportar a dor da infidelidade.

Nas experiências de vivenciar a infidelidade feminina, os homens utilizam diversas formas para exercer a masculinidade, como por exemplo, a defesa dos valores da honra, o agenciamento e a reposição de códigos masculinos, considerados ‘tradicionais’ para poder suportar a dor da traição.

---

<sup>42</sup> Lopes, Charles Roberto Ross. Representações das masculinidades no medievo. Vestígios do passado. A história e suas fontes. IX Encontro Estadual de História-Associação Nacional de História Seção - Rio Grande do Sul. Texto proferido em conferência no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Março de 2006.

## 2.7. A metodologia

Do ponto de vista metodológico, analiso os discursos, como diz Foucault (1999)<sup>43</sup>“[...] como uma violência que fazemos às coisas (p.53)”, compreendendo a violência no sentido de produtividade da linguagem, ou seja, como uma criação. Um exemplo é a descrição que fiz sobre o material da pesquisa. A noção de discurso para Foucault é uma prática. “Os discursos são praticas que constituem modos de arranjar objetos para o saber, dispor de temas e conceitos, reservar uma posição a quem pode ou deve ocupar o lugar vazio do enunciado (ARAÚJO, 2004: p. 238/239)<sup>44</sup>. Ele funciona como um instrumento do saber, produzido pelos sujeitos, sobre si, sobre o Outro e sobre as coisas. A minha intenção foi a de descrever o funcionamento desses discursos nas tramas de vários saberes e da descontinuidade histórica para ser praticado pelos sujeitos, marcado pela diferença entre o masculino e o feminino, a qual, o homem exerce masculinidades diferenciadas, atravessadas pelos valores da honra em situações, nas quais ele foi traído, mas também em situações históricas diferenciadas em que os valores subjetivos da honra estão fragmentados e enfraquecidos.

Segundo Araújo (2004: p. 217) a análise de discurso, do ponto de vista da epistemologia moderna pressupõe a busca de uma vontade de encontrar e descrever a verdade. Seria neste estudo, ‘revelar’ interpretar as verdades das experiências masculinas ao lidar com a traição feminina. A minha preocupação não é dar respostas as questões ou trazer o que se imagina haver por trás dos discursos, mas interrogar o poder que funciona neles para construir as práticas masculinas.

Considerando ser o discurso uma prática, a minha intenção é desenhar esta tese, para localizar nos saberes, o funcionamento das práticas discursivas masculinas, na qual tem contribuído pelo o processo de subjetivação, formas diferenciadas da masculinidade para conviver com a infidelidade feminina. Segundo Rose (2001)<sup>45</sup> a subjetivação é:

[...] o nome que se dar aos efeitos da composição e da recomposição de forças, práticas e relações que tentam transformar – ou operam para

---

<sup>43</sup>Foucault. Michel. A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

<sup>44</sup>Araújo, Inês Lacerda. Do signo ao discurso. Introdução à filosofia da Linguagem. – São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

<sup>45</sup>Rose Nicolas. Inventando nossos eus. In Nunca fomos Humanos. Nos rastros dos sujeitos. Organização e tradução/ Tomaz Tadeu da Silva---Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

transformar – o ser humano em variadas formas de sujeitos, em seres capaz de tomar a si próprios como sujeitos de suas próprias práticas e das práticas de outros sobre eles (p.143).

Do ponto vista metodológico tento capturar no vôo do processo de subjetivação para exercer a masculinidade, as práticas discursivas sobre as experiências de infidelidade feminina, analisando os enunciados, como unidades do discurso, o que supõe a crítica à permanência, a evolução, a continuidade ou à tradição.

A metodologia pela análise de discurso sugere que ela deve ser realizada pelas regras de aparecimento do ‘objeto’ estudado. Nesta tese, nas quatro experiências distintas em temporalidade e espaços, os valores da masculinidade tanto aparecem no discurso pedagógico, nos discursos dos envolvidos no processo de separação judicial, nas práticas vividas na associação de cornos, como na linguagem falocêntrica utilizada pelos entrevistados. Nestes discursos são encontrados diversos enunciados que contribuem para praticar os valores da masculinidade. Os enunciados são para Foucault apud Araújo (2004):

[...] coisas que se transmitem e se conservam, que tem um valor, do qual se procura apropriar-se; que as pessoas repetem, reproduzem, transformam, para os quais se traçam percursos preestabelecidos e aos quais se dá um estatuto na instituição; coisas duplicáveis não só pela cópia ou tradução, mas também pela exegese, pelo comentário, pela proliferação interna do sentido (p.233).

Quando analiso os valores da masculinidade peço de empréstimo a formulação de ‘praticado’ de Certeau (1994) na qual, é utilizada para o espaço como uma produtividade “[...] modificado pelas transformações devidas a proximidade sucessivas (p.202).” Transferidas para a masculinidade, sugere que seu o valor é subjetivado, praticado e burlado pelo funcionamento do poder, em que a análise do discurso aponta sua dispersão. Nas experiências analisadas, os discursos masculinos sobre a infidelidade feminina tanto são de defesa da honra, de como de re (elaboração) da masculinidade para poder continuar a exercê-la.

### 3.0. A estrutura da tese

Esta tese divide-se em quatro capítulos onde foram produzidos quatro modos de aproximação do tema masculinidade e infidelidade, descritos a seguir: a pedagogia do corpo feminino para ‘conduzir’ simbolicamente a honra masculina; a luta masculina para ‘lavar a honra’ no tribunal; a criação da Associação de Cornos como forma de agenciar novos códigos da masculinidade; e por último, a fúria discursiva de um grupo de homens sobre o corpo feminino e a desclassificação do homem traído que volta para a esposa.

No primeiro capítulo, intitulado, “*A pedagogização dos valores da honra masculina no corpo feminino: os territórios da escrita de si*”, discuto como o valor da honra masculina é produzido no corpo feminino, como um ‘lugar’ de controle para moralizar o social. Este é um capítulo de abertura da tese, mas essa escolha metodológica não deve ser considerada como ponto de partida ou a busca das origens da produção da masculinidade, mas como uma experiência histórica em que a pedagogização dos sujeitos constitui uma técnica de poder para funcionar a instituição familiar, na qual tinha o homem como centro da relação com o feminino. A pedagogização do corpo feminino foi uma ação de poder que funcionou em conexão com os saberes médicos e jurídicos para produzir o controle social, pela norma, na qual ‘beneficiava’ o masculino.

No segundo capítulo, intitulado “*Você ‘caça’ a honra manchada e eu vivo a paixão: a defesa da honra masculina entre a traição e a paixão*”, analiso o discurso do homem traído para defender os valores da honra, o qual, aciona os dispositivos jurídicos e a normatividade social, como uma tática para manter os códigos que dão sustentação a economia masculinista, diferenciando do homem considerado adúltero, no qual produz sentimentos de angústia, de sensibilidade e de crítica à normatização social.

No terceiro capítulo “*Um masculino subjetivado e transtornado: a terapia da dor, o agenciamento de códigos sociais e outras masculinidades*” problematizo como o masculino produz outras formas de lidar com a traição, criando uma Associação de Cornos. Na sua trajetória da Paraíba para São Paulo e de São Paulo para Paraíba, o masculino é subjetivado por novos códigos que tratam a infidelidade de forma diferenciada. A criação da Associação de Cornos é considerada nesta tese, como uma astúcia para agenciar novas formas de praticar a masculinidade.

No quarto capítulo, “*Que busco eu com toda essa assassina fúria de macho*”? : *a traição feminina, a linguagem falocêntrica e práticas da masculinidade*, analiso as narrativas de um grupo de homens sobre as experiências de amigos traídos, pelas quais são produzidos vários enunciados discursivos sobre a mulher que trai, tratando o corpo feminino pelo o escárnio ou como doente. O masculino que foi traído é, nas suas narrativas, considerado como ‘corno’ por voltar para o relacionamento depois de traído.

São três experiências de vivenciar a infidelidade feminina de forma distinta, em que a masculinidade é praticada como uma tática para suportar a dor. Seja pela pedagogia do corpo para proteger os valores da honra, pela criação da Associação de Cornos para agenciar outras práticas da masculinidade ou pelo uso de uma linguagem baseada no falocentrismo, as masculinidades são defendidas como uma forma de ser homem.

## Capítulo Primeiro

### A pedagogização dos valores da honra masculina no corpo feminino: os territórios da escrita de si

... há possibilidade de se escrever para se ultrapassar a vida, para questioná-la, para problematizá-la, tal como ela se define em dado espaço, tempo e cultura. Pode-se se escrever para tentar uma volta a si mesmo, para se encontrar consigo mesmo, uma escrita de reconhecimento do que seria seu rosto, do que seria seu Eu de sujeito. Mas, pode-se escrever para desencontrar-se consigo mesmo, produzir um distanciamento de si, escrever para se perder, para simular o germe de novas existências, novas maneiras de existir individual ou coletivamente, escrever como ensaio de novas possibilidades de se dizer sujeito, como a simulação de novos modos de existência, de novos modos de subjetivação, como a prática de novos estilos de viver

**Durval Muniz de Albuquerque Jr<sup>46</sup>**

Se a experiência de si é histórica e culturalmente contingente, é também algo que deve ser transmitido e ser aprendido. Toda cultura deve transmitir um certo repertório de modos de experiência de si, e todo novo membro de uma cultura deve aprender a ser pessoa em alguma das modalidades incluídas nesse repertório.

**Jorge Larrosa<sup>47</sup>**

O gozo do mundo é uma emoção que cada situação renova de acordo com suas próprias cores. Mesmo a atividade de pensar não escapa a esse filtro.

**David Le Breton<sup>48</sup>**

---

<sup>46</sup>Escrever como fogo que consome: reflexões em torno do papel da escrita nos estudos de gênero Disponível no site [http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/escrever\\_como\\_fogo\\_que\\_consome.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/escrever_como_fogo_que_consome.pdf) visitado em 14 de agosto de 2011.

<sup>47</sup>Larrosa, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>48</sup>Breton, David Le. Paixões ordinárias- Antropologia das emoções. Petrópolis, Vozes. 2009.

## 1. Pedagogias como arte e ação para abrigar a honra masculina no corpo feminino

A própria transformação da pedagogia em um curso escolar, voltado para e centrado na formação de profissionais para atuarem em instituições de ensino, dificulta a percepção de que vivemos em sociedades e culturas em que uma multiplicidade de pedagogias que operam no cotidiano, visando elaborar subjetividades, produzir identidades, adestrar e dirigir corpos e gestos, interditar, permitir e incitar ou ensinar hábitos, costumes e habilidades, traçar interditos, marcar diferenças entre o admitido e o excluído, valorar diferencialmente e hierarquicamente gostos, preferências, opções, pertencimentos...

(ALBUQUERQUE JR. Pedagogia: a arte de erigir fronteiras)<sup>49</sup>

Este um é capítulo de abertura desta tese, no sentido de dar visibilidade às artes do saber, do dizer, do olhar, do gesto, da vigilância, da disciplina e da invenção que foram utilizadas para pedagogizar o meu ‘lugar’ como feminino, através da honra como um valor cultural e social que fortalece os códigos masculinistas. A “[...] visibilidade é, para Foucault, apud Larrosa (1994, p, 60) qualquer forma de sensibilidade, qualquer dispositivo de percepção”. A visibilidade é aqui utilizada como uma sensibilidade, um modo de ver o valor da honra masculina sendo praticada como marcador da diferença entre gêneros e que deveria ser conduzida e zelada pelo feminino.

A honra masculina, enquanto valor cultural abrigou-se no meu corpo e como categoria social, ela tem atravessado as relações de gêneros. A arte pedagógica sobre meu corpo não pode ser compreendida como uma estratégia de consumo sem alteração do consumidor. A estratégia é um procedimento, no qual o poder é exercido por um tipo de saber e como afirma Certeau (2004) é “[...] um tipo específico de saber, aquele que sustenta e determina o poder de conquistar para si um lugar próprio (p.100).” Neste estudo, associo as estratégias aos saberes que são utilizados pelo processo pedagógico como técnicas de sujeição para ser consumidas pelos consumidores. Contudo, como

---

<sup>49</sup>Albuquerque Júnior, Durval Muniz de. Pedagogia: a arte de erigir fronteiras Disponível no site <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm> visitado em setembro de 2010.

afirma Louro (2001),<sup>50</sup> “Esse não é um processo do qual os sujeitos participem como meros receptores, atingidos por estâncias externas e manipulados por estratégias alheias (p.25)”. Nele, tanto são subjetivados saberes e práticas, como são reinventadas novas formas para lidar com elas, como astúcias dos consumidores. Elas foram vivenciadas pela arte de burlar e de usar, como afirma Certeau (1994) a ‘caça não autorizada’, como astúcias de reinvenção dessa ordem social. Assim, a arte e a ação de pedagogizar são entendidas neste texto como estratégias possíveis de serem reinventadas.

As práticas pedagógicas, narradas neste capítulo, são formas de poder sobre minhas ações para produzir modelos de conduta. As lembranças sobre minhas experiências são efeitos das recordações fragmentadas vividas no final dos anos 50, nos anos 60 e 70 do que século XX, nas quais contribuíram para que a honra masculina fosse subjetivada sob minha responsabilidade. Essas experiências estão sendo narradas como viagens violentas<sup>51</sup>, através do transporte das minhas significações, nas quais possibilitaram recordações da cidade de Juazeirinho<sup>52</sup>, interior da Paraíba, na qual nasci e vivi até 16 anos. São fragmentos da infância e da juventude. Mas também utilizo as minhas experiências como mulher casada e nelas, tanto cumpro as normas reguladoras sobre meu corpo como as transgredí. São recordações de saudade, de dor, de angústia, de transgressão e de aprendizado. A recordação afirma Larrosa (1994)<sup>53</sup>:

[...] não é apenas a presença do passado. Não é uma pista, ou um rastro, que podemos olhar e ordenar como se observa e se ordena um álbum de fotos. A recordação implica imaginação e composição, implica um certo sentido do que somos, implica habilidade narrativa (p.68).

A experiência é neste texto também compartilhada com Larrosa (2002)<sup>54</sup> que afirma ser: “[...] o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se

<sup>50</sup>Louro, Guacira Lopes. (org) O corpo educado. Pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos. Tomaz Tadeu da Silva- 2ª Ed.-Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

<sup>51</sup> Compreendo violência no sentido de produtividade, como afirma Certeau na obra ‘A cultura no plural’ (2004). É um transporte das lembranças através da produtividade cultural vivenciada nas experiências.

<sup>52</sup> Juazeirinho é uma pequena cidade da Paraíba que fica a 213 km da capital do Estado - João Pessoa. Pertence a região do Micro Seridó, com uma população de 15.899 habitantes, constituído por 7.871 homens e 8.028 mulheres. Disponível no site <http://citybrazil.uol.com.br/pb/juazeirinho/index.php> visitado em 01 de junho 2010.

<sup>53</sup> Larrosa, Jorge. Tecnologias do Eu e educação. In O sujeito da educação. Estudos Foucaultianos. Tomaz Tadeu da Silva (Org).-Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

<sup>54</sup> Conferência proferida por Jorge Larrosa no I Seminário Internacional de Educação de Campinas promovido pela Rede Municipal de Educação/FUMEC; o texto foi traduzido por João Wanderley Geraldi,

passa, não o que acontece ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece [...]”. As minhas experiências me tocaram, me modificaram. A honra masculina, através da pedagogia sobre o meu corpo, me habitou como um inquilino e durante o casamento foi desalojada, e neste momento que escrevo esta tese, uso do poder da narrativa, através da criação para transformá-la em escritura.

O fazer e o dizer da pedagogia dos gêneros, realizada na e pela minha família nos anos 50 e 60 do século XX, eram de que as filhas mulheres deveriam preservar a virgindade e manter a fidelidade conjugal, valores culturais que funcionariam como qualificação para alojar, preservar e defender a honra nas relações de gêneros. A virgindade para minha família era concebida como um valor de respeitabilidade à honra do meu pai, de minha mãe e de toda a família, mas também, deveria ser considerada como um presente ou um ‘dote’ para o marido quando a mulher se cassasse; já a fidelidade conjugal representava a preservação, pela mulher, do valor de um homem honrado e de prestígio na economia masculinista.

De modo que narro e discuto minhas experiências que foram praticadas por pedagogias, para localizar o funcionamento dos valores da honra masculina no meu corpo. É através dessa trama pedagógica que fui educada a manter a virgindade e a fidelidade conjugal no casamento. Compreendo a pedagogia, como uma arte e também uma ação de poder que agencia o saber para produzir sujeitos disciplinados. Como afirma Foucault, (1979, p. XXI).<sup>55</sup> “[...] não há relação de poder sem constituição de um campo do saber, como também reciprocamente, todo saber constitui relações de poder”. Ela produz marcas, significações e resignificações de como devemos ser para se relacionar com o outro e ser reconhecido socialmente. Essas formas de pedagogizar utilizam do jogo das palavras, dos gestos e do olhar, desenhando o eu e outro. Lidar com o pedagógico, é como afirma (ALBUQUERQUE, JR)<sup>56</sup>.

[...] é lidar com a instituição de limites, com a demarcação do dentro e do fora, do permitido e do proibido, é traçar com traços de giz, quem e como se deve passar, quem pode e quem não pode entrar, como deve ou como não deve estar, circular, mudar de lugar, se mexer ( p.1/2).

---

professor do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Jan/Fev/Mar/Abr/ 2002 N° 19 Disponível [www.anped.org.br/.../RBDE19\\_04\\_JORGE\\_LARROSA\\_BONDIA.pdf](http://www.anped.org.br/.../RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf)

<sup>55</sup>Foucault, Michel. Microfísica do Poder. Organização e tradução de Roberto Machado.- Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. 7ª edição.

<sup>56</sup>Albuquerque Júnior, Durval Muniz de. Pedagogia: a arte de erigir fronteiras Disponível no site <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm> visitado em setembro de 2010.

Neste capítulo, discuto como foi pedagogizado nos anos 50 e 60 do século passado, o meu corpo, analisando os dispositivos dos saberes, médico e jurídico, presentes nas práticas de leituras, de dona Toinha, realizadas nas fotonovelas, mas também nas práticas de sociabilidades, pelas quais foram construídas estratégias para que o feminino preservasse a honra masculina.

Nas relações de gêneros, os valores da honra masculina estavam associados à sexualidade feminina. A virgindade e a fidelidade feminina significavam, respectivamente, a valorização da honra do pai e do marido. A transgressão desses valores produziria efeitos de rebaixamento social do homem. Não há um saber único que produz esses valores, mas vários saberes em conexão, que a partir de Deleuze, usarei como dispositivos.

Para Deleuze (1990)<sup>57</sup>, os dispositivos “[...] são algo semelhante a novelos de linhas de natureza diferente que tanto se aproximam como se afastam uma das outras. São linhas quebradas (p.1)”. Para analisar esses dispositivos, alguns usam de um trabalho cartográfico, em que as linhas são atravessadas de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal. Para Costa (1979),<sup>58</sup> “[...] os dispositivos são formados pelo conjunto de práticas discursivas e não discursivas que agem, as margens da lei, contra ou favor delas, mas de qualquer modo empregando uma tecnologia de sujeição própria (p.50).”

Nas minhas experiências, o masculino deveria ser produzido diferente da mulher, um modelo a ser seguido pelos seus pares e como o centro nas relações com a mulher honrada. A mulher deveria ser comedida, interdita, reservada pura e ingênua, representações produzidas para o feminino que honraria o masculino e a família. A mulher, quando solteira, ao conservar sua pureza, além de honrar o pai, estava valorizando a sua honra, configurando uma qualificação importante para ser escolhida para o casamento. A mulher casada deveria ser fiel ao marido para conservar a honra dele. Essas representações eram diferentes para o homem. O homem solteiro que fosse virgem estava colocando em suspeita sua masculinidade. Quando casado, se fosse infiel, nem colocava em risco sua masculinidade, e nem era o seu corpo que deveria zelar sua honra.

---

<sup>57</sup>Cf. Gilles Deleuze ¿Que és un dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível no site [espaço michel foucault – www.filoesco.unb.br/foucault](http://espaço.michel.foucault-wwww.filoesco.unb.br/foucault) visitado em outubro de 2009.

<sup>58</sup> Costa, Jurandir Freire. Ordem Médica e Norma familiar. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

Assim, a masculinidade e a feminilidade, foram pedagogizadas de forma diferentes, baseadas em hierarquias de gêneros, funcionando pela produtividade do poder. Essa prática pedagógica teve influência da elaboração sobre a diferença sexual produzida pelo saber médico no século XIX. Se o saber médico neste período, não se refere textualmente à honra, aponta 'cientificamente' para os perigos naturais do corpo feminino e a necessidade de ser preservado pelo processo de subjetivação da sexualidade. Nesse sentido, o conhecimento médico sobre o corpo feminino se cruzou no século XX com o saber jurídico e, através da pedagogização do corpo desenvolveu a normatização do comportamento nas relações de gêneros.

A discussão de gênero nesta tese examina criticamente o processo de diferenciação biológica e comportamental, entre o masculino e o feminino, nos quais enfatizavam essas diferenças como sendo constituídas naturalmente, provenientes do corpo e da natureza. Neste texto compartilho e investigo os gêneros como marcas culturais construídas historicamente e enfocadas pela linguagem "[...] como lócus de produção das relações que a cultura estabelece entre corpo, sujeito e poder (MEYER, 2007, p.16).<sup>59</sup>

Do ponto de vista das escolhas metodológicas não tem sido usual partir da escrita de si para se chegar as experiências do outro. È na experiência de si que o Eu e o Outro são narrados e ganham contornos de presença identitárias. Eles aparecem em situações de alteridade e a escrita de si é uma invenção autobiográfica que dá sentido às experiências do sujeito.

[...] no caso da autobiografia - não implica uma posição "monolítica" e "linear" do sujeito da criação, uma vez que o escritor, no processo de produção da narrativa, se move continuamente entre o que "é" e o que "poderia ser". E essa ambigüidade chega a ser tão profunda a ponto da "alteridade" criada ganhar estatuto de "realidade", tornando possível, por exemplo, chorar e tremer pela morte de alguém que não existe (ALBERTI, 1991, p.66)<sup>60</sup>.

Coloco-me no texto para rachar, através das minhas recordações, das que foram compartilhadas entre eu, meus irmãos e irmãs, (Sandoval, 74 anos; Elizete, 66 anos;

---

<sup>59</sup> Meyer, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política IN Corpo, Gênero e sexualidade. Um debate contemporâneo. Guacira Lopes Louro, Jane Felipe, Silvana Vilodre Goellner (organizadoras). 3. Ed.- Petrópolis, Vozes, 2007.

<sup>60</sup>Alberti, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 1, 1991, p. 66-81.

Neném, 72 anos; Adman, 64 anos; José e Toinho, 63 anos)<sup>61</sup> as práticas culturais, nos quais os gêneros foram engendrados, problematizando a ação pedagógica, exercitada tanto pela educação familiar como pelas relações cotidianas.

Escolhi a personagem dona Toinha<sup>62</sup>, minha genitora e sua educação familiar, como um intermédio com as práticas de sociabilidade, as quais, convivi durante minha infância e juventude para pensar as atribuições praticadas para as relações de gêneros. Compreendo que a arte pedagógica de dona Toinha não é referência universal de uma educação de gêneros, mas se aproxima de pontos comuns de uma educação, que em geral é baseada no masculino como centro, como sujeito da linguagem, da sexualidade e do poder.

## 2. A trajetória da pedagoga familiar: dona Toinha, brejeira e defensora da honra

Fotografia de dona Toinha e Sr. Nené



Fonte: Arquivo particular

---

<sup>61</sup> Eu tenho oito irmãos. Somos uma família de nove irmãos, mas só foram citados neste texto aqueles que compartilharam das minhas recordações para essa tese. Para coletar informações sobre minha trajetória solicitei ajuda deles, algumas vezes em conversas informais, outras vezes por telefone e também em reunião de família, como tomando um café ou uma cerveja nos finais das tardes de domingo.

<sup>62</sup> Seu nome era Antonia Enéas de Araújo ou dona Toinha, como era chamada popularmente.

Provavelmente nesta foto, dona Toinha e seu Nené eram recém casados. Os dois nasceram na Paraíba. Dona Toinha, em 1914, na cidade de Esperança, localizada na região do Brejo e meu pai, Sr. Nené, em 1907, próximo à cidade de Santa Luzia, localizada no Sertão. Brejo e Sertão são distinções regionais dentro do Estado da Paraíba, mas também são culturais e históricas que contribuíram para produzir identidades dos seus habitantes. As identidades como brejeiro e sertanejo, são relacionais e foram construídas, entre tantos artefatos culturais, pela literatura regional, em especial, a produzida no final do século XIX e início do século XX. As distinções entre o brejeiro e o sertanejo, em geral, foram construídas pelas noções de honra e desonra. São identidades que tanto marcaram fronteiras espaciais, como a de qualificação de ‘eu’ e a desqualificação do ‘outro’, configurando que as identidades são produzidas nas relações por vários marcadores da diferença e de alteridade (SILVA, 2000).<sup>63</sup>

A identidade do brejeiro foi descrita por Almeida (1991, p. XIII)<sup>64</sup> como “[...] egoísta, não defendia a honra se não tivesse algum interesse; a palavra de brejeiro de nada valia; enquanto isso, o sertanejo era cavalheiro, solidário, não levantava a mão contra mulher.” Além da identidade do sertanejo ter sido associada aos homens defensores da honra, eles eram considerados a salvação da região (ALBUQUERQUE JR)<sup>65</sup>. Eram homens fortes e machos que morriam e matavam defendendo a honra familiar. Já os brejeiros, segundo Almeida (1991) só defendiam seus interesses materiais. As identidades, de brejeiro em oposição à de sertanejo, foram construídas no século XIX e no início do século XX, em virtude das condições de “trabalho e vida do latifúndio monocultor e escravista (ALBUQUERQUE JR)”. É evidente que tanto Almeida como Albuquerque Jr. se referiam a outro contexto histórico, particularmente entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século passado.

Dona Toinha e Sr. Nené eram respectivamente, brejeiro e sertanejo de outra geração. Como a pedagogização da honra da família deveria ser obrigação feminina,

---

<sup>63</sup> Silva, Tomaz Tadeu da. (Org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

<sup>64</sup> Almeida, Jose Américo de. A bagaceira. 27 edição. Introdução de M. Cavalcanti Proença e ilustração de Poty.– Rio do janeiro, José Olympio,1991. 1 ed. 1928.

<sup>65</sup> Cf. Albuquerque Júnior, Durval Muniz de. Cabra macho, sim senhor!: identidade regional e identidade de gênero no Nordeste. Disponível In

[http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda\\_remissa/cabra\\_macho\\_sim\\_senhor.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/cabra_macho_sim_senhor.pdf) visitado em 14/09/2009.

valente e educadora dos valores da honra era dona Toinha. A obrigação social e familiar de uma mãe nos anos 40/50 e 60 ainda tinham forte influência do discurso higienista<sup>66</sup> produzido no século XIX, no qual, a mulher deveria viver, através do amor e em função dos filhos, para fortalecer a nação. Diferentemente do período colonial brasileiro que os filhos ocupavam um papel secundário, “A imagem do filho era, portanto, despida dos atrativos que atualmente a compõem. (COSTA, 1979, p.153).<sup>67</sup> Dona Toinha viveu no seu cotidiano os efeitos dos discursos higienistas e em parte, dele usufruiu para a educação dos seus filhos. Lembro de uma história contada por ela que quando solteira havia se apaixonado por um homem que visitava sempre sua casa para ‘instruir na higiene da casa’. Ele a visitava para olhar os potes<sup>68</sup> que havia na sua residência e essa visita constituía parte da higienização da família e das cidades, mas o funcionário higienista também aproveitava para olhar a moça bonita e donzela, como Toinha, para ‘trocar um flerte’, afirmava ela.

O discurso higiênico prescrevia uma concepção de honra familiar, diferente daquela que vivenciava a família patriarcal. Se para proteger a honra desse tipo de família foi criada a ‘Casa dos Expostos’,<sup>69</sup> para a família nuclear, a prescrição higiênica era de que deveria haver uma boa constituição moral (COSTA, 1979), a qual deveria ser pedagogizado pela função de mãe na família. Um dos componentes dessa moral, dizia respeito ao corpo e ao sexo, na relação conjugal. “O exercício sexual no casamento restringia-se à cópula com vistas à procriação. O sexo tinha um andamento conjugal oculto, isento de comentário público [...]” associado à esse discurso, havia “[...] os preceitos religiosos que codificavam a sexualidade, punindo suas transgressões (COSTA, 1979, p.226).”

A pedagogia da família higiênica passava então pela valorização do sexo, mas dentro da instituição do casamento. Isso não significava dizer que com essa prescrição higiênica o masculino cumpria a fidelidade conjugal. Embora a educação familiar, junto aos vários dispositivos discursivos, tenha praticado a realização da ‘obrigatoriedade’ da

---

<sup>66</sup> “A higienização das cidades, estratégias do Estado Moderno, esbarrava frequentemente em condutas que repetiam a tradição familiar e levavam os indivíduos a não se subordinarem aos objetivos do Governo. A reconversão das famílias ao Estado pela higiene tornou-se urgente dos médicos [...] Ao conjunto deste dispositivo a medicina social dará o nome de higiene familiar (COSTA, 1979, p.30/31)”

<sup>67</sup> Costa, Jurandir Freire. *Ordem Médica e norma familiar*. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

<sup>68</sup> Reservatórios de argila para armazenar a água.

<sup>69</sup> Espaço produzido socialmente para ‘receber’ os filhos ilegítimos resultantes das transgressões sexuais no Brasil Colônia (COSTA, 1979, p.164).

fidelidade conjugal, a pedagogização da subjetividade da sexualidade foi com mais disciplina e controle dirigida à mulher. Quando dona Toinha afirmava que o ‘homem pode, a mulher não pode’, apontava para um conjunto de prescrições que indicava a diferenciação dos modelos de conduta para o masculino e o feminino que eram regulados pelo social.

Os modelos de conduta, o comportamento, a linguagem usada e tantas outras prescrições deveriam ser subjetivadas para honrar a família, o que significava honrar o pai. Era o pai, como chefe da família, que recebia os benefícios da disciplinarização do corpo feminino. Embora dona Toinha ‘cumprisse ao pé da letra’ os lugares atribuídos socialmente e moralmente às mulheres, ela também subvertia determinadas características das relações de gêneros, como por exemplo, a hierarquia entre eles, particularmente, o ‘lugar’ que ela deveria ocupar na família. Ela não só pedagogizava os gêneros de forma diferente, como contribuiu para que os filhos subjetivassem as diferenças entre gêneros como natural. A pedagogização sobre os nove filhos que dona Toinha pariu (cinco mulheres e quatro homens) pode ter sido efeito também da educação dada por sua mãe.

Seu Nené era agricultor e em sua trajetória transformou-se em um pequeno comerciante. Ele gostava de contar suas histórias, principalmente suas dificuldades vivenciadas como homem da terra. Era um homem que amava a terra, e seus olhos enchiam-se de lágrimas quando ouvia a música ‘Asa Branca’ de Luiz Gonzaga. Eram recordações de um passado de seca e de fome. Eram recordações de suas experiências como sertanejo que lembravam a dor. Ele gostava de fazer versos e tinha muita sensibilidade ao recontar as histórias de caminhoneiros, narradas nas noites em que eles paravam em sua bodega para tomar um café antes de darem continuidade à viagem. Meu pai era um homem muito tranquilo, pouco falava. Seu lugar como pai era o de manter financeiramente a casa, o provedor. Confiava na educação de dona Toinha e nela não fazia intervenções. Era ela quem tomava as decisões sobre os filhos. Não me lembro de uma vez sequer tê-la visto consultando-o em alguma decisão que se referisse aos filhos.

È bem verdade que devo considerar que a pedagogização realizada por dona Toinha não aconteceu de forma progressiva, como por exemplo, da infância à juventude. Muito do que me educou como feminino, aconteceu pós-casamento, portanto na relação com o Outro, o masculino. Contudo, foi enquanto criança e adolescente que

foram pedagogizadas as técnicas de controle e vigilância sobre o meu corpo, produzindo subjetividades, pelas quais, a honra masculina pudesse se abrigar.

### 3. A produção das minhas recordações: encontro e encanto com a fotografia

Não foi um exercício fácil produzir minhas próprias fontes de pesquisas. Cada lembrança, uma saudade, uma angústia, mas também um aprendizado. Escolhi entre os múltiplos atalhos que permitiram as recordações sobre minhas experiências, a fotografia, ou o retrato como ele era denominado na época. O retrato é um artefato cultural com o foco para o passado. Com o retrato vivo a experiência de poder exercitar a criação: a de narrar as minhas experiências nas relações com Outro, de modo que o utilizo para puncionar as recordações, como um ponto de encontro e encanto, mas também de desencontros e desencantos.

O retrato para mim funcionou nesta experiência como o cheiro de um perfume ou dos alimentos que foram me levando para os caminhos desativados. Olhar o retrato é habitar o caminho de volta, mas carregado de subjetividades, de dobras que alteram o percurso e os significados das experiências do passado. São essas subjetividades que me permitiram olhar para a existência com poesia, com os sentimentos, com a vontade de querer saber e querer dizer. A foto me fez lembrar a cidade, o cotidiano, a festa do meu aniversário de 15 anos, os fragmentos da educação dada por dona Toinha para o masculino e o feminino, mas também os códigos culturais cotidianos traçados para idealizar o comportamento, os gestos e as atitudes. Interrogar os retratos foi uma experiência de relação entre as lembranças do passado e os saberes que transitaram e transitam nas minhas experiências do presente.

Ao abrir uma caixa na qual estão guardados os retratos antigos, senti o cheiro da minha cidade semelhante à terra quente do sol rachada pela seca e quando batia a água da chuva. Quem morou em uma cidade do interior, principalmente no período já citado sabe da alegria de sentir o cheiro da terra molhada e da chuva. Para nossa família e acredito para muitos da minha cidade, na época, era um presente de Deus. O retrato

também contribuiu para que eu pudesse lembrar o som que vinha do sino da igreja chamando os fiéis para missa. Participar do catecismo, fazer a primeira comunhão e ir à missa eram atividades religiosas cristãs que nossa família deveria cumprir, embora os filhos homens, depois de uma certa idade, não as cumpriam. O retrato também me punccionou lembranças da voz dos ‘locutores’ da cidade que trabalhavam na difusora anunciando as atividades religiosas, as festas, os funerais e o filme que seria visto naquela semana no único cinema da cidade.

Fazia anos que eu não havia posto os olhos naquelas fotos. Mesmo as manchas encontradas nas fotos não tiraram o brilho das experiências que elas podiam punccionar. Encontrei algumas delas com dedicatórias registrando os sentimentos para com a família, experiência pouco comum na contemporaneidade. Foi entre o olhar e o sentir que encontrei um retrato tirado em 1967. Estava eu uma menina-moça, no banco da praça, em frente à igreja da cidade de onde nasci – Juazeirinho, juntamente com minhas amigas para comemorar o meu aniversário de 15 anos.

O retrato que escolhi para lembrar meu passado estava eu muito jovem, de cabelos longos e pernas torneadas. Eu era uma menina-moça ‘pronta para casar’, era o que se pensava na época. O retrato me fez lembrar a festa que foi organizada para os meus quinze anos. Reabito o momento e sinto os cheiros dos pastéis recheados com doce de goiaba e esfregados no açúcar cristal; dos rolinhos de trigos recheados com carne moída, os bolos de goma, o pudim de leite, os refrigerantes e também uma bebida quente, como a Rum Montilha. O cheiro das comidas preparadas, por dona Toinha para o meu aniversário, traz de volta as saudades da casa onde nasci e cresci e, das mesas fartas e das comemorações.

A saudade, afirma Albuquerque Jr, (2006)<sup>70</sup>: [...] é a constatação de ausência e morte, bem como esperança de presença e ressurreição. Experimento de tristeza e alegria, aflição e apaziguamento, fala de nossa condição de seres mortais, de seres finitos, de seres para o tempo, aguça nosso sentimento de fugacidade e alteridade (p.117).

---

<sup>70</sup> Albuquerque Jr. Durval Muniz. As sombras do tempo: A saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In História e Sensibilidade. Marina Haizenreder Ertzogue & Temis Gomes Parente (orgs) et alii- Brasília: Paralelo 15, 2006.

Foto dos quinze anos



Fonte: Arquivo particular

Esta foto foi um marco na minha história. Ela marca trajetórias de minha vida e possivelmente, experiências das mulheres que nela se encontram. Ela representa uma temporalidade cheia de sonhos, desejos, aprendizado, disciplina e também de astúcias. Articulei as lembranças indicadas pelo retrato, com os saberes que circularam na época para problematizar a pedagogia dos gêneros, ou seja, como este tipo de educação ‘silenciosa’ produziu uma assimetria de gênero, e mais do que isso, como fortaleceu os códigos que davam sustentação à economia masculina pelo poder dado ao valor da honra.

O retrato tanto é interrogado como produz interrogação nos saberes. Ao olhar um retrato, posso investigar e problematizar múltiplas questões. O meu retrato, no que diz respeito ao gênero, pode contribuir para pensar o que era exigido das mulheres da minha cidade em termos de comportamento, da forma de sentar e de cruzar as pernas, mas também para discutir como o vestuário era utilizado e quem deveriam ser as companhias femininas, entre tantos outros temas.

Além disso, o retrato produz um ‘banco’ de recordações em movimento e em trânsito. Ele ajuda gestar e resignificar as experiências. Essa resignificação passa pela investigação dos efeitos que tiveram os diversos discursos sobre esse ‘banco’ de memórias. É bem verdade que estes discursos chegaram por práticas de leituras que tanto foram utilizadas por mim, como dona Toinha.

#### 4. A conexão dos saberes para a ação pedagógica sobre meu corpo: a produção de subjetividades

Os saberes que cruzaram para a ação pedagógica de dona Toinha são provenientes de vários dispositivos discursivos. Entre eles, os discursos médicos, sobre uma ciência da diferença ou da diferença sexual, nos quais, afirmavam ser o homem e a mulher diferentes através do sexo<sup>71</sup>; os discursos jurídicos sobre a família baseados na honra da mulher<sup>72</sup> e as leituras cotidianas que dona Toinha fazia das revistas ‘fotonovelas’<sup>73</sup> que circularam nos anos 50 aos 70. Essas revistas eram verdadeiros manuais de como cuidar

---

<sup>71</sup> A diferença sexual, ou a diferença entre homens e mulheres, a partir do sexo, foi construída no século XIX pelo discurso médico. Foram dispositivos discursivos que diferenciaram o homem e a mulher a partir do saber sobre o corpo. O saber sobre o corpo feminino, particularmente, a ginecologia tinha como principal preocupação a reprodução. Sobre ele foram edificados as diferença e a alteridade entre o homem e a mulher. Ver as obras de Rohden, Fabíola. A obsessão da medicina com a questão da diferença entre os sexos. In Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras-organizadores- Adriana Piscitelli, Maria Filomena Gregori e Sérgio Carrara.- Rio de Janeiro: Garamondi, 2004; Vieira, Elizabeth Meloni. A medicalização do corpo feminino - Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. Os estudos sobre o tema são vastos e encontram-se disponíveis nas referências bibliográficas desta tese.

<sup>72</sup> Ver, por exemplo, Viveros de Castro, José Francisco. Os delitos contra a honra da mulher- São Paulo: Livraria Editora Freitas Bastos, 4ª Edição, 1942; Pinheiro, Philipi Gomes Alves. A desonra feminina: defloramentos na Comarca de Vitória/ES (1850/1871 Revista Urutágua- acadêmica multidisciplinar – DCS/UEM N° 19-set./out./Nov.dez.2009. quadrimestral- Maringá (PR )ISSN 1519-6178; Caulfield, Sueann. Em defesa da Honra: moralidade, modernidade, e nação no Rio de Janeiro (1918- 1940)- Campinas, SP: Editora da Unicamp/Centro de pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

<sup>73</sup> Várias revistas que traziam fotonovelas e circularam neste período foram: Sétimo Céu, Grande Hotel, Contigo, Capricho entre tantas outras. Cf. por exemplo, GRANDE HOTEL XVIII-N° 858- Rio de Janeiro - Editora Vecchi Ltda 15/01/1964; FOTONOVELA- O seu segredo – Rio de Janeiro, Guanabara, Editora de revistas sociais Ersol Ltda Setembro de 1960. “Fotonovelas são novelas em quadrinhos que utilizam no lugar dos desenhos, fotografias, de forma a contar, sequencialmente, uma história. No Brasil, as fotonovelas tiveram um mercado cativo por mais de 25 anos, entre os anos 1950 e 70, representando a idéia de uma imprensa popular feminina, com milhões de leitores de histórias publicadas em revistas com grande circulação nacional”. Disponível no site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fotonovela> visitado em 10/10/2010.

dos filhos ou de como as mulheres deveriam se comportar frente ao masculino, mas também como já afirmava Habert (1974, p. 23)<sup>74</sup>, nos anos 70, as fotonovelas, “[...] Trazem secções consultivas sobre beleza, moda, saúde, economia doméstica, problemas sentimentais e, bem recentemente, assuntos jurídicos (envolvendo questões sobre desquites, casamentos, paternidade, etc.)”. São saberes que na interlocução com outros foram estrategicamente elaborados para serem consumidos, principalmente, pelas mulheres, mas que também foram burlados e utilizados no momento oportuno do cotidiano, na ocasião, como afirma Certeau (1994).<sup>75</sup>

As leituras das revistas, realizadas por dona Toinha, são práticas de leituras que produzem subjetividades, mas que foram resignificadas e ajustadas ao campo cultural vivenciado por ela. As revistas mais lidas por ela eram “Grande Hotel”, “Sétimo Céu” e “Contigo”. Essas revistas eram um subgênero da literatura e sua circulação chegou ao Brasil por volta dos anos 50. Elas vieram da Itália, após a segunda guerra mundial, motivada pela popularização do cinema e pela recepção dos atores e atrizes. O perfil das revistas era o de enfatizar as questões cotidianas através de adaptação de filmes de sucesso<sup>76</sup>. Mais tarde, para as fotonovelas, foi criado um estilo próprio que tratava de questões entre gêneros a partir das relações afetivas. “A fotonovela é uma narrativa mais ou menos longa que conjuga texto verbal e fotografia. A história é narrada numa seqüência de quadradinhos (como a banda desenhada) e a cada quadradinho corresponde a uma fotografia acompanhada por uma mensagem textual”.<sup>77</sup>

As fotonovelas são artefatos culturais que foram utilizados como práticas de leituras que contribuíram para a ação pedagógica, como um manual de disciplina, de comportamento, de gêneros e de inscrições de subjetividades sobre o corpo. É bem verdade que o corpo é uma:

[...] construção sobre o qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais,

---

<sup>74</sup> Habert, Angeluccia Bernardes. Fotonovela e Indústria Cultural – Estudo de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões. Petrópolis, Vozes, 1974.

<sup>75</sup> Certeau, Michel. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer/Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

<sup>76</sup> Como por exemplo, O conde de monte Cristo, As damas das camélias, entre outros. Disponível nos sites <http://revistajornalismo.blogspot.com/2008/04/quadro-quadro-mas-no-papel-fotonovela.html> e <http://www.robertocarlosbraga.com.br/2010/08/roberto-carlos-em-fotonovelas.html>. Visitado em 10/11/2010.

<sup>77</sup> Withoef, Ivonete Tambosi. A literatura retratada na arte de fotonovela. Disponível no Blog sitio em <http://www.blogger.com/profile/>.

étnicos, etc. [...] o corpo é provisório, mutável, mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz (GOELLNER, 2007, p.28).<sup>78</sup>

Assim, o corpo não é só um lugar provisório pelas intervenções vindas de fora, como o espaço de construção pelo outro, o corpo reinventa novas formas de consumo cultural e burla os processos de subjetivação que são fabricados sobre ele. Os corpos do masculino e do feminino são plurais. São homens e mulheres que tanto usam seu corpo sob controle e disciplina, como usam a indisciplina para burlar a normatização social. Tanto homens como mulheres transitam por atalhos identitários que são inimagináveis de serem encaixados em qualquer modelo.

No meu processo de pedagogização, as subjetividades sobre o corpo feminino estavam associadas às práticas de subjetivação que deveriam zelar e cuidar da honra, mas para que o masculino recebesse os benefícios, reforçando os códigos que lhe dão sustentação, por isso o cuidado de dona Toinha com o comportamento das filhas mulheres para não ‘caírem na buraqueira’<sup>79</sup>. Era muito comum, e ainda hoje, no Nordeste, usa-se o enunciado, “Prendam suas cabritinhas porque meus bodes estão soltos” para dar sentido às diferenças sexuais entre gêneros. É pelo processo de subjetivação da sexualidade, diferente para o homem e a mulher, que a honra é valorizada nas relações de gêneros. Nesse jogo, o corpo feminino deveria guardar a honra masculina para garantir o prestígio e o respeito entre os homens, mas também o respeito social para que ele pudesse exercer sua masculinidade.

---

<sup>78</sup> Goellner, Silvana Vilodre. A produção cultural do Corpo In Corpo, Gênero e sexualidade- Um debate contemporâneo na educação. Guacira Lopes Louro, Jane Felipe e Silvana Vilodre Goellner (organizadoras). 3 ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

<sup>79</sup> Cair na buraqueira é uma expressão popular que significa cair na gandaia, sem controle, sem vigilância

## 5. “Prendam suas cabritinhas porque meus bodes estão soltos”: enunciado que produz subjetividades sobre o comportamento feminino

Meu corpo é meu por carregar traços da minha história pessoal, de uma sensibilidade que é minha, mas contém igualmente uma dimensão que em parte me escapa, remetendo aos simbolismos que substancia ao elo social, sem os quais eu não seria.  
(DAVID LE BRETON)<sup>80</sup>

O título acima “Prendam suas cabritinhas porque meus bodes estão soltos” é um enunciado que tem significados culturais masculinistas e falocêntricos que transmitem valores masculinos como virilidade, força, autoridade, necessidade e liberdade sexual. As cabritinhas devem ser ‘guardadas’ para preservar sua virgindade, que está sendo cuidada para o futuro marido. A expressão ‘cabritinha presa’ possui o significado de honra preservada. Liberar as ‘cabritas’ significava vulnerabilidade, fragilidade e perigo sexual. Elas soltas podiam colocar em risco a ordem da ‘moral social’.

As ‘cabritas presas’ sob o controle da família é uma expressão que significava a possibilidade de manter intacta a pureza, representada pela virgindade, e como efeito, ela deveria sentir-se honrada. “Meus bodes estão soltos” é uma linguagem centrada no falo que significa poder e conquista (ALVES, 2004)<sup>81</sup>, mas também podia significar que sendo o corpo da mulher construído como espaço de perigo e da sedução, a família que desejasse manter preservada sua honra deveria ‘prender suas cabritas’, porque ‘os bodes estavam soltos’.

As mulheres na pedagogização de dona Toinha foram preparadas para honrar o casamento, instituição que enaltecia a mulher como mãe, esposa e sua subordinação ao marido, por isso, enquanto solteira, deveriam estar ‘presas’, sob o controle dela para não cair na buraqueira. A arte pedagógica dela sobre os filhos e as filhas era do tipo imperativo e organizado por enunciados: ‘o homem pode tudo’, na ‘mulher tudo pega’. ‘A mulher fica falada, cai na boca do povo’. ‘Mulher conheceu homem não fica sem

<sup>80</sup>David Le Breton. *As paixões ordinárias*. Antropologia das emoções. Tradução de Luís Alberto Salton Peretti.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

<sup>81</sup>Alves, José Eustáquio Diniz *A Linguagem e as representações da masculinidade* / José Eustáquio Diniz Alves. - Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004. Gráfica Digital/Centro de Documentação e Disseminação de Informações – CDDI/IBGE, em 2004. 33p. - (Textos para discussão. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, ISSN 1677-7093; n. 11)

ele’. ‘Ruim com ele, pior sem ele’. ‘Você não pode fazer isso ou aquilo... seu irmão faz porque é homem’. São enunciados que produzem poder no processo de subjetivação nas relações de gêneros. O enunciado ou a função enunciativa é “[...] produzido por um sujeito, em lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado (SARGENTINI & BARBOSA 2004, p. 26).<sup>82</sup>

Esses enunciados ditos por ela tinham como referência a sexualidade, a preservação da virgindade e a honra das filhas. Esses valores constituíam a base de sua ação pedagógica que foram entrelaçados por vários discursos: o discurso médico que revelava a necessidade de intervenção médica sobre o corpo feminino; o jurídico que organizava as relações afetivas e sociais pela norma e pela lei e as leituras das fotonovelas que mediavam a ação pedagógica cotidiana. Cuidar e ‘prender as cabritas’ significavam afirmar que a mulher não só era diferente do homem do ponto de vista do sexo, mas produzia subjetividades da sexualidade como marcador do comportamento feminino e masculino.

Meu corpo vê, sente, fala, incomoda, provoca, mas é também provocado e incomodado. O meu corpo foi historicamente construído, por subjetividades praticadas pelo o ver, o sentir, o falar, sobre o corpo vestido. O corpo nu. O corpo feminino, o corpo da menina moça. O corpo definido, o corpo de mulher. O corpo doente e o corpo são. Para Goellner (2007):

Falar do corpo é falar, também, de nossa identidade dada a centralidade que este adquiriu na cultura contemporânea cujos desdobramentos podem ser observados, por exemplo, no crescente mercado de produtos e serviços relacionados ao corpo, a sua construção, aos seus cuidados, a sua libertação e, também, ao seu controle (p.29/30).

O corpo era inscrito tanto pelo o comportamento como do ponto de vista simbólico. Falar do corpo como guardião da honra masculina era na cultura, até as últimas décadas do século XX, uma forma de criar um vínculo de fidelidade do feminino com o masculino, no qual implicava o funcionamento do poder na ação sobre o outro no campo da moral. O ritual do casamento religioso funcionava pela participação das crianças, como damas de honra, ao entregar a noiva ao futuro marido,

<sup>82</sup> Sargentini, Vanice e Barbosa, Pedro-Navarro. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade – São Carlos: Claraluz, 2004. A discussão sobre o enunciado será feita com mais precisão no quarto capítulo desta tese.

as quais simbolizavam a virgindade, a pureza e a inocência. A ‘moça virgem’, através da disciplina e da vigilância carregava em seu corpo a honra do pai e da família que era por ela protegida. Após o casamento, ela passava a proteger e cuidar da honra do marido. A mulher, no ritual do casamento, jurava fidelidade ao homem e era responsável pela honra masculina, porque era no seu corpo que estava sendo praticado o valor da fidelidade, pois o homem deveria ser honrado e respeitado, benefícios que só eram adquiridos quando a mulher preservasse sua honra.

Era pelo o cuidado e o zelo da honra masculina, que as identidades da mulher, como honrada e digna eram acionadas. Quando esse valor era transgredido, a responsável pela proteção da honra masculina ficava desonrada, porque teria denegrido os valores que dão significados à masculinidade, o que era uma desmoralização do homem. Quando, ao contrário, a honra masculina era preservada, era o masculino que recebia o prestígio sendo reconhecido como homem digno, respeitoso e viril. Como afirma Peristiany, (1965, XVIII)<sup>83</sup>. Quando a mulher era fiel e as filhas virgens, o homem gozava “[...] do mínimo de prestígio necessário para poder andar de cara levantada”. Assim, era através da honra masculina que era assegurada uma das formas de dominação nas relações de gêneros.

Os valores corpóreos feminino têm como um dos campos de produção, parte do discurso médico do século XIX, o qual afirmava ser o útero de natureza inferior e perigosa da identidade feminina. A ciência do século XIX havia chegado à constatação da existência da diferença entre o homem e a mulher, através do sexo. A partir daí, várias formulações centradas no corpo da mulher contribuíram para organizar uma medicalização social e moral. O corpo da mulher além de ser responsável pela vida passou a ser também vulnerável às questões morais (ROHDEN, 2004). Assim era dever social da família, proteger o corpo feminino e cabia à educação, pedagogizar a diferença sexual com disciplina, higiene, proteção e controle, envolvido por valores morais, como a honra e pelo sentimento da vergonha como uma forma de controle social e uma disciplina sobre si. Pela medicalização da saúde do corpo feminino era prescrito o seu comportamento, tendo como referência os valores da sexualidade, o que, diferenciava do masculino.

---

<sup>83</sup>Peristiany, J.G. Honra e Vergonha – Valores das Sociedades Mediterrânicas. Tradução e prefácio de José Cutileiro. 2ª Ed. Lisboa, 1965.

A mulher que chegasse a ter desejos sexuais fora do casamento poderia ser acometida de problemas de saúde ou ‘desvio sexual’, como a prostituição. Esse ‘perigo uterino’ só podia ser controlado com o incentivo à maternidade, em outras palavras, sexo para mulher só pela instituição do casamento. O ‘instinto’ materno deveria anular o ‘instinto’ sexual, caso contrário, havia a probabilidade da mulher tornar-se a histérica. A perda da virgindade poderia levar a mulher ao uso ‘abusivo’ da sexualidade ou a prática do adultério, considerados como sinais de perigo e de um tipo de doença feminina: a histeria. Lembra-nos Del Priore (2006)<sup>84</sup> que havia a prescrição médica para curar essa possível doença feminina: “[...] Os remédios eram os mesmos há 200 anos: banho frio, exercícios, passeios à pé. Em casos extremos, recomendava-se – pelos menos em tratados médicos – a ablação do clitóris ou a cauterização da uretra (p. 209)”.

O corpo do homem era representado diferentemente do corpo da mulher. O homem naturalmente, de acordo com esse discurso, teria a necessidade de ter prazer sexual, mas diferente da mulher teria “[...] a sagacidade de controlar suas necessidades brutais por meio do trabalho, da bebida ou do estudo. As mulheres, como não tinham este tipo de controle, só podiam tornar-se histéricas” (NATALIE DAVIS, 1990, p. 107)<sup>85</sup>. Eram saberes distintos sobre o corpo para pedagogizar os gêneros, em que a sexualidade feminina deveria ser interdita e, a masculina, liberta.

A histeria, nos anos 70 do século XX, ainda era considerada uma doença e associada à sexualidade. Em 1969, na Conceição, bairro onde eu morava em Campina Grande, uma moça teve um surto e saiu correndo nas ruas vestida de camisola e muitas pessoas afirmavam ser efeito da ‘falta de homem’ pois ela era uma mulher ‘histérica’: enunciado grosseiro, falocêntrico, masculinista e heterossexual. Se a medicalização sobre o corpo, através do processo de subjetivação não funcionasse, havia outros saberes que, se praticados poderiam interditar os desejos sexuais feminino em excesso, como por exemplo, a religião, a educação e o trabalho honesto:

Treinamento religioso para emparelhar as rédeas da modéstia e da humildade; educação seletiva para mostrar à mulher sua obrigação moral sem inflamar sua imaginação indisciplinada ou soltar sua língua em público; trabalho honesto para ocupar suas mãos - e leis e normas que a sujeitasse a seu marido (NATALIE DAVIS, 1990, p. 108).

<sup>84</sup> Del Priore, Mary. História do Amor no Brasil. 2 ed.-São Paulo: Contexto, 2006.

<sup>85</sup> Davis, Natalie Zemon. Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1990. 308 p.

Em caso de não surtir o efeito desejado a saída era colocar a mulher ‘histérica’ no hospício. Boa parte das teses defendidas por médicos no século XIX afirmavam que “[...] a histeria era decorrente do fato de que o cérebro feminino podia ser dominado pelo o útero” (MARY DEL PRIORE, 2006, p. 209).

A crença na família enquanto eterna, natural, universal e necessária teria lhe aparelhado para “justificar, reforçar, reproduzir a repressão sexual”, enquanto que os vícios sexuais [aqueles comportamentos frente à sexualidade reprovados pela igreja e pela medicina] foram considerados capazes de destruir, corromper, perverter, e essa envenenar, desviar e depravar essa instituição tão essencial à humanidade (CHAUI, 1991, p.127 apud SCABELLO, 2006, p. 46).<sup>86</sup>

Essa produção discursiva orientava alguns pontos da diferença entre os sexos, realizada por médicos, a qual teve forte influência na educação familiar e definiu as diferenças comportamentais, entre o masculino e o feminino. O fato de que a mulher só deveria vivenciar sua sexualidade durante o casamento, nos anos sessenta do século passado, ainda era um valor praticado, pelo menos para dona Toinha. ‘Prender suas cabritas’ significava: ‘discipline o comportamento de sua filha, pois o meu filho é liberto e nada o faz macular sua honra’.

A honra defendida por dona Toinha foi cruzada nas fronteiras dos saberes e reconstruída nas tramas da cultura para significar e resignificar as suas subjetividades e o seu jeito de governar. Subjetividade e governabilidade funcionam como produtos de tecnologias do eu, como regimes de verdades (GORE, 1994),<sup>87</sup> para produzir sujeitos subjetivados, aqueles agenciados pelo processo de subjetividade para preservar a honra.

A honra sexual vem mediada por valores como a vergonha que é traduzida socialmente por sentimentos e valores de angústia, tristeza e pudor. A mulher, do ponto de vista da cultura, se protege diante do outro, é inibida pela vigilância do olhar e do dizer do outro e pelo código de vergonha sexual (PERISTIANY, 1965), e é também por este código que os olhares disciplinares normatizam as relações de gêneros.

---

<sup>86</sup>Scabello, Edilaine Helena. Desvelando a dor amorosa da infidelidade conjugal: discursos de homem e mulheres. Dissertação de Mestrado -FFCLRP – Faculdade de filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – USP-2006.

<sup>87</sup>Gore, Jennifer M. Foucault e Educação: Fascinantes desafios. In O sujeito da educação: estudos Foucaultianos/Tomaz Tadeu da Silva (org).- Petrópolis, RJ: Vozes, 1994- (Ciências Sociais da educação).

Assim ‘prendam suas cabritas porque os meus bodes estão soltos’ é um enunciado que significa a vulnerabilidade feminina, considerada como natural pelas práticas de subjetivação da sexualidade feminina e pelo o funcionamento do poder na economia masculinista, pela qual, os códigos são de valorização da masculinidade. A família que não protegesse e educasse os comportamentos do feminino, corria risco de ser reconhecida por identidades marcadas pela vergonha e a desmoralização social, assim a pedagogização do feminino pelo comportamento, era uma exigência fundamental para a construção da identidade feminina. A pedagogização feminina também ocorria pelas experiências do cotidiano da cidade. São outros traços culturais que entrelaçados formavam valores e contribuía para que tanto fossem subjetivados, como evitados.

## 6. O tapete negro corta a cidade. As cores da vergonha, da honra e dos gêneros: os limites da pedagogia feminina na rua

Vergonha é uma emoção inibidora baseada na sensibilidade da imagem de si mesmo e em sua proteção<sup>88</sup>.

Juazeirinho é uma pequena cidade da Paraíba que surgiu historicamente como um ponto de encontro entre os tropeiros. Sua localização contribuiu para que ela tivesse um perfil de cidade-hospedaria que mais tarde se perdeu com os signos da modernidade.<sup>89</sup> A modernidade “[...] refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou

---

<sup>88</sup>Pedraza, Rafael López. As emoções no processo psicoterapêutico. Tradução de Roberto Cirani – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

<sup>89</sup> A cidade era um lugar não só de parada dos viajantes para as refeições como para pousada. Com a construção da BR 230, as distancias entre as cidades, como de João Pessoa e Campina Grande para Patos e Cajazeiras encurtaram. Juazeirinho aos poucos perdeu esse lugar. Um antigo pouso de tropeiros, no começo do século, deu origem ao município de Juazeirinho. Situava-se na fazenda "Juazeiro" que pertencia ao Capitão Joaquim de Antônio de Oliveira. Uma outra fazenda de propriedade de Carlos Francisco da Cunha, também foi um dos marcos iniciais para a povoação do lugar. A primeira casa residencial, além das existentes nas fazendas mencionadas, foi construída por Henrique Ferreira Barros, depois ele construiu muitas outras casas que ia vendendo ou alugando a pessoas que chegavam ali para fixarem residência. Sua Emancipação Política se deu em 25 de julho de 1957 e serviu como ponto de pouso para as pessoas que viajavam do litoral para o sertão. Disponível no site <http://citybrazil.uol.com.br/pb/juazeirinho/historia-da-cidade> site visitado em 20 de junho de 2010.

menos mundiais em sua influência” (GIDDENS, 1991, p.11)<sup>90</sup>. Ela é parte constituinte dessa racionalidade que se inaugurou contra uma ordem anterior<sup>91</sup>. A modernidade também pode ser considerada a multiplicidade de gestão discursiva sobre o Eu e sobre o Outro. Ela gestou o humano, sua tarefa social e moral. Ela o fabricou. Fabricou suas formas de viver, e de estar humano. Ela gestou formas de fazer, de sentir e dizer no e do trabalho, na e da intimidade. Ela criou a própria intimidade.

Juazeirinho é uma cidade vivida por várias ordens e desordens, com suas histórias, montada em um cenário, onde os “loucos”, as prostitutas, as parteiras, os comerciantes foram personagens cotidianos. Espaço onde as moças o praticavam fazendo seus passeios na praça, em frente à igreja e na rua principal; onde as professoras, algumas delas, ainda usavam palmatória, como dona Zefita a qual ensinou as ‘primeiras letras’ à quase todos os filhos e filhas da cidade; onde as ruelas, os becos, as cercas e os quintais constituíam os caminhos que provavelmente foram praticados por ameaças à honra e a desonra familiar. Espaços onde homens na arte de utilizar a prática do voyeur, ‘brechavam’ as meninas tomando banho no açude e nos quintais das casas; enfim, uma pequena cidade do interior da Paraíba, onde na época não havia meninos de rua; a rua era praticada, pelo menino do umbu, da pipoca ou da pinha que com seus balaios na cabeça vendiam frutas e outras guloseimas aos transeuntes.

Os ‘loucos’ além de serem reconhecidos com alteridade na relação com os ‘normais’ eram também tratados pela diferença sexual e pela vergonha. A vergonha como um valor regulador da moral deveria inibir qualquer tipo de transgressão. Essas subjetividades compunham durante os anos 50 parte do corpo social da cidade, no qual, transitavam os loucos sem ‘governo de si’. Era comum nas cidades pequenas, os loucos comporem o cotidiano como sujeitos puníveis pela razão, através do riso. O riso punia o corpo do ‘louco’ pela falta de higiene, pela ausência de uma técnica sobre o outro e de uma disciplina sobre si para que houvesse o funcionamento da regulação social. O riso punia o ‘louco’ pela sua ‘anormalidade’, pela sua desrazão.

“Louro doido”, assim era apelidado um dos rapazes, que diziam na cidade ter o ‘juízo fraco’. Ele vivia de casa em casa, ‘pedindo um cruzeiro’<sup>92</sup>. Muitas pessoas lhe ajudavam, alimentando-o, mas também, escarnando-o. Muitas vezes as crianças o

---

<sup>90</sup>Giddens, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Ed Unesp, 1991: 2a ed.

<sup>91</sup>A ordem anterior à modernidade é, de acordo com essa leitura, o medievo.

<sup>92</sup>Nos anos sessenta a moeda brasileira era o Cruzeiro Novo.

insultava e ele corria atrás para amedrontá-las. Outro personagem da cidade ‘sem juízo’ era “Tonha doida”. Ela era tratada diferente, ainda mais que “Louro Doido”, pois era mulher. Quando ela encontrava algumas pessoas reunidas ia se aproximando e era imediatamente repelida. Ela era vista com reserva, pois costumava levantar o vestido, e como não usava roupas íntimas, corria o risco de afrontar a moral social. Ela era compreendida como uma representação do mal para moral da cidade. Ela, na sua desrazão, não tinha o controle do seu corpo e nem de sua sexualidade e muito menos da *razão* para guardar a honra masculina, exigência dos códigos morais para honrar a condição feminina na relação com o masculino.

Muitas vezes ela aparecia grávida. O pai da criança nunca se identificava, possivelmente para não sentir-se desmoralizado por derramar naquele ‘corpo sem vergonha, sem moral e sem honra’, o seu sêmen. Situação como esta, que o cuidado com corpo, através da educação, deveria evitar. A vergonha, que os habitantes da cidade sentiam de ‘Tonha doida’, ocorria porque ela não tinha o controle dos procedimentos racionais sobre si e nem sobre o seu corpo, exigências das diferenças produzidas nas relações de gêneros. Além disso, ela era mulher, não deveria usar das prerrogativas do poder masculino, como sentar de pernas ‘arreganhadas’, deixar visível e descoberto a parte do tórax e fornicar com qualquer pessoa. Uma mulher sem honra ou era considerada uma prostituta ou uma louca. ‘Louro doido’ provocava o riso, ‘Tonha doida’, provocava a vergonha de cor avermelhada, cor do sangue da honra manchada. Era uma forma de punir a desonra como efeito da desrazão em uma cidade em que os signos da modernidade eram tímidos.

A principal parteira da cidade era ‘dona Benedita’. Ela era uma figura enigmática. Era muito comum, essa parteira socorrer a dor do parto fumando um cachimbo. Ela era quem ajudava ‘Tonha doida’ nos partos. Ser parteira era uma atividade tipicamente feminina. A higienização e a modernidade ainda não haviam chegado à minha cidade.

A cidade era pequena, cortada por uma única rua principal – Rua Marechal Deodoro<sup>93</sup>. O corpo da cidade, aos olhos da civilização, necessitava de higiene e limpeza social. Foi nesse tecido social, rasurado, enrugado e com cheiros de redobras, onde os animais andavam nas ruas dividindo os espaços com os transeuntes, e os vizinhos em forma de sociabilidade antiga, pedia uma xícara de café, de sal ou de

---

<sup>93</sup> Hoje a rua chama-se João Vital Matias, em homenagem a um cidadão que tem uma história na cidade.

açúcar de empréstimo, no qual foi esticado o tapete negro como signo da modernidade. Era a BR 230,<sup>94</sup> - o asfalto- que sob os olhares curiosos de homens, mulheres e crianças passou arrastando e soterrando as antigas pedras de calçamento. Se nas grandes cidades brasileiras, os anos 60 era um momento de medo, resistência e de morte diante do golpe militar, em Juazeirinho, apenas o silêncio e a estrada com suas camadas de asfalto, semelhante a um tapete negro, substituía o calçamento. Foi o encontro entre essa rua e a BR que marcou a entrada e a saída da cidade. Como quase toda cidade pequena do interior, há uma placa na entrada, dando as boas vindas aos passageiros, e outra na saída, desejando boa viagem.

Na entrada dando boas vindas ao tapete negro, uma escola para pedagogizar os sujeitos. Espaço onde se praticavam as subjetividades a ordenação dos sujeitos, por práticas discursivas disciplinares, no qual, reafirmava as diferenças entre o masculino e o feminino. Desde o comportamento, a organização disciplinar do espaço escolar, como as carteiras em fila indiana e a recreação, eram produzidas pela diferença entre os gêneros. Na saída da rua está o espaço do medo, da dor, da cor escura, onde as pedagogias da diferença sobre o corpo perdem o sentido. É onde a morte se refugia - o cemitério - esperando a entrada dos corpos inscritos pela diferença cultural, o que, não faz nenhum sentido para os micros organismo, que os esperam para devorá-los.

O comércio, em Juazeirinho, era a atividade principal dos cidadãos, em particular dos homens; neste comércio, havia as lojas de tecidos, as quais, usavam como marketing as peças de roupas penduradas nas portas ou enroladas em grossos canos de papelão para atrair os compradores. Como cartão de visita, os proprietários sentados nas calçadas, à espera ansiosa de um comprador. Pelas cores dos tecidos, se definiam os gêneros e as gerações. Os estampados, os listrados e os brilhosos eram destinados às mulheres. Para elas, as cores alegres, vistosas; para os homens as cores sérias, cinza, preto, azul marinho, e a cor branca usada para neutralizar as escuras. As cores escuras eram associadas às identidades masculinas, por vários atributos, como a seriedade, a razão, a virilidade, a heterossexualidade e a moralidade. As cores alegres, como vermelho, rosa, lilás, eram representadas pela leveza, sensibilidade, fragilidade,

---

<sup>94</sup> A BR 230 corta a Paraíba – de Cabedelo – cidade portuária do Estado, à cidade de Cajazeiras - que faz fronteira com o Estado do Ceará.

componentes considerados como naturais do feminino. De modo que as cores produziam a visibilidade das diferenças identitárias de gêneros.

Os homens que usavam as cores alegres eram representados como efeminados. Se fosse do sexo feminino e adolescente, a cor a ser usada deveria ser angelical, que representasse a pureza, a virgindade e a honra; já as viúvas, deveriam usar a cor escura, de preferência, preto, em luto e fidelidade ao falecido, era uma dobra da subjetividade que as viúvas não haviam redobrado.

As representações sobre as cores eram burladas e dependiam muito das gerações e do perfil de cada família. Os mais velhos seguiam os modelos acima, os mais jovens, burlavam. Algumas mulheres mais jovens nem luto usavam. Era a pedagogia pelas cores para a feminilidade e para a masculinidade, pela virgindade, sexualidade, virilidade, reprodução e heterossexualidade. Era a matriz heterossexual, que ia sendo tecida com o homem no centro, pela linguagem, pelas cores e pela conduta falocêntrica.

O agenciamento pedagógico das cores foi pintado nos corpos, com marcas para definir a preferência sexual, o comportamento, os gestos, o andar, o vestir, o falar e o lugar social para as relações de gêneros. Estas ações como afirma Almeida (1996, p.1),<sup>95</sup> são metáforas de poder: “[...] e de capacidade de acção, como tal acessíveis a homens e mulheres. Se assim não fosse, não se poderia falar nem de várias masculinidades nem de transformações nas relações de gênero”.

Ao ficar viúva, a mulher deveria cuidar dos filhos, e até a sua morte, deveria ter abstinência sexual por fidelidade ao homem que mesmo depois de morto deveria ser honrado. Se a mulher na condição de viúva resolvesse casar, não deveria usar a cor branca, pois ela não era mais pura. Já o homem quando ficava viúvo deveria casar novamente, por vários argumentos, entre eles, o que afirmava ser natural o homem ter necessidade sexual, como também era considerado natural que era a mulher quem deveria cuidar das crianças. Essas formulações cotidianas fortaleciam a imagem de homem viril e fecundador e, a mulher, como cuidadora da família, fortalecendo a pedagogia dos gêneros e os supostos ‘papeis’ femininos e masculinos. Afirma Bassanezi (2002, p.608)<sup>96</sup> que embora nos anos 50 o Brasil tenha vivenciado um visível

---

<sup>95</sup> Almeida, Miguel do Vale. Publicado em português em Anuário Antropológico (Brasil), 95: 161-190, 1996. Disponível no site <http://site.miguelvaledalmeida.net/wp-content/uploads/genero-masculinidade-e-poder.pdf> visitado em 27 de dezembro de 2010.

<sup>96</sup> Bassanezi, Carla. Mulheres dos Anos Dourados In História das Mulheres no Brasil/ Mary Del Priore (org) Carla Bassanezi (coord. de textos). 6ª Ed.- São Paulo: Contexto, 2002.

crescimento urbano e grandes transformações na industrialização, “[...]As distinções entre os papéis femininos e masculinos, entretanto, continuaram nítidas”.

Em Juazeirinho a base de sua economia era o comércio e a agricultura, não havia indústria. Boa parte das famílias da cidade vivia do comércio, embora alguns comerciantes, como meu pai, tinha um roçado para complementar a renda familiar. A diferença sexual também requisitava a diferença nas relações de trabalho. A rua principal da cidade era a do comércio, espaço no qual, estavam instaladas as mercearias. Nestas, vendia-se de tudo, desde o sabão em pedra, açúcar, feijão, milho, botões para camisas, perfumes e até os famosos ‘óleo de ovo’ ou brilhantina para passar no cabelo.

Na véspera do dia da feira, ou seja, na segunda feira, íamos todos para bodega, os homens abriam os sacos de açúcar, farinha, feijão, café em grãos e pesavam quilo por quilo para colocar nas prateleiras, pois ainda não era comum na cidade do interior aparecer alimentos industrializados e empacotados. As filhas cortavam as barras de sabão e as embrulhava em papel de revistas ou jornais velhos, e também as empilhava nas prateleiras. No dia seguinte, dia de feira, ajudávamos Sr. Nené a vender. Seus compradores, em geral, eram homens e mulheres da zona rural que chegavam a caminhões, caminhonetes, jipes etc.

Eram espaços de trabalho, mas também de visibilidade de outras formas nos quais os gêneros foram engendrados. Não havia a cultura de que o investimento na família passava pela educação escolar. Homens e mulheres deveriam ajudar nas atividades dos pais. Sabendo ler e escrever, para o meu pai, era o suficiente. Dona Toinha pensava diferente nesse aspecto. Com o trabalho familiar ela convencia meu pai a dar o dinheiro necessário para comprar cadernos, lápis, livros, tabuada e a farda escolar.

As atividades de diversão da cidade eram tímidas. O único cinema da cidade pertencente ao Sr. Antônio Cordeiro, funcionava precariamente, necessitando que os interessados, em assistir os filmes, muitas vezes, tivessem que levar os bancos para sentar. Não eram todas as mulheres que o frequentava, ‘pois não era um espaço considerado para moças distintas, porque o cinema ensinava muita coisa ruim’ afirmava dona Toinha. Bassanezi, (2000, p.621) afirma que “As revistas para a família criticavam as liberalidades do cinema (...)”. Um exemplo de liberalidade que funcionava como moda no cinema era a mulher fumar.

Uma publicidade na “Revista Mais”<sup>97</sup>, datada de 1977, mostrava no verso da capa, uma mulher, bonita, elegante e charmosa com um cigarro entre os dedos, acompanhada de uma manchete na qual afirmava: “Cigarro para mim não é moda. É Albany”. Na minha cidade era difícil ver uma mulher fumar, só as mulheres mais velhas, mas mesmo assim, fumavam o cachimbo. Cigarros pertenciam à modernidade e era ‘coisa de homem’. A mulher que fumasse era considerada leviana e, portanto não indicada para o casamento. Assim, o cinema era um lazer que a mulher deveria evitar.

O trabalho público para mulher era também algo difícil na cidade. Poucas mulheres trabalhavam remuneradas na cidade, lembro de dona Alzira, proprietária de um cartório, da minha irmã Elizete, secretária no armazém, do meu irmão Sandoval e das professoras do Grupo Escolar Municipal que com o ‘salário’ que recebiam não chegavam a ser ‘independentes’. As experiências de trabalho no espaço público exercidas pelo o feminino, ainda eram muito tímidas, o que, contribuía para afirmar que o trabalho exercido pela mulher era o doméstico, o da casa, o privado.

O clube social fazia sua programação de festas pelo menos duas ou três vezes ao ano: como o carnaval e o São João, animadas pelas bandas, que na época eram chamadas de conjuntos. O lança-perfume<sup>98</sup> usada no carnaval era considerado normal, embora só fosse usada no interior do clube. Eu e minhas irmãs usávamos o lança-perfume, mas como uma burla à pedagogização prescrita por dona Toinha. Eram experiências vividas na rua que deviam ser evitadas para que o comportamento feminino pedagogizado funcionasse. No carnaval de rua, chamado de ‘corso’ na época, usava-se a araruta, para servir de máscaras. Era o brilho do carnaval, era o único recurso que se usava para maquiar o rosto. Mulheres e homens brincavam na rua, sempre acompanhadas dos irmãos, como vigilantes do comportamento feminino.

A energia elétrica só chegou em 1966 e junto com ela, poucas pessoas compraram TV. O divertimento das meninas eram as brincadeiras de rodas ou ‘brincar de boneca’, enquanto a dos meninos era brincar de carro e futebol. É também pelo o lúdico que se produziam as diferenças de gêneros. Para o feminino, a pedagogia da maternidade e do amor ao lar. Para o masculino, a pedagogia para viver no público, como o espaço da competência e da inteligênci

---

<sup>97</sup> “MAIS” - Revista Feminina Mensal - Editora Três- Ano III n° 48- São Paulo, julho de 1977.

<sup>98</sup> No início dos anos 60, as lanças perfume eram compradas e usadas nas festas carnavalescas. Os homens comprovam e as mulheres levavam aqueles lenços na bolsa para dar pequenos cheiros.

## 7. As alianças entre a pedagogia dos gêneros e as brincadeiras: o ‘amor ao lar’

### Ensinando sua filha a cozinhar

O interesse que sua filha demonstra quando você se ocupa na preparação de algum prato é indício quase certo de que ela se tornará uma boa dona de casa e, principalmente, mestra na arte de cozinhar. Depois do tempo necessário a observação (ela ficará a seu lado perguntando e ajudando nas pequenas coisas) é chegada a hora de instruí-la, de deixar que ela mesma faça a experiência. Naturalmente, sua iniciação não se fará sem intermédio de pratos pesados, que requerem experiência e atenção. Como sugestão, apresentamos um saboroso pão para sanduíche.

(Fotonovela na cozinha- Revista Fotonovela, 1960).

As brincadeiras funcionavam como práticas pedagógicas para a construção de gêneros, evidenciadas pela diferenciação sexual. Era na esquina próxima à minha casa onde eu deveria brincar de roda e de toca, mas o espaço que deveria ser mais praticado pelo feminino era na casa ou na extensão dela. Para os meus irmãos, ao contrário, o espaço de praticar as brincadeiras era na rua. A casa era concebida como o espaço da intimidade e da discrição. A rua, como o espaço público e de liberdade. As alianças entre a pedagogização dos gêneros e as brincadeiras contribuíam para diferenciar os espaços corporais, as atitudes, os sentimentos e os comportamentos, para tecer os mapas corporais do masculino e do feminino. Essa tessitura de gênero ia definindo também os valores morais que eram atribuídos a cada um. Os meninos não deveriam participar nem da brincadeira de roda e nem a de toca, pois essa forma de brincar, poderia feminilizar o masculino. Era pela prática da pedagogia da roda, que o feminino deveria subjetivar gestos, hábitos e reconhecer as diferenças entre a masculinidade e a feminilidade. Um exemplo é a cantiga de roda conhecida por Terezinha de Jesus:

Terezinha de Jesus de uma queda foi ao chão acudiram três cavalheiros todos três, com chapéu na mão. O primeiro foi seu pai, o

segundo, seu irmão, o terceiro foi aquele a quem Teresa deu a mão. Da laranja quero um gomo do limão quero um pedaço da morena mais bonita quero um beijo e um abraço.

Não havia na letra desta ‘cantiga de roda’ muita coisa que representasse o mundo infantil. Ela apresentava um ideal de masculinidade e de feminilidade. Terezinha com o sobrenome ‘de Jesus’ parecia ser a filha ou a esposa de Jesus, mulher considerada imaculada, pura e virgem. Quando Terezinha, personagem da brincadeira, sofreu a queda, apareceram três cavaleiros que a ‘acudira com chapéu na mão’. A ‘cantiga de roda’ utilizava da pedagogia do gesto, dos hábitos para diferenciar o masculino do feminino. O feminino era apresentado como frágil, sensível, e o masculino como protetor e forte. É uma narrativa que faz referência ao amor romântico (GIDDENS, 1993),<sup>99</sup> próprio dos romances do século XIX, em que se refinavam as ‘qualidades’ e o comportamento do homem e da mulher.

Para a narrativa da cantiga de roda, um homem deveria ser cavalheiro, cordial e protetor das mulheres. Gesto de um homem romântico, educado e de reverência. O terceiro homem a estender a mão à Terezinha não foi um membro de sua família, embora estivessem presentes na narrativa o pai e o irmão, entretanto, ela aceitou a cordialidade e a força daquele que seria o seu pretendente, para quem ela estava guardando sua virgindade, ou seja, seu possível marido. Uma pedagogia do corpo, pela melodia das cantigas de roda, indicava um homem ideal para uma mulher, como romântico, cortês, protetor, qualificações identitárias que o fazia merecedor de sua virgindade.

Amor romântico sim, mas domesticado! Nada de paixões, que violem as leis da moral e da ordem. O amor só seria aceitável se não rompesse com os moldes convencionais de felicidade ligada ao casamento legal e à prole legítima. A abnegação poderia fazer parte do amor feminino, o deslize passional nunca (BASSANEZI, 2002, p.618).

Quase todos os dias eu brincava de rodas. Era a repetição das cantigas, funcionando como verdades sobre meu corpo, pela qual construía as subjetividades

---

<sup>99</sup> Cf. Giddens, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.1993.- (Biblioteca Básica).

como dobras na pele e na ‘alma’. Esse movimento da dobra não separa o interior do exterior. Para Suely Rolnik (1997)<sup>100</sup>.

O dentro detém o de fora desmancha o de dentro [...] o dentro é uma desintensificação do movimento das forças de fora, cristalizadas temporariamente num determinado diagrama que ganha corpo numa figura com microcosmo; o fora é permanente agitação de forças que acaba desfazendo a dobra e se dentro, diluindo a figura atual da subjetividade até que outra se perfile (p. 27).

No movimento, ‘o dentro e o fora’ foram funcionando e praticados por uma política de identidades para que eu me reconhecesse e reconhecesse o Outro, como diferente de mim. Este sistema de representações pedagogizado sobre as relações de gêneros, deveria produzir em mim, a conformação, a resignação, atributos identitários para o feminino se relacionar com o masculino.

A política de identidade, praticada pelo o processo de subjetivação e também vivenciada na brincadeira de infância traduzia a pedagogia do trabalho feminino, como a dona de casa, a ‘rainha do lar’, como ‘mulher prendada’. Havia na cozinha da minha casa um porta-pano-de-prato com a titulação “Rainha do lar”. Era um pedaço de madeira com duas peças que eram presas na parede para pendurar os panos de prato. Geralmente era pintada ou envernizada. Eram símbolos tipicamente domésticos, que deveriam praticar o espaço, considerado como da mulher, para reforçar a pedagogia cotidiana. Para chegar a ser a ‘rainha do lar’ a moça tinha que passar por vários estágios, entre eles, talvez, o mais importante, era saber cozinhar para servir aos filhos e ao marido, e, manter a ordem social e a paz na família nuclear. O lar parecia ser considerado o grande desejo das mulheres dos anos 50, justificado, pelo fato, de haver uma afinidade natural entre a mulher e a casa (MIGUEL E TONELI, 2008).<sup>101</sup>

A pedagogia que utilizava o lúdico, pela prática de cozinhar para as bonecas, era uma arte para preparar uma mulher prendada para o amor ao lar, formulação presente nos discursos higienistas. Nas teses defendidas por médicos no século XIX, amar era o objetivo da mulher, pois era uma predestinação da natureza. “È por isso que desde cedo

<sup>100</sup>Rolnik, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade. In cultura e subjetividade. Daniel Lins (org).- Campinas, S. P: Papirus, 1997.

<sup>101</sup>Miguel, Raquel B. P e Toneli, Maria Juracy F. De “moça prendada” a “menina super poderosa”: análise das seções de cartas de leitoras da Revista Capricho (1954-2004) História Unisinos- Vol. 12 Nº 2 maio/agosto de 2008 12(2):168-179, Maio/Agosto 2008.

a menina se interessa por boneca, desenvolvendo um sentido que aplicará mais tarde ao marido e aos filhos”(ROHDEN, 2001, p.119). Orientada por dona Toinha, eu e minhas amigas, juntávamos e colocávamos os alimentos crus nas pequenas panelas que eram colocadas em cima do fogão artesanal, feito de material reutilizado, como as latas de óleo ou de doce. O meu fogão era azul desenhado com flores. O almoço era simbolicamente servido às bonecas que representavam os futuros filhos (as). Era o aprender a cuidar, o aprender a ser mãe, era o ‘lugar’ atribuído historicamente as mulheres, o lugar da reprodução, do cuidado e da proteção aos filhos (as). Era a pedagogia da maternidade. Esses rituais, envolvidos com gestos, prazeres, desejos, arranjos, jogos e parcerias dizíveis (LOURO, 2008, p.2)<sup>102</sup> aconteciam pelo menos duas ou três vezes por semana e funcionavam como escrituras sobre nossos corpos.

Também havia a pedagogização para os meninos, mas era muito diferente daquela produzida para as meninas. Eles brincavam com carrinhos, com bola (de gude e futebol) e com baleeiras. Eram brincadeiras que ensaiavam a inserção deles no mundo público. Os carrinhos, em geral, eram caminhões. Ainda soa nos meus ouvidos o barulho do motor dos caminhões imitado pelos meninos nos terreiros por trás da minha casa. Eles eram artesanais, feitos de madeira ou lata e puxados por um cordão ou um barbante. Eles subiam as ruas, as ladeiras, era um verdadeiro exercício de guerra. Eles competiam entre si para mostrar a melhor manobra, o melhor desempenho ao lidar com o caminhão.

Muitas vezes, os meninos montavam maquetes de estrada, feitas de barro, para subir e descer com seus caminhões. Se esta atividade, não era ainda, um exercício para uma futura profissão e entrar no mundo público pelo trabalho, era um sonho de possuir um carro de verdade, pelo o qual, poderia exercitar força e coragem, códigos exigidos socialmente para exercer a masculinidade. O caminhão era sinônimo de direção, como guiar, comandar e ordenar. Estes atributos para as meninas deveriam ser praticados em outro espaço: a cozinha. Para as meninas, comandar e dirigir, só a casa e de forma estereotipada, ‘os fogões’.

Outros meninos, ainda carregavam os caminhões com caixa de fósforos vazias ou com pedras. Estavam disciplinando seus corpos para o uso da força, para ser respeitado

---

<sup>102</sup> Cf. Louro, Guacira Lopes- Gênero e Sexualidade – as múltiplas “verdades” da Contemporaneidade Programa de Pós - Graduação em Educação UFRGS. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

e honrado como homem trabalhador. O trabalho e a rua eram espaços de construção para o masculino, mas também burlado pelas meninas. Muitas vezes, as meninas jogavam porta bandeiras<sup>103</sup>. Era uma atividade que exigia força, desempenho e agilidade. Era uma arte de burlar as brincadeiras consideradas como típicas do masculino. Jogar bola era brincadeira de homem. O manejo com a bola provocava as quedas, e os arranhões. Era a pedagogia para agüentar a dor. ‘Homem que era homem’ não deveria chorar. Atirar de baleeira era coisa de menino, coisa de caçador. Um dos meus irmãos além de matar os passarinhos, atirava com a baleeira nas janelas de vidro da escola. Matar os passarinhos, para dona Toinha, ainda era aceitável, mas destruir o espaço público não era coisa de gente civilizada e vinham as correções: a palmatória, instrumento usado nos corpos dos filhos e das filhas, com muita freqüência por ela.

Na escola, na hora do recreio, ficava mais clara a diferenciação entre as meninas e os meninos. Eles iam jogar bola e elas iam conversar em rodas ou brincar de ser professora, que era outra forma de cuidar de crianças. As conversas em rodas era uma ação de educar o corpo pelo comportamento. Nessas conversas, que em geral, tratavam do cotidiano, tínhamos que ter a auto-disciplina sobre o corpo. O tamanho da saia do uniforme escolar deveria ficar abaixo do joelho, o que, era burlado quando terminava a aula. Era muito comum, as meninas dobrarem o cós da saia para ficar mais curta.

O sentar-se, por exemplo, deveria ser com cuidados, principalmente não sentar de pernas abertas, isso era ‘coisa de homem’. O andar, também deveria ser de forma delicada, reforçando a naturalidade de uma ‘essência’ feminina. A educação cultural do corpo era um traço que deveria ter essa natureza. O espaço onde os meninos jogavam na hora do recreio, ficava bem distante do galpão onde as meninas lanchavam. Elas não deveriam se aproximar dos meninos. “Eles eram grosseiros”, diferentes das meninas, dizia a inspetora da escola, e podiam machucá-las. Era o lúdico reforçando os lugares de gênero. A ação pedagógica ainda ficava mais rígida quando chegava a primeira

---

<sup>103</sup> A porta- bandeira era uma brincadeira que funcionava em um espaço aberto, com dois times ou duas bandeiras, com duas cores distintas, simbolizadas por pedaços de pau e um pano vermelho e azul. O time que conseguisse ‘roubar’ a bandeira do outro e levá-la para o seu espaço, ganhava o jogo. O funcionamento se dava mais ou menos como um jogo de futebol. Havia as faltas e quando um membro de uma equipe, ao entrar no espaço do outro para pegar a bandeira, fosse tocado pela defesa, o atacante ficaria imóvel, até chegar o ‘salvador’. O ‘salvador’ era um tipo de anjo, imunizado ao entrar no time do outro, mas ele não podia roubar a bandeira, embora se ele fosse tocado pelo guarda, o protetor da bandeira, perdia a imunidade.

menstruação. O cuidado com o corpo da menina moça significava a preservação da virgindade.

## 8. “Você botão de rosa, amanhã a flor mulher”: virgindade e honra como jóias preciosas

Menina Moça

Você, botão de rosa  
Amanhã, a flor mulher  
Jóia preciosa  
Cada um deseja e quer  
De manhã, banhada ao sol, vem o mar beijar  
Lua enciumada, noite alta, vai olhar

Você, menina moça  
Mais menina que mulher  
Confissões não ouça  
Abra os olhos se puder  
Tudo tem seu tempo certo, tempo para amar  
Coração aberto faz chorar

A lua, o sol, a praia, o mar  
Missão de Deus, a vida eterna para amar  
(Luis Antonio - Compositor)

A composição musical acima é datada de 1959, na época eu tinha sete anos. Essa atribuição de ser uma menina moça estava associada culturalmente à virgindade, valor que serviu para se contrapor à designação do significado que tinha a mulher desvirginada, ‘falada’ ou mulher sem honra. Quando a desvirginização acontecia fora do casamento era considerado, do ponto de vista dos discursos jurídicos, particularmente no início do século XX, era considerado um crime sexual, tornando a menina moça uma ‘Mulher’ e desonrada (CAULFIELD, 2000),<sup>104</sup> e do ponto de vista da moral social, uma ‘mulher perdida’, contribuindo para a desqualificação feminina. Uma moça sem virgindade não tinha como zelar e respeitar a honra do pai ou do marido. Enquanto isso, o homem que chegasse ainda virgem aos 15 anos, era uma afronta à sua

<sup>104</sup> Cf. Caulfield, Sueann. Em defesa da honra: moralidade e nação no Rio de Janeiro. --- Campinas, SP: editora da Unicamp/Centro de pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

masculinidade. A natureza teria dado ao homem a *necessidade* de ter vida sexual ativa, não é sem razão que muitos pais levavam os filhos rapazes para os prostíbulos para mostrar o que era ‘ser homem’.

Por outro lado, a medicalização social produziu um controle social sobre o corpo feminino que ia além da função de reprodução. Os dispositivos médicos produziram argumentos para controlar a sexualidade feminina e a preservação da virgindade em nome de uma ordem moral. A mulher estaria “[...] mais sujeita aos desgovernos sexuais, à dissimulação, à mentira, ao capricho, e dotada de aptidões medíocres (ROHDEN, 2004, p.30)”. Se por um lado, os discursos médicos sobre o corpo feminino tinham o efeito da medicalização da sociedade, por outro lado, o discurso jurídico dele se alimentava em defesa da civilização e da moral.

Viveiros de Castro (1942),<sup>105</sup> foi no Brasil, um dos juristas de renome do final do século XIX e início século XX, que colocou em pauta o debate público sobre a honra da mulher como uma conquista da civilização. A virgindade e o comportamento feminino eram signos da honestidade da família. A honra expressava o sentimento de orgulho social. O defloramento era considerado um crime, tinha o cheiro de sangue, mas não deveria ser punido com as ‘próprias mãos’.

Houve no século XIX, um aumento significativo da população com a urbanização e era necessário o controle da qualidade da reprodução. Estava em construção um modelo médico<sup>106</sup> sobre o corpo feminino e uma medicina de intervenção social para ‘garantir’ um social higiênico. De acordo com Vieira (2002):

O modelo médico em relação ao corpo feminino que se estabelece então, concordante com as normas sociais vigentes, implica que as mulheres só poderiam atingir uma vida saudável se estivessem sexualmente ligadas ao matrimônio com finalidade produtiva. Relações sexuais extraconjugais eram associadas a distúrbios, assim como a masturbação e a prostituição, que, sobretudo, significavam doenças ( p.26).

O ‘passaporte’ para a condição de Menina para Moça era a menstruação. Esse era um momento de grande responsabilidade para a mãe, momento de orientar as filhas

---

<sup>105</sup> Viveiros de Castro, José Francisco. Os delitos contra a honra da mulher- São Paulo: Livraria Editora Freitas Bastos, 4ª Edição, 1942.

<sup>106</sup> É a medicalização da sociedade pelo corpo feminino, ou seja, a sociedade controla sua população pelo corpo feminino - espaço considerado útil para reprodução. O social planejado e saudável dependia dos cuidados com o corpo feminino, por isso, a moral como aliada dos discursos médicos.

principalmente porque o corpo da mulher deveria ser são e pronto para a reprodução, mas também o corpo da moça estava sujeito aos perigos da sexualidade, como por exemplo, a prostituição ou a gravidez sem a paternidade, o que significaria a desonra social.

Uma das questões que marcou a diferença entre o masculino e o feminino, no discurso médico do século XIX era o corpo e suas doenças. A menstruação por muito tempo foi considerada uma doença. “Chegaram suas ‘regras’ minha filha, agora você está ficando uma mocinha”, dizia dona Toinha. Todo ‘cuidado é pouco’. Deveria evitar tomar banho em água fria e as bebidas geladas. Não sentar em calçadas quentes e não comer frutas ácidas. O cabelo só deveria ser lavado no terceiro dia do fluxo menstrual em diante. Esses cuidados são também provenientes das indicações médicas sobre o corpo feminino. “Elas deverão evitar tomar banhos em água fria, trazer os braços e o pescoço descobertos, devem se abster de bebidas frias, geladas, excitantes ou alcoólicas, como sorvetes, café, chás e licores (FAUSTO APUD ROHDEN, 2001, p. 133)”.

O absorvente não havia chegado à cidade de Juazeirinho e os panos ou as pequenas toalhas deveriam estar bem lavadas e passadas antes do uso. Até o meu andar era orientado por dona Toinha. Eu deveria me esforçar para não demonstrar aos homens que agora eu estava passando da fase de uma menina para moça. Deveria andar leve, pois os homens, afirmava ela, conhecem a mulher menstruada pelo andar e pela cor escura que ficavam nas pálpebras dos olhos. Este era um cuidado sobre a virgindade, pois se os homens soubessem que eu já era ‘uma mocinha’, poderia haver a conquista, o assédio e a paixão, o que corresponderia a um risco para a família.

Uma menina moça estava também desabrochando para a paixão, muitas vezes, era um sentimento que podia se tornar perigoso, pois desencadeava alterações no comportamento. A vigilância da família girava em torno de observar as mudanças no vestir, no desempenho na escola, nas atitudes cotidianas e nas datas da menstruação. A paixão era um sentimento que deveria ser afastado para dar lugar ao amor, sentimento compreendido como seguro e próprio do casamento. As paixões violavam a ordem social.

Por outro lado, era pela chegada da menstruação que uma menina moça estava autorizada a namorar. Era a liberação para as paqueras que sempre começavam nas festas, nos assustados, mas com limites. As festas ou “[...] os bailes onde as conversas sobre amor são freqüentes, [...] eram espaços que poderiam irritar mais ainda a natureza

de menina moça contribuindo para precocidade da menstruação [...]”, afirmava Abreu, em sua tese defendida em 1859, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (apud ROHDEN, 2004, p. 128). Além disso, a menstruação era a fase de preparação do corpo feminino para reprodução, e a recreação e os estudos alteravam o sistema nervoso. A cultura recreativa, como as festas e a música excitavam o sistema nervoso e atrapalhavam o desenvolvimento das genitais. Muitas leituras feitas por dona Toinha já haviam transgredido as idéias acima. As festas eram os lugares de articular um possível namoro, mediação para noivado e o casamento e os estudos eram por ela incentivados.

As revistas femininas, segundo Bassanezi (2002, p.622), criticavam os jovens masculinos que nos anos 50 bebiam Cuba-libre, usavam blusa vermelha e calças jeans. Nos anos 60, em Juazeirinho, as mulheres bebiam moderadamente a Montilha. Com relação ao jeans, quando a mulher o usava, para alguns, era associada ao masculino. Essa idéia do uso da calça Jeans associada a ‘coisa de homem’, era de Sr. Nené, o que, dona Toinha reprovava e dizia: ‘é melhor ela tá de calça do que de saia e de pernas descobertas’.

Nos anos 50 e 60 era muito comum, na minha cidade, as moças casarem muito jovens. “Uma mulher com mais de 20 anos de idade sem a perspectiva de um casamento corria o risco de ficar *encalhada*, candidata a ficar para titia “[...] Um homem de 30 anos, solteiro, com estabilidade financeira, ainda era visto como um bom partido para mulheres mais jovens (BASSANEZI, 2002, p. 619)”. A idade de uma menina-moça era representada como um tempo de cheiros. Cheiro da juventude, do corpo formado, de terra molhada, de fertilidade, de ‘mulher’ que estava ‘pronta’ para a maternidade.

Eu já havia sentido a dor da menstruação, as cólicas que reviravam o meu útero, que na educação pedagógica significava os conhecimentos sobre meu corpo e era, na época, o conhecimento necessário, para uma menina da minha idade, saber que o corpo estava ‘pronto para reproduzir’, para ser dona de casa, esposa e guardiã da família. Ser menina-moça era ‘não ter poder para não se perder’. Eu não poderia ir sozinha ao cinema, à festa; não tinha a liberdade de viajar sozinha ou ter uma vida sexual, que não fosse dentro do casamento; já ao homem tudo isso era permitido. Era uma relação de poder a qual funcionava o homem como centro, enquanto para a mulher, restava a subserviência, a obediência e a preservação de sua honra, embora isso não signifique dizer que não fossem praticadas táticas para burlar esses procedimentos.

O entretenimento mais popular na cidade era a programação do rádio. Quem não o havia adquirido, ouvia-o nas calçadas das casas ou das lojas onde eles estavam ligados. O rádio era um meio de comunicação que também contribuía na pedagogia das moças e dos rapazes; a mulher deveria escutar as radionovelas ou ler as revistas femininas, que em geral, traziam as fotonovelas; já os homens deveriam escutar os noticiários e os jogos de futebol.

O rádio permitia a produção de emoções que transitavam por territórios dos gêneros. Os sentimentos de tristeza, angústia e pena contribuía para a formação feminina. Para formação masculina, não deveria haver nenhum sentimento que colocasse sua virilidade em dúvida, como por exemplo, o choro.

## 9. Honra, sentimentos e gênero nas ondas sonoras do rádio

Do Outro Lado do Rádio Daniel

(Composição: Victor Chaves)

“Hei, você do outro lado do rádio  
 escute esta canção que fala  
 De um amor que talvez nunca tenha amado  
 A voz de um coração não cala  
 Você talvez não tenha escutado

São pequenas emoções, pequenas festas  
 Que acontecem num silêncio as vezes em simples conversas  
 A vida, mesmo que às vezes sofrida  
 É tão curta e tão bonita pra não ser vivida”

Muito bom dia, dona Maria. Hoje 26 de agosto, são seis horas e dois minutos. Está entrando no ar o seu programa matinal favorito (...) Estou aqui de novo na sua casa, sentindo o cheirinho gostoso do seu café...

Com essas palavras da segunda epígrafe, a voz forte e educada do locutor entrava em muitas residências campinenses, e possivelmente, muitas mulheres imaginavam ter encontrado o homem dos seus sonhos. Era o que contava dona Emilia Paulino, minha primeira ex sogra. Nos anos cinqüenta, dona Maria, a sogra de dona Emilia era viúva. Escutava o rádio todos os dias e passou a sonhar em casar com aquele homem, atencioso e gentil, de voz doce, amável. Mas qual mulher não sonharia naquele período com um homem assim? Um homem possivelmente diferente do finado marido dela, que educado por uma cultura patriarcal havia nela fecundado trinta e três filhos. Dona Toinha sempre dizia: “faz gosto um homem educado”. A viúva encantada pelo locutor fez o enxoval aguardando o dia em que aquela voz, entrasse de verdade na sua casa e lhe pedisse em casamento. Ela faleceu, levando com ela a magia das ondas sonoras do rádio. O rádio tem esse poder de criar desejos, mas também de produzir subjetividades. Quantos sentimentos e emoções o rádio proporcionou? A primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil ocorreu em 1922, e depois da primeira guerra mundial, mais precisamente, a partir dos anos 30, o rádio, tornou-se um instrumento cultural de entretenimento, sociabilidade e de massa<sup>107</sup>.

Com uma programação diversificada, o rádio operacionalizou os mais diversos sentimentos e atitudes. As rádionovelas eram uma atração de destaque nessa programação. As rádiosnovelas motivaram não só mudanças nas sociabilidades, mas levou também a idealização de dados comportamentos sociais e da produção de sentimentos para o feminino. Além disso, as rádionovelas, através da publicidade, abriram possibilidades para outra forma de produtividade cultural: o consumo. Andrade e Silva, (2008)<sup>108</sup> em um estudo feito em Fortaleza nos anos 50 e 60 do século passado, fez a seguinte constatação.

As radionovelas anunciavam os produtos eletrodomésticos, os programas de auditório sorteavam brindes que variavam da colônia Aqua-velva aos óculos ray-ban, os humorísticos distribuía o refrigerante Grapette e os radiojornais recebiam o patrocínio de grandes empresas. Os principais anunciantes eram lojas de departamentos, restaurantes, lanchonetes, farmácias e produtos

<sup>107</sup> Cf. O Rádio no Brasil disponível no site [www.locutor.info/.../A%20Origem%20do%20Radio%20no%20Brasil%20e%20no%20...visitado](http://www.locutor.info/.../A%20Origem%20do%20Radio%20no%20Brasil%20e%20no%20...visitado) em 10/01/2011.

<sup>108</sup> Andrade, Roberta Manuela Barros de. Silva Erotilde Honório: A sociabilidade em ondas sonoras: as audiências e o rádio dos anos 50 e 60 em Fortaleza. Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 23, n. 1, p. 7-16, jan./jun. 2008.

alimentícios. Locutores, apresentadores, radioatores e radioatrizes, homens e mulheres vindos da classe média e em alguns poucos casos até das classes populares passavam de anônimos a pessoas de sucesso, reconhecidos, admirados e aclamados nos clubes, nos bares, nos bailes e na rua ( p.9).

Na minha casa em Juazeirinho havia um rádio de marca SEMP, com caixa de madeira desenhada com fios dourados, e com quatro faixas. Nos domingos ouvíamos o clube do Papai Noel. O clube do Papai Noel era um programa radiofônico de auditório “[...] freqüentado pelo público no antigo auditório da Rádio Borborema no edifício São Lucas (esquina do calçadão da Cardoso Vieira, em Campina Grande)”<sup>109</sup>. Ele era comandado pelo radialista Eraldo Cesar com muitas brincadeiras infantis e distribuição de brindes.

Durante a semana e depois do almoço, na minha casa, as mulheres se reuniam na sala para ouvir as novelas radiofônicas. Lembro de uma delas, na qual marcou momentos de emoções na cidade era -“O direito de nascer”-<sup>110</sup>, mas popularmente conhecida por “Mamãe Dolores”, personagem negra da novela que ficara responsável para cuidar de Alberto, filho de Maria Helena, a qual havia sido engravidada por Alfredo, que abandonara, resultando no enclausuramento de Maria Helena no convento. O pai de Maria Helena passou a odiar a criança e a perseguiu por muito tempo, trazendo muitos transtornos para “Mamãe Dolores”.

A criança nascida fora do casamento, a mãe solteira confinada no convento, o abandono da noiva pelo noivo porque ela havia sido desvirginada antes do casamento, os castigos do pai da Helena à criança e os cuidados da negra ‘Mamãe Dolores’ para com a Alberto constituíam a trama da novela, que fora cerzida pela questão da honra e da desonra familiar. A personagem que lutava contra os códigos masculinos era

<sup>109</sup> Cf. o site disponível < <http://www.paraibanews.com/2008/05/28/prefeitura-homenageia-eraldo-cesar-criador-do-maior-sao-joao-do-mundo/> > visitado em Janeiro de 2011.

<sup>110</sup> O Direito de Nascer foi também exibida pelas emissoras TV Tupi e TV Rio entre 7 de dezembro de 1964 e 13 de agosto de 1965. Disponível no site <[http://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Direito\\_de\\_Nascer\\_\(1964\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Direito_de_Nascer_(1964))> visitado em 12 de Outubro de 2010. Foi a primeira telenovela de grande sucesso no Brasil com a participação de negros. O texto era uma adaptação de Talma de Oliveira e Teixeira Filho ao texto original do cubano Félix Caignet. A história da negra Dolores (Isaura Bruno) comoveu o Brasil. Disponível no site <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:9QoVaS7\\_4PoJ:virtualia.blogs.sapo.pt/29596.html+novela+mamae+dolores&cd=8&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:9QoVaS7_4PoJ:virtualia.blogs.sapo.pt/29596.html+novela+mamae+dolores&cd=8&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)> e visitado em 11 de Novembro de 2010.

‘Mamãe Dolores’. Ela havia criado e educado Alberto como filho que se tornou um excelente médico, profissão desejada para os filhos na época por muitas famílias.

Nas ondas sonoras do rádio as ações pedagógicas deveriam servir como exemplo para evitar a perda da virgindade. É bem verdade que as mulheres desvirginadas não eram mais despejadas em convento ou em asilos consideradas como doente mental como acontecia frequentemente no século XIX, resultante da ninfomania (ROHDEN, 2001)<sup>111</sup>. Essas e outras questões já haviam sido subvertidas pelas ‘mulheres modernas’, mas os perigos da desonra familiar e de ser uma mãe solteira eram os mesmos. A radionovela era uma ação pedagógica para o feminino, pois produzia sentimentos como o medo, a precaução e principalmente, os cuidados de si na relação com o masculino para não ‘cair na buraqueira’. Eram sentimentos associados à possível natureza feminina. Analisando os discursos médicos, Rohden (2001) descreve como a mulher do ponto de vista dos sentimentos era considerada:

A mulher é considerada mais sensível do que o homem devido a uma maior fragilidade. Isso significa que seus sentidos são mais delicados, que para ela as sensações são mais vivas. Seus olhos não suportam a luz forte por muito tempo e nem seus ouvidos agüentam o barulho de um canhão (p.118).

A justificativa de associar sensibilidade à fragilidade contribuía como ação pedagógica das diferenças entre os gêneros ao lidar com os sentimentos. Os sentimentos de tristeza, cumplicidade e raiva invadiam os lares da cidade e os corpos dos ouvintes femininos ao ouvir a trama da novela. Os meus irmãos além de não chorarem, riam das nossas lágrimas, pois homem deveria ser forte, conter a dor e as emoções. Expressar sentimentos não era ‘coisa de homem’. As mulheres tanto choravam por Maria Helena ter perdido seu filho e pelo seu enclausuramento no convento, como expressavam raiva pelo abandono de Alberto e o tratamento que o pai de Maria Helena dava a criança.

O homem era concebido como dotado de razão e a mulher, com os traços da emoção, esta última, estigmatizada como o avesso da primeira. Na casa, o espaço feminino, era também o da emoção. A emoção era representada como frágil, por isso ela deveria habitar o privado e o interior. Publicizar as emoções era ‘coisa de mulher’.

---

<sup>111</sup> A ninfomania era para os médicos do século XIX, uma manifestação inadequada da sexualidade, ou em outras palavras, era gostar demasiadamente de sexo. Eles davam vários diagnósticos para a ninfomania, como exemplo: a masturbação feminina, junto com outras mulheres; mulheres que ‘viviam como marido e mulher’, adultério etc. cf. Rohden, 2001, p.115/116.

O rádio transmitia as rádonovelas preferencialmente, ‘destinadas’ às mulheres, pois o homem não deveria ouvir novelas, elas estavam associadas às emoções, atributos dados historicamente à mulher. Os homens deveriam ouvir músicas, a transmissão de jogo e as notícias do Repórter Esso<sup>112</sup>. Eram entretenimentos que não desqualificavam a identidade masculina, ao contrário, reforçavam o ideal de uma masculinidade baseada na razão e na inteligência, atributos ‘naturais’ do homem, descritos pelo discurso médico, que fortaleciam um perfil masculino baseado na racionalidade.

Mas a música como entretenimento era uma fonte de expressão dos sentimentos. As músicas mais tocadas na cidade durante os anos 60 eram desde os estilos da bossa nova às românticas, como as de Agnaldo Timóteo e Agnaldo Rayol. As mais tocadas nos assustados<sup>113</sup>, eram as de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, como as músicas ‘Festa de Arromba’ e ‘Prova de Fogo’. A música interpretada por Jair Rodrigues no final dos anos 60 e que fazia muito sucesso era ‘Disparada’.

Algumas dessas músicas eram de protesto ao regime militar, mas na cidade de Juazeirinho esse era um tema que nos anos 60, talvez poucos tivessem conhecimento. A letra da música ‘Disparada’ além de fazer várias críticas ao regime militar, também idealizava o seu combatente, o masculino, o homem pronto para lidar com a morte e com o medo, usando a valentia e a força. Essa é uma das heranças típicas dos projetos de expansão das nacionalidades desenvolvidas no final do século XIX, no qual “[...] o campo de batalha era considerado a arena mais importante para modelação do corpo e do espírito de um legítimo varão (OLIVEIRA, 2004, p.28)”,<sup>114</sup> como nas estrofes da letra abaixo:

Aprendi a dizer não. Ver a morte sem chorar. E a morte, o destino,  
tudo. A morte e o destino, tudo. Estava fora do lugar  
Eu vivo prá consertar...

---

<sup>112</sup> O Repórter Esso era um noticiário radiofônico, e mais tarde televisivo, que iniciou suas atividades em 1941 com o apoio do então presidente Getúlio Vargas e tinha como perfil ideológico transmitir a propaganda norte americana sobre a guerra e mais tarde sobre a ditadura militar. O programa saiu do ar em dezembro de 1968. Disponível no site < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%B3rter\\_Esso](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%B3rter_Esso) > visitado em agosto de 2010.

<sup>113</sup> Eram festas realizadas em salas de estar ou nas garagens. Em Juazeirinho sempre acontecia nas salas de estar e um rapaz conhecido por ‘João de Joca’ era quem organizava. Como ele era bem mais velho e de muita responsabilidade, e como também as festas eram sempre realizadas as tardes, D. Toinha não fazia objeção para que as filhas frequentassem.

<sup>114</sup> Oliveira, Pedro Paulo de. A construção social da masculinidade- Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro; IUPERJ, 2004.

Na boiada já fui boi. Mas um dia eu montei. Não por um motivo meu  
Ou de quem comigo houvesse. Que qualquer querer tivesse  
Porém por necessidade. Do dono de uma boiada  
Cujo vaqueiro morreu...

Mas o mundo foi rodando. Nas patas do meu cavalo. E já que um dia  
montei. Agora sou cavaleiro. Laço firme e braço forte. Num reino que  
não tem rei.

Por outro lado, outro tipo de música fazia parte da programação radiofônica. Era uma música melosa, de composição de Teixeira, intitulada “Coração de luto”, mais tarde, apelidada de ‘churrasquinho de mãe’ que depois foi transformada em um filme com o título “Meu pobre coração de luto” (1967). A música conta a história de Teixeira e, se não era uma composição que compartilhava com o regime militar era por ele foi gratificado por criar novas sensibilidades, como o padecimento e o sofrimento de uma criança ao perder a mãe<sup>115</sup>, como uma produtividade sonora para evitar o envolvimento social e político de seus habitantes.

A música de Teixeira quando tocada pelo rádio atraía tanto adultos como crianças, dentro ou fora da casa. Concluída a música, as lágrimas banhavam os rostos das mulheres e das crianças. Os homens quando expressavam algum sentimento sobre a música de Teixeira era de pena, ou lamentavam o destino e a morte presentes na composição.

A música cantava a morte da mãe do compositor e tinha uma parte narrada por uma criança de nove anos que o representava. Ela construía uma representação da mulher na família como ponto de equilíbrio, como responsável pela sua existência. A morte feminina destruía a família. Era o fim do cuidado, do zelo e da proteção aos filhos, atribuições apontadas pelos discursos médicos no século XIX e consideradas típicas da natureza feminina. As emoções definiam as questões de gênero através das ondas sonoras do rádio. Se a programação do rádio funcionava como práticas de sociabilidade e como uma arte pedagógica, a ação cotidiana de vigilância de dona Toinha indicava a existência de uma honra liberta e uma honra vigiada na educação dos gêneros.

---

<sup>115</sup> Cf. Rossini, Mirian de Souza. O cinema popular de Teixeira: Um Produtor de Cinema Durante a Ditadura Militar. Disponível no site  
<<http://sitemason.vanderbilt.edu/files/I02YQ8/Rossini%20Miriam%20de%20Souza.pdf>> visitado em 11/10/2010.

## 10. A (des) honra liberta e a honra vigiada: os rapazes depois da ‘linha do trem’ e as moças embaixo dos lençóis

Os rapazes normalmente procuravam em suas aventuras prostitutas ou mulheres com quem não pensavam em firmar compromisso, como as chamadas garotas fáceis, galinhas ou biscates que lhes permitiam familiaridades proibidas às moças para casar.

(Carla Bassanezi- Mulheres dos Anos Dourados 2002)

Se os perigos para as mulheres nas cidades grandes, nas primeiras décadas do século passado, de acordo com discursos jurídicos, era a rua, (CAULFIELD, 2000) na cidade de Juazeirinho nos anos 50 era a ausência dos signos da modernidade, como a falta de energia elétrica e a água tratada. O corpo da cidade era tímido, acanhado, ainda para ser civilizado e higienizado. Não tinha água encanada e a energia funcionava a motor. Em quase toda cidade pequena do interior nordestino, antes da chegada da energia elétrica, havia um homem responsável para ligar e desligar o motor que fornecia luz à cidade. Em Juazeirinho, era ‘Zé do Motor’. Quando o relógio da igreja tocava 21 horas e 30 minutos, ele dava o primeiro sinal, apagando e acendendo as luzes da cidade, era o aviso de que quem quisesse permanecer no claro, as lamparinas deviam ser acessas.

Entre as nove e meia e as vinte e duas horas ‘Zé do Motor’ dava dois sinais, depois desligava o motor. De luzes apagadas, quase ninguém mais saía de casa, principalmente as mulheres, entretanto, parecia ser esta a hora que os homens estavam libertos, ‘soltos na buraqueira’ para fazer visitas ao ‘povo da linha do trem’. Assim, eram chamadas as mulheres que moravam em um espaço marcado pela fronteira onde passava o trem e o resto da cidade. Eram as prostitutas ou as ‘mulheres de vida fácil’, como eram nomeadas na cidade.

A prostituição foi um tema de grande debate entre os juristas, principalmente nas grandes cidades brasileiras nos anos vinte e trinta do século passado. Uma das questões levantadas na época dizia respeito ao controle e a localização da prostituição. Em 1930,

o jurista Nelson Hungria endossava a fiscalização e a segregação da prostituição “[...] sob a alegação de que a prostituição era necessária para defesa das mulheres honestas e que seu isolamento em zonas específicas protegia a moralidade pública (CAULFIELD, 2000, p.168)”.

Em Juazeirinho, esse espaço tanto era denominado como ‘zona’, como ‘linha do trem’. Era um bar, que vendia bebidas, tira-gosto e uma havia uma radiola para colocar música. Por trás do bar, havia um corredor com vários quartos, onde os homens ‘se deitavam’ com as mulheres. Era naquele espaço que os homens da cidade podiam aproveitar o silêncio do ‘motor desligado’ para fazer sexo e jogar para fora seus ‘instintos sexuais’, como se dizia popularmente na cultura da cidade. Era uma honra liberta em busca da ‘mulher errada’, sem honra para carregar em seu corpo.

A honra do homem só quem manchava era aquela nomeada de ‘mulher direita’. Mulher que ‘vivia na buraqueira’ não ameaçava a honra de nenhum homem. Ela já era desonrada. O homem precisava ‘desafogar’ e a saída era atravessar a fronteira: a ‘linha do trem’. Mas mesmo para os homens, as ‘visitas’ ao prostíbulo deveriam ser feitas com discrição, pois se a ‘linha do trem’ era lugar de prazer, era também de perigo, como a possibilidade de contrair uma doença venérea ou mesmo ser reconhecido na cidade como devasso, por isso, a necessidade de discrição.

Meu irmão mais velho (Sandoval) era um desses homens que prezava pelo respeito e fazia tudo para ser discreto. Ele botava um chapéu preto, um capote e atravessava a praça em direção ao cabaré. Fazia tudo para não ser reconhecido. Mas o guarda noturno que fazia a ronda na praça, caminho obrigatório para se chegar a zona, sempre o cumprimentava pelo nome, desmistificando a idéia da discrição masculina ao freqüentar o cabaré. Freqüentar o prostíbulo era uma exigência para ser reconhecido como macho, mas os homens higienizados deveriam fazer com uma certa discrição.

Diferente das moças donzelas que se aconchegavam debaixo dos lençóis e que sua honra estava sob a vigilância da família, as ‘mulheres da linha do trem’, eram aquelas consideradas desonradas, sem família, sem pureza. A elas, a exclusão social, a venda do corpo, a representação da virgindade ‘perdida na buraqueira’. Elas estavam excluídas dessa pedagogia familiar cotidiana, elas eram consideradas indisciplinadas, anormais, refugo social.

Para elas, outras pedagogias e códigos eram fundamentados para não contaminar o social, como por exemplo, ‘evitar’ de freqüentar à igreja na hora da missa, ir a feira,

preferencialmente, na parte da tarde para não constranger as ‘mulheres da sociedade’. Eram práticas higiênicas que regulavam o social. Elas eram o exemplo, de que as mulheres honradas, não deviam seguir.

Na cidade também não havia água encanada. Era uma cidade que não dispunha de fonte de água doce para beber. O açude que havia na cidade era de água salobra. Para beber, os moradores compravam água na porta da casa a vendedores que montados em burros, carregavam suas ancoretas com a água trazida do açude localizado no sitio Escurinha, próximo à cidade. A água consumida para lavar roupa, os banheiros e o quintal, era a do açude da cidade. Era a meninada, que correndo com latas na cabeça enchiam os potes e as vasilhas. A falta de infra-estrutura na cidade e a renda familiar insuficiente, também contribuía para que algumas mulheres tivessem que contribuir com esse tipo de trabalho. Eu adorava fazer essa tarefa.

Eu usava na cabeça, sob uma rodilha de pano, uma lata, que na bodega do meu pai era vendida com querosene. Depois de bem lavada a lata a gente fazia esse ritual e enchiam os potes artesanais, feitos de argila, e que ficavam no quintal cobertos por um ‘saco de açúcar’<sup>116</sup>. Era preciso ensinar as meninas a serem trabalhadeiras, dizia minha mãe. A vontade dos pais era que as filhas casassem com ‘homens de posses’ pois era uma das formas de ascender socialmente, mas era melhor ‘prevenir do que remediar’, então eles deveriam preparar as filhas para ter disposição para trabalhar, pois o ‘destino’ podia preparar um casamento com um homem pobre.

O açude era um local visitado por muitos homens, ou carregando água, tomando banho ou mesmo fazendo algum serviço para ganhar algum trocado. Não precisava encher a lata toda, dizia minha mãe, para não molhar o vestido, mas sua intenção era que o corpo não fosse mostrado. A água escorrendo entre as linhas do corpo mostrava a silhueta e a pureza que deveriam ser guardada para o futuro marido. O vestido era do tipo ‘tubinho’ e quando ele estava molhado e colado ao corpo, era pura sensualidade. Era preciso cuidar e proteger o corpo que foi pedagogizado durante toda uma vida. A água parecia mostrar a pureza que a pedagogia dos corpos queria esconder. A honra não podia nem ser arranhada.

---

<sup>116</sup> Eram sacos de tecido grosso usados no período colonial para fazer as roupas dos escravos. Agora eles eram lavados e serviam para cobrir os potes e fazer panos de prato. Eles tinham capacidade para 60 kilos de açúcar que era pesado e enrolado para vender na bodega.

Minha mãe também tinha outros cuidados com o corpo das filhas mulheres quando iam buscar água. Não podia tomar banho no açude, lá havia ‘homens desocupados’ como voyeur de ‘olho’ nas meninas. Eu, usando de astúcia pegava um prego e fazia um pequeno furo na parte inferior da lata para a água escorrer e molhar o corpo. Assim eu tomava banho no açude e ela pensava que o vestido estava molhado devido a lata está furada. Ela botava um pedaço de sabão para tapar o buraco e eu voltava a furar a lata em outro lugar. O cuidado com o corpo significava, para ela e para as famílias de ‘bem’, a prevenção, a vigilância sobre ele. O ideal era mantê-lo intacto preservando-o para o casamento e para a maternidade.

Se sob o clarear das lamparinas, o feminino estava sob controle, nas festas e nas experiências dos namoros, a ‘honra era cutucada com vara curta’, através de algumas intimidades. Sobre as festas, como já foi dito neste texto, além de se constituir como um lazer era o lugar onde havia a possibilidade de arrumar um namoro e quem sabe, um casamento. O perigo estava em ceder aos encantos dos prazeres e das intimidades.

## 11. ‘Cutucando a honra com vara curta’: os limites das intimidades nas festas e nos namoros

Uma moça conhece um rapaz, dele se enamora, e poucas semanas depois já concedeu as intimidades, sem refletir nas conseqüências dolorosas que terá  
(Pequenas Moléstias da Alma - Revista Grande Hotel, 1964)

Eu e minhas irmãs participávamos das festas da cidade, mas era sob controle da família. Eu não podia participar sem a companhia, de pelo menos, um dos meus irmãos. Os irmãos substituíam dona Toinha para que as filhas não ‘passassem do limite’. A gente tinha que seguir um verdadeiro manual de comportamento. Quando meus irmãos decidiam o horário de voltar para casa ‘não tinha nem que resmungar’, afirmava ela. Eles foram educados para serem nossos protetores, vigilantes da honra da família, principalmente nos espaços públicos, como nas festas e na ausência dos pais.

Lembro que em uma das festas que aconteceu no clube da cidade, dona Toinha autorizou nossa presença, mas acompanhada de dois irmãos, com uma recomendação: ‘voltar para casa com aquele que primeiro saísse da festa’. Quando a festa estava ficando ‘boa’, José, um dos meus irmãos, resolveu encerrar a noitada. Eu e minhas irmãs resolvemos ficar na festa e só voltar acompanhada de Toinho, o outro irmão gêmeo de José. Quando chegamos a casa, ela estava na porta com uma sandália na mão e foi batendo nas nossas pernas. Entramos na casa correndo pelo corredor que dava acesso ao quarto. Eu fui a primeira a entrar e vi em cima da cômoda, a palmatória, instrumento cruel, de cor preta, para disciplinar, pelo medo e pela dor a desobediência aos ensinamentos familiar.

Peguei a palmatória e escondi entre as mais de duzentas revistas<sup>117</sup> lidas por ela, que tinham na parte inferior da cômoda. Minha mãe não teve como nos bater, ficando muito irritada e dizendo que no dia seguinte haveria como descobrir quem tinha feito a ‘traquinagem’. Além de uma traquinagem, era uma astúcia para burlar a pedagogia familiar. Se por um lado, havia o cuidado com o trânsito da mulher no espaço público, por outro, era com muita freqüência, que nas festas, as filhas mulheres deveriam arrumar um casamento, por isso não havia o impedimento de proibir o acesso delas às festas.

A questão era obedecer a sua autoridade e aos códigos de conduta ensinados por ela, para preservar a honra feminina, enquanto isso, meus irmãos por serem culturalmente ‘imunizados’ destes códigos, não passavam por essa experiência de disciplinarização. Mas era nas festas, que as mulheres poderiam paquerar, dançar, segurar as mãos do masculino e se permitir os beijos; e quem sabe um beijo na boca, um abraço e um sarro às escondidas. Era uma forma de praticar os desejos e dá uma ‘atiçada na honra’. Era uma astúcia produzida pelas que as mulheres: ‘cutucar a honra com vara curta’.

Como toda cidade do interior do Brasil, as festas de padroeira eram o seu cartão de visita. Eram nelas, que as moças investiam em um possível namoro e quem sabe, em um possível casamento. A cidade de Juazeirinho recebia visitantes das regiões vizinhas e até de Campina Grande, segunda maior cidade da Paraíba. Algumas mulheres

---

<sup>117</sup> Na época comprávamos as seguintes revistas: O Cruzeiro, Sétimo Céu, Fatos & Fotos, Contigo, Ilusão e tantas outras. Nessas revistas era possível ler as novelas que faziam sucesso no rádio e na TV, como também apresentava a vida dos artistas da época.

passavam o ano todo projetando a roupa, o calçado novo e o encontro com o ‘príncipe encantado’.

Além das famosas orquestras que animavam os pavilhões, havia as alvoradas às cinco horas da manhã. O povo da cidade era acordado com os músicos tocando nas ruas da cidade. O povo saía às portas para aplaudi-los e vê-los passar. Uma das minhas irmãs foi rainha de uma dessas festas. Saíam homens e mulheres na zona rural, arrecadando fundos, como galinha, peru, jerimum, e tantos outros alimentos que eram vendidos para a festa. A mulher que conseguisse a maior quantia em dinheiro era eleita a rainha da festa. Na época não havia interesse em saber o destino dos bens arrecadados, o importante era ficar com o título de rainha, pois a mulher só tinha acesso a dois: o de ‘rainha do lar’ e o de ‘rainha da festa de padroeira’.

Eram os homens que possuíam dinheiro, como os fazendeiros da região, os políticos e os comerciantes da cidade que arrematavam as galinhas recheadas e os salgados. Eles não só saboreavam os quitutes, como os presenteavam às mesas de outras famílias. As mulheres ou eram acompanhantes e dependentes desses homens, ou eram garçonetes da festa trabalhando voluntariamente, com a exceção da condição de ‘rainha’, que era muito requisitada. As moças da cidade, em geral, não tinham emprego, e como não podiam culturalmente sentar sozinhas em uma mesa sem a presença masculina, pois este era considerado um comportamento indigno de uma mulher, restava-lhes o convite dos irmãos casados ou dos vizinhos que estavam acompanhados de suas esposas.

As aproximações, entre os rapazes e as moças, nas festas de padroeira era comum ocorrer através dos famosos bilhetes que circulavam de mesa em mesa do pavilhão<sup>118</sup> através dos garçons. As moças tanto mandavam como recebiam os bilhetes dos rapazes e sempre pedíamos sigilo ao garçom, o que naturalmente acontecia o contrário e o destinatário logo sabia quem o havia enviado. Outra forma de paquera era pelo oferecimento - anônimo - de uma música, pela difusora da cidade, para o pretendente ou a pretendente. “Atenção ‘fulano de tal’ que está com uma camisa azul ‘volta ao mundo’ e calça preta, aceite essa música de ‘alguém’ que está apaixonada por você”.

---

<sup>118</sup> O pavilhão era um galpão enorme construído, em geral, em frente à igreja. Nele se colocava as mesas, as cadeiras, o palco da orquestra, o serviço de Buffet e a difusora da cidade. Ao lado desse pavilhão ficavam os parques de diversão para as crianças.

Nos ‘assustados’<sup>119</sup>, nome das festas que eram realizadas pela juventude nos anos 60 e 70, sempre no horário da tarde, se realizavam na casa de um dos rapazes ou moças da cidade. Eram festas mais libertas, pois sempre havia a possibilidade de uma intimidade, que em geral, era proibida quando namorávamos em casa. Os assustados sempre eram realizados na casa de uma das moças ou rapazes da cidade que representasse confiança, senão os pais não permitiam. Os rapazes levavam a bebida, que em geral era a Montilla, ou uma batida de alguma fruta e, as mulheres levavam salgados, e, como bebidas, levavam refrigerantes. As mulheres, algumas delas, usavam vestidos tipo tubinho ou saias um pouco acima do joelho. Os cintos de fivela eram cobertos com o tecido do próprio vestido e era o acessório mais usado, elem dos tradicionais brincos. Os sapatos ou sandálias deveriam combinar com a cor do vestido. Os rapazes usavam calça tergal, mas já havia o uso também do jeans, e alguns já possuíam a camisa ‘volta ao mundo’.<sup>120</sup>

Aqueles rapazes que bebessem, além das festas comemorativas, dos assustados e jogassem sinucas eram considerados pelos pais como ‘impróprios’ para casamento. Os critérios para namorar os rapazes da cidade era observar a procedência familiar e se não possuíam vícios. A honra da família era o que defina a escolha tanto do homem como da mulher. Assim, quando as moças insistiam em um namoro com um rapaz que tivesse ‘esses vícios’, havia a pressão sobre elas para acabar o relacionamento e algumas delas, fugiam com o namorado.

As festas eram também espaços públicos de sociabilidade onde tudo começava. Era um flerte, ‘um olho no olho e uma forte batida no peito’. O flerte, era no início do século XX, segundo Esteves (1989), mas também nos anos 60, na minha cidade:

[...] um conjunto de olhares e gestos, significando interesse por alguém. Apesar das inquietações dos moralistas, não escandalizava tanto os preocupados pais e era aceito como uma iniciação necessária. [...] Não dúvida de que a novidade permitia à mulher uma maior participação e escolha no início do namoro, sem contudo nunca ser permitido ultrapassar as normas do recato (olhares e sinais discretos dentro de limites e padrões pré-definido (p.140-141).

<sup>119</sup> “Dançar solto” ou agarradinho era um dos melhores programas nos fins de semana de meados dos anos 70, a era de ouro dos chamados “Assustados” (festas realizadas em salas de estar ou garagens), que reuniam os jovens do bairro e muitos “penetras” da vizinhança. <[http://www.jornalonorte.com.br/2009/07/24/show2\\_0.php](http://www.jornalonorte.com.br/2009/07/24/show2_0.php) visitado em 10/04/2010.>

<sup>120</sup> Era um tecido sintético e leve e teve sua culminância no final dos anos 60 e início dos anos 70.

O flerte constituía o início da cultura do namoro, assim como o noivado era um compromisso assumido pelos noivos para um futuro casamento. Na cidade, moças ou rapazes que noivassem mais de uma vez eram representados como ‘namorador ou namoradeira’, expressão pejorativa para o masculino e feminino. Mas não era representado assim por todas as famílias. Na minha, por exemplo, não havia essa rigidez, Elizete, minha irmã, noivou três vezes. Era uma prática para ir conhecendo o futuro marido e saber se estava preparando seu futuro com cuidado.

No cotidiano, durante o dia, a rua principal da cidade era reservada ao trabalho. Os homens na rua e, as mulheres em casa, quando chegava a noite ela era praticada por outros tipos de experiência, como o passeio das moças e dos rapazes que queriam paquerar. Os rapazes ficavam na frente das lojas, das mercearias e das casas de sinucas, aguardando o cortejo. As moças (re) praticavam os espaços, caminhando com seus vestidos acentuados na cintura, de cores vivas, anunciando de forma dissimulada os desejos, a paquera e um possível namoro. Esse ritual era o cotidiano das noites na cidade, em que a mulher era considerada a caça, e o homem, o caçador. Era a teatralização da sedução entre o masculino e o feminino, marcada por uma educação, na qual, o masculino era considerado ativo e o feminino passivo, mas também, burlada pelo feminino ao sair à caça para paquerar. “A garota deveria fazer parecer que a iniciativa vinha do rapaz: “Ela pode conquistá-lo dando a ilusão de que está sendo conquistado”. Vemos que, ao menos nas aparências, o poder masculino era mantido (BASSANEZI, 2002, p.614)”.

Os homens deveriam ser seduzidos pelo olhar, pelo andar, pelo balançar das ancas femininas, mas eram eles quem exercia a função de se aproximar e iniciar um namoro, eram as prerrogativas do modelo de conduta reservado para o masculino, e também, era a mulher possuidora de atitude desonrosa se deste lugar se apropriasse. O homem deveria se controlar e exercer sua racionalidade para não ‘cair em algumas tentações’. Não era comum uma moça tomar a iniciativa de começar um namoro e se tivesse ‘esse atrevimento’ ela era considerada ‘mulher falada, fogosa, atrevida’, atributos desqualificadores para uma moça ou mulher honesta. Além disso, a mulher por representar a natureza, de acordo com os discursos médicos, tinha na sedução o artifício

de arrastar o homem para a cópula, como afirmara Schopenhauer, apud Albuquerque Jr.<sup>121</sup>

[...] por representar a natureza, por ter a missão de propagar a espécie, de parir, a mulher usaria de todos os estratagemas para arrastar o homem para a cópula, para a carne, retirando-o de suas tarefas mais elevadas, as tarefas do espírito, as tarefas da razão, do cérebro, para as quais as mulheres estariam menos preparadas (p. 3/4).

Quando as mulheres subiam e desciam a rua principal da cidade nesse ritual de paquera, ouvi muitas vezes das senhoras, sentadas nas calçadas a insinuação, através de enunciados de que ‘fulana tá doida prá se perder’<sup>122</sup>, ou ‘ela passa por ele se rebolando, depois...depois’<sup>123</sup>. Era a provocação praticada por representações que indicavam que esse ritual poderia culminar com a desvirginização, ou seja, representava a perda, a desvalorização da mulher. Além disso, a virgindade era uma das formas de valorizar a honra. Honra e virgindade eram pares indissociáveis para preservação da honestidade feminina, na qual, estava associada à fidelidade ao masculino.

Tanto para os homens como para as mulheres também aconteciam os mesmos procedimentos de paquera, embora não houvesse nenhum problema se o homem tomasse a iniciativa de chegar até a mulher e falar namoro. Às vezes não acontecia quando o homem era tímido. Já a mulher, ao contrário, as práticas discursivas para que ela subjetivasse, era o de esperar, a atitude do homem. A mulher não deveria passar dessas práticas discursivas subjetivadoras, senão ficava uma ‘mulher falada’.

O homem era considerado o caçador, enquanto a mulher era considerada a caça. Se no primeiro dia de namoro, a moça deixasse o homem pegar na sua mão era considerada uma ‘mulher fácil’, corria o risco dos homens se afastarem e fracassava a possibilidade de começar um namoro. As mulheres ‘tinham que ser difíceis’ para que o namoro vingasse e aventurasse um bom casamento. Elas eram consideradas nas relações

---

<sup>121</sup> Albuquerque jr, Durval Muniz de. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. Disponível no site < <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm> > visitado em julho de 2010.

<sup>122</sup> “Se perder” na linguagem coloquial da minha cidade estava associado a ‘perder’ a virgindade. Linguagem que se referia somente às mulheres.

<sup>123</sup> A insinuação, ‘depois/ depois’ funcionava como um alerta para não ‘perder a virgindade’.

de gênero, as que provocavam e iludiam o homem com seu cheiro, com seu batom, com suas ‘cruzadas de pernas’<sup>124</sup>.

Namorar já era indicio de um compromisso. A moça não se deveria levar um rapaz em casa se não tivesse a certeza de suas ‘intenções’. Os namoros na minha casa aconteciam sob vigilância. O rapaz tinha que chegar até, no máximo, sete horas da noite e às dez horas, já deveria se despedir; além disso, essa frequência deveria ser agendada: às sexta-feira e nos sábados à noite. Às vezes, dona Toinha perguntava a hora para o namorado das filhas como uma forma de expulsá-lo e algumas vezes, nós a adulterava para burlar o seu controle exercido pelo relógio.

Além disso, a sala da minha casa era um espaço com perfil de uma arquitetura panóptica (FOUCAULT, 1997)<sup>125</sup> no qual contribuía para a vigília dos namoros. Na entrada da casa tinha uma porta que já dava acesso direto à sala de visita onde ficava o sofá com nome de namoradeira. Em frente ao sofá, havia uma porta de madeira do quarto dos meus pais. Era uma porta auxiliar, pois a principal encontrava-se no corredor que dava acesso à sala de visita e ao resto da casa. Era uma arquitetura de vigilância onde minha mãe podia vigiar, sentada em sua cama, que dava para ver o sofá, os namoros das filhas, embora ela usasse da astúcia, fingindo que estava lendo as revistas.

A casa tinha três quartos, dois no interior e um no exterior do espaço principal da casa. O quarto das mulheres ficava colado ao quarto dos meus pais, onde eles podiam ouvir até nossa respiração enquanto dormíamos, pois os quartos eram divididos com uma meia-parede. O quarto dos homens, por ser externo, possibilitava mais liberdade e um menor controle dos pais sobre eles.

As ‘intimidades’ entre um homem e uma mulher só deveriam ocorrer depois do casamento, enquanto maior a distância entre os corpos, maior a segurança e a preservação da honra feminina, do seu corpo e de sua ‘pureza’. As intimidades, como um beijo, um abraço ou um ‘sarro’ só às escondidas. Na frente dos pais e do público, a

---

<sup>124</sup> Lembro-me que certa vez, dona Toinha em uma cena de ciúmes de seu Nené com uma senhora que trabalhava na nossa casa, afirmava que ela estava com os ‘beijos encarnados’ e ‘jogando baforadas’ do cigarro para provocar e se insinuar para ele. Representação considerada por ela como de provocação.

<sup>125</sup> O Panóptico “[...] tem seu principio não tanto numa pessoa como numa certa distribuição concertada dos corpos, das superfícies, das luzes, dos olhares; numa aparelhagem cujos mecanismos internos, produzem a relação na qual se encontram presos os indivíduos [...] Pouco importa, conseqüentemente, quem exerce o poder. Um indivíduo qualquer, quase tomado ao acaso, pode fazer funcionar a máquina: na falta do director, sua família, os que o cercam, seus amigos, suas visitas, até seus criados [...] Quanto mais numerosos esses observadores anônimos e passageiros, tanto mais aumentam para o prisioneiro o risco de ser surpreendido e a consciência inquieta de ser observado. Foucault (1997, p:167)”

gente só deveria pegar na mão, entretanto, longe dos olhares disciplinares, havia as burlas. Lembro que eu estava me despedindo de meu namorado e quando ele me deu um beijo, dona Toinha viu a nossa sombra pelo vidro da porta. Foram muitos sermões por conta dessa intimidade considerada imoral.

Quando uma moça ‘fugia’ com seu namorado mesmo que sua virgindade fosse preservada, ela tinha que casar, pois estava em jogo o nome da moça e da família. Ninguém acreditava que passar uma noite fora de casa com um namorado não acontecesse a desvirginização. Muitas vezes havia a pressão do homem para a moça ‘ceder’, mas havia um controle social, praticado pelos conselhos para as moças, que eram publicados pelas Revistas que circulavam na época:

**Moreninha Indecisa:** Ele diz que não o amo, e que se eu não ceder aos seus caprichos, me abandonará.

Fique certa que, se você ceder, ele a abandonará um dia, talvez com um filho no braço! Não seja bobinha, minha querida esse rapaz é um aproveitador e você não deve ceder absolutamente. Prefira terminar tudo e esquecê-lo, conservando sua dignidade e sua pureza. Se ele alegar que quer mesmo casar-se, então que se case ANTES. Tome cuidado! Não cometa uma tolice da qual fatalmente se arrependeria mais tarde! (p.48)<sup>126</sup>

Este era um momento, no qual, a honra era ‘cutucada com vara curta’ correndo o risco de destruir toda a educação dada às moças, mas era usada como uma astúcia no processo pedagógico. Os conselhos da revista acima indicavam que não bastava a promessa de casamento, a moça tinha que ‘se segurar para não se entregar’ ao homem. Perder a virgindade corria o risco de ser abandonada e ficar falada. Diferente da mulher, a honra do homem tinha relação com sua virilidade e com o seu trabalho, enquanto mais viril e trabalhador, mais honrado.

Em um casamento que não aparecesse filhos, a mulher era culpabilizada, era considerada infértil. Uma de minhas irmãs nunca teve filhos e até hoje recebe essa responsabilidade por parte do marido. Fonseca (2004)<sup>127</sup> em suas pesquisas, constatou como é forte a noção de virilidade na honra masculina:

<sup>126</sup>Revista Capricho, Junho de 1961.

<sup>127</sup> Fonseca, Claudia. Família, fofoca e Honra - Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares 2.ed. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

Explica-se assim a indignação de um jovem marido quando soube que uma vizinha quis comprar o bebê que ia nascer de sua mulher. Nesse caso, reafirmou sua virilidade publicamente oferecendo seus serviços para pessoalmente engravidar a vizinha (p.16).

As mulheres na minha cidade começavam a namorar muito jovem para também casar em tempo de parir, pois se assim não fizesse ficavam ‘pra titia’. Mulheres depois de 25 anos já estavam ficando ‘madura’. A cidade não oferecia muitas oportunidades para o trabalho, as escolas só ministravam até à oitava série e os homens solteiros da cidade não tinham perspectivas de ser o provedor da família, idealização de um perfil masculino para um casamento higiênico. Alguns homens ajudavam os pais no comércio ou na agricultura.

A expressão ‘ficar pra titia’ muito usada na época significava que o casamento para a mulher ainda tinha como principal objetivo a reprodução. A mulher, não deveria ficar ‘pra titia’, pois significava que o sistema reprodutivo feminino estava envelhecido, o que, não correspondia às prescrições higiênicas da familiar nuclear. Então ficar ‘pra titia’ era cuidar dos sobrinhos. Diante dessa leitura do corpo feminino, havia uma verdadeira luta das mulheres para conseguir um ‘bom partido’ para levá-las ao altar. Em geral, esses ‘bons partidos’ tinham que ser de fora da cidade.

Havia ainda, as representações que qualificavam e desqualificam o feminino, a partir do corpo: as mulheres direitas e honradas e as mulheres faladas e desonradas. As primeiras, se solteiras e virgens eram honradas para o casamento; se casadas, deveriam honrar o marido. As segundas, se solteiras, faladas e desonradas, haviam sidas desvirginadas; se casadas, faladas e desonradas, haviam traído o marido, portanto traidora da instituição do casamento.

O casamento era concebido, como uma lei natural, para assegurar as práticas da reprodução e o exercício da sexualidade, só assim, as práticas sexuais eram consideradas socialmente legítimas<sup>128</sup>, pois qualquer forma de sexualidade fora do casamento era socialmente ilegítima. No caso da infidelidade conjugal, era concebida como crime contra a família, embora a normatização social, sobre a infidelidade masculina, protegia-o e muitas vezes, ignorava. Diferente quando a infidelidade fosse praticada pela mulher, ela não só ficava falada, como muitas vezes, era condenada

---

<sup>128</sup> A sexualidade socialmente legítima, de acordo com as normas sociais, eram aquelas praticadas por heterossexuais casados, as demais, como as vivenciadas por homossexuais e as práticas consideradas como prostituição, eram ilegítimas, embora essa última ainda era tolerada desde que longe das mulheres honradas e dos ambientes higienizados.

judicialmente, ou em casos extremos, era violentada pelo marido, muitas vezes, com a perda da vida.

Casei-me com 16 anos de idade e não era comum nos anos 60 e na minha cidade uma pessoa de família simples como a minha, casar e continuar os estudos, menos ainda, se fosse mulher. Por outro lado, as mulheres que ‘fizessem a opção’ pelo casamento deveriam ser dona de casa e ter filhos, ou seja, muito dificilmente, ‘abraçavam’ as atividades consideradas públicas e a carreira acadêmica. Assim, a saída era ser ‘dona de casa’.

No casamento, outro poder aliado do discurso médico, era o jurídico. Entre tantas funções na instituição familiar, ele defendia a honra da família, o que na verdade era a honra masculina. O discurso jurídico deveria funcionar para operacionalizar e proteger a higiene da moral familiar, quando fosse burlada a normatização social. Nesse sentido, os códigos, civil e penal brasileiro, eram considerados constituintes e parceiros para proteger a família como uma estratégia para edificar a nação pela moralização da família.

## 12. Burlando o valor da honra pela ocasião: fugindo para casar

Eu vou dar um conselho a Todo pai de família/Não consintam suas “fias”/Levar fogo aos cigarristas/Não entregar do tição/É que corre todo o perigo/O moço pergunta a moça:/Você quer casar comigo?/A moça dar uma volta/Que parece parafuso Você peça para o papai/Se ele não quiser eu fujo/Oh, moça, você me diga/Onde vou-lhe esperar?/Lá na porteira da esquina/No pé de maracujá/Mamãe que grande calor/Que eu não posso nem me deitar/Queria tomar um ponche/Vou ver o maracujá/A velha lhe	respondeu/Já prevenindo o futuro/Eu não sei como Maria/ Acha as coisas no escuro/O que eu digo nesta casa/Minha mãe só desconfia/O maracujá pro ponche/Eu apanhei ao meio dia/Má velha entre p’ra dentro/Que são horas de deitar/Estou esperando Maria/Foi ver o maracujá/A velha entro p’ra dentro/Alí rezou as aves Maria/Quando saiu pra fora/Foi chamando por Maria/Se alevante sinhô velho/Se inda hoje não dormiu/Vamos procurar Maria/Com certeza já fugiu/O velho saiu de dentro/Já com a peia na	mão/Venha cá senhora velha/Venha pegar seu quinhão/Meus Deus, que grande tormento/Neste mundo inda eu não via/ Eu ser uma mulher véia Apanhar por uma “fia”/O velho acabou de dar/Ficou com uma peia na mão/Venha cá, Joana e Chiquinha/Levar também o seu quinhão/Se meu pai inda me der/Por qualquer uma mana mia/Eu prometo em suas barbas/Lhe fazer outra branquinha/Se você arreparasse/Nossa filha não fugia/Isso mesmo e o que acontece/Com a mãe que alcovita a “fia”.
--	---	--

ROMERO, Silvio. **História da literatura brasileira**. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945, p. 185-189.

Santana (2009)<sup>129</sup> ao analisar o rapto de moças para casar na Paraíba durante o século XIX e parte do século XX afirma que nas suas pesquisas as moças não eram apenas vítimas mas “[...] também desejanter e participantes do planejamento e da

<sup>129</sup> Santana, Rosemere Olimpio de. Os raptos consentidos e o cotidiano das cidades – o papel das festas – na Paraíba do período imperial. Revista de História e Estudos Culturais Abril/Maio/junho de 2009.vol. 6 Ano VI n° 2 ISSN 1807-6971 disponível no site [www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br). visitado em outubro de 2010.

execução dos raptos (p.3)”. È o que ela chama de rapto consentido “[...] caracterizado pelo consentimento da moça sob promessa de casamento por parte do raptor” (p.4).

Na minha família duas mulheres casaram fugidas. Eu e Elizete. O casamento deveria ser realizado imediatamente, estava em jogo a honra da família. Eu fugi em abril e casei em maio de 1969. Minha irmã fugiu na festa de São João de 1970 e casou uma semana depois, na festa de São Pedro. Se houvesse a recusa do rapaz para não casar, o caso parava na delegacia, pois ao homem caberia manter a honra da moça, assumindo que tirou sua virgindade e o ao mesmo tempo manter o seu nome como honrador dos compromissos sociais e morais.

Fugir para casar, era uma astúcia, em geral, usada para contrariar os interesses dos pais. Depois da fuga, os pais tinham que concordar senão manchava a honra da família, pois, a moça teria ‘ficado a sós’ com o namorado e perdido a virgindade. Era uma forma de pressão para a família aceitar o casamento, também era considerado um crime sexual, caso fosse denunciado (SANTANA, 2009). Quando havia acordo entre as famílias a fuga culminava no casamento sem ser necessário abrir um inquérito.

Eu ainda ia fazer 16 anos, estudava em Campina Grande e morava na casa de um dos meus irmãos casados. Minha mãe, que havia proibido o namoro entre eu e o meu namorado, descobriu que nós ainda estávamos nos encontrando e me levou de volta para minha cidade, utilizando de sua governabilidade e da pedagogização que ela havia praticado sobre as filhas. O estopim dessa decisão foi eu ter ido ao cinema, em uma tarde de domingo com o namorado e uma amiga, assistir o filme de Roberto Carlos, “Em Ritmo de Aventura”, burlando a disciplina do comportamento pedagogizado por ela.

Além de burlar os códigos de comportamento e sentir a liberdade de estar a sós com o namorado, era também, estar na rua, espaço infectado e não concebido para uma ‘moça donzela’, pois corria o risco de ‘ficar falada’. Essa era a moral que norteava a honra defendida nos discursos jurídicos nas primeiras décadas do século XX e que ainda soava forte nos anos 60, pelo menos na minha cidade.

A empresa Camargo Correia<sup>130</sup>, na qual meu namorado trabalhava estava fazendo a BR-230 no sertão e um dia ele voltava do trabalho e nos encontramos em frente ao colégio e ele me propôs a fuga e eu aceitei. Na época era muito comum, as moças

---

<sup>130</sup> A empresa Camargo Correia asfaltou a BR-230 no trecho Campina Grande -Patos- Cajazeiras quando João Agripino de Vasconcelos Maia Filho foi governador da Paraíba de 31 de janeiro de 1966 a 15 de março de 1971.

saírem às escondidas para casar porque os pais não aceitavam o namoro. Os códigos de higienização para as mulheres fazer um bom casamento era o rapaz ser de ‘boa família’, ter um bom emprego, de preferência ter profissão estável, como advogado, comerciante, médico e, principalmente, não ter vícios. Meu namorado tinha 19 anos, era torneiro mecânico e filho de família modesta, não correspondia a este perfil idealizado pela minha família, além disso, gostava da vida boêmia. Eu e o namorado fugimos em um ônibus de linha intermunicipal que vinha do sertão com destino à Campina Grande. Fugi com o uniforme escolar.

Para Gnaccarini (1989)<sup>131</sup> analisando as experiências de comunidades rurais no interior de São Paulo, na primeira metade do século, afirma também ser esta situação um “rpto consentido”. Para as comunidades estudadas pelo autor, o rpto das ‘donzelas’ ocorria muitas vezes para economizar despesas com o casamento ou então porque algum membro da família da moça não ‘simpatizava’ com o rapaz. Além disso, muitas vezes, casados, iam morar na casa da sogra, pois não estavam preparados financeiramente para assumir o casamento. Tanto era uma tática para burlar as interferências familiares nas relações afetivas, como para fazer um casamento fora dos padrões culturais exigidos socialmente, como as despesas com as festas, etc.

Chegando à cidade de Campina Grande pedimos parada ao motorista do ônibus no Colégio Estadual Elpídio de Almeida. Lá pegamos o ônibus que conduzia os estudantes para a cidade de Pocinhos, terra natal do meu namorado, embora ele morasse em Campina Grande com os pais. Ele pediu ao primo e a sua esposa para que me hospedasse, enquanto isso, ele foi dormir na casa de outro parente, exigência de seu primo para preservar a minha honra e a da família dele.

Enquanto isso, minha família, principalmente os meus irmãos, já estavam a minha procura, acompanhados por um senhor da minha cidade, chamado ‘Neco da Aguardente’, tipo um ‘segurança pessoal’ que cuidava da segurança de meu irmão mais velho, no seu armazém. A presença deste ‘senhor’ servia simbolicamente como uma ameaça, caso o conflito pela ‘salvação’ da honra não fosse resolvido entre as famílias. Descobriram o endereço dos pais dele em Campina Grande e de lá foram para a cidade de Pocinhos. Era a caça ao masculino para que ele cumprisse sua obrigação e manter limpa a honra da família Câmara de Araújo.

---

<sup>131</sup> Gnaccarini, José César. O rpto das donzelas. Tempo Social- Rev. Social. USP, S. Paulo, 1(1): 149-168, 1.sem. 1989.

Meus irmãos e minha mãe diziam-se envergonhados. Era a honra que estava em jogo. Embora estivéssemos cinquenta anos à frente da efervescência do debate sobre a honra como crime sexual, a honra nos anos 60 na minha cidade ainda tinha o seu valor como o cimento da moralidade familiar. Este era mais um dispositivo discursivo que contribuía para servir de base para família, e como afirma Caulfield (2000) e a família como base da nação.

Como eu havia passado a ‘noite fora de casa’, minha mãe, marcou a data do casamento para maio de 1969, um mês depois. Eu havia conhecido meu namorado nas férias de dezembro de 1968, em maio já estava casada. “Era melhor casar com um negro e cachaceiro do que ficar falada na boca do povo”, dizia ela. Se nos anos 20 do século passado o valor da honra era atravessado pelas questões de classe e raça, nos anos 60 era pela moral da família que o valor da honra era praticado. Dona Toinha ‘salvou’ a honra da família com a exigência da realização do casamento e confiou na educação que havia me dado para cuidar da família.

Não adiantava falar para minha mãe que não tinha havido a desvirginização, o importante era manter a salvo a honra e evitar que sua filha ficasse ‘falada’: “ninguém acreditava que uma moça tenha passado a noite fora com um homem e tenha voltado para casa, virgem; se não casar, vai ficar ‘falada’, afirmava ela. Ficar a sós com um homem uma noite estava associado simbolicamente à desonra. Era muito comum na época, haver casamentos para ‘limpar a honra’, e se não fosse consolidado a moça ficava ‘falada’. Esta expressão significava que a ‘moça’ não era mais virgem e, portanto não deveria ser mais respeitada.

Os discursos médicos e jurídicos junto à educação familiar elaboravam subjetividades para empreender uma nova ordem social. Uma nação sadia, próspera, civilizatória dependia de um perfil de família em que a honra fosse respeitada. Casada eu deveria colocar em prática a pedagogia de mulher honrada, honesta e prendada.

A medicalização social contribuiu para edificar um conjunto de procedimentos sociais que definiam o perfil da sociedade civilizada. A civilização, como um projeto da modernidade, também passava pela higienização do namoro, do casamento e da família, contribuindo para criar valores que deveriam ser normatizados socialmente.

### 13. “Prometo não sair dos trilhos até casarem os filhos”: a vida em matrimônio

#### O Casamento dos pequenos burgueses (Composição- Chico Buarque)

Ele faz o noivo correto/E ela faz que quase desmaia/Vão viver sob o mesmo teto/Até que a casa caia/Até que a casa caia/Ele é o empregado discreto/Ela engoma o seu colarinho/Vão viver sob o mesmo teto/Até explodir o ninho/Até explodir o ninho/Ele faz o macho irrequieto/E ela faz crianças de monte/Vão viver sob o mesmo teto/Até secar a fonte/Até secar a fonte/Ele é o	funcionário completo/E ela aprende a fazer suspiros/Vão viver sob o mesmo teto/Até trocaram tiros/Até trocaram tiros/Ele tem um caso secreto/Ela diz que não sai dos trilhos/Vão viver sob o mesmo teto/Até casarem os filhos/Até casarem os filhos/Ele fala de cianureto/E ela sonha com formicida/Vão viver sob o mesmo teto/Até que alguém decida/Até que alguém decida/Ele tem um	velho projeto/Ela tem um monte de estrias/Vão viver sob o mesmo teto/Até o fim dos dias Até o fim dos dias/Ele às vezes cede um afeto/Ela só se despe no escuro/Vão viver sob o mesmo teto/Até um breve futuro/Até um breve futuro/Ela esquenta a papa do neto/E ele quase que fez fortuna/Vão viver sob o mesmo teto/Até que a morte os uma/Até que a morte os una
--	--	--

Promete viver sobre o mesmo teto? Até que a casa caia! / Promete engomar seu colarinho? Até explodir o ninho! / Promete fazer crianças de monte? Até secar a fonte! / Promete aprender fazer suspiros? Até trocarem tiros! / Promete não sair dos trilhos? / Até casarem os filhos...



Foto de casamento

Fonte: Arquivo Particular

O casamento baseado na prescrição higiênica, como na música acima de Chico Buarque é uma encenação de promessa para o futuro. O casamento, não deveria existir como no passado, através de interesses econômicos. Ele, através da cumplicidade conjugal e da preparação da família para o futuro era a garantia da estabilidade e da moralidade social. Segundo José Cipriano Nunes Vieira, apud Costa (1979)<sup>132</sup>:

Quando as populações compreenderem a necessidade de atender os preceitos higiênicos relativos ao casamento; quando elas e o Estado se compenetrarem de que esta instituição, garantidora da estabilidade e da moralidade social, não deve ser considerada uma atividade mercantil capaz de por a salvo interesses pecuniários (p.222).

E foi amparado no suposto amor ‘burguês’ que casamos no religioso e no civil. Estava dona Toinha e toda a família honrada. Ela havia preparado a filha para ser dona de casa e mãe, embora também, tenha investido nos meus estudos. E eu embora não tivesse seguido todos os seus ensinamentos, não havido ‘caído na buraqueira’. E não faltou a festa para comemorar a defesa da honra da família. Muita galinha, peru, arroz de festa e farofa, além dos salgados e das bebidas.

<sup>132</sup> Costa, Jurandir Freire. Ordem Médica e norma familiar. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

Antes que eu saísse de casa, os seus últimos conselhos, como uma ação pedagógica: ‘agora você é uma mulher casada, tenha responsabilidade! (...). Tenha cuidado com sua roupa e com a dele. Seja uma boa dona de casa e uma boa esposa. Você já sabe cozinhar, pelo menos o ‘grosseiro você sabe’, e o que não souber, ainda pode aprender com sua sogra’.

Eu estava com 16 e ele com 19 anos. Do ponto de vista da medicalização social, o homem e a mulher deveriam ser jovens e sadios para constituir a prole, mas nem sempre se cumpria tudo que era publicizado pela higienização social para união conjugal, aliás, no meu casamento não se pode afirmar que ele aconteceu dentro do conjunto dos padrões higiênicos. Alguns aspectos do casamento estavam dentro das exigências do modelo higiênico. Um deles era a idade para casar, que “[...] era 24 a 25 anos para o homem, e a 18 a 20 anos para mulher (COSTA, 1979, p.221)”. Outra era o compromisso do casal com os filhos. “O cuidado com a prole converteu-se, por esta via, no grande paradigma da união conjugal (COSTA, 1979, p.219)”. O cuidado com os filhos eu havia aprendido com minha mãe.

E sobre o sexo, o que eu sabia? Nada. Eu era apenas uma ‘menina-moça’, com 16 anos. E passei muito tempo sem ter conhecimento sobre sexo e sobre os prazeres do sexo. “O sexo, dentro da legalidade do matrimônio, tornou-se objeto de regulação médica, não por seus excessos, mas por suas deficiências (COSTA, 1979, p. 227)”. O homem casado, do ponto de vista da medicalização social, agora não deveria ter relações sexuais com prostitutas, se ariscando em contrair doenças venéreas. A conjugalidade tanto deveria garantir a saúde dos filhos e da família, mas não era bem assim que funcionava, o meu marido era um boêmio.

Outro aspecto da higiene era o incentivo à mulher ao direito de sentir prazer sexual.

O direito individual de gozar tornou-se, para a higiene, uma obrigação cívica. Entretanto, a preocupação patriótica com o orgasmo familiar nada tinha de libertina. Na ordem médica ninguém gozava impunemente. A instigação ao prazer sexual era uma ponte, uma baldeação na viagem do casal ao país do “amor”. (COSTA, 1979, p.229).

Não fique assustada quando ‘ele lhe procurar’, aos poucos você vai se acostumando, afirmava, dona Toinha se referindo às práticas da sexualidade, pelas quais, o homem era considerado o sujeito da sexualidade e a mulher, o objeto. Senti, ao

ouvir aquelas palavras, uma sensação de perda daquilo que eu não poderia voltar atrás. Eu estava deixando para trás minha casa, meu quarto, as festas, e as conversas com minhas irmãs, as comidas gostosas da minha mãe e os meus estudos. Eu estava trocando tudo isso, e talvez muito mais, por um amor que eu julgava estar encantada.

Além de incentivar o prazer sexual no casamento, alguns trabalhos dos higienistas ensinavam como as mulheres deveriam gozar, “[...] eram verdadeiras aulas anátomo-eróticas de como gozar sexualmente (COSTA, 1979, p. 228)”. Possivelmente, muitas mulheres da minha geração nunca sentiram prazer sexual e nunca leram um folheto dos higienistas. Eu só senti prazer sexual depois de quatro anos de casada, e ainda assim, motivada por lições de uma vizinha quando morei em São Paulo.

Fui morar em Campina Grande, na casa da sogra, no bairro da Conceição. Foi um momento difícil. Primeiro, eu tinha que me adaptar a uma nova família que era muito diferente da minha. Tinha que dormir e acordar todos os dias ao lado de um homem, o que para mim era algo estranho. E segundo, eu passei a aprender, através de gestos e de olhares de reprovação, como honrar um homem e a instituição do casamento. Agora eu não podia ter ‘atitudes infantis e nem de moça solteira’, como brincar de porta bandeira no quintal de casa; não podia olhar no olho de outro homem que não fosse o meu marido, pois podia ser representada como mulher devassa. Só deveria me arrumar para sair se fosse acompanhada do marido. Eu deveria ter muito cuidado, pois além de muito nova, bonita, ‘já conhecia homem’; ‘quando a mulher conhece homem, não vive sem ele’ (...) o cheiro de mulher falada atraía outros homens, continuava dona Toinha. Ela era subjetivada por valores de cultura masculinista, e através deles, agenciou a pedagogia dos filhos.

Aos poucos o desencantamento com o casamento foi acontecendo. O homem com o qual, eu havia casado exercia sua masculinidade, fazendo se reconhecer como um provedor, forte, durão, viril, conquistador, namorador, conservador e machista. O exercício de sua masculinidade usando destes tipos de identificação me incomodava, mas eu não o enfrentava. Em alguns momentos eu sentia medo, vergonha de suas atitudes, em outros eu era extremante submissa. Aceitava a relação não porque eu achava natural, embora não tivesse leituras para compreender que ele, como eu, éramos efeitos de um processo de educação. Aceitava porque eu havia sido subjetivada para não sair do casamento e pelas minhas subjetividades eu me reconhecia como uma mulher

honrada e também, porque eu não havia adquirido a independência financeira para assumir uma vida sozinha com filhos. Segurei a relação por vinte e dois anos.

Fomos morar na cidade de Esperança. Passei a cuidar [agora] da minha casa e do marido. A rotina dele nos finais de semana era de muitas farras. Muitas vezes, chegava pela madrugada e eu nem o via chegar. No dia seguinte, ia para o trabalho e as noites se repetiam assim. Engravidei quatro vezes. Na primeira gravidez, perdi a criança e nas demais nasceram três filhas mulheres. Durante a segunda gravidez por diversas vezes ameacei-o com a separação. Cheguei a deixá-lo e voltar para casa de meus pais. Ele foi me buscar e eu voltei. Na época, a mulher que se separasse era considerada sexualmente disponível e, além disso, eu estava grávida, não tinha emprego. Era uma condição feminina difícil.

A função higiênica, como provedor, ele cumpria. Ser homem e pai honrado no casamento era “[...] prover a subsistência material da família, otimizar a reprodução física da ‘raça’ e maximizar o patriotismo da sociedade [...] Em outras palavras, ser pai era [...] trabalhar e fornicar” (COSTA, 1979, p. 240). Ele trabalhava e fornicava muito, na família e fora dela.

A formulação médica, de que a natureza havia dado à mulher a docibilidade, a fragilidade e que ela era propícia às emoções e às paixões, enquanto o homem era racional e menos propenso ao amor, representava as relações de gênero no meu casamento. Eu era uma sonhadora, uma mulher romântica. Sonhava um dia receber um café na cama ou quem sabe, flores no meu aniversário. Ir ao motel, nem sonhar, lá não era lugar de homem levar sua esposa, só a mulher do Outro ou as mulheres consideradas ‘desonradas’. Não havia sensibilidades para esses desejos. Não havia as lembranças sobre as datas dos aniversários e nem da data do casamento.

Essas arestas sentimentais entre o homem e a mulher, afirmava o discurso higiênico, deveriam ser resolvidas no casamento. “Segundo a higiene, era enquanto pai e mãe que o homem e a mulher poderiam entrar em acordo e aparar as arestas sentimentais. Amor feminino e masculino só entrava em sintonia na vida conjugal fértil (COSTA 1979, p. 238)”. A idéia era que o amor aos filhos superasse qualquer tipo de amor, sendo a principal função do homem e da mulher amar os filhos, configurando assim o casamento como uma instituição familiar.

Este lugar paterno, no casamento era considerado ser um cidadão de primeira classe e como compensação, o discurso higiênico lhe garantia a mulher como sua

propriedade. “De propriedade jurídico-religiosa, a mulher passou a ser propriedade higiênica e amorosa do homem (COSTA, 1979, p. 252)”.

Era vivia a rotina como propriedade higiênica: dentro de casa cuidando da família, como fui educada. E ele na rua, usufruindo dos prazeres da boemia. Ele gostava de cantar e de fazer serestas. Seus amigos eram sempre ou boêmios ou rapazes que gostavam de viver em festas, em bares. Minha mãe dizia: “[...] e tem que agüentar. Quem mandou fugir para casar tão nova? Não devia estar estudando, e quem sabe, sendo agora uma doutora?”

O perfil do homem, prescrito pelo discurso higiênico, não era de um boêmio, daquele que freqüentava bordeis, mas como pai, como homem do lar. E eu sonhava na época um marido assim. A expressão “lar, doce lar” fazia jus a necessidade da mulher, como mãe e esposa atrair o marido para dentro de casa. Muitas mulheres faziam de seus quitutes, iscas para atraírem os homens para dentro de casa, ficando popularmente conhecida a expressão “fulano foi pego pela barriga”. Essa tática, embora eu tenha utilizado, com ele não deu certo. Ele comia meus quitutes e ia para a rua.

Quando ele foi para São Paulo arrumar emprego, eu fiquei grávida da minha segunda filha. Em 1971 fui também para São Paulo. Foi uma viagem típica de uma migrante. Tomei o ônibus da Itapemirim juntamente com minha irmã Neném e minha filha mais velha. Foram três dias de viagem. Quando o ônibus parou na rodoviária do Glicério em São Paulo, estava meu marido esperando. Pegamos um táxi e do rádio do carro eu ouvia pela primeira vez a música de Evaldo Braga “Só Quero”, no qual tinha um trecho que nunca esqueci: “Nesta cidade todos têm felicidade. Só eu fico a lamentar. Eu só quero é lhe ver. Mas você onde andar. Pois lhe dou minha palavra. Só lhe peço, por favor. Creia em mim sinceramente. Em nome do amor (...)” Era uma música brega que marcou a minha entrada em São Paulo e que fazia sucesso na época. Em São Paulo, eu não encontrei a felicidade cantada por Evaldo Braga.

Como metalúrgico, meu marido trabalhou em várias indústrias e o seu projeto, como de boa parte dos nordestinos que iam para São Paulo, era juntar algum capital e voltar para o Nordeste. Às vezes ele pedia para eu adiar o projeto de estudar quando voltássemos para Campina Grande. Fiquei 12 anos sem estudar. Eu não havia esquecido meu sonho e também o de minha mãe, o de me formar. Por conta desta minha idealização e como ele me traía com muita frequência, muitos conflitos aconteciam.

Em 1978 tive minha terceira filha e pouca coisa mudou no ‘meu lugar’ como mulher e a minha relação com o masculino parecia inalterada. Eu dentro de casa, limpando móveis, encerando o assoalho, passando roupa, cuidando da comida e das filhas e, muitas vezes, aguentando as farras com amigos que o marido fazia em casa nos finais de semana. Eu sentia uma maldição ser uma mulher casada.

Ele como operário começou a participar do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista em 1977 e tornou-se um ativista. Pouco tempo depois, eu comecei a dar minha contribuição ao Sindicato, principalmente durante as greves. Eu saía de porta em porta arrecadando alimentos para o fundo de greve; participava das reuniões no fundo da Igreja, em Vila Marlene na cidade de São Bernardo do Campo; participava de algumas assembleias que eram realizadas para definir as táticas para continuar em greve. Em períodos de enfrentamento com a polícia e o com Exército, era a presença das mulheres e da família que o Sindicato solicitava para proteger os homens. Éramos a barricada humana contra os canhões. Se a família era a base da sociedade, essa era uma tática usada pelos sindicalistas que dava certo. Eu era reconhecida agora como a ‘mulher do metalúrgico’, era uma ‘não identidade’.

No sindicato, a participação massiva era de homens. Vivenciamos as greves de 78 e o movimento de 79 pelo fim da ditadura. Estava começando a minha vida como militante, mas sempre como ‘mulher de metalúrgico’. O meu reconhecimento social estava associado a existência do masculino. O fato de, na época, o meu marido acrescentar nas suas experiências a militância e ‘querer mudar o mundo’ não contribuiu para que ele mudasse suas representações sobre as relações de gêneros.

Voltamos para Campina Grande em 1980, passamos a participar da criação do Partido dos Trabalhadores e eu tomei a decisão de voltar a estudar, mesmo contra a vontade dele. Ele não via com bons olhos meu crescimento intelectual. No Partido dos Trabalhadores, os ‘companheiros e as companheiras’ indicavam meu nome para ser Secretária dos Movimentos Populares pela minha inserção na organização das pessoas que haviam ocupado o conjunto habitacional “Álvaro Gaudêncio” em Campina Grande, popularmente conhecido por “Malvinas”, referência à ocupação inglesa da ilha nos anos 80. Mais tarde fui indicada para ser presidenta do diretório municipal do PT.

Eu estava vendo novas possibilidades, além do ‘lugar’, para o qual eu fui pedagogizada - o de dona de casa. Eu estava começando a ter visibilidades sobre ‘o meu lugar’ como mulher. Eu estava sendo subjetivada por outras dobras. Meu corpo recebia

novas inscrições e eu estava gostando. Eu estava deslumbrando para novas formas de saber e de poder. A minha militância no PT contribuiu para que eu participasse ativamente da Associação de Moradores e do clube de Mães no bairro de Bodocongó em Campina Grande.

Em 1985 iniciei o curso de História na antiga Universidade Federal da Paraíba UFPB, hoje, Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Eu tinha então trinta e três anos. Em 1989 conclui o curso e fiz seleção de mestrado em Sociologia Rural na mesma instituição. A minha participação como militante partidária e na vida acadêmica teve um papel fundamental nas mudanças das minhas subjetividades, a partir de novas experiências. Foram experiências diferentes daquelas que eu pratiquei como efeito da pedagogização, nas quais, me causaram muita dor, sofrimento, angústia e desprezo pela vida.

Nesta escritura, estão as lembranças de como as palavras, os gestos, as visibilidades, as dizibilidades me tornaram feminina, mãe, 'rainha do lar', militante e mulher honrada. São identidades que foram construídas nas relações de gêneros e de gerações. Na família e na escola. Na esquina brincando de roda ou de toca. Também marcam as lembranças de como os homens se tornaram masculinos. Para eles, também através da pedagogia da família e da escola, mas com outro perfil pedagógico - o do valente, do dominador, viril e controlador. O homem honrado era aquele que trabalhava para sustentar sua família e tinha sobre ela o controle moral.

A pedagogia para preparar os homens funcionava por práticas de liberdade pelas quais seu corpo era considerado liberto. Para eles, quase tudo era livre: os lugares públicos eram naturalmente seus, seguros e aparentemente tranquilos; essa liberdade era repetida pelo processo de subjetivação e havia a aceitação social. A nós, mulheres, os lugares privados, santificados, cautelosos, sob vigilância e melindrosos socialmente. É bem verdade que muitas mulheres burlavam esses códigos.

Eram os homens os beneficiados pela pedagogização da preservação da virgindade e da fidelidade. Aprendi na minha educação que tudo era muito puro, natural e reaprendi diferente, através da experiência das práticas de leitura, da desconfiança e da incerteza. Elas indicam a desnaturalização e o arregaçar das dobras sobre meu corpo, sobre as linhas no meu rosto e na minha 'alma'.

Fazendo o transporte dessas memórias sobre os comportamentos do masculino e do feminino na minha cidade, fico imaginando quantas mulheres não tiveram a mesma

oportunidade que eu tive: de ter tido acesso às leituras; de ter partilhado com outras pessoas, muitas idéias; de ter tomado iniciativas que contribuíram para poder ter visibilidade e dizibilidade sobre este e outros temas; de questionar por que os homens eram quem deveriam tomar a iniciativa de começar um namoro, de beijar, de pedir em casamento, de ser o chefe da família; de pensar por que os homens podiam ter comportamentos diferentes dos da mulheres; de poder escrever uma tese, na qual posso narrar minha as experiências e problematizá-las.

Minha história de dilema com o masculino não terminou aqui. Minhas filhas cresceram e em 1990, a mais nova tinha doze anos. A promessa no casamento era de não sair dos trilhos até casarem os filhos. Nenhuma filha havia casado e eu não podia esperar. Eu era outra mulher. A paixão não esperou o casamento de nenhuma filha. Ela bateu à minha porta e ela não bate duas, três vezes, e eu aproveitei. Eu estava apaixonada por outro homem e também me sentia amada. Todas as promessas feitas nos arranjos do casamento higiênico e burguês foram desfeitas e eu saí dos trilhos, como na música de Chico Buarque. A paixão era não só mais uma motivação para lutar pela minha condição como mulher e ser feliz. A paixão era um sentimento que eu jamais havia sentido.

Não usei das experiências que em geral, são utilizadas por homens: ficar no casamento e manter uma relação extra-conjugal. Entrei com o processo de separação. Não foi fácil, mas não desisti. Eu não me sentia feliz e achava que ele (meu marido) também não era. Múltiplas vezes eu falava de separação. Ele disfarçava ou desconversava. E muitas vezes, me humilhava ou me tratava com ameaças. Ouvi dele muitas vezes expressões do tipo: ‘a porta da rua é a serventia da casa’; ‘se você se separar de mim, ninguém vai lhe querer, você está velha, acabada’. De minha família, (mãe, e irmãos) eu ouvia: ‘ruim com ele, pior sem ele’; ‘tenha paciência, ele faz coisas que todos os homens fazem, o importante é que ele é um bom dono de casa, bom pai e não lhe agride’.

Mas essas subjetividades não tinham mais espaço de alojamento no meu corpo. Eu havia sido subjetivada por múltiplas experiências: lendo os textos de história na graduação. Ouvindo as aulas dos meus professores e professoras. Eu passei a me olhar e me ver diferente. Por que eu teria que ficar em casa cuidando dos filhos, da casa, ser traída e ainda ser fiel? Por que eu teria que aceitar modelos e comportamentos que só beneficiavam o meu parceiro conjugal? Por que ele me traía com tanta frequência e

nada lhe acontecia? E assim, eu sai dos trilhos ou os trilhos pesados foram expulsos do meu corpo.

No próximo capítulo, discuto a produtividade, do homem traído, em defesa dos valores da honra, pelos quais, aciona os dispositivos jurídicos e a normatividade social, como uma tática para manter os códigos que dão sustentação a economia masculinista, diferenciando do homem considerado adúltero, no qual produz sentimentos e crítica à normatização social que circulava socialmente sobre a infidelidade feminina.

A traição feminina funcionava como a quebra do juramento no qual meu corpo deveria guardar a honra masculina. A traição feminina é para a cultura masculinista, uma desonra provocada pela mulher já que a honra deveria proteger a instituição familiar, assim, também seria a desonra da própria instituição, por isso, as penalidades jurídicas e a produtividade de representações para denegrir o feminino. Diferentemente da traição masculina, que se não era juridicamente aceitável, era normatizada para que a mulher tolerasse com resignação.

## Capítulo Segundo

### Você ‘caça’ a honra manchada e eu vivo a paixão: a defesa da honra masculina entre a traição e a paixão

O tamanho das lágrimas não tem a medida da tristeza. Ela chega de um lugar invisível e o invisível é a impossibilidade da medida concreta, tem uma plasticidade quase impossível de ser ordenada sem enganos.

**Antonio Paulo Rezende**<sup>133</sup>

Não apenas o sentimento, mas também a expressão da dor rege-se por códigos culturais, constituídos pela coletividade, que sanciona as formas de manifestação dos sentimentos.

**Cynthia A. Sarti**<sup>134</sup>

Viver a vida sem contá-la é um silêncio vazio, nossa morte.

**Antonio Paulo Rezende**<sup>135</sup>

---

<sup>133</sup>Rezende, Antonio Paulo. As seduções do efêmero e a construção da história: As múltiplas estações da solidão e os círculos do tempo In História e Sensibilidade/Marina Haizenred Extzogue, Temis Gomes Parente Et alli-Brasilia: Paralelo, 15, 2006.

<sup>134</sup>Sarti, Cynthia A. A dor, o indivíduo e a cultura. Rev. Saúde e Sociedade 10 (1): 3-13, 2001.

<sup>135</sup>Obra já citada do autor.

# 1. Adultério e desonra: a montanha se desmancha e o mais valente dos homens chora como criança

Como dizia o Mestre  
(Benito Di Paula)

É, acaba a valentia de um homem/Quando a mulher que ele ama vai embora  
 É, tanta coisa muda nessa hora/Que o mais valente dos homens chora  
 Diz que faz e acontece/Que não tem medo de nada  
 Levanta a voz, fala alto/Maltrata a mulher amada  
 E quando ela cisma e vai embora/A **montanha se desmancha**  
**E o mais valente dos homens/Chora como criança**  
 É, acaba a valentia de um homem/Quando a mulher que ele ama vai embora  
 É, tanta coisa muda nessa hora  
 Que o mais valente dos homens chora

A consistência da montanha e da rocha. A coragem do touro. A valentia do leão. O homem deve ser forte como a montanha, ter a coragem de um touro e a valentia do leão. São atributos culturais construídos para a natureza e também associados ao ideal moderno da masculinidade. Esses e outros atributos são associados para que o masculino se diferencie do feminino, na qual foi historicamente representada como frágil e sensível.

A sensibilidade, os sentimentos e as emoções foram culturalmente representados como sendo ‘coisa de mulher’. Até os anos 80 do século passado, e para algumas pessoas ainda hoje, lidar com as emoções, com os sentimentos não deveriam ser experiências de homens. Ser um masculino sensível e emotivo traía aquilo que o homem possuía de mais nobre, a virilidade. Para Barbosa, (1998) “[...] em ambientes onde a virilidade, também é sinônimo do controle emocional, a ternura e a suavidade são reprimidas e, em alguns casos, até completamente suprimidas, pois são vistas como

componentes simbólicos de um universo depreciadoramente considerado ‘feminino’(p.324)<sup>136</sup>”.

Assim, o corpo do homem deveria sentir a dor, mas publicizá-la enfraquecia o seu lugar como masculino. Estamos nos referindo a uma tipologia burguesa idealizada para que o homem “[...] consolidasse uma masculinidade e uma virilidade hegemônica comum a todos os homens (SILVA, 2000, p.10)<sup>137</sup>.” O homem deveria exercer uma masculinidade que correspondesse a uma rocha. Seus olhos, sempre secos como a terra rachada pela falta d’água e seus gestos imperativos. Seu tom de voz deveria ser o mais alto de todos para ofuscar e transformar outras vozes em sussurros. A música, de Benito Di Paula, acima transgredir esse ideal e afirma que “[...] quando a mulher que ele ama vai embora, a montanha se desmancha e o mais valente dos homens chora como criança”. E dói ainda mais quando ela o trai. Dói porque a traição é subjetivada como a destruição de um valor que garantia a honra masculina. A honra masculina, que deveria estar, do ponto de vista da economia masculinista, sob o zelo e os cuidados do feminino, foi manchada, pois a mulher que deveria ser sua guardiã, transgrediu este lugar. Quando o homem é traído, ele assim deve se sentir não só porque lhe roubaram a sua suposta propriedade e invadiram o seu domínio, mas também, porque a mulher quando o trai, sugere que há a fragmentação dos valores de sua honra, pelo os quais, asseguravam-lhe exercer um tipo de masculinidade que lhe garantia usufruir dos códigos de dominação.

A dor de vivenciar a infidelidade feminina se manifesta, por ser um sentimento individual, mas construído socialmente e culturalmente. São sentimentos regidos por códigos culturais. O homem ao publicizar a ‘sua desonra’, pode provocar nos seus pares, com maior ou menor intensidade, a solidariedade, mas também, a reprovação e a vergonha, sentimentos desprezíveis na economia masculinista.

Discuto neste capítulo a produtividade discursiva do homem traído, em defesa dos valores da honra, na qual, aciona os dispositivos jurídicos e a normatividade social, exercendo práticas da masculinidade as quais diferenciam do homem considerado adúltero, que exerce práticas de uma masculinidade, atravessada pela publicidade de seus sentimentos e pela crítica à normatividade social.

---

<sup>136</sup>Barbosa, Maria José Somerlate. Chorar, verbo transitivo-Cadernos Pagu(11) 1998: pp.321-343.

<sup>137</sup> Silva, Sergio Gomes da. Masculinidade na História. A construção social da diferença entre os sexos. Psicologia ciência e Profissão, 2000, 20 (3), 8-15.

Como fontes de pesquisas, utilizo o meu processo da minha separação judicial<sup>138</sup>, datado de 1990, as minhas recordações sobre esta experiência, e duas cartas de amor escritas pelo o homem, pelo qual, me apaixonei.

Durante os primeiros anos da década de noventa do século passado quando uma mulher transgredia esse valor, ela era considerada uma adúltera, tanto socialmente como do ponto vista jurídico. A honra masculina, é um valor que do ponto de vista da normatividade social, deveria a mulher protegê-la no seu corpo, pela virgindade e pela fidelidade conjugal. Quando ocorria a infidelidade feminina, não só o processo normativo como o jurídico eram acionados para punir a mulher, por desonrar a instituição familiar, diferente da infidelidade masculina, que embora constituísse no texto jurídico como a desonra da família, havia tratamento diferenciado, pelo efeito de uma sociedade regida por vários saberes e normatizada por valores centrados no homem.

Para discutir este tema também garimpo sentimentos, emoções, a solidariedade e a diferença entre gêneros como (re) significação dos valores da honra. Os sentimentos, como efeito da traição feminina, são aqui considerados como fenômenos sócio-culturais. Expressar, publicizar ou esconder os sentimentos são inscrições que marcam o corpo e a alma. No fragmento do texto abaixo, Sarti (2001)<sup>139</sup>, faz a relação da dor como fenômeno cultural e sua relação com o corpo.

[...] considerar a dor como um fenômeno sócio-cultural supõe considerar o corpo como uma realidade que não existe fora do social, nem lhe antecede. O social não atua ou intervém sobre um corpo pré-existente, conferindo-lhe significado. O social constitui o corpo como realidade, a partir do significado que a ele é atribuído pela coletividade. O corpo é “feito”, “produzido” em cultura e em sociedade (p.1).

As marcas dos sentimentos nos corpos dos sujeitos nesta tese são reabilitadas por experiências múltiplas que tento captá-las, no experimento do vôo dos discursos embargados pelos sentimentos para dar sentidos às narrativas. É na confirmação da dor, e na lamentação das feridas dos valores culturais, provocadas pelos sentidos dados à infidelidade, que o masculino adquire solidariedade para defender a sua honra.

---

<sup>138</sup> Processo n° 357/90, fl. 25- Segunda Vara de família. Folhas 01 a 76- Fórum Desembargador Federal Nereu Santos. Rua Edgar Vilarim Meira, s/n Liberdade- Campina Grande Pb -1990.

<sup>139</sup>Sarti, Cynthia A. A dor, o indivíduo e a cultura. Rev. Saúde e Sociedade 10 (1): 3-13, 2001.

Ao tomar conhecimento da traição, o homem traído narrado neste texto, se transforma em um caçador<sup>140</sup> da ‘honra manchada’ e publiciza juridicamente a sua dor, através de táticas, produzida por ‘golpes’ para recolher e produzir documentos para provar o adultério, utilizando da violência doméstica e psicológica. Os sentimentos como a ira e a raiva representados pela violência do masculino contra a mulher, são formas grotescas, brutais que no discurso jurídico presente no processo de separação judicial são representados como naturais de um homem traído. Se a honra é um valor construído historicamente, pelo qual fortalecia os códigos masculinistas, através do controle, tanto do homem sobre a mulher, como da mulher sobre si, a lei que regia o adultério e que foi aplicada no meu processo de separação, ancorada na normatização social, protegia o social pela defesa moral dos homens.

## 2. Honra e adultério: norma e lei como pares de proteção à honra masculina

### **Mil Novecentos E Antigamente**

(Lourenço & Lourival)

Eu calculo a minha idade pelo regime que eu fui  
criado/ Sou do tempo que o homem negociava de olhos fechados/ Dispensava assinatura,  
papeis carimbo e papo furado/  
Enquanto o fio de bigode era um documento assegurado/  
Quando palavra de um homem tinha um valor elevado/  
Valia dez vezes mais que um milhão de papeis assinados/  
Sou do tempo em que a barba simbolizava capacidade/  
Não se usava bigode por brincadeira ou por vaidade/  
Homem se dizia homem mostrando a responsabilidade/  
Tinha de enfrentar a luta para mostrar masculinidade/  
Sou tempo em que a vergonha, a honra e a honestidade/  
valiam mil vezes mais que qualquer diploma de faculdade

---

<sup>140</sup>Estou usando a metáfora do caçador para associá-lo ao tipo de masculino que é considerado dominador, conquistador, valente e forte, qualificações típicas de um ideal de masculino hegemônico. O caçador é considerado como aquele que caça, que tem força e poder.

A letra da música, da dupla sertaneja acima, representa um perfil de um tipo de masculinidade, o qual o fio de bigode de um homem já foi considerado um documento (...) e que a vergonha e a honra valiam mais do que qualquer diploma de faculdade. Essas formas de expressar a saudade ao exercer um tipo de masculinidade são históricas. A honra de um homem, do ponto de vista da familiar nuclear, era culturalmente associada à pureza sexual de sua mulher, mãe, irmãs e filhas (PERISTIANY, 1965)<sup>141</sup>. Delegada culturalmente à mulher a responsabilidade de preservá-la, quando ocorria a infidelidade feminina, ela denegria, não só a sua honra, mas também a do homem. A honra familiar era manchada por circular socialmente, através de normas, que o corpo da mulher deveria ser controlado e vigiado moralmente, agindo a norma na defesa e na manutenção dos códigos que deveriam isolar o masculino das vulnerabilidades morais. Fazendo uma leitura referenciada por Foucault, Jurandir Freire (1979)<sup>142</sup> apresenta a diferença entre a lei e a norma, como pares que inauguram um nova forma de controle social na modernidade:

A lei, através da repressão, busca principalmente negar, desqualificar, obstruir a via de acesso do indesejável. A norma, embora possa incluir em sua tática o momento repressivo, visa prioritariamente prevenir o virtual, produzindo fatos novos. [...] pela regulação os indivíduos são adaptados à ordem do poder não apenas pela abolição das condutas inaceitáveis, mas, sobretudo, pela produção de novas características corporais, sentimentais e sociais (p.50).

A existência deste tipo de norma ocorre de acordo com as leituras de Foucault, (1999)<sup>143</sup> em um momento histórico, em que há a reorganização da legislação penal no século XIX no ocidente, quando o sistema de penalidades passa a centrar-se no indivíduo. É o que Foucault interpreta como desvio da utilidade social para ajustar-se ao indivíduo. Essa mudança na reorganização jurídica:

[...] vai se desviar do que chamamos de utilidade social; ela não procurará mais visar o que socialmente útil, mas pelo contrário,

---

<sup>141</sup> Peristiany, J. G. (org). Honra e vergonha: Valores das sociedades mediterrâneas. Tradução e prefácio de José Cutileiro. Fundação Calouste Gulbenkian Lisboa, 2ª ed. 1965.

<sup>142</sup> Costa, Jurandir Freire. Ordem Médica e Norma familiar. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

<sup>143</sup> Foucault. Michel. A verdade e as formas jurídicas (tradução) Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais, supervisão final do texto Léa Porto de Abreu Novaes,, et AL. J.- Rio de Janeiro: Nau Ed., 1999.

procurará ajustar-se ao indivíduo [...] o fato da aplicação rigorosa da lei, tal como se acha no Código, pode ser modificada por determinação do juiz ou do júri e em função do indivíduo em julgamento. O princípio de uma lei universal representando unicamente os interesses sociais é consideravelmente falseado pela utilização das circunstâncias atenuantes que vão assumindo importância cada vez maior (FOUCAULT, 1999, p.84).

Concomitante a esse deslocamento são fabricadas formas e práticas sociais de vigilância e de controle do indivíduo para que a noção de periculosidade fosse subjetivada socialmente prevendo a normatização social. Esse mecanismo de controle e de vigilância é o que Foucault (1999) formula como sociedade disciplinar. Para este autor, “Toda penalidade do século XIX passa a ser um controle, não tanto sobre se o que fizeram os indivíduos está em conformidade ou não com a lei, mas ao nível do que podem fazer, do que estão sujeitos a fazer, do que estão na eminência de fazer (p.85)”.

Assim, as práticas da normatividade social sobre e/no casamento, como a defesa da honra na família, por exemplo, foram produzidas para ser consumidas pela mulher. Quando a mulher burlava a norma, traindo o marido, o dispositivo jurídico era acionado e era aplicada a lei para manter a instituição do casamento em ordem, pela reparação do desvio ao controle social.

No Brasil, a infidelidade da mulher representada como crime, é histórica e tem suas diferenças nas relações entre o masculino e o feminino. O período colonial foi regido por várias Ordenações Penais<sup>144</sup>, entre elas, as Filipinas<sup>145</sup>. Em se tratando de adultério, ela afirmava que se fosse o ofendido o responsável por denunciar a mulher, a mesma era castigada com o amante até a morte, “[...] caso contrário, a punição era o degredo para a África por dez anos. No caso do adultério masculino, o degredo para a África ficava reduzido à três anos e os bens do adúltero ficavam congelados (BORELLI, 2004, p.9)”<sup>146</sup>. Essa forma de penalidade estaria associada à idéia de que o sujeito que cometesse um tipo de crime como esse não deveria pertencer mais ao corpo social

---

<sup>144</sup>Além das Ordenações Filipinas, o período colonial foi regido também pelas Ordenações Afonsinas e Manoelinas.

<sup>145</sup>“As ordenações Filipinas entraram em vigor em Portugal em 1603 e vigorou até 1867, momento que se promulgou o seu código civil. O livro V das ordenações Filipinas foi substituído no Brasil já em 1830, pelo Código Criminal do Império;” (Toma, Maristela. Imagens do degredo. História, legislação e imaginário. A pena do degredo nas Ordenações Filipinas. – Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. – Campinas, S.Paulo [s/n] 2002. p. 94).

<sup>146</sup>Borelli, Andrea. Adultério e a mulher: considerações sobre a condição feminina no direito de família Caderno Espaço Feminino, v. 11, n. 14, Jan./Jul. 2004.

(FOUCAULT, 1999)<sup>147</sup>, diferente da normatização produzida no século XIX, na qual, a norma visava a prevenção, pelo controle social.

No regime colonial, pela prática do degredo, herdado das ordenações Filipinas, o que se devia fazer não era a prevenção, mas a limpeza social<sup>148</sup>. Nesta ordem jurídica, a infidelidade e a penalidade eram representadas diferenciadas para o homem e a mulher, configurando hierarquias e desigualdades de direitos nas quais contribuía para que o homem exercesse a masculinidade pela produtividade do poder sobre a mulher.

No Código Penal Brasileiro de 1890, a concepção de adultério era baseada na idéia de que o mesmo colocava em risco a legitimidade da paternidade. Enquanto isso, a infidelidade do homem só era considerada crime se ele sustentasse financeiramente a Outra, configurando um desvio de bens de sua prole<sup>149</sup>. Estava em questão não só a descendência e a manutenção da ordem familiar burguesa que emergia neste período, mas a necessidade moral de controlar, vigiar a sexualidade da mulher e celebrar a paternidade biológica.

Como a masculinidade ideal moderna previa que o homem casado deveria ser o provedor familiar e aquele que deveria marcar sua prole com seu sêmen, exigia-se da mulher a sua participação na família pela pureza do seu corpo, para não ‘manchar’ a honra masculina; do homem, exigia-se a exclusividade dos bens materiais para sua prole. Eram exigências legais e de circulação de controle social distintas para o homem e a mulher.

No código penal de 1940, art. 240<sup>150</sup>, o adultério ainda era considerado um crime contra o casamento, tendo sido revogado apenas em 2005<sup>151</sup>, posteriormente a

---

<sup>147</sup>Foucault. Michel. A verdade e as formas jurídicas(tradução) Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais, supervisão final do texto Léa Porto de Abreu Novaes,, et AL. J.- Rio de janeiro: Nau Ed., 1999.

<sup>148</sup>Toma, Maristela. Imagens do degredo. História, legislação e imaginário. A pena do degredo nas Ordenações Filipinas. – Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. – Campinas, S. Paulo [s/n] 2002.

<sup>149</sup>No Código Penal de 1890 e nas Consolidações das Leis Penais de 1932, o adultério era crime punido com prisão celular de três anos para a mulher presa em flagrante e para o homem que tivesse teúda ou manteúda. Deve-se observar o que “ter teúda e manteúda” indicava a existência de uma mulher que era sustentada pelo homem em questão. Neste ponto, a legislação era tremendamente coerente ao punir o homem que “desviava” dinheiro de sua família constituída legalmente, para esta outra. Deve-se ter em vista que o Código Civil considerava o sustento da família uma das obrigações principais do marido e, sob esse prisma, pode-se que considerar que a traição masculina só constituía, para os juristas, uma ameaça verdadeira quando colocava em risco o sustento confortável da esposa legítima e dos filhos (BORELLI, 2004, p.10 )

<sup>150</sup>No Código Penal de 1940, o adultério continuava a figurar entre crimes contra o casamento [...]. A manutenção desse dispositivo era justificada pela questão da indissolubilidade do casamento que vigorou

tramitação do processo de separação discutido neste texto. Na época, manchar a honra familiar ainda poderia ser um caso de Justiça e o Estado deveria proteger a família. Do ponto de vista jurídico, é só passar os olhos no Código Penal Brasileiro, mas precisamente no Art. 240, pelo o qual, o adultério era considerado um crime contra a instituição familiar e quem o cometia deveria sofrer penalidades. Esse artigo afirmava que a pena para o adultério era a detenção de 15 dias a seis meses e no § 1º, a mesma pena incorria para o co-réu.

Devemos considerar que processo de normatização tanto pode ser subjetivado, como burlado, significando que tanto os homens como as mulheres podem usar de astúcias e consumir de forma distinta. Essa arte de fazer são “[...] astúcias dos “consumidores”, compõem uma “rede de uma antidisciplina” que, majoritária na vida social, quase sempre aparece como “resistência” ou inércia com relação às imposições sociais (SOUSA FILHO, 2002, p.3)”.<sup>152</sup> São táticas de fazer, de sentir e do dizer dos consumidores, que funcionam como ‘caça não autorizada’ mas que operam no cotidiano.

Assim, a transgressão funciona tanto pela arte do fazer como do dizer, contribuindo para que aconteçam as mutações e a desnaturalização das estratégias desejáveis de serem consumidas. A fidelidade feminina, como estratégia para afirmar o casamento e a ordem familiar é historicamente burlada corroendo os códigos masculinistas.

Na discussão do item seguinte, narro a trajetória da masculina exercida por este homem, educado para ser ‘Homem com H’ viril, forte e destemido e que não deveria chorar nem ao ser desonrado. O homem traído é nomeado a partir deste momento, como promovido, categoria jurídica utilizada no processo judicial, e agora usada nesta tese como forma de preservação de sua identidade.

---

no Código Civil, como motivo para a ação de desquite, até ser revogada pela lei 6515, de 26 de dezembro de 1977 (BORELLI, 2004, p.12).

<sup>151</sup> O art. 240 do código penal de 1940 foi revogado pela lei nº 11.106 de 2005. Cf. Capítulo I- Título VII - Dos crimes contra a família - Dos crimes contra o casamento - Cf. Código Penal - Decreto- lei nº 2.848 – Anos: 119º da Independência e 52º da República - Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1940.

<sup>152</sup> Sousa filho, A. Michel de Certeau: Fundamentos de uma sociologia do cotidiano. Sociabilidades. São Paulo/SP, v.2, p.129 - 134, 2002. ISSN: 1679-0251 ). Disponível no site [www.cchla.ufrn.br/.../Michel%20de%20Certeau%20%20fundamentos%20de%20uma%20sociologia%20do%20cotidia...](http://www.cchla.ufrn.br/.../Michel%20de%20Certeau%20%20fundamentos%20de%20uma%20sociologia%20do%20cotidia...) >Visitado em Janeiro de 2011.

### 3. ‘Macho com H’ e forte como a montanha: traços da masculinidade de um ‘bicho home’

Homem com H - Ney Matogrosso  
(Compositor: Antonio Barros)

Nunca vi rastro de cobra/Nem couro de lobisomem/Se correr o bicho pega/Se ficar o bicho come/ Porque eu sou é home/ Porque eu sou é home/ Menino eu sou é home/Menino eu sou é home/ E como sou!.../Quando eu estava prá nascer/De vez em quando eu ouvia

Eu ouvia a mãe dizer:/ Ai meu Deus como eu queria/Que essa cabra fosse home/Cabra macho prá danar/Ah! Mamãe aqui estou eu/ Mamãe aqui estou eu/Sou homem com H/ E como sou!...Cobra! Home!Pega! Come!/Porque eu sou é home/ Porque eu sou é home/Menina eu sou é home/ Menina eu sou é home/

‘Cabra macho’, expressão usada culturalmente para se referir ao “[...] homem bravo, gênio forte, falando sempre em mulheres, cabra macho que enfrenta um batalhão, que trabalha de sol a sol, que prefere morrer a ser desonrado”.<sup>153</sup> Como afirma a letra da música acima, muito antes da criança nascer já havia a produtividade de saberes e a normatização social para tornar o homem um ‘cabra-macho’, ou seja, ser macho é uma condição cultural construída historicamente por vários textos culturais, a educação por exemplo, é um deles.

O promovido enquanto solteiro sempre morou com a família, mas era protegido por uma tia que nunca teve filhos. Mimado por ela, teve uma educação masculina voltada para ser um provedor e trabalhador, ideal da masculinidade moderna, articulado com um comportamento de viril e destemido, produzido pelo discurso regionalista

---

<sup>153</sup>Fragmentsos extraídos da obra de Albuquerque Jr, Durval Muniz. Nordeste: uma invenção do falo- Uma história do gênero masculino nordestino. (Nordeste -1920/1940) Maceió: Edições Catavento, 2003. ps. 19/20.

nordestino, edificado nos anos 20 e 30 do século XX<sup>154</sup>, o qual afirmava que o homem nordestino precisava reagir às transformações históricas vistas como feminizadoras da sociedade (ALBUQUERQUE JR, 2003, p. 162/163).

Este masculino se rebelava contra a tentativa de controle da sua tia sobre ele. Ela acompanhava todos os seus passos no cotidiano. Sua alimentação, sua roupa, suas companhias, suas namoradas. As namoradas, que ao seu olhar, não correspondiam as suas supostas qualidades, ela dava um jeito de excluí-las das suas relações afetivas. Ela era uma matrona que lhe dedicava proteção e cuidado como a um filho que não teve. Sobre sua roupa e alimentação eram cuidados que ela não franqueava a ninguém. Educou-o a ser respeitado como um soberano, reinando na montanha do ‘bicho home’, mas produzido por subjetividades que traçaram seu perfil masculino para usar do poder com autoridade, exercer sua virilidade e inibir seus sentimentos, componentes típicos de uma masculinidade ‘hegemônica’.

Ele reinava em sua casa, espaço praticado como sendo naturalmente do feminino, como da sua mãe, irmãs e tia, e ele, era por elas, servido. Não suportava ser contrariado em suas decisões e vivia sempre muito irritado. No seu corpo foram produzidos culturalmente alguns gestos tipicamente idealizados como sendo natural de um masculino ideal. Suas pisadas indelicadas anunciavam sua chegada. Seu olhar de censura era a dizibilidade do que, no seu território, algo estava errado. Sendo o mais novo dos filhos homens<sup>155</sup> e o único que ainda vivia em casa, centralizava em torno si, não só as decisões, mas contribuía para que as mulheres da família lhe tivessem temor e medo, praticando uma masculinidade tipicamente de um homem centrado, forte e viril.

Foi através de sua tia que ele ingressou no SENAI- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - e nos anos 60 fez um curso de torneiro mecânico, momento em que a industrialização necessitava de profissionais capacitados para indústria nacional. Ele não chegou a prosseguir nos estudos, mas trabalhou em empresas nacionais e estrangeiras, como a Camargo Correia, Metalúrgica VIBRO e na indústria automobilística Wolksvagen<sup>156</sup>, contribuindo para aperfeiçoar sua profissão.

---

<sup>154</sup> Sobre a este tema cf. A obra já citada acima de Albuquerque Jr. (2003).

<sup>155</sup> Ele tinha seis irmãs, algumas delas já falecidas e um irmão homem, que casou e saiu de casa muito cedo.

<sup>156</sup> Estas duas últimas empresas na cidade de São Paulo durante as décadas de 70 até 1980 do século passado.

A sua experiência, como metalúrgico e trabalhador especializado, exigência de um ideal masculino moderno para ser provedor, não influenciou que sua experiência como boêmio fosse eliminada, a qual prescrevia os discursos higienistas. A boemia era parte de sua vida cultural, que sua tia abominava. Ele gostava de cantar, beber, juntar-se à rodas de amigos e vivenciar uma vida sexual ‘desregrada’, do ponto de vista do olhar higienista. Esse perfil masculino foi nomeado por este discurso como libertino. A libertinagem “[...] provocava uma série interminável de males domésticos e sociais. Podia induzir a esposa ao adultério (COSTA, 1979, p. 241)”. Além disso, para o discurso higienista, o libertino “[...] insultava a ordem social dissipando sua riqueza pessoal, sua dignidade e suas obrigações trabalhistas (COSTA, 1979, p. 241)”. É bem verdade que o promovido não pode ser considerado totalmente um libertino apontado pelo discurso higienista, pois era cumpridor de suas obrigações trabalhistas e um provedor.

Para um homem exercer a masculinidade ‘hegemônica’ deveria manejar seus instrumentos de trabalho para manter a família, ou seja, ser um provedor. Viver a boemia e gostar de frequentar prostíbulos eram experiências vivenciadas por ele, que do ponto de vista do discurso médico higienista era contestado “[...] por expor de modo temerário ao contágio das doenças venéreas [...], pois as doenças contaminavam as mulheres e degradavam a descendência (COSTA, 1979, p.241).”

Desde criança foi pedagogizado por sua tia como um homem sem defeitos, culpabilizando seus amigos por ele vivenciar um cotidiano considerado socialmente como desregrado. Dedicou grande parte de sua vida de solteiro em participar de festas na cidade natal de sua mãe, onde tinha família e amigos. Sua frequência a esses ambientes e as rodas de amigos para cantar, contribuíram para que ele gostasse de músicas românticas, como as de Agnaldo Timóteo, Agnaldo Rayol, Jessé, Nelson Gonçalves, Nelson Ned, Odair José, entre tantas outras. Eram nestes espaços e com esse perfil musical que o homem de sua geração podia expressar seus sentimentos. Eram músicas, que havia feito muito sucesso nos anos 60 e que expressavam o sentimento do amor como um sofrimento (MATOS, 2001, p.53).<sup>157</sup> O promovido sonhava com a idéia

---

<sup>157</sup>Matos, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 34, p. 45-63, Editora da UFPR, 2001.

de ser cantor, quando casado, chegou a participar em São Paulo<sup>158</sup> de programas de calouros, como o Programa da TV Tupi, do apresentador Raul Gil.

Não era um homem de conversas ou diálogo. Contrariava-se no cotidiano com questões corriqueiras, como por exemplo, se a refeição não estivesse de acordo com seu paladar; se a roupa estivesse com vincos; se encontrasse seus calçados ‘fora do lugar’, ou se os discos de vinil estivessem fora das capas, situações pelas quais, geravam conflitos no nosso casamento.

Do ponto de vista das práticas sexuais era um homem viril e a exibia pelos relacionamentos extra-conjugais que vivenciou durante os vinte e dois anos do nosso casamento. Se nas suas experiências de solteiro era frequentador de bordéis, nos anos setenta, casado e morando em São Paulo, passou a conviver com outros códigos sobre a sexualidade e ter relacionamentos extra-conjugais, com mulheres que praticavam a ‘liberação sexual’ feminina. Nos anos sessenta, a “liberdade sexual feminina,”<sup>159</sup> para muitos homens foi confundida com libertinagem. A idéia da ‘liberação’ da sexualidade feminina, ocorrida neste período, para muitos homens com este perfil, estava associada às mulheres “[...] casadas e que não têm problemas em trair os maridos, ou não têm relacionamento fixo, não procuram casamento e buscam sexo e prazer. Não são mulheres para casar, servem somente para diversão (SELIGMAN, 2000, p.3)”<sup>160</sup>.

Na relação comigo, suas representações sobre as relações de gêneros, eram de que minha ‘função’ se limitava a cuidar das filhas e da casa. O meu desejo de frequentar uma Universidade era por ele descartado, pois o espaço da academia era aquele que conduzia a mulher à prostituição. Era o tipo do masculino que acreditava ser o ‘papel’ de marido e de pai, alimentar e proteger a família. Segundo Costa, (1979, p. 240), de acordo, com os discursos higienistas, o dever do pai era “[...] prover a subsistência material da família, otimizar a reprodução física da “raça” e maximizar o patriotismo da sociedade”.

<sup>158</sup> Nós moramos em São Paulo e depois em São Bernardo do Campo do início dos anos 70 até dezembro de 1980.

<sup>159</sup> A ‘liberdade sexual’ no Brasil é resultante de várias transformações ocorridas no pós-segunda guerra, como por exemplo, “movimento beat” oriundo da Europa, no qual contestava a ordem social vigente e um dos temas da luta era a “revolução sexual”. Outro movimento foi o hippie, além da influência dos escritos e debates feministas na época. Cf. Cano, M.A.T.; Ferriani, M.das G.C. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. Rev.latinoam.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, abril, 2000.

<sup>160</sup> Seligman, Flávia. As meninas daquela hora. Sessões do Imaginário - Porto Alegre – FAMECOS /PUCRS – Revista eletrônica Nº 5 – julho 2000 – anual. Disponível no site <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/740/551>> visitado em 06 de agosto de 2010.

Nos conflitos cotidianos no casamento quando havia de minha parte a ameaça de separação, a expressão grosseira usada por ele era “a porta da rua é a serventia da casa”. Ele havia sido produzido por uma pedagogia, na qual, sua masculinidade deveria ser exercida pelas práticas de controle dos seus sentimentos e de dominação sobre o feminino. Aceitar essas práticas se na época era considerado natural, pelo meu processo de subjetivação, produzido nas minhas experiências, era o meu destino. Mas o processo de subjetivação é produzido pela multiplicidade, portanto provenientes de diferentes saberes e (re) significado. O processo de subjetivação não é aqui utilizado como constituinte do meu interior, mas como uma dobra, conforme as leituras de Deleuze e colocadas nesta tese, através Domènech, Tirado, Gómez, (2001).”<sup>161</sup> a qual a dobra é usada “[...] para explicar os processos de subjetivação como modificação dos limites que nos sujeitam, para nos reconstruir com outras experiências, com outra delimitação (p.130).”

Com ele tive três filhas. Nos anos oitenta voltamos a residir na cidade de Campina Grande. Ele trabalhando como proprietário de uma tornearia e eu estudando em casa me preparando para fazer o vestibular, mesmo sem o seu incentivo. Quando eu ficava até a madrugada estudando, ele demonstrava sua irritação pelas expressões do rosto e de seu caminhar irritante pelo espaço que eu havia reservado para estas atividades. Era uma forma de reprovação e indignação, pois o lugar da mulher naquele horário, segundo suas representações era na cama ao lado do marido.

Estava eu voltando a ser estudante e em contato com novos saberes. No primeiro semestre de 1985 entrei na Universidade para fazer o curso de História e neste mesmo período, fui trabalhar em uma Delegacia de Polícia como escrivã AD-HOC<sup>162</sup>. A minha tripla jornada de trabalho (afazeres doméstico, trabalho público e a Universidade) não o sensibilizava para dividir as atividades domésticas. Seis meses depois pedi transferência e fui trabalhar como agente administrativo em uma escola da rede pública. Em 1990, ingressei no Mestrado em Sociologia. Em 1993, ingressei na UEPB através de concurso público, como professora de história.

---

<sup>161</sup> Domènech, Miguel. Tirado, Francisco, Gómez, Lúcia. A dobra: psicologia e subjetivação In Nunca fomos Humanos. Nos rastros do sujeito. Organização e Tradução de Tomaz Tadeu da Silva---Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

<sup>162</sup> O escrivão AD- HOC é uma pessoa que pode ser nomeada pela autoridade, de acordo com o Código Penal - Art. 305, como competente para substituir o escrivão titular.

Ainda em 1990, pedi a separação judicial. Ele encontrava-se com 42 anos e eu com 38. No início do trâmite da separação judicial, os prováveis sentimentos de perda do masculino não eram percebidos. Ele passara a viver suas relações afetivas abertamente o que fazia anteriormente às escondidas. Era uma sensação de indiferença com relação à separação. Quando ele tomou conhecimento que eu estava com outra pessoa, a maquiagem sobre os sentimentos borrou e a montanha desmoronou-se.

No processo judicial discutido neste texto, os dispositivos jurídicos e a normatividade social foram acionados para defesa da honra masculina que havia sido manchada pela infidelidade feminina. O masculino ao sentir-se traído, usou de táticas para praticar a defesa da honra, amparando-se na lei e na normatização social que circulava socialmente para manutenção de um ideal de masculinidade, baseado na virilidade, na coragem e na honra, componentes típicas de uma masculinidade hegemônica, pela qual, o homem deveria exercer a dominação sobre a mulher.

Na discussão do item seguinte, analiso o meu processo de separação conjugal, discutindo a luta deste masculino para defender a sua honra. Analiso as práticas do homem traído em defesa da honra, como um lance, um golpe que envolve o jogo e a luta pela defesa da honra, através de relações de força e como uma tática para repor os códigos de comportamento exigidos pelo o controle social. A tática para Certeau, (1994) “[...] não tem lugar, senão o do outro. E por isso, deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha (p.100)”. Nesse jogo, o promovido utiliza de várias ações como um golpe ou um lance para provar a quebra do controle social realizado pela traição.

### 3. A busca da honra manchada nas (entre) linhas da carta: a prova da traição (1º lance)

Um homem também chora  
(Composição: Gonzaguinha)

Um homem também chora /Também deseja colo/  
Palavras amenas.../ Precisa de carinho/Precisa de ternura/  
Precisa de um abraço/Da própria candura..(...)/ Com a barra do seu  
tempo/Por sobre seus ombros.../Eu vejo que ele berra/Eu vejo que  
ele sangra/A dor que traz no peito/Pois ama e ama...(...)

O segredo da infidelidade foi descoberto pelo promovido, a montanha se desmanchou e ele passou a caçar a prova da honra manchada. É bem verdade que havia muita dificuldade em guardar o segredo. Os gestos, os olhares entre eu e o Outro, trocados em público, eram associados ao nosso comportamento, o qual funcionava como técnica reguladora do controle social. Eu imaginava os efeitos se o segredo fosse revelado, mas a paixão que estávamos vivendo burlava a norma, transgredia a lei, a instituição familiar; os medos da violência, doméstica e pública; a diferença de idade, enfim, foi uma paixão arrebatadora que a revelação do segredo não nos assustava, embora como sugere Simmel, (1999),<sup>163</sup> o segredo assume maior intensidade, quando o seu teor é revelado, pois pode provocar tensões e conflitos.

A revelação do segredo sobre a minha traição teve efeito de ordem moral, pois desencadearam sentimentos ligados aos valores associados à honra, à sexualidade e de acordo com os procedimentos jurídicos, conferiu a quebra do vínculo conjugal, pois a infidelidade feminina ainda era considerada nos anos 90 do século passado, uma desonra da família e a desmoralização do masculino.

[...] apesar do segredo não estar diretamente ligado com o mal, este tem uma conexão imediata com o segredo: aquilo que é imoral se

---

<sup>163</sup>Cf. Simmel, Georg. O segredo. Revista Política e Trabalho. Tradução de Simone Carneiro Maldonado PPGCS-UFPB N° 15, Setembro de 1999. Disponível no site <<http://reocities.com/CollegePark/library/8429/index15.html>> visitado em 17 de dezembro de 2010.

esconde por razões óbvias, mesmo quando o seu conteúdo não carrega estigma social, como é o caso de certas distorções de natureza sexual não perceptível ao olhar coletivo (SIMMEL, 1999, p.2).

A utilidade do segredo, no caso da infidelidade feminina, além de pressupor uma relação de confiança entre quem conta e quem escuta é uma tentativa de burlar os valores morais. O desejo do promovido era provar na justiça a traição e lavar a honra. O meu desejo era sentir e viver o que havia sido interdito, avaliado e periciado pela medicalização social e pela norma (ROUDINESCO, 2003, p.9)<sup>164</sup>. O primeiro desejo, o do promovido estava associado ao funcionamento do controle social, o segundo, o meu desejo, associado a novas práticas para vivenciar a felicidade.

Provar a infidelidade judicialmente era reparar o dano causado no contrato de casamento, mas também aglutinar adeptos à manutenção dos códigos masculinistas, nos quais, estavam sendo transgredidos pela mulher. Eram astúcias construídas junto aos procedimentos jurídicos e as normas estabelecidas como verdadeiras nas relações de gêneros e na instituição familiar.

A infidelidade lhe deixou em pânico e ele virou um ‘caçador’ da mancha da honra. Ele desejava responder e dar satisfação às exigências morais presentes nos códigos masculinos dos quais ele era efeito, e também ao Estado, instituição idealizada como protetora dos direitos da família. Encontrar os vestígios da honra manchada e levá-la ao tribunal, tanto foi uma decisão para manter sua masculinidade, pelos procedimentos discursivos que circulavam socialmente, através da normatização e pela a lei, como pelo o uso do sentimento de vingança para me fazer vivenciar o sentimento da vergonha, pois como afirma Peristiany (1965), honra e vergonha “[...] partilham, portanto da natureza de sanções sociais (p.3)”. Em se tratando do adultério, o masculino necessitava se proteger sob a luz dos valores jurídicos e da norma, pelo os quais eram defendida a família e o casamento, como moralização do social.

Recorrer à lei para obter uma reparação é confessar publicamente ter sido vítima de uma malevolência e esta demonstração de vulnerabilidade põe a honra em risco, risco de que a satisfação de indenizações legais não a salva facilmente (PERISTIANY, 1965, p.21).

---

<sup>164</sup>Roudinesco.Elizabeth. A família em desordem. Tradução André Telles.- Rio de Janeiro: Zahar Ed.,2003.

A reparação do valor da honra do promovido pelas sanções jurídicas, podia não salvá-la, como afirma Peristiany (1965), pois torna do ponto de vista cultural, mais pública sua desgraça moral. A luta do promovido funcionava em defesa da honra masculina, dos códigos que davam sobrevivência ao funcionamento dos valores da honra para a masculinidade, pois ele, pela normatividade social, já era um homem desonrado. Neste sentido, os sentimentos de vingança, a valorização da coragem e da virilidade como componentes de uma masculinidade hegemônica, eram utilizados como táticas para defendê-la. Neste sentido, ele usou de astúcias para buscar as provas do adultério.

Enquanto eu assistia às aulas do mestrado, o promovido entrou no nosso quarto, trancou a porta por dentro e vasculhou o guarda roupa. Revirou as roupas, os sapatos, as pastas e em uma caixa, encontrou cartas. Seus sentimentos eram de angústias juntamente aos de raiva, mas também de astúcias para defender a honra. Na caixa, havia muitas cartas. Algumas de dona Toinha, minha mãe, quando eu ainda morava em São Paulo e outras de minha irmã Neném<sup>165</sup> que ficou naquela cidade, quando viemos morar em Campina Grande.

Nas cartas dos parentes não havia uma linha escrita que pudesse indicar a ‘sujeira da minha honra’. Eram cartas de mãe para filha e de minha irmã, falando de saudade, de tristeza ou de quem havia casado ou morrido. A saudade, afirma Albuquerque Jr (2006)<sup>166</sup>: “[...] é constatação de ausência e morte, bem como, esperança e ressurreição(p.117)”. A evocação da memória, sobre a carta que foi retirada dos meus pertences pessoais, provoca em mim o sentimento da saudade e da falta de cartas de quem não posso mais recebê-las.

Era muito comum nos anos 90 ainda escrever cartas. A internet e o computador era algo quase inatingível para muitas pessoas. Quando o carteiro anunciava sua presença nas calçadas era uma sensação de medo, mas também de que algo novo que chegara, então vinha a alegria. As cartas simbolizavam a expressão da saudade ou a mensagem de morte, de amor, de querer saber e dizer ao outro que estava distante as novidades do lugar e da família, mas também representava o veículo para declarar o amor, a paixão e muitas vezes, as cartas eram usadas para compartilhar a dor, a tristeza, a conquista e a solidariedade. Nas cartas que eu escrevia para minha família era omitido

---

<sup>165</sup>Neném morava conosco em São Bernardo do Campo.

<sup>166</sup> As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história In História e sensibilidade/ Marina Haizenreder Ertzougue, Temis Gomes Parente et alli- Brasília: Paralelo 15, 2006.

o que estava ocorrendo nas minhas relações afetivas. A cultura preservada pela minha família era de não aceitar as minhas decisões sobre essa nova relação, por isso, nenhuma palavra sobre o outro amor era encontrada nas cartas que trocávamos.

As cartas, também podiam representar os valores que temos da sociedade e indicar confidências, muitas vezes, confiscadas. As cartas “[...] São portadoras de saberes e vivências, portanto, carregadas do tempo da experiência — descontínuo e fragmentado (PENHA E GRAEBIN, 2009, p.1)”.<sup>167</sup>

Fazendo companhia às minhas cartas, estava o silêncio. O silêncio como testemunha da ausência de amor e da presença do desamor. Era uma mistura de ausência e presença e de sentimentos em trânsito. O silêncio denunciava um casamento de vinte e dois anos que estava rabiscado e borrado por traços de arrependimento, pela ausência de cumplicidade e de afetividade, por agressões psicológicas e pelo o desamor.

O silêncio, afirma Resende (2006, p.48):<sup>168</sup> “[...] não denuncia, necessariamente, a ausência de linguagem ou seu desconhecimento”. Havia testemunhos tristes e silenciados das noites nas quais fiquei sem dormir esperando o promovido das noitadas. No quarto e em toda casa havia os testemunhos, em silêncio, da ignorância, da brutalidade, da dominação do masculino sobre as quatro mulheres da casa.

Mas havia também testemunhos silenciosos do homem trabalhador e provedor da família, ideal de uma masculinidade da sociedade burguesa (OLIVEIRA, 2004)<sup>169</sup>. Havia outros testemunhos, nos quais, ele não só não tinha visibilidade, como demonstrava queria ouvi-los. Eram as minhas vontades de ter autonomia financeira, de estudar e de como mulher, ser reconhecida como sujeito da sexualidade. Eu era uma mulher que me sentia como incapaz e dependente.

Até 1962, o Art. 6 ° do Código Civil<sup>170</sup> afirmava que a mulher casada, enquanto subsistir sociedade conjugal, era relativamente incapaz. A mulher era representada por não possuir autocontrole, atitude para justificar sua dependência ao homem. Várias vezes transgrediram essas representações e produziram outras, como por exemplo, o

---

<sup>167</sup>Penna Rejane Silva e Graebin, Cleusa Maria Gomes. Arquivo particular Júlio de Castilhos: cartas, bilhetes e anotações pessoais como fontes históricas- Patrimônio e memória UNESP – FCLAs – CEDAP, v.4, n.2, p. 63-81, jun. 2009.

<sup>168</sup> Resende, Antonio Paulo. As seduções do efêmero e a construção da história. In História e sensibilidade. Ertzogue, Marina Haizenreder &Parente, Temis Gomes et alli - Brasília: Paralelo 15, 2006

<sup>169</sup>Oliveira. Pedro Paulo de. A construção social da masculinidade- Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro; IUPERJ, 2004.

<sup>170</sup> Bueno, Ruth. Regime Jurídico da mulher casada. Rio Janeiro: Editora Forense. 3 ° edição. 1972

movimento feminista que desde o final do século XIX, questionava a divisão tradicional dos papéis sociais para o masculino e o feminino:

[...] a divisão tradicional dos papéis sociais, com a recusa da visão da mulher como o “segundo sexo” ou o “sexo frágil”, cujo principal papel é o de “esposa-mãe”. As feministas reivindicavam a condição de sujeito de seu próprio corpo, buscando um espaço próprio de atuação profissional e política (GOLDENBERG, p.2)<sup>171</sup>.

Mas o casamento nesta época deveria ser culturalmente o espaço de governabilidade no qual o masculino era o centro, o provedor, o dominador e o protetor da família. Do ponto de vista do direito, nos anos 70, esses valores estavam sendo pulverizados, como por exemplo, na declaração dos Direitos Humanos, em que as mulheres passaram a ser reconhecidas como sujeitos de direitos inalienáveis<sup>172</sup>. Para muitos homens, e principalmente para muitas mulheres, alguns valores sobre os gêneros estavam em processo de fragmentação, mas ainda não aceitos pelo promovido. O importante para ele naquele momento era achar as pistas da mancha da honra masculina. O que ele procurava e havia comprometido a sua honra, eram as provas do meu comportamento, que ainda tinham significados legítimos para o Código Penal<sup>173</sup>. Era pela infração do comportamento que a lei deveria funcionar como uma reparação pelos danos morais produzidos pelo adultério.

E entre tantas cartas, o promovido encontrou uma endereçada a mim desenhada por linhas que falava do masculino e do feminino. Era o primeiro lance do promovido para praticar a defesa da honra. Era uma carta de uma amiga da família, com mais intensidade, minha amiga. Na época, ela apresentava mais ou menos uns 37 anos. Ela havia concluído mestrado em Economia Rural na antiga UFPB, hoje UFCG, morava em Belém, região norte do país e era funcionária pública federal. Eu a conheci nos movimentos populares, mas particularmente na SAB de Bodocongó (SOCIEDADE DE AMIGOS DE BAIRRO). Nós morávamos no mesmo bairro em Campina Grande e,

<sup>171</sup> Goldenberg, Mirian. Sobre a invenção do casal disponível no site <[miriangoldenberg.com.br/content.php?...](http://miriangoldenberg.com.br/content.php?...)> visitado em 14/06/2009.

<sup>172</sup> “Nos anos de 1970, há a declaração dos Direitos humanos, das nações Unidas em que as mulheres passam a ser reconhecidas como sujeitos de direitos inalienáveis”. cf. Zampieri, Ana Maria Fonseca. Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade: sexualidade conjugal e prevenção do HIV e da Aids.- São Paulo: Ágora, 2004, p.65.

<sup>173</sup> O Código Penal vigente foi promulgado nos anos 40. O art. 240 Código Penal - CP - DL-002.848-1940- Parte Especial- Título VII - Dos Crimes Contra a Família-Capítulo I - Dos Crimes Contra o Casamento. Ele foi revogado pela Lei nº 11.106, de 28 de março de 2005. Disponível no site <[http://www.dji.com.br/codigos/1940\\_dl\\_002848\\_cp/cp235a240.htm](http://www.dji.com.br/codigos/1940_dl_002848_cp/cp235a240.htm)> visitado em 23/11/2010.

junto com outros estudantes, ela contribuía com o trabalho de educação popular que era desenvolvido naquela comunidade. Nos anos oitenta e noventa do século passado, muitos militantes de esquerda, em Campina Grande, tinham atuação em vários movimentos populares e sindicais. Foi uma época de muita influência das leituras marxistas e estávamos no Brasil vivendo um momento de luta pela garantia dos direitos sociais, particularmente, o direito ao trabalho, a moradia e principalmente, a cidadania que havia sido interdita durante a ditadura militar.

Ele pegou a carta e anexou ao processo judicial como prova. Era um sentimento de vingança, uma forma de aliviar a sua dor, mas ao mesmo tempo uma vitória na prática pela defesa da honra. Ele deveria estar sentindo a dor de ter sido desonrado, pela fragmentação da centralização do seu ‘lugar’ no casamento, supostamente seguro, como ‘chefe’ de família e como ‘proprietário da mulher’; de fragmentar o seu ‘lugar’ na masculinidade hegemônica conquistado pela pedagogização do seu corpo e pela normatização social, assim, ele passou a produzir provas para instigar a minha confissão judicialmente.

A prova ou a confissão do ponto de vista jurídico, não alteravam os direitos sobre os bens e nem sobre a custódia das filhas, pois duas delas, já eram maiores de idade e a mais nova, com 12 anos já podia declarar seu desejo com quem deveria ficar sua guarda. Forçar a confissão ou provar o adultério era expor o feminino à censura dos valores morais. Além disso, deveria contribuir para que eu me sentisse culpada pela destruição da família.

Somos herdeiros culturalmente do sentimento de culpa que está associado à confissão, à declaração pública de nossas ações. Herdamos da cultura medieval o ritual da confissão. Na modernidade, há uma mudança com relação à confissão e passamos a confessar, através dos saberes. Confessa-se ao médico, ao juiz, ao pedagogo, ao psicólogo, à família, confessamos nas relações amorosas, e como afirma Foucault, confessa-se ou se é forçado a confessar “[...] desencavam-na alma ou arrancam-na ao corpo (1998)”<sup>174</sup>:

A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos,

---

<sup>174</sup>Foucault. Michel. História da sexualidade. A vontade de saber, Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J A Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro, 1988, Edições Graal.

confessam-se passado e sonhos; confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprio no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros. Confessa-se - ou se é forçado a confessar. Quando a confissão não é espontânea ou imposta por algum imperativo interior, é extorquida; desencavam-na alma ou arrancam-na ao corpo ( p.59).

Passamos a confessar sobre a verdade, sobre o nosso corpo, sobre a sexualidade, nossos desejos e angústias. O perfil da confissão na modernidade deveria voltar para nós, em forma de benefício social, ou seja, malefícios em forma do controle social. Confessamos o que foi, e o que, não foi dito, o que foi, e o que, não foi feito; confessamos o querer e o não querer; confessamos o que inventamos e o que inventaram sobre nós. São práticas sociais fabricadas que passaram a reger nossas experiências na modernidade. De quem não confessa, exigem-se as provas do seu comportamento, considerado anormal.

Se a carta, que passo a apresentar abaixo, não era uma prova contundente, do ponto de vista jurídico, para afirmar que houve adultério, era indício que algo anormal estava acontecendo no meu comportamento no interior do casamento, afirmava o juiz no processo judicial. O que estava escrito na carta era indício de mudanças, como as lutas pela emancipação feminina, pela liberdade da mulher; lutas que historicamente foram desvirtuadas e interpretadas como danos morais à mulher e ao social. A carta, além de ter sido violada e usurpada dos meus pertences pessoais, a sua narrativa foi interpretada e resignificada no processo judicial para me atribuir identidades como dissimulada e irônica, além de eu ter sido acusada por ter agido de má fé.

O que chama a atenção na leitura dos defensores públicos sobre a carta é que mesmo que não houvesse o comprometimento, do ponto vista moral, da minha 'conduta de mulher casada', o fato de nela existir, uma leitura crítica sobre a condição da mulher, contribuiu para que os discursos fossem associados a existência do adultério. Vamos ler a carta:

Belém,

Olá companheira, "Nilda"

Hoje saí de férias, ficou impossível negociar para outro momento, com toda a loucura e terrorismo que o Collor implantou nos órgãos públicos, fica impossível alguém assumir alguma coisa. Estou temerosa de viajar para mais longe, então ficarei aqui na região mesmo dia 08, viajarei para Itatuba, passo uma semana com minha mãe que está muito abalada com a morte recente da minha avó...morreu dia 01, era uma pessoa que todos nós gostávamos muito. Sim, dia 14 viajo para Manaus passo uns dias lá e volto logo. Até pensei que talvez tu queiras alguma coisa de lá...o telefone de Itatuba é (...) só que este é do escritório de meu pai, o da minha casa está com problema. Tu terias que ligar de dia e marcar para falar comigo à noite.

...tu bobagem, só porque não fui  
por baixo, eu fui perdendo... O círculo  
pensando no Roberto... "fora um bom  
também que ele vive e não se fecha com tudo  
isso, não foi forçar de ti, pode até ser, mas  
pelo malismo, pela educação de formação,  
que ele recebeu e que mesmo sendo um  
gritante com uns propósitos revolucionários,  
os quais ele não conseguiu superar.  
Com certeza, ele iria entender, porque  
você não se separando hoje, se tivesse  
entendido que a nova sociedade que  
está falando e que tanto queremos, é  
feita uma revolução hábil, e o "homem no-  
vo" que é também o Ché falava... Por  
isso, é que eu fico pensando como está  
sendo difícil para ele aceitar a separa-  
ção de vocês... então por uma situação,  
também nesse lado... se fosse o contrário  
com certeza ele não estaria preocupado  
contigo, mas nós mulheres somos as fan-  
tas, nós somos muito mais autênticas

Estava  
pretende  
ndo ir até  
o Acre,  
mas logo  
resolvi  
não ir

Belém, 05/05/90  
"Olá companheira Nilda"  
Hoje saí de férias, ficou impossível  
negociar para outro momento, com toda a lo-  
cura e terrorismo que o Collor implantou nos  
órgãos públicos, fica impossível alguém assu-  
mir alguma coisa. Estou temerosa de viajar  
para mais longe, então ficarei aqui na  
região mesmo... dia 08, viajarei para Itai-  
tuba, passo uma semana com minha mãe  
que está muito abalada com a morte recen-  
te de minha avó... morreu dia 01, era  
uma pessoa que todos nós gostávamos muito.  
Sim, dia 14 viajo para Manaus, passo uns  
dias lá e volto logo. Até pensei que talvez  
tu queiras alguma coisa de lá... o tele-  
fone de Itatuba é (...), só que este  
é do escritório de meu pai, o da minha casa  
está com problema. Tu terias que ligar de  
dia e marcar para falar comigo à noite.  
Estava pensando ir até o Acre, mas  
hoje não sei não ir mais... a

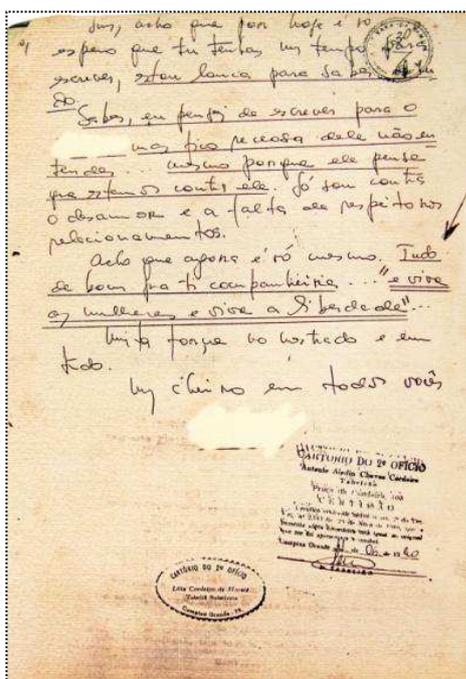
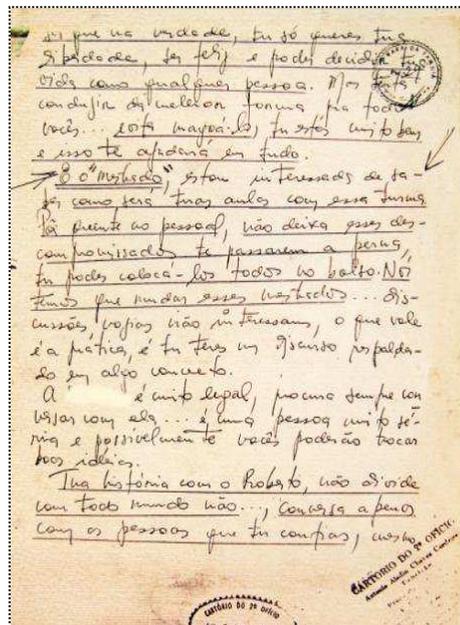
mais...: Até [...] <sup>175</sup> ficou surpresa com tua  
separação do [...] é mesmo, parecia impossível,  
mas tem um dia que acasa cai <sup>176</sup>...acho que a  
correria dos dias que passei aí não permitiu que  
conversássemos um pouco sobre tudo..."esse  
momento que estás passando é muito especial",  
as questões de relacionamento sempre são  
muito difíceis de resolvermos, porque sempre

<sup>175</sup>Os nomes citados na carta, exceto o meu, foram por mim suprimidos, pois não tenho autorização para deixá-los.

<sup>176</sup>Os grifos e as aspas desta carta não estavam na carta original e não foram feitas por mim neste texto, elas foram colocadas para anexá-la como prova de adultério.

alguém pode se machucar. E quando se tem filhos, complica ainda mais, pelas questões econômicas.

Mas acho que tu és uma mulher de fibra, já que conquistaste tantas coisas, que pareciam tão distantes...esse será mais um desafio que a vida está impondo. Acho que tu só terás que ter sensatez para conduzir todo o processo...Acho que nós mulheres, pela nossa condição, embora imposta, tem mais garra, oh como dizem, somos mais 'forte'...; "os homens, quando eles não estão por cima, nesses casos, fazem dó"...cometem bobagens, só porque não querem ficar por baixo, ou sair perdendo...E aí fico pensando no [...], gosto muito dele, sei o quanto deve estar sofrendo com tudo isso, não por gostar de ti, pode até ser, mas pelo machismo, pela educação deformadora que ele



recebeu e que mesmo sendo militante, com uma proposta renovadora, estas questões ele não conseguiu superar. Com certeza, ele iria entender, porque vocês estão se separando hoje, se tivesse entendido que a nova sociedade que tanto falamos e que tanto queremos, exige uma renovação nossa, é o 'homem novo' que tanto o Che falava...Por isso, é que eu fico pensando como está difícil pra ele aceitar a separação de vocês...então presta muito atenção, também nesse lado...se fosse o contrário com certeza ele não estaria preocupado contigo, mas nós mulheres somos diferentes, nós somos muito mais autêntica;quer dizer na verdade, tu só queres tua liberdade, ser

feliz e poder decidir tua vida como qualquer pessoa.

Mas tenta conduzir da melhor forma possível prá todos vocês evitar magoá-lo, tu está muito bem e isso te ajudará em tudo. E o "mestrado", estou interessado em saber como será tuas aulas com essa turma. Põe quente neste pessoal, não deixa esses descompromissados te passarem as pernas, tudo podes colocá-los todos no

bolso. Nós temos que mudar nossos mestrados. [...] Tua história com[...] não divide com todo mundo não..., conversa apenas com pessoas que tu confias mesmo porque Campina Grande é uma província ainda, do jeito que o [...] politicamente é uma figura muito derrubada, algumas pessoas podem utilizar isso para derrubá-lo ainda mais. Tu sabes que as questões políticas aí, viram pessoais e o contrário pode ser verdadeiro. Bom, só estou falando isso porque nós somos muito amigas...tenho o maior carinho por ti, aliás por todos da tua casa. Mesmo porque nesse momento pra ti é importante tu fales pra quem quer que seja, como tu estás bem com tua “liberdade conquistada”

Companheira, entrega estas cartas para o [...], ele encarregará de distribuí-las. Sim, falei para [...] da possibilidade de tu ires trabalhar lá com ela, ficou super alegre e também pra ela te informar sobre concurso. Sim, acho que por hoje é só, espero que tu tenhas um tempo para escrever, estou louca para saber de tudo. Sabes, eu penso de escrever para o [...], mas fico receosa dele não entender...mesmo porque ele pensa que nós estamos contra ele. Já sou contra o desamor e a falta de respeito nos relacionamentos. Acho que agora é só mesmo. Tudo de bom pra ti companheira...e viva as mulheres e viva a liberdade... Muita força no mestrado e em tudo. Um cheiro em todos vocês.<sup>177</sup>

O promovido anexou esta carta ao processo como prova do meu romance com um professor universitário e também militante do PT. Na carta, segundo o juiz que julgou o processo, estava o indício da confissão ‘dissimulada do romance’, “[...] Aliás, não é só essa a oportunidade em que a autora desabafa a existência do romance, mesmo de forma dissimulada. A carta das fls. 25/30 traz nas entrelinhas as marcas de que algo diferente e importante se passava na vida da autora.”<sup>178</sup>

A idéia de dissimulação é considerada do ponto do dicionário, uma camuflagem, uma farsa, mas também uma aparência. Aparência no discurso jurídico é “[...] a situação que parecendo, mas não coincidindo com a realidade, a oculta” (CABRAL, )<sup>179</sup>. Essa é tipicamente a compreensão da existência da verdade jurídica como representação da

<sup>177</sup>Carta anexada ao Processo n/357/90- folhas 25 a 30- Segunda Vara de família - Fórum Desembargador Federal Nereu Santos. Rua Edgar Vilarim Meira, s/n – Liberdade- Campina Grande Pb -1990.

<sup>178</sup>Processo n° 357/90, já citado, fl. 25.

<sup>179</sup>Cabral, Rita Amaral. A teoria da aparência e a relação jurídica cambiária. Trabalho apresentado no âmbito do curso de pós-graduação, realizado na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, sob a orientação do Prof. Fernando Olavo. Disponível no site <[www.estig.ipbeja.pt/~ac\\_direito/rcabral.pdf](http://www.estig.ipbeja.pt/~ac_direito/rcabral.pdf)> visitado em 07/12/2010.

realidade. Embora a escritura da carta não cite em nenhum momento a existência da infidelidade conjugal, na interpretação dada pelo Juiz e pelo advogado do promovido no processo judicial, os temas arrolados na carta, como a liberdade da mulher e o sonho da igualdade entre os gêneros, lhes sugerem a quebra de fidelidade no pacto conjugal.

Se essa interpretação por si só, não levou o Juiz a considerar que, o que estava na carta era uma prova de adultério, deveria contribuir para que os sujeitos envolvidos no processo produzissem representações sobre os limites sociais e morais da condição feminina nas relações de gênero, particularmente no interior da instituição do casamento. Foucault (1999)<sup>180</sup> em sua obra, “A verdade e suas formas jurídicas”, afirma que a verdade tem histórias, nas quais são apresentadas por ele, como internas e externas.

A primeira é uma espécie de história interna da verdade, a história da verdade que se corrige a partir de seus próprios princípios de regulação[...] por outro lado, parece-me que existem, na sociedade, ou pelo menos em nossas sociedades, vários outros lugares onde a verdade se forma, onde um certo número de regras de jogo são definidas- regras de jogo a partir das quais vemos nascer certas formas de subjetividade [...] a partir daí fazer uma história externa da verdade, exterior da verdade (p.11).

Além da sugestão de prova como verdade do adultério contida na carta, o advogado do promovido, afirma no processo judicial também baseado na carta, ter o promovido e a promovida utilizados de boa e má fé, respectivamente. Para ele,

A promovente já havia comentado suas particularidades com alguns amigos, como por exemplo a [...] uma amiga que reside em Belém, tendo a mesma lhe mandado uma carta manuscrita, com 6 (seis) laudas (doc.02.) anexo, onde contém várias frases, que provam claramente a boa-fé do promovido e a má-fé por parte da promovente, sendo esta, denominada na referida carta, pelo apelido de “NILDA”<sup>181</sup>, cuja “alcunha” é de conhecimento dos amigos e familiares<sup>182</sup>.

A idéia de ‘boa fé’ do promovido e de ‘má fé’ da promovente, colocada no discurso acima pelo advogado, está associada a questão de que a minha solicitação da

<sup>180</sup>Foucault. Michel. A verdade e as formas jurídicas(tradução) Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais, supervisão final do texto Léa Porto de Abreu Novaes,, et AL. J.- Rio de Janeiro: Nau Ed., 1999.

<sup>181</sup> Grifos originais do processo

<sup>182</sup> Processo já citado, p.21

separação judicial não ocorreu porque existisse algum problema no casamento, eu a teria tomado a decisão como efeito da paixão que eu estava vivenciando, enquanto ele, o marido, tinha ‘boa fé’, agindo como homem íntegro:

A promovente de forma “criativa” e acima de tudo premeditada, alega que encontra-se separada do Promovido, desde de dezembro de 1989, quando na realidade, o casal deu início a separação de fato no mês de março de 1990, depois que o Promovido tomou conhecimento de que a Promovida vinha algum tempo se encontrando com um “amante” de nome [...], romance este que, a própria Promovente confirmou a sua cunhada [...] irmã do Promovido, alegando a mesma, que não agüentava mais esconder esse “amor”.<sup>183</sup>

Mas a carta não revelava o meu segredo. O promovido não conseguia ver o momento de transgressão no qual a mulher na época se encontrava. Era uma escritura que tinha como preocupação as relações entre homens e mulheres e as mudanças políticas. Na carta havia a crítica sobre a dominação dos homens sobre as mulheres. Era uma carta que expressava o sonho do socialismo e da liberdade da condição da mulher, na época, como inferior ao homem.

A preocupação da autora da carta era a luta de classes e as mudanças para uma sociedade socialista associada à liberdade da mulher. Para ela, as mudanças das mulheres passavam também pelo socialismo, influência possível dos escritos feministas das décadas de 70 e 80 ou mais particularmente, do movimento denominado ‘segunda onda’ (KELLER, 2006, p.15)<sup>184</sup>.

A interpretação do advogado do promovido abaixo se refere à transgressão da norma, pelo fato de eu publicizar a nova relação, o que, significava uma resistência à disciplinarização sobre a pedagogização sobre o meu corpo. Ao afirmar, que eu deixei de ‘dar satisfação’ ao marido e filhos, o advogado se refere, a minha indisciplina ao funcionamento do poder masculino e da instituição familiar sobre a mulher; e ainda,

<sup>183</sup> Idem, folha do processo nº. 20.

<sup>184</sup> Keller, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? *Cadernos Pagu* (27), julho-dezembro de 2006: pp.13-34. A primeira onda do movimento feminista no século XX refere-se, entre tantas outras reivindicações, a luta pelo direito da mulher votar. Começou basicamente em 1890 e acabou quando o direito de voto das mulheres foi contemplado pela constituição de 1934. A segunda onda no Brasil pode ser considerada como uma eclosão de movimentos de oposição ao regime militar e depois aos movimentos de redemocratização da sociedade brasileira nos anos 80. Cf também Dagmar Estermann Meyer *Gênero e Educação: teoria e política In Corpo, Gênero e sexualidade- Um debate contemporâneo na educação*. Guacira Lopes Louro, Jane Felipe e Silvana Vilodre Goellner (organizadoras). 3 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

quando ele se refere à prova do adultério, usa o meu ‘mal’ comportamento, como uma ação de anormalidade para funcionar o controle social.

A promotente depois que tornou público e notório o seu “adultério” e, como se já estivesse dado uma satisfação ao Promovido e filhos, começou a usar a “liberdade” que tanto sonhava e conclamava, juntamente com seus amigos, como prova um trecho da carta (DOC,02) anexa, “e viva as mulheres e viva a liberdade”, passando a chegar em casa de madrugada, como também, a dormir fora de casa nos finais de semana, afrontando não só o Promovido e filhos, mais, aos deveres do casamento.

Nesse sentido, a lei deveria funcionar para impedir que outras experiências deste tipo pudessem as mulheres realizar, o que produziria uma anomalia social, mas também uma desestruturação da instituição familiar e das formas de dominação centradas no homem. É pelo comportamento, concebido aqui, como texto desenhado pela norma, que se produz uma política de identidades, pela qual é reconhecido o anormal, acionando a proteção do Estado ao social, através do judiciário.

Nas linhas da carta, os enunciados de ‘liberdade da mulher’, ‘liberdade conquistada’, e ‘viva as mulheres e a liberdade’ se para o juiz e o advogado do promovido, indicavam indícios da desonra familiar, na época eram novas formas de discursividade para fabricar diferentes relações de gêneros, nas quais não eram aceitas por muitos homens, por compreenderem que desonraria a família. Por outro lado, estes enunciados acima estavam colocando na superfície do corpo social, a possibilidade de fragmentar as práticas de masculinidade que subjugavam a mulher.

A luta das mulheres pela liberdade é histórica, mas por muito tempo ela esteve associada à desqualificação do feminino. Caulfield (2000)<sup>185</sup> fez um estudo sobre a honra no Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX e analisou como os discursos, sobre a mulher moderna, em especial, os discursos jurídicos, eram associados a perda do respeito, da estima e da consideração do homem (VIVEIROS DE CASTRO APUD CAULFIELD, 2000, p.159).

A leitura da carta pelo advogado aproxima-se do que Caulfield afirma acima. O discurso do advogado não é apenas um dispositivo em defesa do seu cliente, é a

---

<sup>185</sup>Caulfield, Sueann. Em defesa da honra: moralidade e nação no Rio de Janeiro- Campinas, SP: Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da cultura, 2000.

representação do sentimento de dor, ao constatar que novos saberes estavam sendo produzidos e redefinindo a produção dos sujeitos nas relações de gêneros, pelas quais a masculinidade tipo hegemônica estava sendo fragmentada. Um exemplo é o argumento dele abaixo:

A “carta” em anexo (DOC.02), tem uma frase que prova claramente o comportamento atual da Promovente, “os homens, quando eles não estão por cima, nesses casos, fazem dó...” onde, além da mesma comentar com amigos, ainda ironiza, admitindo assim, estar por cima da situação.

Na carta havia também a concepção de que a ciência deveria está comprometida com o socialismo. Sendo eu uma militante, mulher e fazendo um mestrado em sociologia, a autora da carta faz uma recomendação: “Põe quente neste pessoal, não deixa esses descompromissados te passarem as pernas, tu podes colocá-los todos no bolso. Nós temos que mudar nossos mestrados”<sup>186</sup>. Era um discurso também de influência das leituras feministas dos anos 80 nas quais “[...] havia uma pressão para que houvesse desenvolvimento de pesquisas que tivessem como objetivo não só denunciar, mas sobretudo, compreender e explicar a subordinação social e política a que as mulheres tinham sido submetidas (MEYER, 2007, p.12)”.

A sociedade sonhada nos anos 80 e 90 e representada na carta exigia a renovação do homem e da mulher. O promovido não era representado, pela autora da carta e por muitas pessoas, como um ‘homem novo’, um masculino inacabado, o qual estivesse produzindo novas representações, mesmo atuando em um partido político, como o PT. Ele era um masculino, subjetivado por saberes, nos quais havia fabricado seu corpo e sua alma, pela virilidade e pela dominação nas relações de gêneros, e ainda não havia subjetivado outras formas de mudanças que estavam ocorrendo no social, pois:

Com certeza, ele iria entender, porque vocês estão se separando hoje, se tivesse entendido que a nova sociedade que tanto falamos e que tanto queremos, exige uma renovação nossa, é o ‘homem novo’ que tanto o Che falava...Por isso, é que eu fico pensando como está difícil para ele aceitar a separação de vocês<sup>187</sup> (trecho da carta).

---

<sup>186</sup> Fragmento da carta.

<sup>187</sup> Trecho da carta anexada ao processo judicial.

Mas a carta também expressava os cuidados com os sentimentos, como a mágoa, a confiança e o segredo. Expressava a autora da carta: “[...] tenta conduzir da melhor forma possível para todos vocês evitar magoá-lo, tu estais muito bem e isso te ajudará em tudo... [...] Tua história com [...] não divide com todo mundo não... conversa apenas com pessoas que tu confias mesmo porque Campina Grande é uma província...”<sup>188</sup>. Ela se referia às diferenças culturais entre o masculino e o feminino que ainda não tinham tanta criticidade na cidade de Campina Grande.

O juiz viu a diferença de situação vivida pela autora e narrada na carta, como algo estranho, anormal. Os grifos na carta, possivelmente colocadas pelo promovido ou por seu advogado, indicavam indignação e descontrole do masculino com relação aos sonhos de liberdade desejada pela mulher. A liberdade desejada na carta, para o promovido, era sinônimo de mancha que provocara sua desonra e a destruição familiar.

Peristiany (1965) na introdução da obra “Honra e Vergonha”<sup>189</sup> afirma que nas sociedades mediterrâneas os valores que indicam: “[...]. O prestígio de um homem, a sua reputação, a sua honra [...] dependem tanto dele como de sua família, e é considerando a família e não apenas os seus membros, isoladamente, que podemos compreender cabalmente este sistema de valores (p. XVIII)”.

O movimento, em busca da defesa da honra, deixou em suspenso o respeito e o prestígio masculino até que a honra fosse lavada. “Lavar a honra’ para o promovido foi localizar as provas comportamentais e ao mesmo tempo estimular o olhar regulador da normatividade social para que o sentimento de vergonha em mim fosse estimulado. Desse modo, o promovido começa a rastrear meus passos, para jogar mais lance e (re) praticar a defesa da honra. O mês de junho de 1990 chegou e com ele as festas de São João e São Pedro. Entre uma cerveja e suas caminhadas entre as barracas ouvindo as músicas de forró, o promovido se transformou em um paparazzo.

---

<sup>188</sup> Idem.

<sup>189</sup> Peristiany, J. G. (org). Honra e Vergonha: Valores das sociedades mediterrâneas. Tradução e prefácio de José Cutileiro. Fundação Calouste Gulbenkian Lisboa, 2ª ed. 1965.

## 5. Na fogueira de São João, a honra em chamas: o paparazzo no Parque do Povo (2º lance)

### **Olha Pro Céu**

(Composição: Luiz Gonzaga / José Fernandes)

Olha pro céu meu amor/Veja como ele está lindo  
 Olha pra aquele/Balão multicolor que lá no céu vai subindo  
 Foi numa noite/ Igual a esta /Que tu me deste teu coração  
 O céu estava assim em festa/ Porque era noite de São João  
 Havia balões no ar, xote, baião no salão/E o no terreiro do seu olhar  
 Que incendiou meu coração/Olha pro céu meu amor  
 Veja como ele está lindo/Olha pra aquele  
 Balão multicolor como no céu vai subindo

Essa música acima, interpretada pelo cantor Madruga, faz parte da programação de abertura da festa de São João todos os anos na cidade de Campina Grande. Se o amor nessa composição incendiava o coração, ele parece ter a proteção de São João, para que em cumplicidade com a paixão, incendiasse a foto tirada pelo ‘paparazzo’, ou melhor, pelo promovido. A dor pela honra manchada lhe atormentava. Estávamos vivenciando as festas juninas na cidade de Campina Grande. Esta cidade é conhecida nacionalmente, também pela sua festa de São João que acontece todos os anos no mês de junho, durante trinta dias no Parque do Povo<sup>190</sup>.

Todos os anos, o Partido dos Trabalhadores, no qual, éramos filiados, eu, o promovido e o homem pelo qual eu havia me apaixonado, colocava uma barraca para vender bebidas, comidas típicas e tira-gosto com objetivos de arrecadar fundos. De forma comunitária, boa parte dos militantes participava dessa atividade se revezando

---

<sup>190</sup>O Parque do Povo possui uma área de 42 mil e 500 metros quadrados situada no centro de Campina Grande. É no Parque do Povo que se situa a "Pirâmide do Parque do Povo", a única área coberta do Parque, em formato de uma pirâmide. O momento em que o Parque do Povo fica mais próximo de estar lotado é durante o São João de Campina, quando chega a ter uma média de 100 mil pessoas por noite e mais de 300 barracas, bares e restaurantes abertos (além dos palcos, etc.).

durante todo o mês da festa. Era um local que se constituía em ponto de encontro dos militantes e simpatizantes. Os meus encontros com o homem, pelo qual eu estava apaixonada ainda acontecia às escondidas, mas a vontade de ficarmos juntos contribuiu para que em uma sexta-feira à noite marcássemos um encontro no Parque do Povo.

Sentamos em uma barraca discreta, longe da barraca do PT achando que não íamos ser vistos. Pedimos uma cerveja. Com pouco tempo estávamos um nos braços do outro. Ficarmos juntos era um sentimento de prazer e de alegria. Eu gostava de ouvir suas conversas, suas confidências sobre os sentimentos que estava vivenciando e de observar seu jeito sensível e delicado de tratar as pessoas e a mim. Era o exercício de um outro tipo de masculinidade, na qual me incentivava a estudar, trabalhar e ser feliz.

Nós dois éramos diferentes em muitos aspectos. Eu era mais velha do que ele, onze anos. Eu, ainda era do ponto de vista da legalidade, casada e mãe de três filhas, ele era solteiro e sua ex-namorada estava grávida. Ele professor universitário e eu, professora do ensino médio em uma escola pública. Conversávamos muito sobre aquele momento que estávamos vivendo e sobre a pressão que cada um estava sendo submetido.

Na época eu não imaginava encontrar um homem diferente do promovido, o que, significa que a masculinidade é plural e praticada por diferentes situações, em contextos históricos diferenciados e por processos de subjetivação distintos. Ele e o promovido eram de gerações diferentes. Ele morava sozinho, mesmo com os pais residindo na cidade. Em diversas situações em que estávamos juntos, fazia questão de compartilhar das atividades domésticas e gostava muito de crianças. Além disso, tinha uma sensibilidade com minha história de vida, me incentivando a crescer intelectualmente.

Era um homem que, em suas experiências acadêmicas (como historiador e sociólogo), e pela sua sensibilidade, se permitiu ser afetado e subjetivado por outros saberes, nos quais, eram visíveis não só pelas suas produções acadêmicas, mas pelas ações no cotidiano, como nas atividades de trabalho, na relação com a família, com os alunos e alunas e nas amizades que cultivava. Este conjunto de saberes e práticas contribuíram para que ele exercesse um tipo de masculinidade diferenciada, pela qual, expressava seus sentimentos e sua sensibilidade às várias questões sociais e de gênero, enfim, era um masculino que havia sido praticado e praticou outras formas de masculinidades. Essa outra forma dele exercer a masculinidade, aliada às minhas transformações como mulher, estudando, trabalhando e lendo e, pelo fogaréu da paixão

que estávamos vivenciando, não imaginávamos que o promovido pudesse usar mais de um tipo de astúcia para defender a honra masculina.

Antes da fama da máquina digital, havia muitos fotógrafos no Parque do Povo fotografando os casais de namorados, as famílias etc. Na barraca na qual encontrávamos e que não era tão discreta assim, escutamos a voz da proprietária: “um rapaz acabou de tirar a foto de vocês”! Era o segundo lance do promovido, jogado pela prática do paparazzo. Foi um golpe para lavar a honra e anexá-la ao processo. Ele havia ganhado mais uma parte do jogo que envolvia a trama pela recuperação da honra. Em geral, os homens que vivenciam sua masculinidade, através de disputas, da valentia, da coragem e da força, ao ganhar um jogo desse tipo, é uma vitória da masculinidade. Para nossa surpresa e alegria, o jogo foi revertido provisoriamente, pois o filme, no qual estava a fotografia havia sido queimado. Mesmo assim, ele usou esse fato como suposta prova no processo judicial:

Que flagrou sua mulher, com seu amigo, militante do mesmo Partido, e que freqüentava a sua casa, de nome [...]; Que esse fato se deu durante o São João, tendo ele depoente encontrado a autora beijando-se com [...] numa barraca reservada no Parque do Povo, tendo inclusive fotografado o fato, mas infelizmente, o filme queimou (fl. 51).

A fotografia não chegou a existir, mas mesmo assim foi usada no processo judicial como prova de adultério, sendo inclusive aceita pelo juiz, de acordo com trechos da sentença abaixo:

É contundente a declaração da testemunha [...] relutante e lacunoso em seu depoimento, fl. 53 que admoestado pelo Juiz de seu compromisso legal de dizer a verdade do que soubesse ou lhe fosse perguntado sob as penas da lei, desabafou ter ciência própria de confissão que lhe fizera a Autora de que o marido a flagrara em idílio com [...] numa barraca no “Parque do Povo” durante os festejos juninos nesta cidade e que o Réu os fotografara. Confissão feita talvez pela convicção de que não havia mais como esconder o fato que fora registrado fotograficamente, que segundo o Réu, não se consumou por ter o filme queimado.

Os homens envolvidos no processo, inclusive os representantes do poder judiciário, estavam defendendo os códigos culturais de uma masculinidade considerada hegemônica. Criar um aparato discursivo sobre uma foto que não existiu e cruzar com o discurso de uma testemunha objurgada, além de produzir a verdade sobre o adultério,

contribuía para defender a honra masculina. Repor os códigos de uma masculinidade desse tipo, significava de alguma forma, ‘lavar a mancha da honra’. Se ‘lavar a honra’ pela lei era insuficiente, o promovido resolveu pela dor e pelo o desespero, através do acionamento da normatividade social na instância partidária: era o 3º lance.

## 6. A desonra em panfleto na instância partidária: a militância da dor e do desespero (3º lance)

A forma de manifestação da dor precisa fazer sentido para o outro. Vivenciado e expresso mediante formas instituídas coletivamente, tal sentimento se torna inteligível para o grupo social. Os sentimentos constituem uma linguagem.

(Cynthia A. Sarti - A dor, o indivíduo e a cultura)

A metodologia de ação, na época em Campina Grande, utilizada pelo Partido dos trabalhadores era o da denuncia, através de panfletos, sobre o poder público. No bairro de Bodocongó em Campina Grande havia um núcleo do PT, constituído por moradores, representados por professores e alunos (em geral, universitários) e por agricultores que cultivavam seus roçados em um espaço do bairro, onde a urbanização de forma faminta os destruiu<sup>191</sup>. Os núcleos do partido funcionavam como sua base, os quais deveriam levar as discussões para o diretório central que, na época, funcionava à rua João Pessoa, no centro da cidade. A pauta das reuniões era sempre organizada em torno de questões relacionadas à atuação dos militantes nos movimentos populares, da denuncia do poder público, entre outras questões que envolviam a luta de classes.

O debate sobre gênero ainda não tinha inserção nas estâncias partidárias, pelo menos, em Campina Grande, embora em nível nacional, já havia projetos que deveriam implantar e coordenar “[...] políticas públicas em toda a estrutura de governo”<sup>192</sup>, em defesa das mulheres norteadas pela idéia da igualdade de gênero, embora só em 1995 é

<sup>191</sup> Sobre a reflexão da experiência desses trabalhadores em Bodocongó cultivando a terra, cf a Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural de Eronides Câmara intitulada “Identidade, Identidades: um estudo sobre os trabalhadores do Serrotão - Campina Grande. Defendida em 1995 no programa de Pós-Graduação em Sociologia Rural pela UFPB e disponível na Biblioteca Geral da UFCG.

<sup>192</sup>Cf. Carta aberta sobre a “Política para as mulheres nos programas de governo do PT”- Eleições Municipais 2008 LaisyMoriere -Secretária Nacional de Mulheres – PT -Junho de 2008. Disponível no site <[www.pt.org.br/portaltpt/images/stories/arquivos/mulheres.doc](http://www.pt.org.br/portaltpt/images/stories/arquivos/mulheres.doc). > visitado em 06/01/2011. p.1.

que foi criada a (SNM) Secretaria Nacional da Mulher “[...] com a missão de promover a articulação, elaboração e apresentação de propostas para o partido nas questões de gênero, políticas públicas e organização das mulheres.<sup>193</sup>

Certo dia, estávamos todos aguardando o início da reunião do diretório do PT. A dor e o desespero do promovido contribuíram para que ele apresentasse a ‘desonra familiar’ em panfletos<sup>194</sup>. Ele entregou um documento, pelo qual, denunciava a ‘mim e o meu cúmplice’ como adúlteros. Era a militância do dor e do desespero para que houvesse a punição partidária daqueles que havia manchado e honra masculina. Não era sobre a traição política que o promovido estava denunciando, mas estava acionando a reprovação social dos militantes para a traição e a desonra da masculinidade.

Naquele momento no partido os militantes ficaram em silêncio. Só sussurros. O silêncio tomou conta da assembléia partidária pela surpresa do promovido ter tomado aquela atitude. Possivelmente para ele, a dor poderia ser compartilhada no partido. “[...] Suportar a dor em silêncio pode ser sinal de virilidade em certas culturas, que, em contrapartida, permitem e valorizam nas mulheres a expressão explícita do sofrimento” (SARTI, p.10), mas o que promovido buscava no partido com sua denúncia, era a solidariedade masculina e feminina também, para defender a honra. Algum tempo depois em uma reunião do diretório municipal, as mulheres fizeram uma moção de repúdio à atitude do promovido.

Não sei o que devia ser mais ‘conservador’ para o exercício da masculinidade, o promovido defender a honra masculina pelo agenciamento da militância partidária, ou o juiz que julgou o processo de separação, afirmar que a violência masculina contra mulher, no caso de infidelidade, era uma conduta comum na cabeça do homem latino.

---

<sup>193</sup>Idem, p.3.

<sup>194</sup>Infelizmente eu não possuo uma cópia do panfleto entregue aos militantes do PT, como também não tenho conhecimento de quem possa possuí-lo.

7. A violência doméstica: “conduta comum (...) quando flui na cabeça do homem latino o pensamento da traição conjugal” (4º lance)

Alcione-Maria da Penha

(Composição: Paulinho Resende e Evandro Lima)

(...) Saia do meu pé/ Ou eu te mando a lei na lata, seu mané/Bater em  
mulher é onda de otário/ Não gosta do artigo, meu bem/ Sai logo do armário/ Não vem que eu  
não sou  
Mulher de ficar escutando esculacho/ Aqui o buraco é mais embaixo/ A nossa paixão já foi  
tarde/ Cantou pra subir, Deus a tenha  
Se der mais um passo /Eu te passo a "Maria da Penha"/ Você quer voltar pro meu mundo  
Mas eu já troquei minha senha Dá linha, malandro Que eu te mando a "Maria  
da Penha"/ Não quer se dar mal, se  
contenha/ Sou fogo onde você é lenha /Não manda o seu casco  
/Que eu te tasco a "Maria da Penha" /Se quer um conselho, não  
venha /Com essa arrogância ferrenha /Vai dar com a cara Bem  
na mão da "Maria da Penha

Embora o promovido já tivesse o aval jurídico de que a carta e a foto queimada eram indícios de adultério, ele continuou sua busca incessante por mais provas para defender a honra masculina. Eu estava vivendo um jogo que parecia interminável. Eu passei a assumir publicamente o novo relacionamento, o que afetava ainda mais as práticas de sua masculinidade dominante. Mesmo separados de corpos, o juiz não aceitou a minha solicitação para que ele saísse da casa. Dividíamos a mesma casa e a vida cotidiana ficou insuportável. Por mais de uma vez, ele fechou os portões com cadeados para que eu não fosse à Universidade e, por diversas vezes, precisei dormir em casa de uma amiga para fazer as leituras exigidas pelo mestrado. E não tardou a vir a violência física. Era o 3º lance. Desta vez, foi um lance pela agressividade. Uma ação de quem não tem mais ‘carta’ para jogar, então ataca pela força. No dia 23 de Agosto de 1990, fui juntamente com uma de minhas filhas, agredida de forma violenta, conforme depoimento abaixo que encontra-se no processo de separação judicial:

[...] Como exemplo de agressão cita o fato de o réu após ter estado em sua casa um seu colega de mestrado acompanhado de sua namorada a fim de levar um texto para estudo e ser recebido pelo o réu com a expressão: “Que não queria nenhum cabra safado em sua porta”, tendo o rapaz se retirado, o réu acompanhou ela depoente até o quarto dos fundos, onde passou a dormir depois da separação, e lá a agrediu com um chute no plexo e como sua filha [...] tivesse intervindo, ele o réu a segurou pelo pescoço e pelos cabelos e saiu arrastando; que foi necessário a intervenção de sua outra filha [...] que ameaçou chamar a policia para que o réu largasse a menina, mesmo assim, fê-lo atirando ao chão; que ela depoente prestou queixa desse fato na Delegacia da Mulher estando se processando o Inquérito policial (depoimento da autora).<sup>195</sup>

Diante deste acontecimento uma de minhas filhas, ameaçou denunciá-lo a polícia, quando ele sorrateiramente fugiu de casa. Sendo informada do ocorrido, uma amiga minha e militante do PT me hospedou em sua casa e no dia seguinte o denunciei à delegacia das mulheres, no qual foi instaurado o inquérito<sup>196</sup> e ele condenado a prestar serviços públicos em uma escola do bairro. É interessante notar como a lei, também neste caso, foi usada em função do controle social e como exemplo para que os sujeitos produzissem uma disciplina sobre si; ocorre, porém que no processo de separação judicial, a violência masculina não foi um dado importante a ser considerado pelo o juiz.

O subtítulo desse item faz parte do texto da sentença do juiz no meu processo de separação sobre a agressão física realizada pelo promovido. No texto da sentença, o juiz, afirma: “A prova testemunhal que fez produzir, fl.52/53 v, nada desabona a conduta do réu, surgindo apenas a fatídica agressão, conduta comum do homem latino o pensamento da traição conjugal” (Processo crime nº/357/90 fl.70).

Esse discurso acima funcionou para justificar a violência contra mulher. Muitas são as histórias de homens traídos que usam da violência para defender a honra masculina. Além disso, esse discurso contribuiu para naturalizar a violência do homem contra mulher e qualificar a prática da agressão, em situação de traição feminina, como constituinte de uma masculinidade latina. Possivelmente, o juiz que deu a sentença, transferiu, para a

---

<sup>195</sup>Fragmento do meu depoimento no processo judicial já citado fl. 52.

<sup>196</sup> Inquérito Policial Art. 129 do Código Penal Brasileiro, datado de 28 de Setembro de 1990- 2ª Vara - 2º Cartório. Cf. Certidão do Poder Judiciário -Comarca de Campina Grande- Fl. 63 Processo de separação Judicial já citado. Cf. tb. Livro destinado à reclamação e queixas, p. 196- Queixa nº 194/90 datado de 23/de Agosto de 1990. Certidão da Delegacia Especializada da Mulher- Campina Grande.

questão do adultério, as idéias conservadoras do jurista Afrânio Peixoto<sup>197</sup>, nas quais, quando tratavam da virgindade, afirmavam que os latinos tinham fetichismo pelo hímen, podendo morrer ou matar por ele (CAULFIELD, 2000, p.52).

A violência masculina sobre a mulher, no caso da infidelidade, é outra forma de praticar a defesa da honra, na qual, a mesma pode ser vivenciada como um ato de heroísmo. Possivelmente essa prática da violência como heroísmo em defesa da honra tem sua fundamentação na formação história da masculinidade quando da sua preparação pela instituição do exército, no qual, defender a pátria era defender a honra masculina e a violência era um ato de heroísmo (OLIVEIRA, 2004).<sup>198</sup>

Historicamente muitos casos de agressões e de morte contra as mulheres ‘manchavam’ os jornais, pelo o qual o objetivo masculino era ‘lavar a honra’. Entre centenas de casos conhecidos no Brasil, um deles, nos anos 70, foi o assassinato de Leila Diniz por Doca Street, no qual, o movimento feminista apoiado no slogan “quem ama não mata”, lutou para que a tese de ‘legítima defesa da honra’ fosse derrubada. A luta das feministas era para modificar o que circulava socialmente como um instinto do homem quando era traído pela mulher (ASSIS, 2003).<sup>199</sup>

Nos anos 70 as situações de violência contra a mulher começaram a sair do nível privado, e passaram a ser denunciadas, como o caso de Leila Diniz que mobilizou o país. Se para o Juiz que julgou o meu processo, a violência seria algo natural do pensamento latino, para Minayo apud Alves e Diniz (2005)<sup>200</sup>:

[...] a violência constitui uma forma própria da relação pessoal, política e cultural, ou ainda é resultante das interações sociais e, por vezes um componente cultural naturalizado. A violência passa, então, a ser definida como “uma relação humana”, compreendida também como um comportamento apreendido e culturalizado, dando a falsa impressão de integrar a natureza humana. Daí a necessidade de que a violência seja interpretada em suas várias faces, de forma interligada, em rede e através dos eventos em que se expressa, repercute e se reproduz (p.s 387/388).

<sup>197</sup>Afrânio Peixoto, foio fundador e o primeiro diretor do Serviço de Medicina Legal do Rio de Janeiro. Cf. Caulfield, 2000, p.51.

<sup>198</sup>Oliveira, Pedro Paulo de. A construção social da masculinidade. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro; IUPERJ, 2004.

<sup>199</sup>Assis, Maria Sonia de Medeiros Santos de. Tese de legitima defesa da honra nos crimes passionais. Da ascensão ao desprestígio. Dissertação de Mestrado- Curso de Pós- Graduação em Direito público da Faculdade de Direito de Recife – UFPE, Universidade Federal de Pernambuco- Recife, 2003. Disponível no site < [biblioteca.universia.net/.../tese...legitima-defesa-da-honra-nos-crimes-passionais.../38511009.html](http://biblioteca.universia.net/.../tese...legitima-defesa-da-honra-nos-crimes-passionais.../38511009.html) > visitado em Agosto de 2010.

Ou <[www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20030917083920.pdf](http://www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20030917083920.pdf) >

<sup>200</sup>Alves SLB, Diniz NMF. “Eu digo não, ela diz sim”: a violência conjugal no discurso masculino. Rev. Brasileira de Enfermagem. 2005 maio-jun; 58(3):387-92.

A mulher brasileira, por influência de vários saberes, entre eles, os discursos feministas, foi motivada a denunciar a violência praticada contra ela, seja a conjugal, a doméstica ou a sexual. Gomes e Diniz (2008)<sup>201</sup> afirmam que: “O movimento de mulheres deu visibilidade à problemática da violência conjugal, permitindo que esta deixasse de ser considerada situação de cunho privado e passasse a ser reconhecida enquanto problemática social e de saúde pública (p.2)”.

O fato do juiz, se referir ao homem latino como possuidor natural da violência, particularmente no caso da infidelidade feminina, está defendendo a tese de que toda mulher de um latino corre o risco de ser sua vítima. Esta leitura do juiz sugere que este é uma forma do funcionamento do poder, tanto exercido por uma autoridade subjetivada por um tipo de saber, como de um poder que faz funcionar um tipo de masculinidade. Foucault (1988, p.138), afirma que, os mecanismos de poder na nossa sociedade, estão centrados no corpo. Assim, a violência conjugal sobre a mulher, como efeito da infidelidade, é uma produtividade dos mecanismos de poder, neste caso do poder-saber, contribuindo assim, para que possa haver a defesa da honra.

E ainda sobre a violência conjugal o Juiz na sua sentença ironiza o fato de eu ter anexado ao processo documentos comprobatórios da agressão física, se referindo a essa situação como ‘a Autora se louva de uma agressão’, pois a violência física, teria sido durante e não antes de iniciar a tramitação do processo. Esse procedimento jurídico banaliza a violência contra a mulher, por não ser a origem ou a causa da separação.

Na instrução a *Autora se louva de uma agressão que alude ter o Réu contra ela praticado*<sup>202</sup> durante uma discussão sobre o assunto, fato, entretanto, não veiculado na inicial como causa da separação, mesmo porque, pela certidão de fl.46, se deu depois de ajuizada a ação. A prova testemunhal que fez produzir, fl. 52/53v, nada desabona a conduta do réu, *surgindo apenas a fatídica agressão, conduta comum das cenas domésticas, mormente quando fluem na cabeça do homem latino o pensamento da traição conjugal*<sup>203</sup>.

O que ainda confirma a defesa da honra masculina pelos defensores público, é o fato de que, juntada a certidão do processo crime ao processo judicial, o promovido nega ter

<sup>201</sup>Gomes, Nadirlene Pereira e Diniz, Normélia Maria Freire Homens desvelando as formas da violência conjugal. Acta Paul Enferm 2008;21(2):262-7.

<sup>202</sup> Grifos nossos.

<sup>203</sup> Fragmento da sentença do juiz fl. 70. Grifos meus.

agredido a mim e à uma de nossas filhas: “Que não é verdade que tenha agredido fisicamente quer a autora, quer quaisquer uma de suas filhas (fl.51)”, o que, não é levado em consideração na sentença dada pelo do juiz.

O último e 5º lance do promovido era a arma mais poderosa do controle social: os depoimentos das testemunhas. Era pelos os depoimentos que deveria haver a descrição do meu comportamento para se confirmar a anormalidade que o mesmo havia provocado no social. O controle dos comportamentos era a base de funcionamento de poder para funcionar os mecanismos jurídicos e a normatização social.

Durante a década de 90 em Campina Grande os nossos relacionamentos em geral, eram com pessoas do Partido, da Universidade ou dos Movimentos Populares. Quando marcada as datas dos testemunhos contra e a favor, os nomes das testemunhas foram indicados entre esses laços de amizade. Eu indiquei três mulheres e um homem. Ele indicou quatro testemunhas todas do sexo masculino, sendo uma delas, dispensada.

## 8. A honra ‘lavada’ no tribunal: a defesa da honra masculina pelo controle social (5º lance)

Pá Virada (Fred E Francis)

Eu ando desconfiado do safado do visinho/Eu saio pra trabalhar ele chega de  
mancinho / Chega com papo furado com jeito que não quer nada/Se ele  
facilitar pode crer que eu vou matar!/Sou um homem bem honrado, valente e  
trabalhador/Mas não gosto de sujeito que mexe com meu amor/ Não adianta  
nem trazer chapéu de boi pra mim/Eu pulo do meu arreio e no cabra eu dou  
um fim!/Pra terminar o pagode, eu vou logo avisando/Pro cabra que é  
esperto, é melhor ir assuntando/Meu revolver é Schmidt (chimite), a  
espingarda é cartucheira/ E Ricardão pra mim o sobrenome é morredeira!

Em clima tenso, angustiante e de poder se processaram as audiências para ouvir as testemunhas no tribunal. Encabeçando a mesa, estava a representação da verdade, do zelo familiar e dos bons costumes. De um lado da mesa, um homem ‘desonrado’, lutando pela defesa da honra e seu advogado; de outro, a adúltera e sua advogada. Os presentes e envolvidos no processo, deveriam dizer a verdade, sob a pena da aplicação da lei penal sobre falso testemunho ou falsa perícia, conforme afirma o Art. 342 do Código Penal de 1940.<sup>204</sup>

Uma separação litigiosa é um ritual que coloca no sujeito o sentimento de medo. Eu me senti como indo para forca, para pagar um crime por eu ter me apaixonado e por não mais desejar o marido, além disso, é uma situação constrangedora. Primeiro, porque os envolvidos no cenário jurídico, como os defensores públicos e as testemunhas, entram na intimidade dos sujeitos, utilizando de dispositivos jurídicos e da normatividade social para deles exigir a ‘verdade’ sobre si, pela qual envolve o corpo e as intimidades. Para Birman, (2002, p. 307)<sup>205</sup>, “[...] a verdade se legitimaria e se inscreveria nos corpos dos indivíduos pela mediação de processos de subjetivação”. O segundo constrangimento deve-se ao fato de que os longos anos vividos em um relacionamento perdem qualquer significado, diante do valor dos bens materiais e dos valores da honra.

As audiências funcionaram pelas relações de poder, pelas quais, as testemunhas, deveriam falar pelo controle da ordem discursiva, como afirma Foucault (1999, p.9):<sup>206</sup> “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.” No processo judicial, além da necessidade de indicar as evidências de adultério, as pistas da desonra masculina, deveriam vir à superfície na ordem discursiva pela questão do comportamento feminino.

As perguntas do juiz obedeciam à uma ordem que dependia do lugar do qual a testemunha podia trazer subsídios para o processo, pelo meu comportamento, como por exemplo, na Universidade, no Bairro, no Partido etc. A montagem da possível verdade de existência do adultério foi organizada por várias perguntas, embora há um aspecto

---

<sup>204</sup>Cf. Código Penal - CP - DL-002.848-1940. “Fazer afirmação falsa, negar ou calar a verdade como testemunha, perito, contador, tradutor ou intérprete em processo judicial, administrativo, inquérito policial, ou em juízo arbitral, sofre a pena de reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa.”

<sup>205</sup>Birman, Joel. Jogando com a Verdade. Uma Leitura de Foucault PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 12(2):301-324, 2002.

<sup>206</sup>Foucault, Michel. A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, 5 Ed. São Paulo.

importante a ser levado em consideração na análise do processo judicial. O texto do processo é realizado pelo o escrivão, que em geral, obedece à uma linguagem técnica e resignificada dos testemunhos originais, traduzida pela violência da produtividade da escritura sob a oralidade.

As questões elaboradas pelos defensores públicos para as testemunhas eram fundamentadas pela certeza do adultério, só faltava a confirmação, por exemplo: a) conhece algum fato que desabone a conduta desonrosa da autora?<sup>207</sup> b) tem conhecimento que existe relação amorosa entre a autora e o {adúltero}? c) conhece algum fato que indique que o relacionamento do casal não ia bem? d) se a testemunha tem conhecimento de que a autora sai acompanhada de moto da Universidade onde estuda e se dorme fora de casa?

Este conjunto de questões tinha como fundamento encontrar os modelos de comportamento considerados fora do controle social e que tiveram força socialmente para manchar a honra masculina. Para uma mulher casada pegar carona e dormir fora de casa, não era comportamento de mulher ‘direita’ sendo considerado indício de adultério. Logo, a defesa da honra masculina, deveria ser praticada pela reprovação social e do ponto de vista legal do meu ‘mal’ comportamento, pois uma mulher casada que dorme fora de sua casa estava adulterando o casamento. Como o saber jurídico funcionava pelo controle da norma, o julgamento funcionava, segundo Foucault (1999): “[...] em termos do que é normal ou não, correto ou não, do que se deve ou não fazer (p.88)”.

As testemunhas foram orientadas, conforme a suspeita levantada pelo promovido. Se eu havia pedido a separação e meu comportamento era duvidoso, o promovido, através de seu defensor, teria que arrolar provas (materiais) e os testemunhos para provar que eu era uma adúltera, para assim, configurar um crime. Nos discursos das minhas testemunhas, é possível observar como a elas foram dirigidas questões que suas respostas pudessem fundamentar as suspeitas de adultério.

[...] que ela desconhece qualquer fato desabonador a conduta de [...] Que ela depoente também conhece [...] desconhecendo qualquer fato ou comentários de que exista relação amorosa entre a autora e ele [...] Que desconhece qualquer fato que denote um mal, digo o mal relacionamento

---

<sup>207</sup> È importante lembrar, que formulação de conduta [desonrosa] é uma expressão importada do BGB - Código Civil Alemão. Este código entrou em vigor em janeiro de 1900.cf. Carvalho, Luiz Paulo Vieira de. Separação judicial com culpa sob o ângulo do novo código civil — Coletânea de Textos CEPAD — 2 — Uma publicação da Editora Espaço Jurídico.Disponível no site <[www.smithedantas.com.br/texto/sep\\_jud\\_ncc.pdf](http://www.smithedantas.com.br/texto/sep_jud_ncc.pdf)> visitado em Setembro de 2010.

do casal, a não ser o fato da autora há cerca de um ano para cá vir se mostrando entristecida e dizendo que seu casamento não ia bem <sup>208</sup>;

Se, por um lado, o interrogatório jurídico levava à verdade no que dizia respeito à norma, por outro, era uma forma de produzir representações para alertar aqueles que subvertiam o controle social. Em nenhum momento do funcionamento do processo, a dissolução do casamento foi questionada pela falta de amor ou de respeito entre os conjugues. Naquele momento o que era útil para sociedade era o comportamento do indivíduo. Como as respostas das minhas testemunhas foram de negar as suspeitas do judiciário, suas falas não foram comentadas na sentença. As suas falas não se referiam ao ato fundador da separação, ou seja, a traição, mas as informações sobre a vida conjugal cotidiana, nas quais não interessavam ao poder judiciário.

Um fato diferente aconteceu quando o juiz interrogou a única testemunha minha do sexo masculino. Ele era uma pessoa que para falar, além de demorar nas suas interpretações, era enfadonho. Além disso, usava um cabelo grande e barbas longas quase chegando ao peito, o que já era, na representação do poder judiciário, alguém associado à preguiça ou quem sabe viciado em drogas etc. Na verdade ele era um estudante da UFPB e militante do PT. Na época havia uma aversão muito grande de boa parte dos militantes do PT ao poder judiciário, à polícia e ao próprio Estado e, o contrário também era verdadeiro, alguns representantes do Poder Estatal também tinham aversão aos militantes do PT. Éramos associados a bagunceiros, desordeiros etc. Alguns deles andavam sujos e muito descolados.

Com a indicação identitária pelo o juiz de ‘relutante e lacunoso’ sobre esta testemunha, começa um interrogatório conflituoso. Primeiro o juiz, segundo o escrivão, teria ‘admoestado a testemunha, pelo seu compromisso legal em dizer a verdade’, o que em vez de haver um discurso em minha defesa houve a confirmação da minha culpa.

Que desconhece o fato da autora ter sido encontrada beijando com [...] no Maior São João do Mundo. Depois de muito refletir, demonstrando como fez desde o começo do depoimento, indecisão e demora ao responder quaisquer das perguntas que foram feitas pelo juízo, disse que tinha sabido que existia um namoro entre a autora e [...] Perguntado como tinha sabido deste fato disse desconhecer. Admoestado severamente por este juízo que o ameaçou de aplicação da Lei Penal quanto a prática de perjúrio e ainda sim, digo ainda assim, de forma demorada, disse o depoente que a autora lhe havia confessado que o Réu havia, digo, a

---

<sup>208</sup> Fragmento do depoimento da primeira testemunha da autora. Cf. Processo judicial já citado.

havia flagrado de namoro com [...] e inclusive tirado uma fotografia de ambos; Que a autora lhe fez essa confissão no mês de agosto do corrente ano; Que acha que a autora lhe confiou esse fato devido a aproximação que tem tanto com ela quanto com o réu; Que freqüentava a casa do casal, entretanto, há bastante tempo que não o faz; Que deixou de freqüentar a casa do casal por ter tomado conhecimento dos fatos relacionados à sua separação; Que desconhece qualquer outro fato envolvendo o relacionamento da autora com [...]; Que nunca presenciou qualquer briga entre o casal.<sup>209</sup>

O depoimento acima foi fundamental para provar a existência do adultério. A forma como o juiz interpelou a testemunha em dizer a verdade sobre o crime de adultério foi produzida por relações de poder. Se a testemunha não usasse a verdade sobre a situação, o juiz lhe aplicaria a lei penal, ou seja, ela seria presa. É outra forma de funcionamento da lei, desta vez, pelo Código Penal. Foucault (1999) em seus estudos indica que o sistema de corrigir o indivíduo pela penalidade do aprisionamento, foi construído paralelamente e por fora dos procedimentos jurídicos associados à norma, nomeado por este autor de prática extra-penal. A modificação do funcionamento da penalidade pela prisão teria no início do sistema capitalista a função de ter o controle das mercadorias produzidas, ou seja, o furto delas pelo os mais pobres, o que, seria outra forma de controle social.

Entretanto, o que contribuiu para que a testemunha fosse ameaçada de aprisionamento foi a ausência do funcionamento do estatuto da verdade solicitada pelo o juiz. Para Foucault, (1979) a verdade, “[...] é um conjunto de regras segundo os quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro, efeitos específicos de poder (p. 13)”. De modo, que os procedimentos judiciários deveriam funcionar como base, os testemunhos e os documentos como provas da verdade do acontecimento, pelo os quais, a verdade funcionaria. Ocorre, porém, que esta disputa pela verdade funciona como um jogo discursivo, que envolve as relações de poder.

No testemunho abaixo, há o retorno para provar o adultério pelo comportamento. Desta feita, era da testemunha do promovido:

Que ele depoente já presenciou várias vezes a autora andando de moto com [...] não só nas idas e vindas da Universidade, onde também trabalha, como pelas ruas desta cidade; [...]Que encontrou-se com o Réu em uma festa na SAB de Bodocongó e este estava muito nervoso e chorando devido a crise que atualmente passa o casal e a autora que estava na mesma festa, sem dar menor atenção ao Réu [...]Que desconhece qualquer relacionamento amoroso por parte do réu; Que é do seu

<sup>209</sup>Depoimento que consta no processo já citado de uma das testemunhas do sexo masculino que deveria testemunhar a me favor.

conhecimento que o casal apesar de viver na mesma casa está separado de fato.

Além do meu comportamento, a testemunha acima ainda demonstrou que o promovido expressou os sentimentos do choro e da dor, e que, além disso, era um homem fiel, argumento masculino para provar que o promovido havia sido transformado pelas prescrições higiênicas para casamento. O depoimento da última testemunha do promovido, escolhido para ser analisado foi o compadre do homem pelo qual me apaixonei e de sua ex-namorada. As relações de padrinho e madrinha perderam qualquer sentido diante da defesa do masculino ‘adúltero’. Sua fala não só foi de denúncia sobre o adultério, como de desqualificação do feminino, ao considerar sua ex-namorada como amante:

Que no dia 08 de abril do corrente ano, numa festa havida na casa dele depoente, uma amante de [...] de tal que é padrinho do filho dele depoente, a quem conhece por [...] fez umas cenas de ciúmes proferindo vários palavrões contra a autora; Que quinze dias depois ele depoente saiu de casa para ir a uma reunião da Sab de Bodocongó, da qual é diretor, e ao chegar na casa do Sr. [...] (diretor da Sab), ali encontrou mais uma vez a autora em companhia de [...] numa mesa conferindo uns papeis; [...] Que ele depoente estranhou o fato da autora que sempre lhe pedia para que a acompanhasse até sua casa não ter feito o pedido naquela noite; Que saiu caminhando e, ao parar para examinar uma construção, por ele passaram a autora e [...] numa moto pertencente a ele, [...]. Que depois disso, ele depoente tem visto várias vezes a autora e [...] na moto acima referida, no caminho da Universidade [...] Que ainda, numa festa ocorrida na SAB de Bodocongó, a mulher conhecida por [...] fez outra cena de ciúme de forma a apartar a autora e Cicrano que dançavam, dizendo-lhe que fosse dançar com o seu homem, deixando os homens dos outros.

Assim, pelo discurso da testemunha acima, eu apresentava um comportamento suspeito, o que configurava a manchada honra masculina. As descrições, sobre meu comportamento, confirmavam a necessidade de punição para que houvesse o controle social. Uma mulher casada que provocava ciúmes na ‘amante’ do ‘adúltero’; que ficava à sós com ele em ambiente de trabalho; que preferia a companhia do ‘adúltero’, em detrimento da companhia da testemunha; e que havia presenciado várias vezes, eu andando de moto com o ‘adúltero’, fechava o ‘golpe’ para defender a honra masculina pelo controle social e pelo o uso da lei a honra masculina era reparada. Estava eu desonrada e considerada culpada pela sentença do juiz. Todos esses lances e o funcionamento da separação judicial, se não serviram para recuperar a honra do promovido, pois ele já estava

considerado pelos códigos masculinos como desonrado, deveriam servir para que o meu comportamento não virasse uma epidemia e corroesse os códigos da honra masculina, criando um caos para o controle social.

Na minha experiência de mulher apaixonada não havia honra a ser lavada, aliás não havia honra, só havia muita felicidade. “Fazer de algumas passagens, quadros, e quem sabe um dia, você possa assinar” é um trecho retirado de uma das cartas que eu havia recebido do homem pelo qual eu estava apaixonada e no qual lhe tomo de empréstimo para colocar como subtítulo no próximo item.

## 9. “Fazer de algumas passagens, quadros, e quem sabe um dia, você possa assinar”: a paixão vivida, sentida e assinada

Entre o amor e os estados de paixão - Conversa entre Werner Schroeter e Michel Foucault-1973

O que é a paixão? É um estado, é algo que te toma de assalto, que se apodera de você, que te agarra pelos ombros, que não conhece pausa, que não **tem origem**. Na verdade, não se sabe de onde vem. A paixão simplesmente vem. É um estado sempre móvel, mas que **não vai em direção a um ponto dado**. Há momentos fortes e momentos fracos, momentos em que é levada à incandescência. **Ela flutua**. Ela balanceia. É uma **espécie de instante instável que se persegue por razões obscuras, talvez por inércia**. Ela procura, ao limite, manter-se e desaparecer. A paixão se dá todas as condições para continuar e, ao mesmo tempo, para se **destruir a si própria**. Na paixão, não se é cega. Simplesmente, **nestas situações de paixão não se é quem se é**. Não tem mais sentido de ser quem se é. Vê-se as coisas muito diferentemente. Na paixão, há também uma qualidade de **sofrimento-prazer** que é muito diferente que pode-se encontrar no desejo ou no que se chama sadismo ou masoquismo [...]

Este estado de paixão colocado acima por Foucault era o sentimento que naquele momento eu sentia por este homem que tinha um perfil de acanhado, tímido e filho do cariri paraibano. Ele pertencia a uma família de comerciantes e filho da segunda família de seu pai. Da segunda família, ele tinha seis irmãos e da primeira, salvo um lapso de memória, quatro. Ele nasceu em 1963, em Monteiro, cidade pertencente ao cariri paraibano, embora se reconhecesse e era reconhecido como filho da cidade de Sumé,

também pertencente ao cariri, onde se criou e fez muitos amigos e amigas. Por diversas vezes, confessava-me que a timidez o afastava das mulheres.

Nos anos 80 ele foi estudar e morar na cidade de Bananeiras, e em seguida, em Campina Grande para fazer o curso de História. Ele era um homem educado, responsável e muito sensível as questões sociais e éticas. Como ele era muito tímido, em várias circunstâncias a cor de sua pele o denunciava avermelhando-se. Certa noite de uma sexta – feira ele foi à minha casa com uma camisa amarela e uma calça cinza me convidando para tomar uma cerveja. Eu estava estudando e recusei o convite. Naquele momento entrou uma de minhas filhas e fez um comentário do seu cheiro que incendiava o ambiente. Confirmada por mim, a constatação dela, a cor avermelhada do seu rosto configurava uma emoção que o denunciava. Era um masculino que exercia sua masculinidade pela publicização dos sentimentos.

Nós nos conhecemos durante os anos 80 como militantes de esquerda. Ele concluinte do curso de História, professor de alfabetização de adultos no Clube de Mães do bairro de Bodocongó. Ele chamava minha casa de ‘quartel general’. Era um local que acolhia muitos militantes. Eu era militante do PT, presidente do Clube de Mães e iniciante também no curso de História da atual UFCG. Participando do Movimento Popular no bairro de Bodocongó, como na SAB e no Clube de Mães passamos a conviver juntos. Brigávamos muitos por divergências políticas. Eu, por influência do marido, era de um grupo mais ‘xiita’ e ele, mas leve, era do grupo ‘articulação’, ambos constituinte do PT. Durante quase uma década de militância juntos, ele nunca havia me despertado para outros desejos, que não fosse o da militância. Pelo contrário, me confessaria ele mais tarde, me admirava muito e sentia por mim uma verdadeira paixão. Ele se apaixonava com muita facilidade. Já havia se apaixonado por professoras e até por uma apresentadora de TV. Por esta última, dizia ele, era paixão virtual. Um masculino que confessava suas paixões, até as paixões virtuais, não podia ser representado como constituinte da masculinidade hegemônica.

Ele tinha uma namorada e nas nossas conversas ele se queixava da sua relação com ela. Afirmava que não a amava mais e me confidenciava questões que jamais um homem do tipo machão contaria a uma mulher. Por outro lado, eu também me queixava do meu relacionamento que já durava mais de 20 anos, e que eu simplesmente suportava-o. Eram momentos de cumplicidade, algo não muito comum entre um homem e uma mulher. Além disso, discutíamos questões relativas ao Partido e a Universidade. Embora eu confiasse

nele, as nossas conversas não passavam de desabafos. Ele era um masculino que quebrava com as qualificações de uma masculinidade dominante.

Em 1989 eu concluí a Graduação em História e o procurei para que ele pudesse me orientar em um projeto de mestrado para o Programa de Pós-Graduação em Sociologia Rural. Na época ele era recém concursado como professor do Departamento de História e Geografia na UFPB, hoje UFCG e estava fazendo o mestrado também em Sociologia Rural. Entre uma orientação sobre o projeto e os nossos desabafos, ele disse que tinha algo a me contar. A princípio eu pensei que ele ia revelar-me algum segredo do promovido, pois ambos saiam de vez em quando para tomar uma cerveja, mas era a revelação de um segredo dele.

Sentamos em uma sala de aula. Fui abrindo a pasta com o material para discutir o projeto. Tenha calma, disse ele. Com seu rosto vermelho, com seu velho hábito de estralar os dedos e uma leve torcida no pescoço, confessou-me que há muito tempo era apaixonado por mim. Que por diversas vezes, quando estava em casa estudando imaginava eu chegar de mansinho abraçando-o e beijando-o. E que já havia compartilhado desse sentimento com a ex namorada e que esse segredo estava deixando-o angustiado. Cada palavra dele soava como uma surpresa para mim e que se alojava na cor avermelhada de seu rosto. Eu não sabia exatamente qual era minha reação, mas sei que não era normal.

Ele deve ter ficado alguns dias imaginando como deveria me contar esse segredo. E fiquei quase uma hora escutando o desabafo dele. Uma alma nova entrou em mim, mas fiquei de pensar sobre o assunto. A noite chegou e aquelas palavras não saiam do meu pensamento. Eu não me lembro de alguém ter me confessado estar apaixonado por mim em toda minha história de vida. Eu já havia me apaixonado, mas nunca alguém havia se declarado a mim, aquela era a primeira vez.

Combinamos de conversar depois do carnaval. Durante o carnaval, estávamos na capital, eu, meu marido e as filhas e em um de nossos passeios, encontramos ele e a namorada. A minha primeira reação foi a de querer sair daquele local, mas não podia publicizar meus sentimentos. Estava eu, com a responsabilidade de decidir a minha vida. Várias questões vieram à minha cabeça: se eu acabasse meu casamento e se a relação com o outro não vingasse? Mas também essa era uma motivação para eu sair de um relacionamento que era apenas uma 'fachada'.

Eu confesso que não pensava em honra, em 'ficar falada' e muito menos tinha medo da reação das pessoas envolvidas. Decidi que ia aceitar começar um outro

relacionamento. Continuamos nossos encontros desta vez como enamorados e cúmplices de uma paixão que também me arrebatara. Durante uns dois meses passamos a nos encontrar na Universidade e marcávamos encontros às escondidas. Essa paixão me deu forças para que eu saísse do casamento. Eu estava vivendo uma grande paixão.

Estava programada a Convenção Estadual do PT na cidade de João Pessoa. O Partido me indicou como delegada e, ele foi também. Era uma oportunidade de ficarmos a sós. Na hora do intervalo ou nas mesas de cervejas depois das reuniões, juntávamos aos ‘companheiros e companheiras’ e ele afirmava abertamente. “Como é bom estar apaixonado”, mas não dizia por quem, para não publicizar o segredo. E eu gostava de ouvir esse tipo de atrevimento dele. Eu me sentia amada e desejada. As companheiras do PT insistiam: quem é a felizarda? E ele ria...ria muito.

Foi durante este encontro do PT, que pela primeira vez entrei em um motel. Durante vinte e dois anos de relacionamento nunca havia sido convidada a ir um motel. Ele possuía uma moto. Combinamos que eu ia andando à pé e fingia que ia pegar um ônibus e visitar minha irmã que morava na capital e ele, em um gesto cortês, se aproximava e me oferecia uma carona. Quando ele estava se aproximando, apareceram duas ‘companheiras’ que queriam saber o nosso destino. Ele ficou vermelho e imediatamente eu respondi, ‘ele vai me dar uma carona até a casa de minha irmã’. Tudo foi muito novo para mim. Eu não só estava vivendo uma paixão como estava tendo acesso ao um novo mundo. Na volta do motel, combinamos outra vez que ele me deixaria a dois quarteirões do lugar onde estava sendo realizada a convenção e que ele chegaria primeiro.

Eu havia pedido a separação judicial e além dos encontros às escondidas passamos a trocar correspondências<sup>210</sup>. Durante uma angustiante conversa sobre a pressão que estávamos vivenciando, tanto da parte do ex-relacionamento dele como do meu, ele deu um passo atrás, e achou melhor que acabássemos o relacionamento, pois ele estava com medo que acontecesse algum tipo de violência comigo ou com ele. Este fato não me levou a parar com o processo de separação. Não durou uma semana e ele pediu para voltar. Passamos a deixar e receber cartas na casa de uma amiga. Escrevíamos um para o outro e deixávamos as cartas sob os cuidados dela. Na casa de minha amiga eu lia as cartas dele e lá mesmo ou na Universidade eu escrevia as minhas. Nunca levei uma carta para casa, era

---

<sup>210</sup> Algumas cartas dele e enviadas para mim, estão hoje sob minha guarda, e as minhas enviadas para ele não tenho conhecimento do seu paradeiro. Nossa relação durou de 1990 a 2003. Em 2006 ele casou e em fevereiro de 2007, em um acidente automobilístico, ele faleceu.

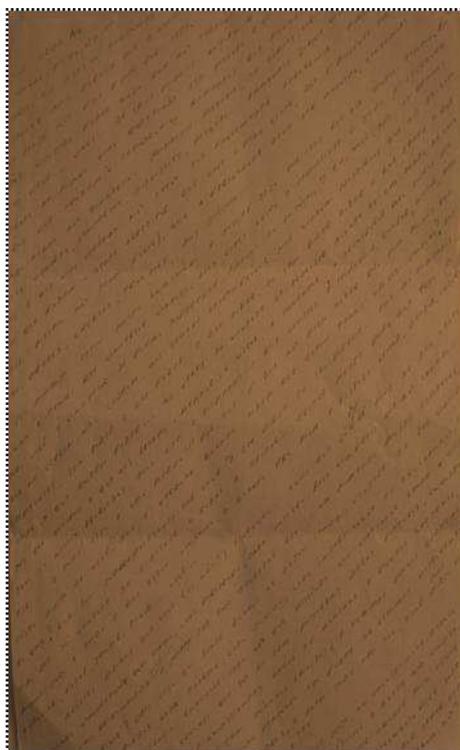
ele quem se responsabilizava por guardá-las. Foi uma época na qual a poesia me contagiou e eu escrevi vários poemas para ele.

O fragmento extraído da carta dele “Fazer de algumas passagens, quadros, e quem sabe um dia, você possa assinar” se referia as poesias que eu lhe escrevia, mas não assinava para que o romance não fosse descoberto. Essa frase também era a vontade de tornar público um relacionamento. Abaixo uma de suas cartas e os sentimentos de uma paixão que teria colocado em risco a honra masculina do homem traído.

São 11:07 hs, segunda – feira 20 de abril [1990].

Eu estava tentando estudar, mas parece que a noite de hoje não foi feita para isso. Não consigo fazer nada que não termine em você...você. Se (eu) pudesse passaria o resto da minha vida repetindo essa palavra e outras que trazem às lembranças, momentos que minha vida ainda não conhecia. Momentos gostosos, de toques, carícias, olhares, conversas, discussões, paixões...momentos jamais vívidos e que com certeza não serão tão facilmente esquecidos...momentos que fazem a gente acreditar que vale a pena viver, que é possível ser feliz (mesmo não sendo fácil), que a felicidade deve ser buscada, conseguida com brigas, choques, traumas, mas buscada.

No momento estou muito angustiado e talvez seja por isso que não consigo estudar. Eu tinha e tenho que conversar contigo, mas como agora é impossível, o jeito agora é escrever para você e conversar de forma diferente. Motivo da angustia? Eu, você, nós, as pessoas que nos cercam, nos cobram, nos olham desconfiados, nos contam histórias que nos deixam impotentes, sem saber o que fazer, sem saber o que dizer ou sem poder dizer o que



sente, o que gosta, o que queria fazer...As vezes dá vontade de explodir diante de muita coisa do que ouvimos e que nos levam a mentir, a negar, a inventar, a transferir para outras pessoas as nossas fraquezas, mas até o momento o que consigo é implodir, ignorar, negar, mentir...e tudo isto é uma merda!!! Por que é que não posso dizer pra

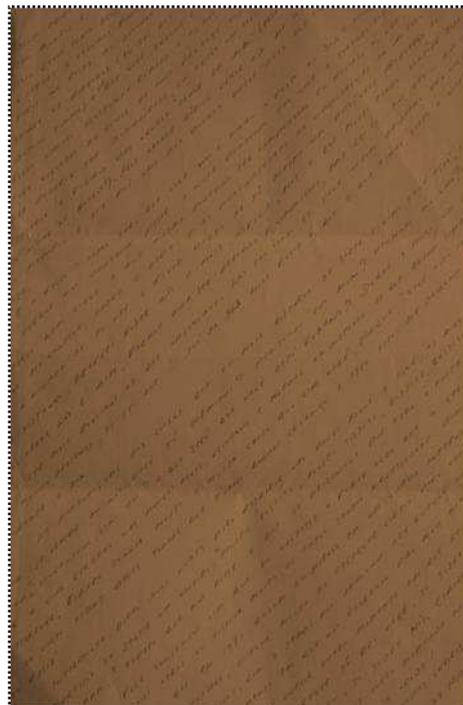
todo mundo que gosto muito de você? Que é verdade que estou tendo um caso contigo? que dá vontade de esquecer a razão e gritar...gritar muito para que todo o mundo ouça e saiba o que estou vivendo, o quanto pra mim é gostoso olhar, beijar, cheirar, acariciar, falar, sentir, tocar ...você.

Aquelas páginas que você (ou nós?) acho que já as li mais de 10 vezes, tentando compreender cada linha, cada parágrafo, cada palavra. Mas confesso que não consigo. É de uma profundidade incrível e deve ter sido escrita, em um momento muito especial, ou difícil? Uma coisa eu sinto quando estou lendo: vontade de ler contigo e decifrar cada enigma, cada dúvida, cada interrogação ou exclamação ou reticência. Enquanto isso não for

possível vou continuar lendo e gostando e achando que são ou tem passagens belas, poéticas, angustiadas e angustiantes, cheia de dúvidas (muitas) e algumas poucas certezas. Continuo pensando em *fazer de algumas passagens, quadros, e quem sabe um dia, você possa-pode assinar???*.

Você hoje, na Universidade, estava belíssima e quase não consigo conter aquele meu olhar apaixonado. Você sabe de que olhar estou falando, não? Blusa preta, sem manga e saía jeans, olhos belos e verdes e algumas pinturas no rosto (as dúvidas sobre as pinturas, eu sei que batom tinha) é porque você chegou e falou comigo bastante rápido e aí não tive coragem de olhar de novo pra você, porque poderia ser bandeiroso, ou então não me conteria e ficaria com aquele “olhar de bobo” (prefiro dizer de paixão!). Mas aquele rápido olhar não me saiu da memória e ele foi umas das poucas coisas boas que tive hoje.

E a festa? Como será que você viu e viveu a festa na Sab? Decidi ir porque não conseguia passar a noite pensando em você e sabendo que estaria num local e mesmo podendo ser complicado eu poderia te ver. Não me contive, entre o perigo e as possibilidades de complicações de um lado e a vontade de te ver e ficar perto de ti, mesmo com possíveis problemas ou à distância, preferir fazer não o mais difícil, mas o que mais tinha vontade. Isto as vezes não é bom, porque pode ser perigoso e complicado, mas sei lá não deu...não conseguí ser mais racional do que apaixonado. Não sei se teve ainda algum problema pra você, a minha presença, só sei que saí da SAB mais feliz do que tinha visto e vivido durante o dia.



No momento, uma das coisas que mais gostaria de saber é como você está, se está bem alegre ou não. Você está dormindo? Pensando em mim? Pensando na vida? Estudando? Escrevendo, como eu? O que será que você está fazendo? Daqui a pouco vou dormir e com certeza um pouco mais aliviado e menos angustiado do que quando comecei esta a escrever. Espero sonhar muito e muita coisa boa com você, porque “você está trazendo de volta alguns belos sonhos que tinha quando criança e isto está me deixando muito feliz”.

Interessante, parei duas vezes para respirar um pouco mais e tive as duas vezes, a impressão de sentir cheiros “muito gostoso, muito gostoso, gostoso hummm”... espero que não passe e que se prolongue por toda a noite. Você conseguiu com que eu voltasse a fazer algo que a cerca de dez anos atrás eu gostava muito, ou então sentia necessidade. Bom, eu sei que em 1980, quando eu morava em colégio interno, em Bananeiras, gostava muito de escrever cartas para algumas amigas. Com o tempo, fui deixando, até chegar outro momento em que resolvi escrever só para você, só sobre você e eu, só sobre nós. Espero que esse outro momento nunca se acabe. Muitos cheiros. 12.37hs.

Na escritura desta carta há emoções de um sujeito apaixonado e angustiado. Um homem crítico das representações que circulavam sobre a infidelidade. Por duas vezes, nesta carta, ele se refere à razão associada ao silêncio que o incomoda e o faz sentir-se angustiado. Não é uma angústia pela falta de amor ou por não ser amado, mas uma angústia pelo fato de sentir-se, juntamente comigo, vigiados, controlados e interditados socialmente.

Motivo da angustia? Eu, você, nós, as pessoas que nos cercam, nos cobram, nos olham desconfiados, nos contam histórias que nos deixam impotentes, sem saber o que fazer, sem saber o que dizer ou sem poder dizer que o sente, o que gosta, o que queria fazer... As vezes dá vontade de **explodir diante de muita coisa do que ouvimos e que nos levam a mentir, a negar, a inventar, a transferir para outras pessoas as nossas fraquezas, mas até o momento o que consigo é implodir, ignorar, negar, mentir...e tudo isto é uma merda!!!**<sup>211</sup>

Eram críticas de interdições aos sentimentos que haviam invadido nossos corpos. Por que as pessoas cercavam, cobravam e nos olhavam desconfiados? E por que a angústia é um sentimento tão presente nesta carta? O autor desta carta e eu estávamos burlando um

---

<sup>211</sup> Grifos nossos.

dos valores mais forte do casamento: a fidelidade. Neste trecho da fala acima, ele tem desejos de explodir as linguagens socialmente aceitas sobre a moral que nos levam a mentir, a negar, a inventar. São palavras pensadas e ditas, e é na manipulação das palavras que ele constrói momentaneamente suas identidades, como angustiado, impotente, mentiroso e fraco. É um sentimento de fraco e impotente diante da força que tem as representações que circulam sobre a prática do adultério. É um exercício de uma masculinidade pela reflexão do funcionamento da normatividade social.

Mesmo quando, na carta, ele muda de tema e se refere a uma festa, na qual, eu estava presente, o medo, o perigo e os possíveis problemas rondam suas palavras. Sendo um homem bastante racional não conseguia negar o fogaréu da paixão no qual estava envolvido.

E a festa? Como será que você viu e viveu a festa na Sab? Decidi ir porque não conseguia passar a noite pensando em você e sabendo que estaria num local e mesmo podendo ser complicado eu poderia te ver. Não me contive, entre o **perigo** e as possibilidades de complicações de um lado e a vontade de te ver e ficar perto de ti, mesmo **com possíveis problemas** ou à distância, preferir fazer não o mais difícil, mas o que mais tinha vontade. Isto às vezes não é bom, porque **pode ser perigoso e complicado**, mas sei lá não deu...não consegui **ser mais racional do que apaixonado**. Não sei se teve **ainda algum problema pra você**, a minha presença, só sei que sai da SAB mais feliz do que tinha visto e vivido durante o dia.<sup>212</sup>

Se eu nunca tinha vivenciado uma paixão, ele me confessava que nunca se sentiu amado como homem, embora tivesse tido várias namoradas. Algumas delas, inclusive, não o teria assumido publicamente. Ele se achava feio e pouco atraente. Mas agora ele sentia-se outro homem, apesar das pressões. O exercício de escrever cartas de amor fazia dele um homem mais aliviado e sonhador. Ele tinha sonhos que com a nova relação parecia retornar à sua infância, de acordo com suas confissões e trechos da carta abaixo:

Daqui a pouco vou dormir e com certeza um pouco mais aliviado e menos angustiado do que quando comecei esta a escrever. Espero sonhar muito e muita coisa boa com você, porque “você esta trazendo de volta alguns belos sonhos que tinha quando criança e isto está me deixando muito feliz”.

Ele não era só um homem que confessava suas emoções. Ele era um masculino diferente que conseguia ter a sensibilidade de sentir meu cheiro sem eu estar por perto. “Interessante, parei duas vezes para respirar um pouco mais e tive as duas vezes, a

---

<sup>212</sup> Grifos nossos.

impressão de sentir cheiros “muito gostoso, muito gostoso, gostoso hummm”... espero que não passe e que se prolongue por toda a noite<sup>213</sup>”.

Eu estava lidando com outro homem. Três anos depois (1993) ele foi para São Paulo fazer o doutorado. E durante uma semana antes do meu aniversário, eu recebi telegramas todos os dias, como uma preparação do meu aniversário. Eram telegramas que falavam da saudade e da vontade de estar comigo. A nossa relação permitiu que ele retomasse também o sabor de escrever cartas. A sensibilidade que antes era tida como feminina agora cruzava com a identidade masculina e tornava-o mais homem, mais sensível.

Você conseguiu com que eu voltasse a fazer algo que a cerca de dez anos atrás eu gostava muito, ou então sentia necessidade. Bom, eu sei que em 1980, quando eu morava em colégio interno, em Bananeiras, gostava muito de escrever cartas para algumas amigas. Com o tempo, fui deixando, até chegar outro momento em que resolvi escrever só para você, só sobre você e eu, só sobre nós. Espero que esse outro momento nunca se acabe. Muitos cheiros. 12.37 hs.

Em um gesto de gratidão pelo que aprendi com você, de ter comigo compartilhado os 13 anos de relacionamento; de ter saído do relacionamento sem desamor; de ter compartilhado com tudo que sou hoje, assino nessa passagem, que não é mais aquela. Assino, neste quadro que já é outro. Com a assinatura de uma mulher que já não é a mesma. Para você, que também não está mais aqui, assino neste texto, que não é o mesmo.

No próximo item, apresento mais uma carta como representação da felicidade vivida naquele momento e uma relação com este masculino que traduzia seus ‘sentimentos em papel’.

---

<sup>213</sup> Trechos da carta.

## 10. “Traduzir em palavras ou escrever sentimentos em papel”: gostoso demais

**Talismã**

Maria Bethânia

(Composição: Nando Cordel / Dominginhos)

Tô com saudade de tu, meu desejo/Tô com saudade do beijo e do mel  
 Do teu olhar carinhoso/Do teu abraço gostoso  
 De passear no teu céu/É tão difícil ficar sem você  
 O teu amor é gostoso demais/ Teu cheiro me dá prazer  
 Quando estou com você/Estou nos braços da paz/ Pensamento viaja  
 E vai buscar meu bem-querer/Não posso ser feliz, assim  
 Tem dó de mim/O que é que eu posso fazer

Essa canção acima e interpretada por Maria Bethânia marcou o nosso relacionamento. Seis meses se passaram e a poesia continuava (en) cantando suas cartas. “Traduzir em palavras ou escrever sentimentos em papel”, trecho extraído da carta abaixo, significa poesia, paixão e encantamento com o outro. Escrever sentimentos em papel é sim coisa de poeta. Não era um significado de paixão como algo passageiro, mas uma experiência de viver a paixão como um momento intraduzível. Ele estava fazendo sua pesquisa de mestrado na zona rural da cidade de Sumé e dela escrevia-me muitas cartas. Nem mesmo as dificuldades de fazer uma pesquisa impediram que a poesia norteasse sua vida. Era um masculino que estava sentindo na pele a sensibilidade.

Sumé, 22/08/1990. Olá menina bonita

Você consegue fazer com esse meu final de e início de noite ficasse muito mais alegre e bonito; receber sua carta, lê-la linha por linha duas vezes, me deixou flutuando, é como ou foi como se eu tivesse num lugar bem complicado, difícil, árido, seco e de repente, no meio de todas essas coisas difíceis, saísse flutuando como uma folha de

uma árvore ao som e ao embalo de um vento bem gostoso, bem leve e cheiroso como um perfume e uns cheiros gostosos que passaram a fazer parte de minha vida de forma bem mais intensa de seis meses para cá. Foi um pouco isso e mais outras coisas boas e belas que senti ao ler tua carta. Suas palavras soaram ou tocaram meu coração como magia e como num toque de fada, tudo ficou mais mágico, mais leve, mais manso, mais calmo e bonito...interessante, você consegue fazer muito isso na minha vida e eu que de uns tempos para cá considerava que magia, momentos de magia era pura ilusão, engano, coisa de criança...e não é nada disso, ou melhor não é só isso.

SUMÉ, 22 102 1 1990  
 OLI MEMIN SOMITI.  
 VOCÊ CONSEGUE FAZER COM QUE ESSE MEU FIM DE TARDE E INÍCIO DE NOITE FICASSE MUITO MAIS ALEGRE E BONITO E RECALDE TU CARTA, CÉ-É UMHA POR LINDAS DAS VERTES, ME DEIXOU FORTUUNADO. É COMO OU FUI COMO SE EU ESTIVESSE NUM LUGAR BEM CARIACADO, DIGITAL, FÉRIAS, SECO E DE REPENTE, NO MEIO DE TODAS ESSAS COISAS DIFÍCILIS, SUSSO FORTUUNADO COMO UM FIM DE UM ARVORE AO SOM E O EMBALO DE UM VENTO BEM GOSTOSO, BEM LEVE E CHEIROSO COMO UM PERFUME E UNS CHEIROS GOSTOSOS QUE PASSARAM A FAZER PARTE DE MINHA VIDA DE FORMA BEM MAIS INTENSA DE SEIS MESES PARA CÁ. FOI UM POUCO ISSO E MAIS OUTRAS COISAS BONS E BELAS QUE SENTI AO LER TU CARTA. SUAS PALAVRAS SOARAM OU TOCARAM O MEU CORAÇÃO COMO MAGIA E COMO NUM TOQUE DE FADA, TUDO FICOU MAIS MÁGICO, MAIS LEVE, MAIS MANSO, MAIS CALMO E BONITO...INTERESSANTE, VOCÊ CONSEGUE FAZER MUITO ISSO NA MINHA VIDA E EU QUE DE UNS TEMPOS PARA CÁ CONSIDERAVA QUE MAGIA, MOMENTOS DE MAGIA ERA PURA ILUSÃO, ENGANO, COISA DE CRIANÇA...E NÃO É NADA DISSO, OU MELHOR NÃO É SÓ ISSO.

ESTAS ÚLTIMAS LINHAS DE TU CARTA, EU ME SENTI TÃO GENTE, TÃO FELIZ, QUE DEU VONTADE DE CHORAR, DE GRITAR PRA TODO MUNDO QUE SOU FELIZ, QUE AMO UMA PESSOA QUE ME FAZ FELIZ, QUE ME FAZ ALEGRE, QUE ME FAZ VIVER, QUE ME FAZ GENTE, QUE ME ACARICIA COM PALAVRAS TÃO BEM COMO ACARICIA COM AS MÃOS, COM OS LÁBIOS, COM OS DENTES, COM O CORPO... NÃO É FÁCIL TRADUZIR EM PAPEL OS SENTIMENTOS QUE ESTOU ENCONTRANDO NESTE MOMENTO (12.10 HORAS) PARA TI DIZER O QUE ESTOU SENTINDO... A OUTRA FÉRIAS, MAS SEM QUE ESTOU COM MUITA VONTADE DE CONVERSAR contigo, DE TE ACARICIA COM ALGUMAS PALAVRAS, DE FAZER VOCÊ SENTIR AS COISAS BONITAS QUE ESTOU SENTINDO DE DIVIDIR contigo UM POUCO, MAIS UM POUCO DE MEUS MOMENTOS DE FELICIDADES, DE QUE VAS TERIAS PARA CÁ TEM ALBERTO

Você diz na carta que eu não compreendo o que é sentir saudades e talvez, pelo menos um pouco, você tenha razão, mas eu quero conversar com você para compreender mais a tua forma de sentir. Agora tem uma coisa que eu queria que você soubesse, desde que eu me entendo de gente nunca alguém havia me dito isto: “faça sua pesquisa bem direitinho (ou qualquer outra coisa) mas volta para casa...eu estou te esperando com muitas saudades, com muita vontade de te abraçar, de te dar cheiros, muitos, muitos...” “olha quando li estas últimas linhas

de tua carta, eu me senti tão gente, tão feliz, que deu vontade de chorar, de gritar pra todo mundo que sou feliz, que amo uma pessoa que me faz feliz, que me faz alegre, que me faz viver, que me faz gente, que me acarícia com palavras tão bem como acarícia com as mãos, com os lábios, com os olhos, com o corpo...não é fácil *traduzir em palavras ou escrever sentimentos em papel*, mas como é a única forma que eu estou encontrando neste momento (12.10 horas) para ti dizer o que

FICOU MAIS ALEGRE, MAIS LEVE, MAIS FELIZ, MAS SEM SER, MAS CALMO E BONITO... INTERESSANTE VOCÊ CONSEGUE FAZER MUITO ISSO NA MINHA VIDA E EU QUE DE UNS TEMPOS PARA CÁ CONSIDERAVA QUE MAGIA, MOMENTOS DE MAGIA ERA PURA ILUSÃO, ENGANO, COISA DE CRIANÇA... E NÃO É NADA DISSO, OU MELHOR NÃO É SÓ ISSO.  
 VOCÊ DIZ NA CARTA QUE EU NÃO COMPREENDO O QUE É SENTIR SAUDADES E TALVEZ, POUQUINHO, VOCÊ TENHA RAZÃO, MAS EU QUERO CONVERSAR COM VOCÊ PARA COMPREENDER MAIS A TUA FORMA DE SENTIR. AGORA TEM UMA COISA QUE EU QUERIA QUE VOCÊ Soubesse, DESDE QUE EU ME ENTENDO DE GENTE NUNCA ALGUÉM HAVIA ME DITO ISSO. “FAÇA SUA PESQUISA BEM DIREITINHO (OU QUALQUER OUTRA COISA), MAS VOLTA PARA CASA... EU ESTOU TE ESPERANDO COM MUITAS SAUDADES, COM MUITA VONTADE DE TE ABRAÇAR, DE TE DAR CHEIROS, MUITOS, MUITOS...” “OLHA QUANDO LI

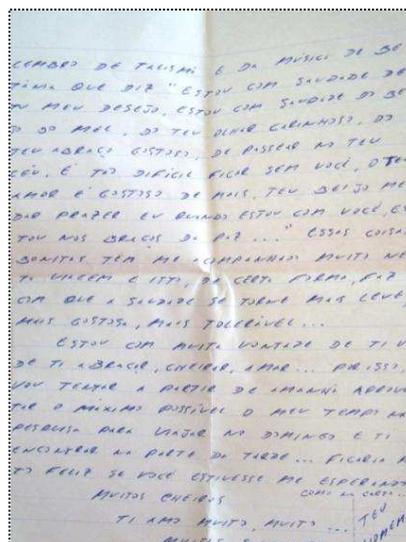
eu estou sentindo...

A outra forma possível não dá mais para esse horário, mas bem que eu estou com muita vontade de conversar contigo, de tí acariciar com algumas palavras, de fazer você sentir as coisas bonitas que eu estou sentindo, de dividir contigo um pouco, mais um pouco dos meus momentos de felicidades, que de uns tempos para cá tem aumentado muito.

Sabe...as vezes penso que o que estou vivendo é um sonho, ou melhor eu tenho certeza de que o que nós vivemos é também um sonho, mas bem claro: é um sonho que se vive, porque os sonhos também são vívidos...e nós vivemos muito, muito e isso faz parte dos nossos sonhos, das coisas fantásticas, idealizadas e bela que vivemos quando criança, quando adolescentes e que estamos vivendo agora de outra forma; mas com um leve toque dessas fases anteriores. Neste momento estou lembrando de uma música que me acompanhou durante a viagem de Campina até aqui e que você gosta muito: Talismã.

Você foi quem primeiro chamou a atenção para esta música e aí ela ficou um pouco marcada no meu pensamento. Quando quero lembrar de você cantando, com música, eu lembro de Talismã e da música de Betânia que diz: *“estou com saudade de tu meu desejo, estou com saudade do beijo do mel, do teu olhar carinhoso, do teu abraço gostoso, de passear no teu céu. É tão difícil ficar sem você o teu amor é gostoso demais, teu beijo me dá prazer, quando estou com você, estou nos braços da paz...”*

Essa coisa bonita têm me acompanhado muito nessa viagem e isto de certa forma, faz com que a saudade se torne mais leve, mais gostosa, mais tolerável. Estou com muita saudade de tí ver, de tí abraçar, cheirar, amar...por isso vou tentar a partir de amanhã aproveitar o máximo possível o meu tempo na pesquisa para viajar no domingo e tí encontrar na parte da tarde...Ficaria muito feliz se você estivesse me esperando, como na carta... Muitos, cheiros, tí amo muito, muito...saudades. Teu Homem.



O tema da sua dissertação era sobre a liberdade camponesa em um espaço árido, de seca, de angústia<sup>214</sup>. Era em um pequeno povoado que na época não havia nem energia.

<sup>214</sup>O título de sua dissertação ficou assim “Falas de liberdade: Um Estudo Sobre o Discurso Camponês de Liberdade.

Lembrava-me ele: “[...] parei a pesquisa em uma sexta –feira no final da tarde. Lembrava de você e como quem quisesse ‘afogar a saudade’ em um copo de cerveja fui a uma mercearia comprá-la. Esqueci completamente que lá não tinha energia. Mas tinha cerveja quente, nas prateleiras’. O vendedor lhe disse: ‘aqui todo mundo toma assim. E eu a tomei. Foi a cerveja mais gostosa que eu tomei em toda minha vida. Eu queria matar o que estava sufocando-me: a saudade”. Contava-me ele essas e outras histórias que havia vivenciado na pesquisa. Quando recebíamos as cartas um do outro, era uma felicidade, que só quem sentiu pode expressar tantas emoções.

[...] receber sua carta, lê-la linha por linha duas vezes, e deixou flutuando, é como ou foi como se eu tivesse num lugar bem complicado, difícil, árido, seco e de repente, no meio de todas essas coisas difíceis, saísse flutuando como uma folha de uma árvore ao som e ao embalo de um vento bem gostoso, bem leve e cheiroso como um perfume e uns cheiros gostosos que passaram a fazer parte de minha vida de forma bem mais intensa de seis meses para cá.

Era a sensibilidade da paixão entrelaçada com o movimento intelectual que ele estava vivendo naquele momento. Para chegar ao povoado, ele subia na moto e atravessava vários quilômetros de poeira em estrada de barro. Quando recebia uma carta minha era no final de semana quando retornava à Sumé, onde ficava hospedado na casa de Dona Maria que o tinha como um filho. Ele sentia a magia da paixão e da felicidade. Não a arrogância masculina por se sentir como o estranho que invade o corpo do outro. Havia sentimentos sendo vividos, experimentados.

Suas palavras soaram ou tocaram meu coração como magia e como num toque de fada, tudo ficou mais mágico, mais leve, mais manso, mais calmo e bonito... interessante, você consegue fazer muito isso na minha vida e eu que de uns tempos para cá considerava que magia, momentos de magia era pura ilusão, engano, coisa de criança...e não é nada disso, ou melhor não é só isso.

A paixão como afirma Foucault (1973),<sup>215</sup>:

---

<sup>215</sup>Entre o amor e os estados de paixão - Conversa com Werner Schroeter e Michel Foucault-1973 espaço michelfoucault –disponível no site <[www.filoesco.unb.br/foucault](http://www.filoesco.unb.br/foucault)>visitado em 14 de janeiro de 2011.

É um estado, é algo que te toma de assalto, que se apodera de você, que te agarra pelos ombros, que não conhece pausa, que não tem origem. Na verdade, não se sabe de onde vem. A paixão simplesmente vem. É um estado sempre móvel, mas que não vai em direção a um ponto dado.

E foi assim que a paixão nos tomou, implodindo o sofrimento, a vergonha, o constrangimento, a agressividade vivida no privado e no público. Os sentimentos expressos nesta carta não eram diferentes dos meus escritos nas cartas que eu lhe enviava. Tanto ele como eu traduzíamos nossos sentimentos em palavras, em papel, mas também no corpo, no gesto, no olhar e no cuidar.

[...] olha quando li estas últimas linhas de tua carta, eu me senti tão gente, tão feliz, que deu vontade de chorar, de gritar pra todo mundo que sou feliz, que amo uma pessoa que me faz feliz, que me faz alegre, que me faz viver, que me faz gente, que me acaricia com palavras tão bem como acaricia com as mãos, com os lábios, com os olhos, com o corpo...não é fácil *traduzir em palavras ou escrever sentimentos em papel*, mas como é a única forma que eu estou encontrando neste momento (12.10 horas) para ti dizer o que eu estou sentindo.

Escrever este capítulo com o título “Você caça a honra manchada e eu vivo a paixão: (...) provocou em mim emoções de dor, angústia, mas também de felicidade. Provocou o exercício de rachar as palavras e os sentimentos. Provocou também desnudar os arranjos de gêneros que arquitetaram os masculinos e os códigos que lhe dão sustentação. A defesa da honra manchada machucava o masculino ‘adúltero’. Ele se sentia incomodado pelas práticas de violência que atravessavam essa nova experiência, muitas delas, aqui foram omitidas para não provocar mais rancor, mas também em respeito a este masculino que já não estar entre nós. Sentíamos agredidos não só fisicamente, mas pelo espetáculo moral dos sentimentos de ódio, de perda, ira e rancor. Nada disso impediu que vivêssemos a felicidade por um longo tempo. Vivemos outro espetáculo: o da paixão duradoura.

Ele era um homem que exercia sua masculinidade pela sensibilidade, pela paixão, pela ética no trabalho e o compromisso com a educação; pela alegria de gostar de convidar os amigos para comemorar as conquistas acadêmicas, de desejar ter educado a filha; de amar sua mãe, uma mulher viúva e com mais de 60 anos, que ele a incentivava a namorar e

---

ser feliz; de cuidar da saúde de um de seus irmãos e incentivá-lo a entrar na faculdade; enfim, era um homem que exercia sua masculinidade fora da masculinidade hegemônica.

As práticas masculinas exercidas por estes sujeitos e analisadas neste capítulo são distintas e efeito das diversas formas como eles foram produzidos para serem homens. Eles foram desenhados e subjetivados por textos culturais distintos. O primeiro, não se permitiu ser afetado pelas transformações sociais e o segundo, além de ser afetado, teve acesso a um volume de textos que abriram seu corpo e sua alma para outras formas de subjetividades.

Saio desta página e deste capítulo, como sujeito diferente para analisar as práticas da masculinidade e a traição feminina. Saio como sujeito e objeto da pesquisa e continuo como sujeito na condição de pesquisadora. Se nos anos 90 o masculino ainda tinha a seu favor os dispositivos jurídicos e a normatização social que garantiam a defesa da honra masculina, vinte anos depois, muitas transformações aconteceram e sobre os valores da honra há indícios de seu enfraquecimento. O que é possível ter é a visibilidade de outras práticas da masculinidade, como exigência das transformações da contemporaneidade. São homens que foram traídos, criaram uma Associação de Cornos e vivem novas sociabilidades praticando masculinidades distintas.

Um masculino subjetivado e transtornado: a terapia da dor, o agenciamento de  
códigos sociais e outras masculinidades

**Fera Ferida**

Roberto Carlos

(Composição: Roberto Carlos / Erasmo Carlos)

Acabei com tudo /Escapei com vida /Tive as roupas e os sonhos  
Rasgados na minha saída.../Mas saí ferido  
Sufocando meu gemido /Fui o alvo perfeito  
Muitas vezes /No peito atingido...  
Animal arisco /Domesticado esquece o risco  
Me deixei enganar /E até me levar por você...  
Eu sei! /Quanta tristeza eu tive  
Mas mesmo assim se vive /Morrendo aos poucos por amor  
Eu sei! /O coração perdoa /Mas não esquece à toa  
E eu não me esqueci.../Não vou mudar  
Esse caso não tem solução /Sou Fera Ferida /No corpo, n' alma  
E no coração...

## 1. O meu reencontro com o homem traído em mesa de bar: o tema (re) significado

Botequim é mesmo um templo onde os  
solitários se sentem bem acompanhados com seus copos, pensando..., pensando...  
Só falam de mulher, de futebol, de samba e de política, sem discutir de forma  
tensa, visto que ninguém vai a um boteco pra esquentar a cabeça  
(MARTINHO DA VILA)<sup>216</sup>

Dezoito anos se passaram desde a minha separação judicial. Escapei com vida, me tornei diferente e me sentindo outra mulher. Eu não só passei a me sentir com mais liberdade, como também, passei a subjetivar outra condição feminina, trabalhando, pesquisando, estudando e construindo novas experiências. Recentemente, passei a pesquisar sobre a masculinidade. Pela primeira vez, desde que comecei a exercer a profissão docente, passei a ter contato com as leituras sobre gênero, e mais particularmente, com o tema da masculinidade, o que foi um grande desafio<sup>217</sup>. Em 2007 ingressei como aluna do doutorado em Ciências Sociais na UFCG<sup>218</sup> no final de 2007, houve um reencontro meu com o tema da infidelidade. Os temas da infidelidade e da masculinidade não haviam saído da minha vida e eu me despi para reencontrá-lo. Descortinei valores e ‘arregacei as mangas’ para pesquisar sobre eles. Os temas

<sup>216</sup> Disponível no site: <http://www.martinhodavila.com.br/butiquim.htm> visitado em 17 de Março de 2011.

<sup>217</sup> Até então, influenciada pelas leituras realizadas nas obras de Foucault<sup>217</sup> eu havia canalizado minhas pesquisas para a área de educação. As obras de Foucault apareceram na minha vida acadêmica transpassando meu corpo e minha ‘alma’. Muitos dos valores que ainda sustentavam os meus ‘lugares de gênero’ foram fragmentados e violentados de forma positiva, em parte, pelas leituras e discussões que fiz sobre as obras deste autor. Como afirma Jorge Larrosa, essa foi o tipo de leitura que me modificou e me transpassou.

<sup>218</sup> Na época entrei com um projeto no qual discutia as identidades da etnia indígena Potiguara, resultante da minha participação na equipe que realizou estudos e workshop para implementar o curso superior em Educação Indígena nesta Universidade. Fazia dois anos que eu vinha, juntamente com outros professores, assessorando os índios da Baía da Traição, cidade próxima a João Pessoa para elaboração de um Projeto Pedagógico para implantar o curso em Licenciatura Indígena. Nossa equipe realizou um estudo de viabilidade para oferta de um curso de Licenciatura em Educação Indígena no Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande destinada exclusivamente à etnia indígena. Hoje o curso funciona de forma semi-presencial e a primeira turma já está em fase de conclusão. Sobre o relatório desse estudo cf. – Rodrigo de Azeredo Grünewald, *etalli*. Cadernos do LEME, Campina Grande, vol. 1, nº 2, p. 114 – 150. Jul./dez. 2009.

<sup>218</sup> Mesa de Bar- Composição: Toquinho / Gianfrancesco Guarnieri.

reapareceram na minha vida, quando resolvi assistir a um espetáculo circense<sup>219</sup>. Cheguei por volta das dezenove horas, portanto uma hora antes do início do espetáculo. Era um circo com perfil popular, típico daqueles que faz turnê em cidades pequenas do interior<sup>220</sup>. Enquanto aguardava o início da sessão fui tomar uma cerveja no ‘bar do Tonho’<sup>221</sup>. Como afirma o cantor Martinho da Vila na epigrafe acima, o bar é um lugar “onde os solitários se sentem bem acompanhados com seus copos.” “É na mesa de bar, como afirma o compositor e cantor Toquinho, que se engana a razão e a saudade maltrata o coração”<sup>222</sup>.

Em uma mesa ao lado da minha, não havia homens solitários, como afirma Martinho da Vila, mas encontrava-se um grupo de homens muito descontraído. Aqueles homens apresentavam um diferencial: falavam em voz alta e riam de um homem traído. Eles riam de um colega que estava com eles, sentado na mesma mesa e que havia sido traído pela namorada<sup>223</sup>.

A forma, como aqueles homens estavam lidando com a traição, teve continuidade e eu tive um novo impacto, quando um transeunte que passava em uma bicicleta foi convocado para vir até a mesa e com eles, tomar uma cerveja. Ouvi, quando um deles disse: ‘senta aí cara, vamos tomar uma’. E todos riram, inclusive, ‘Tonho’, o dono do Bar. O convidado para sentar à mesa era o ‘urso’ ou o ‘Ricardão’, como é denominado popularmente o homem que trai outro homem. Ele estava sendo convocado para partilhar outro tipo de sociabilidade: a astúcia de aguentar e rir publicamente da dor produzida pela traição feminina. Os valores, de um homem considerado macho, aquele que lavava a honra com sangue parecia não constituir como parte de suas práticas masculinas.

O bar, que sempre foi considerado historicamente, entre tantas representações, um espaço masculino para viver o sofrimento pela dor de um amor perdido, estava por aquela experiência sendo (re)significado, ou havendo outras formas de produtividade dos códigos

---

<sup>219</sup> Como nasci em uma cidade muito pequena da Paraíba e na minha infância assisti a alguns espetáculos nos circos, assim, não recusei o convite de meu namorado, para assistir uma dessas apresentações no bairro onde ele morava - Santa Rosa – em Campina Grande.

<sup>220</sup> Em geral, são circos que tem as lonas de cobertura remendadas, as arquibancadas ou ‘puleiro’, como se dizia em Juazeirinho, feitas com tábuas rachadas e quebradas sobrepostas umas sobre as outras. Adorei ficar no ‘puleiro’, comer pipoca e comprar confeitos àqueles meninos que com uma caixa presa por uma faixa de couro entre o pescoço e a cintura vendiam seus bombons, chocolates e chicletes transitando entre os espectadores.

<sup>221</sup> Este bar localizado no bairro de Santa Rosa, em frente onde o circo estava instalado. O bar do “Tonho”, como todos os bares, é um lugar de sociabilidade e descontração.

<sup>222</sup> Mesa de Bar- Composição: Toquinho / Gianfrancesco Guarnieri.

<sup>223</sup> Há décadas atrás, um acontecimento desse tipo, possivelmente, provocaria violência, e quem sabe até a morte.

masculinos. Nos anos 50 do século passado, por exemplo, Lupicínio Rodrigues traduzia musicalmente a dor da traição na música intitulada “Vingança”. “Eu gostei tanto, quando me contaram que lhe encontraram bebendo e chorando na mesa de um bar”. No bar de Tonho naquele momento estava havendo, pelo menos para mim, algo diferente. Os homens, inclusive o traído e o traidor, compartilhavam da mesma mesa e riam da situação, era uma vivência diferente daquela colocada na música de Lupicínio Rodrigues. Era um indicativo de que os valores masculinos sobre a infidelidade eram múltiplos, como também, estavam em processo de fragmentação.

O que teria mudado, do ponto de vista social, para que aqueles homens tratassem a dor da traição de forma distinta daquela vivenciada por mim nos anos 90? Estaria havendo outros significados positivos sobre a infidelidade feminina ou era uma tática masculina para vivenciar a dor de forma distinta? Ou eram novos arranjos para praticar outras formas de masculinidades? Voltei para casa renovada de idéias e decidida a mudar o tema da tese de doutorado pesquisando sobre masculinidade e infidelidade.

O tema da infidelidade estava em 2009 na pauta da mídia<sup>224</sup> e motivando a discussão nas ruas, nos bares, na mídia e também nas salas de muitas residências.<sup>225</sup> Em um dia de domingo, mas precisamente em trinta de março de 2008, o telefone da minha residência tocou. Fui atendê-lo. Era Keila Queiroz, uma professora da UFCG e minha amiga avisando que havia saído no Jornal da Paraíba uma matéria sobre uma Associação de Cornos - A CORNOLÂNDIA -<sup>226</sup> em João Pessoa. Era o tema da pesquisa ‘batendo em minha porta’.

<sup>224</sup> Como exemplo, a novela da rede globo “Caminho das Índias”, ganhou em 2009, um prêmio como a melhor novela do mundo<sup>224</sup>, e um dos temas abordados na novela foi a infidelidade feminina vivenciada pela interpretação da atriz Dira Paes com a personagem de ‘Norminha’. Este tema além de ser provocador, estava motivando a discussão sobre gênero, nas ruas, nos bares, na mídia e também nas salas de muitas residências. Um exemplo são as recorrentes entrevistas de antropólogos e as opiniões de populares sobre o tema na mídia, durante o ano de 2009. “Caminho das Índias” foi escolhida a melhor novela do 37th International Emmy Awards, prêmio entregue dia 23/11/2009, em Nova York, à autora Glória Perez e ao diretor artístico Marcos Schechtman [...] Caminho das Índias, entre as dezenas de obras inscritas, disputou com duas novelas das Filipinas e uma da França a estatueta que representa a mais importante premiação no mercado de televisão. Cf. <<http://caminhodasindias.globo.com/Novela/Caminhodasindias/Bastidores/0,,AA1706613-16543,00.html>>

<sup>225</sup> Cf. as entrevistas disponíveis nos seguintes sites <[http://anamariabraga.globo.com/home/canais/canais-casa.php?id\\_not=2736](http://anamariabraga.globo.com/home/canais/canais-casa.php?id_not=2736)>(10-09-2009) <<http://anamariabraga.globo.com/home/forum/?p=102>> <<http://www.luzia.psc.br/blog/2010/04/traicao-no-casamento-2/>>”Homens são mais tolerantes a traição homossexual que mulheres”(dezembro de 2009).

<<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/867473-homens-sao-mais-tolerantes-a-traicao-homossexual-que-mulheres.shtml>>(28/01/2011) visitados em 17 de Março de 2011.

<sup>226</sup> A Associação de Cornos do bairro da Torre em João Pessoa ou Cornolândia foi criada, de acordo com seu presidente, como uma forma de seus participantes brincar a situação dos homens traídos.

Comprei o Jornal e a manchete era “ELES SÃO MAIS FELIZES NA CORNOLÂNDIA”.<sup>227</sup> Era uma reportagem sobre uma Associação de homens traídos que funcionava no mercado do bairro da Torre na cidade de João Pessoa. Concluída a leitura do jornal, lembrei-me da experiência, na qual vivenciei no bar do Tonho e me dei conta que eu já estava apaixonada pelo tema, e fiquei mais convencida, de que eu havia escolhido um tema especial.

Apaixonar-se academicamente pela pesquisa é sonhar sobre os encontros projetados para com ela. É suspirar e sentir prazer quando vem uma idéia para facilitar o encanto com as leituras e com o material da pesquisa. É criar ilusões, sonhos e, às vezes, pesadelos. É mais do que isso, é arrumar campos de cumplicidade para não perdê-la e demonstrar, muitas vezes sem querer, sua afetividade, seu desejo, mas é também uma relação de alteridade, de produtividade, de violência, de descontinuidade do lugar de pesquisadora e de novos encontros com outros saberes.

Meu tema continuava estimulando novos encantos e novos encontros. Em um final de semana, encontrei uma professora do ensino médio que foi minha aluna na Universidade Estadual da Paraíba no início dos anos 90, e que hoje trabalha em uma Escola pública de Campina Grande, na qual, se interessou pelo tema e me convidou para falar sobre ele em sua turma do ensino médio. Depois de minha visita à escola, a professora juntamente com os alunos e alunas formaram um grupo de pesquisa sobre sexualidade.<sup>228</sup>

Eram jovens pesquisadores que estavam sendo atraídos por temas até então, para eles, considerados proibidos, muitas vezes, censurados ou conversado entre quatro paredes’. Estavam aqueles adolescentes criando novos espaços de discussão na produção dos saberes, como a sexualidade, a pedofilia na internet e a gravidez na adolescência. Eles e elas ainda foram mais audaciosos e se colocaram a disposição para me auxiliar na minha pesquisa de doutorado, aplicando quatrocentos questionários aos homens em Campina Grande sobre traição. Com o desenvolvimento da escrita da tese, os dados dos questionários não puderam ser utilizados.<sup>229</sup>

---

<sup>227</sup>Cf. Jornal da Paraíba, domingo 30 de Março de 2008 -Caderno 7.

<sup>228</sup> Durante quase um ano, estudamos juntos e pela primeira vez, alunos e alunas do ensino médio daquela escola escreveram textos para apresentar em uma Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro de Humanidades da UFCG.

<sup>229</sup> Depois de sistematizar a organização da tese resolvi guardar esses dados dos questionários para um outro momento pois fugia dos interesses da problemática construída para os capítulos traçados depois da qualificação da tese.

Neste capítulo, analiso os discursos sobre a experiência de um homem traído, discutindo a trajetória de uma masculinidade subjetivada e o agenciamento de outros códigos sociais, praticados na Associação de Cornos - CORNOLÂNDIA -, para exercer múltiplas masculinidades. Como material de pesquisa utilizo as entrevistas realizadas com o presidente e a 'psicóloga' da Associação. Além disso, utilizo o material disponibilizado por eles, como por exemplo, a relação dos tipos de cornos, a oração dos cornos etc. para articular com os seus discursos.

Na Associação, a dor da traição é tratada através da sociabilidade “[...] pela qual, os participantes se mostram a um só tempo interessados e descomprometidos, autonomizando suas atuações no sentido de evitar qualquer demonstração de um interesse objetivo nos assuntos (SIMMEL, APUD GASTALDO 2005, p. 108).”<sup>230</sup> Nesta associação, a sociabilidade funciona como um agenciamento para vivenciar a masculinidade por outras formas de subjetivação.

As atitudes masculinas naquela mesa de bar e as experiências da Associação de cornos indicavam que estavam havendo mudanças no tratamento dado pelo masculino à infidelidade feminina. Eram mudanças, tanto do ponto de vista das lutas das mulheres, pelas conquistas sociais e de gênero, como das transformações no processo de subjetivação, pelas quais as mulheres e homens estavam sendo afetados e afetando o comportamento e atitudes, em particular, no que diz respeito ao corpo e a sexualidade.

Os acontecimentos ocorridos na segunda metade do século XX, juntamente com novos saberes minaram e fragmentaram as práticas da masculinidade hegemônica, contribuindo para agenciar novos códigos e repor outros, indicando que o homem está exercendo, múltiplas formas da masculinidade, transitando pela multiplicidade de códigos, o que sugere, que as masculinidades hegemônicas ainda são exercidas e outras emergentes estão em trânsito. Esses acontecimentos funcionam como uma relação de forças “[...] que se encontra em jogo da história (FOUCAULT, 1979, p. 28<sup>231</sup>)”. São esses e outros acontecimentos que contribuíram para que, o homem traído, analisado neste capítulo, fosse transformado, mas também, se sentisse transtornado.

---

<sup>230</sup>Cf. Édison, Gastaldo. O complô da torcida: futebol e performance masculina em bares - Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 107-123, jul./dez. 2005.

<sup>231</sup> Foucault. Michel. Microfísica do Poder (1979).

## 2. Outros [com] textos: subjetividades trans-formadas

[...] o sujeito perdura por meio de um continuo romper-se,  
mas esse não é um evento negativo...  
(MARCUS DOEL)<sup>232</sup>

O corpo feminino na contemporaneidade está sendo redesenhado por novos saberes, o que significa que a pedagogia do corpo feminino para ser virgem e fiel, por exemplo, tem perdido sua utilidade. Como exemplo de novos saberes, temos os escritos feministas, as lutas das mulheres pela igualdade de gênero, a revisão do saberes médicos e jurídicos sobre o corpo feminino, as inovações tecnológicas, o envolvimento político e acadêmico de homens, formando grupos de estudos e escrevendo sobre masculinidades<sup>233</sup>; o descentramento do sujeito considerado centrado e como centro da sexualidade; a fragmentação da matriz heterossexual; as múltiplas experiências do sujeito e sua sexualidade e também, pela formação das subjetividades contemporâneas, como uma ‘técnica de si’, uma disciplina de si, diferente do exercício de poder, o qual era exercido como uma disciplina sobre a ação do outro. Na contemporaneidade, particularmente, a partir do final do século XX funciona “[...] da maneira com os sujeitos lidam com sua própria subjetividade (ALVIM, 2010, p.195).<sup>234</sup> De forma que, o exercício da masculinidade foi afetado e afetou práticas de relacionamento, produção de identidades, modelos de condutas e as formas de controle social.

---

<sup>232</sup> Corpos sem órgãos: esquizoanálise e desconstrução In Nunca fomos Humanos. Nos rastros do sujeito/org. e tradução/Tomaz Tadeu da Silva...Belo Horizonte: Autentica, 2001.

<sup>233</sup>Entre tantos estudos, cf. as seguintes obras: A construção social da masculinidade (2004); A desconstrução do masculino (1995); O mito da masculinidade (1995); O discurso da dominação masculina; Homens e masculinidade – Outras palavras (1998); Homens: tempos, práticas e vozes (2004); Homens - Comportamento Sexualidade e Mudanças (1997); Masculinidades (2004); Homens- Sexualidades ,- Direitos e Construção da Pessoa (2004) Cf. Bibliografia completa nas referências bibliográficas. Além de inúmeras publicações em periódicos e os trabalhos sobre gênero que inclui a discussão sobre a masculinidade.

<sup>234</sup>Alvim, Davis M. Pensamento indomado: História, poder e resistência em Michel Foucault e Gilles Deleuze, 2010 disponível no site <[www.ufes.br/.../Dimensoes%2024%20-%209%20%20Davis%20M%20Alvi...](http://www.ufes.br/.../Dimensoes%2024%20-%209%20%20Davis%20M%20Alvi...)> Visitado maio de 2011.

Os saberes na contemporaneidade vieram confrontar-se com outros dispositivos discursivos que até então vinham dando sentido à ‘condição’ feminina. Um exemplo, foram os escritos feministas produzidos para repulsar as teses naturalistas, em particular, aquelas sobre a condição inferior feminina, a partir do corpo da mulher, o que de acordo com Aran (2003),<sup>235</sup> “[...] abriu um leque de possibilidades para pensar o que o sujeito pode se tornar [...] (p.400)”. As teses médicas, com destaque para a reprodução e a inferioridade do sexo feminino, construídas durante o século XVIII e o século XIX, algumas delas citadas e comentadas nos capítulos anteriores<sup>236</sup>, aos poucos foram sendo desnaturalizadas por outros saberes e experiências, e junto com elas, foi sendo fragmentado “[...] o projeto de tornar universal o modelo da dominação masculina (ARAN, 2003, p.398).”

A tese que ‘o destino da mulher era a maternidade’, entrou em colapso com a ‘liberdade sexual’ e com o surgimento da pílula anticoncepcional, contribuindo para que o corpo feminino fosse transitado e transitasse por novas significações. A pílula proporcionava e ainda proporciona a mudança nas relações de poder que funciona nas relações de gêneros, pois a mulher pôde decidir se desejava ou não ter filhos e passou a pulverizar as subjetividades de que o destino da mulher era a maternidade.

Seja com a ajuda do planejamento familiar ou recorrendo às diferentes técnicas destinadas a impedir a fecundação – dispositivos intra-uterinos, pílula, aborto- as mulheres conquistaram, ao preço de lutas difíceis, direitos e poderes que lhes permitiram não apenas reduzir a dominação masculina, mas inverter seu curso (ROUDINESCO, 2003, p.150/151)<sup>237</sup>.

Se a divulgação e o incentivo do uso anticoncepcional pelo o Estado, funcionava para controlar a população, envolvia interesses de mercado<sup>238</sup>, e afetava o corpo feminino, por outro lado, contribuiu para que a mulher afetasse o funcionamento do poder que envolvia o controle sobre o seu corpo, na medida em que ela passou a olhar e cuidar de si. A mulher, se quisesse, podia tomar a pílula escondida do marido, do namorado, do pai e

---

<sup>235</sup> Arán Márcia. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea Estudos Feministas, Florianópolis, 11(2): 360, julho-dezembro/2003.

<sup>236</sup> Algumas delas discutidas no primeiro capítulo.

<sup>237</sup> Roudinesco, Elizabeth. A família em desordem. Tradução André Telles.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003)

<sup>238</sup> “[...] a comercialização e o uso da pílula não respondem apenas a um desejo feminino, mas o que se tem por trás é uma rede de interesses de diferentes atores, entre eles os ginecologistas, a indústria farmacêutica e os organismos internacionais interessados em controlar a natalidade, principalmente nos países menos desenvolvidos Cf. “Pílula muda papel social da mulher” Disponível no site <http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura05.shtml> visitado em 16/03/2011.

também do amante. “Mais uma vez, nos anos 60 e 70 do século passado, assistimos a um certo deslocamento das mulheres que tinham a maternidade como destino, provocado pela possibilidade concreta de separar a sexualidade da reprodução, com o advento da pílula contraceptiva (ARAN, 2003, p.404)”.

Era uma forma de cuidar de si, pela preservação do seu corpo das ações de fora, era “[...] a luta contra os dispositivos que interpretam e controlam as relações dos indivíduos consigo mesmo (ALVIM, 2010, p.198). Possivelmente, nos anos 70, 80 e 90 do século passado, muitas mulheres tomaram a pílula, ‘inconscientes’ desta prática de cuidar do seu próprio corpo e de que esta era uma ação que separava a sexualidade da reprodução, mas também, o contrário foi vivenciado. Essa experiência feminina foi registrada em vários textos, inclusive na música, e provocou no masculino uma dor subjetiva. A música do cantor Odair José<sup>239</sup>, por exemplo, com o título ‘Pare de tomar a pílula’ é uma delas. O refrão da melodia, abaixo, “Pare de tomar a pílula..., porque ela não deixa o nosso filho nascer” era um indicativo de que a mulher estava tendo outra relação com o seu corpo e como efeito produzia angústias e dor para o exercício da masculinidade hegemônica.

#### Pare de tomar a pílula

Odair José

Já nem sei há quanto tempo  
 Nossa vida é uma vida só  
 E nada mais  
 Nossos dias vão passando  
 E você sempre deixando  
 Tudo pra depois  
 Todo dia a gente ama  
 Mais você não quer deixar nascer  
 O fruto desse amor  
 Não entende que é preciso  
 Ter alguém em nossa vida  
 Seja como for  
 Você diz que me adora  
 Que tudo nessa vida sou eu  
 Então eu quero ver você  
 Esperando um filho meu

---

<sup>239</sup> Odair José é Goiano, nasceu em 1948 e fez grande sucesso nos anos 70 aos 90, e entre outras composições ficou famoso com a música “Pare de tomar a Pílula”. “Em estilo brega e de forte apelo popular, esta música foi censurada pelo governo brasileiro pelo suposto entendimento de que a canção fazia propaganda contrária à distribuição das tais pílulas para o controle de natalidade. Disponível no site [http://pt.wikipedia.org/wiki/Odair\\_Jos%C3%A9](http://pt.wikipedia.org/wiki/Odair_Jos%C3%A9) visitado em 25 de Fevereiro de 2011.

Então eu quero ver você  
 Esperando um filho meu  
 Pare de tomar a pílula  
 Pare de tomar a pílula  
 Pare de tomar a pílula  
 Porque ela não deixa o nosso filho nascer (3x)  
 Você diz que me adora  
 Que tudo nessa vida sou eu  
 Então eu quero ver você  
 Esperando um filho meu  
 Então eu quero ver você  
 Esperando um filho meu

É bem verdade que do ponto de vista teórico, os estudos feministas já defendiam a tese da separação entre a reprodução e a feminilidade. Nos estudos de Beauvoir, segundo Roudinesco, (2003, p.143) ela já separava a “[...] feminilidade da maternidade, o ato carnal da procriação, o desejo da reprodução. A criação do anticoncepcional “[...] quase que imposta aos seus corpos, como também passou a exercer o ato da escolha de ter ou não filhos (ARAN, p.404),” o que, contribuiu para pulverizar o ‘lugar’, considerado como natural de mãe e esposa na família e nas relações de gêneros.

Além disso, lembra Roudinesco (2003) as mulheres “[...] podiam recusar, se assim o decidisse, o próprio princípio de transmissão. Haviam adquirido o direito de se tornar estéreis, libertinas, namoradas de si mesmas, sem incorrer nos riscos de uma condenação moral ou de uma justiça repressora (p.153/155).

O corpo da mulher passou a ser inscrito por outras representações para viver o desejo e a sexualidade. Não era só a concepção de maternidade como um destino último e único da mulher que estava em processo de dissolução, mas a noção de família nuclear estava sendo fragmentada. O núcleo da família nuclear foi rasurado e borrado, com mais intensidade depois da segunda guerra mundial através de várias interdições discursivas, por práticas indisciplinadas e pelas modificações da lei. Um exemplo, foi a aprovação da lei do divórcio, a qual contribuiu para que a família fosse gradualmente se afastando do tipo casamento convencional. O casamento como um rito festivo deixou de ser o ato fundador e único da célula familiar (RUDINESCO, 2003, p.153) e apareceram novos arranjos familiares como as famílias monoparentais, homoparentais, adotivas, recompostas, concubinárias, temporárias, de produções independentes, e tantas outras (CECCARELLI, 2007)<sup>240</sup>.

---

<sup>240</sup> Ceccarelli, Paulo Roberto. Novas configurações familiares: Mitos e verdades. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 40(72): 89-102, jun. 2007.

Assim, como os homens, [as mulheres] podiam procriar filhos de diversos leitos e fazê-los coabitarem em famílias ditas “co-parentais”, “recomposta”, “biparentais”, “multiparentais”, “pluriparentais” ou “monoparentais” (RUDINESCO, 2003, p. 155).

Outra modificação na formação da família nuclear foi a inserção mais intensa da mulher no mercado de trabalho após a segunda guerra mundial, alterando o funcionamento das relações poder nos vínculos familiares e entre os gêneros. Segundo o DIEESE<sup>241</sup> - DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS- de 1989 até 1996, a taxa de participação feminina no mercado de trabalho cresceu 8,9%, enquanto a masculina caiu 3,6%. Neste novo século, a partir dos dados do IBGE, segundo o Jornal Folha de São Paulo:<sup>242</sup>, as mulheres:

[...] representaram 45,1% da população ocupada em 2009, ou seja, 9,6 milhões de mulheres estavam empregadas nas seis regiões metropolitanas pesquisadas pelo IBGE. Em relação a 2003, a participação delas cresceu 20,4%. Naquele ano, as mulheres significavam 43% (8 milhões de pessoas) da população ocupada (Folha de São Paulo-2010).

Outras práticas do masculino e do feminino alteraram os ‘papéis’ que haviam sido prescritos para a família nuclear, como o cuidar das crianças e da alimentação, a orientação educacional, entre tantas outras, que eram representadas como naturais da mulher. Na contemporaneidade, estes tipos de atividades têm sido compartilhadas, em muitas famílias ou em arranjos familiares, embora como afirmam Wagner, Predebon, Mosmann, Verza (2005),<sup>243</sup> “[...] a divisão das tarefas domésticas, criação e educação dos filhos parecem não acompanhar de maneira proporcional as mudanças decorrentes da maior participação da mulher no mercado de trabalho e do sustento econômico do lar (p. 182).”

Outra modificação importante que fragmentou a família nuclear foi o enfraquecimento do seu valor moral, que tanto era a base de sua prática pedagógica, como por através deste valor, a família era reconhecida, como uma instituição higiênica e defensora da civilização, ou seja, era o processo de desaparecimento gradual da própria

<sup>241</sup>Cf. DIEESE – DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIO ECONÔMICOS. Disponível no site <http://www.dieese.org.br> e visitado em Dezembro de 2010.

<sup>242</sup>Cf. Folha de São Paulo [online] “Mercado de trabalho tem cada vez mais mulheres, diz IBGE” - Cirilo Junior- Rio-28/01/2010. Qui, 28 de Janeiro de 2010-12:07. Disponível no site <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u685848.shtml> visitado em 09/02/2011.

<sup>243</sup>Wagner, Adriana; Predebon, Juliana; Mosmann, Clarisse and Verza, Fabiana. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. Psic.: Teor. e Pesq. [online]. 2005, vol.21, n.2, pp. 181-186. ISSN 0102-3772

existência dos valores da honra familiar. Um dos primeiros golpes dado nos valores da honra foram as lutas das mulheres pelo fim da ‘legítima defesa da honra’, a qual era acionada pelos homens, quando traídos.

Esse movimento, associado às exigências sociais pelo fim da violência contra mulher, contribuiu para que no dia 08 de março de 2005 fosse alterado<sup>244</sup> o código penal, pela supressão do art. 240, pelo o qual, afirmava ser o adultério um crime contra o valor da honra<sup>245</sup>. Em 7 de agosto de 2006, foi sancionada a lei nº 11.340 [Lei Maria da Penha] que criou mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher<sup>246</sup>.

Um segundo golpe, diz respeito às diversas formas como os homens têm exercido suas masculinidades, pulverizando os códigos que contribuíam para o funcionamento da masculinidade hegemônica. Um homem que expressa os sentimentos, que afirma já ter ‘brochado’; que do ponto de vista da força, ‘afrouxa’; que quando é traído pela mulher a perdoa; que prefere a conversa, o diálogo em vez do uso de armas, que faz terapia da dor etc. etc. Esse é, para masculinidade hegemônica, um homem desvirilizado, fraco, medroso, desmoralizado e feminizado, portanto, sem honra.

Um terceiro golpe, não diretamente sobre os valores da honra, diz respeito às transformações que permitiram a crise do controle social disciplinar e as novas produções de subjetividades na sociedade contemporânea, o que não comportaria a defesa do valor da honra. A manutenção do valor da honra masculina, no que diz respeito ao controle social, exige o bom funcionamento do poder das instituições, como a família e o judiciário

---

<sup>244</sup> Esse projeto foi de autoria da deputada Iara Bernardi (PT-SP), que apresentou as propostas de mudança no Código Penal em relação aos crimes contra a mulher em março de 2003. A nova lei também retira o qualificativo "honesta" da expressão "mulher honesta", prevista em vários artigos. Cf. Nova lei derruba defesa da honra- OESP- disponível no site

[http://www.violenciamulher.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=832&catid=19:reportagens-artigos-e-outros-textos&Itemid=6](http://www.violenciamulher.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=832&catid=19:reportagens-artigos-e-outros-textos&Itemid=6) visitados em 14/12/2010.

<sup>245</sup> A partir de 2007, há várias modificações tanto na reorganização das interpretações sobre os crimes associados a honra (perda de virgindade e adultério) como nas interpretações jurídicas sobre eles. Em 07 de agosto de 2009, com a lei nº 12.015 há alterações significativas no Código Penal, desta vez inclusive com a mudança de título sobre a temática: “Dos crimes contra a dignidade sexual” e “Dos crimes contra a liberdade sexual,” saindo o valor da honra sexual dos dispositivos jurídicos.

<sup>246</sup> Cf. Presidência da República. Casa civil para assuntos jurídicos. [Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm). Visitado em 09 de janeiro de 2011. O nome da lei como ‘Maria da Penha’ foi em homenagem a uma mulher que foi agredida pelo marido durante seis anos. Em 1983, por duas vezes, ele tentou assassiná-la. Na primeira, com arma de fogo, deixando-a paraplégica, e na segunda por eletrocução e afogamento. O marido de Maria da Penha só foi punido depois de 19 anos de julgamento e ficou apenas dois anos em regime fechado. Em razão desse fato, o Centro pela Justiça pelo Direito Internacional e o Comitê Latino-Americano de Defesa dos Direitos da Mulher (Cladem), juntamente com a vítima, formalizaram uma denúncia à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA, que é um órgão internacional responsável pelo arquivamento de comunicações decorrentes de violação desses acordos internacionais. Cf. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei\\_Maria\\_da\\_Penha](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_Maria_da_Penha) visitado em 09 de janeiro de 2011.

baseado na normalidade, para fazer funcionar a moralização social. Ocorre, porém, segundo Deleuze, estamos vivendo outra forma de controle social.

O século XX, a partir dos estudos realizados por Foucault, vivenciou a culminância da sociedade disciplinar, mas também o seu desgaste, através das crises das instituições<sup>247</sup> e das práticas disciplinares, pelas quais, o controle social funcionava através da disciplinarização e do processo de normatização social.<sup>248</sup> A disciplinarização, do ponto de vista das subjetividades, funcionava pelo o controle da ação sobre o outro, que era a vigilância sobre o comportamento para fazer funcionar a norma. O sistema jurídico quando acionado, deveria interferir para reparar, através do sistema penal, o dano social causado pelo o indivíduo à norma social, assim funcionava o controle social disciplinar. A transgressão, por exemplo, do valor da honra, através da experiência da infidelidade feminina, era considerada, uma anormalidade social; assim, os valores da honra tinham que ser defendidos para que, pela disciplinarização dos indivíduos, o controle social funcionasse pela normalidade.

Gilles Deleuze (1992)<sup>249</sup>, afirma estamos vivendo uma sociedade diferente da disciplinar, “[...] São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares[...]”(p.219)”operacionalizadas por máquinas, através das inovações tecnológicas, como o celular, as redes sociais, o GPS, o computador e uma infinidade de técnicas de controle. Segundo, Moraes & Nascimento (2002).<sup>250</sup>

O controle social já não pode operar apenas pela norma. É importante a criação de outros mecanismos eficazes de comando, que consigam ser eficientes, econômicos e apropriados ao movimento de transformação imposto pela multidão (p.94).

O funcionamento social na contemporaneidade, segundo Deleuze (1992), ocorre pelo o marketing como o instrumento de controle, funcionando em curto prazo (p. 223) e “Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se "dividuais", divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou "bancos" (p. 220). Essa mudança social também contribui para outra forma de produção de subjetividade. O

<sup>247</sup>Como por exemplo, a família, o hospital, o sistema jurídico e carcerário, etc.

<sup>248</sup> Questão já discutida no capítulo anterior.

<sup>249</sup>Deleuze, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle In Conversações: Tradução de Peter PálPelbart-1972-1990. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.

<sup>250</sup>Thiago Drumond Moraes, Nascimento, Maria Lívia do. Da norma ao risco: transformações na produção de subjetividades contemporâneas. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 7, n. 1, p. 91-102, jan./jun. 2002.

indivíduo está produzindo uma técnica para olhar para si, e não sobre a ação do outro, em outras formas de poder, como afirma Sargentini e Navarro-Barbosa (2004, p. 93).

Diante dessa constatação realizada por Deleuze e pelas transformações já colocadas acima, os valores da honra estão enfraquecidos, possivelmente, se alojando em espaços familiares, onde a masculinidade hegemônica, não tem mais este poder de hegemonia, mas ainda é exercida. Os valores da honra estão com dificuldades de serem defendidos, pois as instituições, que deveriam zelar por ela, como a família, e defendê-la, como o judiciário, estão se modificando, praticando outras formas de controle social para outros valores. Já se pratica os crimes e o direito virtual. O Estado cria mecanismos de comunicação social, através da rede. A justiça utiliza de várias tecnologias, como o GPS, os Chips utilizados no corpo do indivíduo, e tanto outros, como um controle técnico, para localizar outros tipos de crimes de sociedade baseada no virtual.

É neste [com] textos das transformações, pelas quais eu não vou encontrar a defesa da honra, mas homens traídos falando da sua dor e praticando outras formas de masculinidades. No Brasil, há diversas Associações de Cornos,<sup>251</sup> as quais tem subsidiado material para reportagens de Jornais, noticiário na TV e estudos como este. Criar Associação de Cornos é uma forma de exercer a masculinidade pela sensibilidade, pelo agenciamento de novos códigos sociais e culturais, mas também, pelo marketing, como instrumento rápido, passageiro e modificado, típico da sociedade contemporânea, como afirma Deleuze.

A associação pesquisada para esta tese é a CORNOLÂNDIA em João Pessoa-Pb<sup>252</sup>. As experiências na CORNOLÂNDIA são diferentes daquelas vividas por alguns homens nos bares, particularmente, nos anos 50 e 60 do século XX, os quais afogavam o sofrimento e dor da traição na música e na poesia. Para (MATOS, 2001, p.52)<sup>253</sup>, eles

---

<sup>251</sup> ASCRON- Associação de Corno de Rondônia- <http://www.ascron.com.br/> Cf. reportagem sobre ASCRON no site: <http://fantastico.globo.com/platb/melevabrazil/category/bastidores/> ASSOCIAÇÃO DE CORNOS POTIGUAR <http://grandeponto.blogspot.com/2006/08/ojuara-e-associao-dos-cornos.html> (entrevista ao Presidente da Associação dos Cornos Potiguar no “*O Mossoroense*”, em 13 de agosto de 2006). ASSOCIAÇÃO DOS CORNOS DE CAPÃO DA CANOA-RG DO SUL E REGIÃO. Cf. site do blog: <http://accr-rs.blogspot.com/A ASSOCIAÇÃO DOS HOMENS MAL AMADOS DO CEARÁ, cf site> <http://coisadeceareense.blogspot.com/2010/03/associacao-dos-cornos-do-ceara.html>, visitados em agosto de 2009. A CORNOLÂNDIA – Cf. Reportagem do Jornal da Paraíba- Eles são mais felizes na “Cornolândia”, Paraíba, domingo, 30 de março de 2008. Caderno nº 7.

<sup>252</sup> Associação de Cornos – CORNOLÂNDIA – está situada no mercado do bairro da Torre em João Pessoa – Pb e funciona em uma barraca que tem o nome de ‘Encontro dos Cornos’- Seu presidente é o Sr. Carlos Corno dos Santos.

<sup>253</sup> Matos, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade - História: Questões & Debates, Curitiba, n. 34, p. 45-63, Editora da UFPR, 2001.

confessavam “[...] suas angústias, medos, fraquezas, dores e desejos” o que eu prefiro dizer, que eles produziam um tipo de dor, em um espaço, no qual, podiam culturalmente praticar esses sentimentos.

A dor da traição feminina vivida pelos homens parecia ser infinita. Ela se acalmava e depois como um vulcão em erupção acordava em um tempo circular que sempre retornava. Era uma “[...] dor sofrida e nostálgica de um tempo também perdido num passado, mas que se repete ciclicamente (MATOS, 2001, p.55)”.

A Cornolândia, por exemplo, é um espaço, pelo qual, o homem traído está praticando antigas e novas formas das masculinidades, através da sociabilidade, como um homem dividido. Não é uma dor da traição que retorna, é dor modificada, atravessada pelo o riso, muitas vezes, conservador e por novas e velhas subjetividades.

### 3. ‘Animal arisco’, ferido, peito atingido: subjetivado, ‘esquece’ o risco

“Animal arisco  
Domesticado esquece o risco”  
(Roberto Carlos)

Não é só uma distância temporal, de significados e de dor que me separam dos acontecimentos narrados no capítulo anterior. São outras dores e amores, outros tempos, outros masculinos, outras formas de subjetivação e de controle, em múltiplas histórias. São homens feridos, sentindo dores profundas, sufocadas por subjetividades de outras ordens sociais, mas produzindo outras. É uma dor, que ultrapassa o corpo, fere a ‘alma’ e se transforma em objeto para servir de estudo como este. È a dor subjetiva que encarnou na pele do sujeito e o deixou com a ‘alma’ ferida e foi por ele afetada.

Em julho de 2008, fui ao encontro deste outro perfil de masculino em busca de registrar uma dor, supostamente, singular: a dor da traição, sentida pelo masculino, que instalou-se no espaço da feira, local de transeuntes em busca de consumo. Fui investigar o espaço onde se alojava uma outra dor, aquela tratada pela terapia e praticada pelo agenciamento de novos códigos culturais. Motivada pela reportagem do Jornal da Paraíba (2008), fui ao encontro da prática dessa dor, na qual havia encontrado moradia no Mercado

da Torre em João Pessoa, como inquilina de corpos e objetos, como o do corpo do presidente da Cornolândia e os objetos que ornamentam a Associação.

Encontrei sinais de uma masculinidade modificada por mudanças que começaram acontecer no século passado contribuindo para que os homens passassem a tratar a traição feminina de forma distinta. Essa experiência de homens na Associação de Cornos é uma forma de sociabilidade, tratada um modo de representação diferente para trabalhar a dor, fazer um outro tipo de luto e produzir um novo território corpóreo para habitar a dor pela infidelidade feminina e exercer outras masculinidades. Fui em busca do animal ferido pela dor do coração. A dor encontrou um lugar muito ‘popular’ para se alojar. Não era um hospital e nem tampouco uma sala confortável de um terapeuta. Era um lugar, onde circulam vários sujeitos, com suas dores, seus amores. Lugar de muitos cheiros. O cheiro do coentro, da tapioca, da cebola, do sangue da carne fresca do animal, ferido e morto. Lugar também de muitas vozes. Gritos de homens e de mulheres que vendem seus produtos, que pedem licença para passar com o ‘sangue’.<sup>254</sup>

Lugar de múltiplo gosto musical: de Roberto Carlos à Jane/Herondy e Odair José. Lugar de muitos objetos que tem relação com a dor: os chifres. Estes, simbolicamente representam do ponto de vista da cultura, o homem corneado. É um espaço de muita produtividade subjetiva para socializar a dor masculina. O espaço como afirma Certeau é (1994) “[...] o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o leva a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais [...] Em suma, o espaço é um lugar praticado (p.202).” O espaço onde fica a Cornolândia é o espaço praticado pelos relatos dos consumidores, de forma distinta e em velocidade.

---

<sup>254</sup>Normalmente a expressão, ‘olha o sangue, olha o sangue’, são usadas por pessoas que transportam na feira pesos nas costas e precisam que o espaço esteja livre para seu trânsito. A expressão ‘olha o sangue’ se refere aos homens que transportam animais recém abatidos de um local para outro.

O espetáculo da dor masculina neste espaço se aproxima de muitos cheiros e de muita astúcia. Da minha entrada neste espaço até a ruela onde trabalha Carlos<sup>255</sup>, presidente da Associação de Cornos, todos o conheciam e me indicavam o caminho para que eu pudesse encontrar o animal ferido.

Ele estava no Mercado da Torre<sup>256</sup> em plena feira livre. Prédio antigo, cheio de ruelas estreitas, nas quais se concentram as pessoas pelo que elas negociam e consomem. Há ruelas onde se vendem verduras e frutas; aquelas onde se vende cereais, carnes etc. etc., mas há também as ruelas onde as pessoas trabalham e aquelas que são frequentadas para fazer lanches e refeições. O ‘animal ferido’ estava em dor, postergando a vida, concentrado em uma das ruelas onde oferece refeições. Entre uma punhalada da dor sentida no peito, ele serve uma quentinha, um salgadinho, um café e refrigerantes. Ao seu lado, uma filha, de outro casamento da sua atual esposa, lhe ajuda nas atividades de trabalho.

É neste local do comércio, onde o homem tira seu sustento, que ele pratica sua dor e agencia outros códigos para exercer a masculinidade. Em frente, funciona uma barraca de propriedade de Maria do Socorro. É nesta barraca que a mulher que faz e vende tapioca, tem a função de ‘psicóloga’ na associação e escuta os homens traídos. É no espetáculo da dor e da ‘alma’ que suspira o cheiro da tapioca e a saudade remove a dor de uma trajetória circular de um amor traído.

Fui chegando e de mancinho sentei-me em um dos bancos convidativos para fazer um lanche. Ao pronunciar seu nome, um homem calvo, com fios de cabelos brancos, estatura média, com 54 anos e muito simpático, voltou-se para mim e riu. Estava eu, frente a frente com o homem machucado pela dor do amor e da traição. Sempre é muito difícil começar uma pesquisa, principalmente sobre um tema como esse, mas fui tentando ganhar sua confiança.

Ao mesmo tempo em que ele conversava comigo, fazia seus afazeres. Perguntei-lhe se poderia me contar as histórias da Associação que havia saído na reportagem do Jornal da Paraíba. Ele fez um sorriso meio tímido, mas transmitiu uma expressão de quem estava

---

<sup>255</sup> Os nomes das pessoas aqui mencionadas são fictícios, como forma de preservar suas identidades.

<sup>256</sup> O mercado da torre em João Pessoa fica localizado na Av. Barão de Mamanguape, Bairro da Torre S/N disponível no site <http://www.overmundo.com.br/guia/mercado-da-torre> visitado em 22/02/2011. “O Mercado da Torre tem uma das feiras livres mais tradicionais de João Pessoa. Inaugurado no dia 30 de novembro de 1962, ele oferece produtos frescos, iguarias regionais e preços convidativos. Ali, o consumidor encontra de brinquedos a cordas de caranguejo, passando por calçados, roupas, ovos, legumes, frutas, tapioca e muitos outros produtos”. Disponível no site <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/?n=14828> visitado em 22/02/2011.

ficando vaidoso de estar sendo procurado para dar entrevista. A traição feminina agora indicava que um homem em vez de ficar desonrado poderia ficar famoso. Lembrei-me de um show que assisti em Campina Grande do cantor Reginaldo Rossi. Quando ele cantava as músicas sobre traição, a platéia o saudava, o ovacionava e ria. Reginaldo ficava envaidecido, pois a música que falava sobre a dor masculina tocava no coração de seus pares. Carlos sentiu-se ovacionado, estava ficando famoso como um homem traído.

Ele colocou-se a disposição para dar entrevista, mas que naquele momento estava muito ocupado e aquele não era um dia muito bom para tal atividade. Era um sábado, cinco de julho de 2008, final de semana, o mercado estava agitado, as pessoas fazendo compras, tomando café com tapioca, comprando salgadinhos e fazendo feira. Dia impróprio para uma pesquisadora ter acesso a um comerciante do mercado para fazer pesquisa. Ele tinha compras e cobranças a fazer. Senti que estava incomodando-o. O melhor dia seria a segunda-feira, com um ar de interesse, interfere ele, ‘enquanto isso vá conversando com Socorro que é a ‘psicóloga’ e sabe muita coisa também’.

Aproveitei a idéia de Carlos, comecei a conversar com Socorro e anotar detalhes do espaço onde se alojara a dor. A barraca não tem perfil de associação de classe ou coisa similar. Na parte da frente e fora da barraca tem uma pequena placa com a inscrição, “Ponto de Encontro dos Cornos”. É um lugar comum, e o que diferencia de qualquer outra barraca instalada na feira, são os objetos, como os cartazes e os chifres pendurados ornamentando as paredes. Os chifres e os cartazes com as tipologias de cornos dividiam o espaço com os instrumentos da cozinha simbolizando dor e trabalho.

Voltei na segunda-feira, 07 de julho, dia mais calmo para que ele pudesse me atender, encontrei Carlos muito mais animado para falar de sua experiência. Fui me aproximando, e ele foi logo dizendo: ‘mas rapaz, uma menina aí esperou por você para dar uma entrevista... mas você demorou...ela foi embora’. Eu dei uma boa gargalhada. Aquela recepção já me deixava à vontade para eu começar um bom dia de trabalho como pesquisadora. Depois ele me confessava que a pessoa que ele conseguira para me dar entrevista era uma de suas mulheres. Era um homem muito namorador, afirmava ele. Durante as entrevistas realizadas com Carlos e Socorro, ouvia-se, como fundo musical sob a interpretação de “Jane e Herondy, o brega, “Não se vá”. Eu estava no ambiente próprio para observar as emoções, e a música que se ouvia ajudava Carlos a reconstruir as experiências de sua dor.

Os transeuntes, possivelmente amigos dele e participantes da Associação, interrompiam a entrevista e lhe interrogavam: quando chega a minha carteirinha? O que ele respondia: ‘quando tiver pronta eu aviso’. Eram ‘pistas’, de que naquele espaço, os homens estavam praticando outros códigos da masculinidade. Antes de ligar o MP3, ele entrou na barraca, trouxe uma pasta cheia de documentos e papéis da Associação. Não era ‘conversa fiada’, ele tinha relatos e fontes documentais de suas angústias. Ele não teria criado uma Associação de Cornos se não tivesse documentos para mostrar sua dor, ainda aberta, pela pancada da traição. Na pasta continha os modelos das carteiras de sócios, a cópia do Jornal com a reportagem sobre a Associação, uma nota fiscal do refrigerante Dória com a razão social “Carlos, Corno dos Santos”. Além disso, tinha também uma oração dos cornos e uma lista com as tipologias de cada homem traído<sup>257</sup>. E sua mulher, o que diz do senhor botar uma Associação de Corno? lhe perguntei. “Ela manda eu tomar vergonha”, respondeu rindo.

Quando retornei para casa fui anotar aquilo que eu havia registrado como sensibilidade de Carlos ao falar sobre o tema. Falava do passado com saudade, principalmente das mulheres que amou. Não era uma saudade ruim, mas uma saudade boa, gostosa, mesmo quando ela o ataca e lhe fere o peito. Justamente no lugar do seu corpo onde teria sido subjetivado como forte, pois, de acordo os códigos da masculinidade hegemônica, ‘é de peito aberto’ que o macho enfrenta a vida, mas Carlos era diferente. Quando ele narrava suas histórias, resignificando o seu o passado, ele o sufocava com o silêncio, e o seu olhar perdia-se no espaço, demonstrando sensibilidade.

Mas quando se referia à quantidade de mulheres com as quais teve relacionamentos e que ele havia sido traído, a vaidade masculina aflorava em seu falar, no sentir e nos gestos. Era a vaidade de um masculino que ainda convivia com códigos da masculinidade hegemônica, que faziam dele um macho, mas também, subjetivado por outros saberes e transtornado. Ao ser interrompido para saber se ele em algum momento chorou ao flagrar sua mulher com outro, foi contundente ao afirmar que ‘homem não chora’. Um homem que foi produzido por subjetividades para ser um macho não deve, ou melhor, não deveria chorar. Carlos, ao narrar suas experiências, não só falou que chorou como o choro acompanha sua dor e sua saudade.

---

<sup>257</sup>Ele disponibilizou para que eu fizesse a xerox de tudo, menos a nota fiscal, pois esta, ele me presenteou.

A dor de Carlos, vivenciada pela infidelidade feminina, através desta prática social é uma tática para sobreviver neste outro momento social. É uma dor que transpassa o tempo, migrando de um espaço para outro, como a sua experiência quando migrou da Paraíba para São Paulo, de São Paulo para Paraíba, pela qual, não conseguiu arrancá-la do peito ferido, pois foi envolvido por outras subjetividades que o deixou transtornado.

#### 4. Da Paraíba para São Paulo, de São Paulo para Paraíba: a migração da dor e do homem subjetivado

Não se vá<sup>258</sup>

Jane e Herondy

Não se vá!/Eu já não posso suportar  
 Esta minha vida de amargura/Não se vá!/Estou partindo porque sei  
 Que você já não mais me ama.../Não se vá!  
 O seu ciúme é o culpado/Desta minha desventura  
 Não se vá!/O nosso amor não é mais o mesmo  
 É melhor que eu vá embora.../Não se vá!  
 Não me abandone por favor/ Pois sem você vou ficar louco  
 É o ciúme que está/ Nos separando pouco a pouco...  
 Não se vá!/ Me dê uma chance outra vez  
 Daqui prá frente tudo vai mudar/Me dê a mão com muito amor  
 E nova vida vamos começar..

A canção acima usada como epígrafe, e que fez parte do fundo musical durante as entrevistas realizadas com Carlos, é um estilo brega<sup>259</sup> que provoca a dor de quem parte sofrendo por um amor perdido pela traição. O Sr. Carlos, Corno, dos Santos, como ficou

<sup>258</sup> (Composição: Alain Barriere / Thyna)

<sup>259</sup>“O termo brega passou a ser empregado no início da década de 80 para designar uma nova vertente dentro de um grupo de cantores anteriormente conhecidos como *cafonas*, que havia ocupado um espaço deixado vago pela Jovem Guarda no final dos anos 60, apresentando temas românticos de grande apelo popular. Esses termos, que denotam claramente um juízo negativo de valor, foram atribuídos por uma crítica musical que considerava essa produção musical “tosca, vulgar, ingênua e atrasada”, Cf. Fontanella Fernando Israel A Estética do Brega: Cultura de Consumo e o Corpo nas Periferias do Recife - Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação- Centro de Artes e Comunicação- Universidade Federal de Pernambuco –Recife, Pe. 2005, p.16.

conhecido, nasceu em 1954 em João Pessoa e estudou até o primeiro grau. Essa alteração popular no seu nome foi construída recentemente quando ele criou a associação. A dor sentida por ele lhe acompanhou em um processo migratório da Paraíba para São Paulo, de São Paulo para Paraíba, acontecido entre os anos de 1972 a 1993.

Chorar ou falar de uma dor é falar de sentimentos. Quando se trata de sentimentos, Carlos suspira e afirma que não é um homem de chorar ou sentir dor, “[...] pode até ser Corno, mas chorar não. Homem chorar é feio [...] Corno chorão, não”, afirmou ele. Essa negação de que homem pode até ser corno, mas não deve chorar, é uma forma de expressar a masculinidade e a virilidade. “Homem que é homem não chora “[...] ensinam os posicionamentos culturais conservadores em que a construção da masculinidade e da virilidade se faz pela ausência de emoções palpáveis ou pela repressão de emoções e sentimentos (BARBOSA, 1998, p. 328).

Chorar é um sentimento, uma emoção que sempre foi associado ao feminino. Os sentimentos são “[...] vistos como componentes simbólicos de um universo depreciadoramente considerado feminino (BARBOSA, 1998, p. 324)”. Essa autora afirma que “[...] as lágrimas, para os homens, tornaram-se símbolos de fraqueza, uma sensibilidade exagerada que podia até levantar dúvidas sobre a sua virilidade (p.326)”. A tática de em geral, os homens negarem o sentir das emoções e a sensibilidade é decorrente de pesquisas produzidas nos séculos XVIII e XIX nas quais afirmavam que “[...] as emoções caracterizavam comportamentos e definiam biologicamente as diferenças de gênero (BARBOSA, 1998, p.326)”, sendo a sensibilidade, um atributo inerente ao feminino.

Em 1972, Carlos foi para São Paulo tentar a vida como ajudante de pedreiro. Muitos nordestinos fizeram este percurso. Com as mãos grossas, calejadas da dor de carregar a massa e o cimento, ele não imaginava que uma dor do coração pudesse ser mais forte e que naquela cidade podia enfraquecer os seus códigos masculinos. Em São Paulo, ele morou 21 anos.<sup>260</sup> Foi morador do jardim ‘São Marcos’, em Embú<sup>261</sup> – a 42 Km da cidade de São Paulo<sup>262</sup> onde trabalhava.

Como ajudante de pedreiro trabalhou um ano e meio. Depois foi trabalhar em uma padaria como ajudante de cozinha. Como padeiro aprendeu a fazer comida e sentir a dor de

<sup>260</sup>Embora Carlos afirme que morou em São Paulo durante 21 anos, o que significa que ele teria voltado à Paraíba no ano de 1993, mas em algum momento da entrevista, ele afirma que voltou em 1991.

<sup>261</sup>Jornal da Cidade. Embu em Artes. “È um dos bairros mais populosos de Embu, com 11.500 habitantes”. Disponível no site <<http://www.embu.sp.gov.br/JornalCidade/3.php?id=473>>visitado em 18/02/2011.

<sup>262</sup> Disponível no site <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Embu>>visitado em 15 de Fevereiro de 2011.

‘comandar um fogão’, atributo cultural destinado de forma estereotipada às mulheres. A cidade grande, e a pouca escolarização de Carlos, aos poucos exigiu dele que alguns valores fossem quebrados, como primeiro exemplo, o de cozinhar. “Eu aprendi muito em São Paulo...não é fácil, ... eu cozinho tudo. Sei fazer vários tipos de pratos, até a La Carte”<sup>263</sup>, falou ele com orgulho. Carlos Fez um pequeno curso e passou a trabalhar como chefe de cozinha em indústrias, “[...] comandando a cambada”.<sup>264</sup> Trabalhou durante dezesseis anos como cozinheiro industrial. Trabalhou na SHARP- empresa de eletrônicos onde servia refeições para três mil funcionários e na ELETROPAULO,- empresa de distribuição de energia no Estado de São Paulo,<sup>265</sup> na qual fornecia mais ou menos duas mil e quinhentas refeições.

Carlos migrou da Paraíba para São Paulo como um homem solteiro, aventurando na metrópole brasileira o sonho de trazer fortuna para o Nordeste, mas trouxe experiências de muitos relacionamentos, de ter sido traído e de ter subjetivado esses valores de forma distinta daqueles que havia levado de sua terra natal. Esse é o segundo exemplo de valor que foi quebrado por Carlos. Em São Paulo, ele vivenciou, do ponto de vista da ‘liberdade sexual’ feminina a flexibilização dos códigos culturais, que na sua terra não era comum, dele se aproveitando para namorar muitas mulheres, já que os códigos culturais sobre a virgindade e a sexualidade, para as mulheres com as quais ele teve relacionamento, eram diferentes das experiências vivenciadas na Paraíba. Em troca, ele teve também que viver os riscos e a insegurança que esses novos códigos lhe trouxeram, como a maior possibilidade de traição. Na década de 70, momento em que Carlos chega à cidade de São Paulo, havia uma produtividade discursiva sobre a emancipação feminina, as relações de gêneros e a superação da prática das relações patriarcais, um exemplo, era a circulação do Jornal “Brasil Mulher:”

[...] o jornal Brasil Mulher, desde o número 0, afirmava a especificidade da luta das mulheres pela sua emancipação, debatia um conjunto de questões teórico - práticas ligadas à explicação da dominação/exploração das mulheres e divulgava as teses sobre a superação da sociedade patriarcal. (LEITE, 2003, p.237)<sup>266</sup>

<sup>263</sup> Trecho da entrevista de Carlos.

<sup>264</sup> Idem.

<sup>265</sup> Esta empresa foi privatizada em 1990.

<sup>266</sup> Leite, Rosalina de Santa Cruz. Brasil mulher e nós mulheres: origens da imprensa feminista brasileira Estudos feministas, Florianópolis, 11(1): 336, jan-jun/2003.

As narrativas de Carlos, sobre suas conquistas, confirmam suas experiências como homem namorador: “Quando eu trabalhava na Niasi, fábrica de perfume, aí comecei a namorar uma menina lá. Eu sempre deixei ‘uma’ na reserva<sup>267</sup>”. Durante o tempo, no qual, trabalhou na fábrica Niasi, não eram somente os incensos dos perfumes que o deixava encantado, mas o cheiro das fêmeas operárias, que o incitava sua prática masculina de conquistador. Ele vivia maritalmente com uma moça, mas na fábrica, buscava encantar outras mulheres.

Eu tinha uma mulher, aí a mulher foi e pegou...foi aquela confusão maior do mundo...eu botava gaia nela...num não era ela que botava em mim...então ela disse: ‘baixe a bola’ e começou botar na minha frente, comecei namorar também...aí foi das vezes que nós separou...aí fui arrumando outras e foi bolando.... aí mais quatro, mais quatro que eu arrumei....a gente nos separou por causa de...vamos nos separar que é melhor.

Ao ser traído pela mulher, ‘na sua frente’, como afirmou ele, Carlos se separa e casa com uma Paranaense. Ser traído ‘na sua frente’, é considerado para os códigos masculinistas, uma afronta à honra, uma desmoralização, o que indica que na época ele ainda valorizava a valentia e a honra como valores nos quais enalteciam sua masculinidade. Enquanto estava com a primeira mulher não sentia a dor traição, só a fazia sentir. “Namorei, noivei e casei e com ela e tive um filho que ainda hoje mora com ela”. Era um masculino que ainda praticava sua masculinidade pelos códigos da masculinidade hegemônica.

A primeira mulher, a Paranaense, não lhe foi infiel, “[...] era protestante”, mas ele lhe foi infiel por várias vezes. Ele a deixou por outra e a partir daí, desencadearam suas histórias como homem traído, passando a sentir a dor do coração. Para um homem que trazia culturalmente em sua pele o controle da dor, sua trajetória foi a de experimentá-la. Ele vivenciou treze relacionamentos duradouros. As únicas mulheres, segundo ele, que nunca lhe traíram, foi a primeira e a atual mulher. ‘Eu só gostava de menina nova’, afirmou. A sua profissão contribuiu para que ele sempre trabalhasse com mulher e foi na cidade grande, onde ele foi sonhando em ganhar dinheiro e voltar para Paraíba, que começou a vivenciar as dores da traição:

---

<sup>267</sup>Trecho da entrevista de Carlos.

A minha história foi um das mais trágicas da Associação, pois quando descobri a ‘cangaia’ em 1988, encontrei o *urso* dentro de casa, tentei acabar com a vida dele, mas ele foi quem quase me matou [...] naquele intervalo de 92 pra cá foi que montei a Associação [...] aí agora eu fui fazendo o cadastro de um e de outro e botando o nome [...] <sup>268</sup>.

Encontrar o ‘urso’ ‘dentro de casa’ era para este masculino não só a dor da traição, mas uma afronta à sua honra. A dor da infidelidade, nesta fala acima de Carlos, é representada de suas experiências vividas nos anos 70 e 80, como reprovação à invasão do espaço privado que foi historicamente construído para preservar sua suposta propriedade, - a mulher- e invadido pelo ‘urso’. Sua dor aumentou ainda mais quando ele viu seu espaço de moradia, sua cama e sua honra rasuradas moralmente pela invasão e a posse do Outro. A dor sentida por Carlos fez com ele usasse dos códigos de um tipo de masculinidade, como por exemplo, a valentia e a vingança, para ‘lavar a honra’. Para Souza (2005, p.60)<sup>269</sup> “Ser homem era sinônimo, sobretudo, de não ter medo, não chorar, não demonstrar sentimentos, arriscar-se diante do perigo, demonstrar coragem, ser ativo”.

Mas em 1972, período em que Carlos teria flagrado sua mulher com outro, se a honra masculina ainda constituía como valor jurídico, já havia, principalmente nas grandes cidades brasileiras, como São Paulo, os movimentos contra a ‘defesa da honra’<sup>270</sup>. “Eu tentei acabar com a vida dele, mas foi ele quem quase me matou”. Essa representação de que ele foi ‘vencido’ no ‘duelo’ por aquele que teria manchado sua honra é um indicativo da fragmentação dos valores masculinos, principalmente aquele considerado como ‘homem valente’.

Assumir que levou chifre, e ainda, que foi agredido fisicamente e moralmente pelo o ‘urso’ não era um enunciado aceitável, há pelo menos, 40 anos atrás. Também não significa dizer que na contemporaneidade essa posição tenha aceitação social na sua totalidade, pois as subjetividades, principalmente sobre o tema da infidelidade, não são consumidas de forma homogênea. Elas são produzidas e consumidas diferentes e, em maior ou menor proporção.

Quando, em sua narrativa, ele volta para o presente, sua intenção é de ser reconhecido como agente e produtor de subjetividades: “[...] naquele intervalo de 92 pra cá

<sup>268</sup> Depoimento Carlos no ‘Jornal da Paraíba’, domingo 30 de Março de 2008.

<sup>269</sup> Souza, Edinilsa Ramos de. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde Ciência & Saúde Coletiva, 10(1):59-70, 2005.

<sup>270</sup> O Movimento “Quem ama não mata” iniciado nos anos 70 proveniente do assassinato de Leila Diniz é um exemplo.

foi que montei a Associação [...] aí agora eu fui fazendo o cadastro de um e de outro e botando o nome”, mas foi em São Paulo que Carlos experimentou a traição.

Tudo começou em 1988 um final de tarde, quando ia pegar um ônibus para ir ao trabalho. Carlos foi chamado pela vizinha que o confidenciou: “Carlos se acorde, tua mulher tá te chifrando com meu marido!”. A sua vizinha, que também estava sendo traída, possivelmente acreditava que Carlos era defensor da honra masculina, valor pelo qual exigia do homem, a firmeza, a valentia, a coragem e a decisão. Ela apelou para o paraibano, homem forte e nordestino que não deveria ‘levar desaforo para casa’. Na provocação da vizinha, Carlos estava adormecido, de olhos vendados para o que ocorria em sua própria casa. Carlos foi trabalhar com a ‘cabeça e o sangue quente’. No Nordeste, quando acontece uma provocação deste tipo, ‘a gente diz: foi tirado a terreiro’. Foi em uma madrugada, depois de uma tarde quente de um verão em uma região de São Paulo, retornando de seu trabalho como chefe de cozinha, servindo refeições para os operários, que ele resolveu conferir a conversa da vizinha.

Era uma hora da madrugada. O coração parecia que ia sair do peito. Ele viu a luz da casa acesa e foi discreto “[...] dei uma pancadinha na porta e escutei a voz dela: é Carlos! Fui entrando e [...] flagrei...a uma hora da manhã...ela tava lá...de baby doll e ele só de bermuda. Ela ficou branca...era uma hora da manhã...aí,...Nesse momento da entrevista, ele fez uma grande pausa e eu pensei: ele a agrediu. Ele suspirou e disse: “[...] eu não fiz nada...voltei, fui pra São Paulo”.<sup>271</sup>

Possivelmente, um homem nordestino, com perfil de macho, que não tenha sido subjetivado pelas transformações sociais, teria nessa situação, ‘lavado a honra com sangue’ e ficado transtornado. O nordestino é um sujeito no qual foi produzido pelo discurso regionalista que o inventou como forte, corajoso e valente como aquele “[...] que é temido, por ser capaz de tudo, de não recuar diante de nada; que não treme, vendo o sangue correr de uma ferida, enquanto vai limpando a faca com uma folha de mato (ALBUQUERQUE JR.2003, p. 194)”.

Carlos estava um nordestino subjetivado, mas transtornado. Ele tomou o ônibus de volta para São Paulo e tomou uma decisão: “[...] arrumei um revolver e fui lá....matar o cara.....cheguei lá, tomei uns conhaques e fui conversar com o cara [...] aí ele falou: “Carlos é um paraibano bunda mole... não fez nada comigo.” O estranho, aquele homem

---

<sup>271</sup>Trecho da entrevista de Carlos.

que teria invadido a sua casa, a sua cama, também estranhou a reação de Carlos. As representações que ainda circulavam socialmente sobre o nordestino eram de um macho, forte e que não levava ‘desaforo para casa’. Segundo Albuquerque Jr, (2003, p. 20), “O nordestino é uma figura que vem sendo desenhada e redesenhada por uma vasta produção cultural, desde o começo deste século’ [XX]”. Ser forte, valente e macho, foram atributos construídos para o nordestino, por vários dispositivos discursivos, que foram indicando o seu agir social.

As representações sobre Carlos, como um homem macho e valente, foram colocadas pelo ‘urso’, por ser o paraibano considerado de uma região de ‘cabra da peste’ e forte. Carlos foi provocado a ‘lavar a honra com sangue’ e reagiu: “[...] fiquei pensando naquilo... Eu vou dar um tiro no cabra”, afirmou Carlos.

A traição masculina e a divulgada predisposição “natural” e biológica do homem para o sexo – desculpa freqüentemente usada para justificar a infidelidade masculina – se tornaram também um símbolo de virilidade, algo aceito como positivo, principalmente nos países latinos. Quando, no entanto, a infidelidade é por parte da mulher, a traição adquire uma conotação oposta, passando a representar uma falha de caráter (“mulher adúltera”) e uma grande desonra para o homem. (BARBOSA, 1998, p.329).

Enquanto Carlos usava os códigos de uma masculinidade hegemônica a seu favor, namorando várias mulheres, exibindo a conquista e a força de sua virilidade, ele não se preocupava com a honra, nem sentia a dor da traição, só prazer. Quando o Outro usou os mesmos códigos, como a virilidade, a coragem e a força e viveu uma experiência de infidelidade com sua mulher, deu confusão e muitas pessoas se envolveram:

[...] aí invadiu todo mundo...o primo dele bateu em mim, levei 50 pontos quase que eu morria...ainda dei um tiro nele...me acordei duas horas da manhã na delegacia...eu fui abrindo o olho, eu perguntei ao delegado: o que aconteceu, chefe? Mas rapaz, você foi matar ele? Eu disse: não, ele sacou o revólver, ia me dá um tiro e fui segurar... eu peguei na mão dele, o tiro pegou nele....[mas deixa que o revólver era meu]....fomos pro hospital, tiraram a bala dele....fizeram um curativo em mim, 50 pontos...ainda tem a marca aqui....(mostrando na cabeça) ainda passei noventa dias sofrendo...eu jurei ele...eu te pego!...

Se nas grandes cidades brasileiras estava vivendo um momento contra a ‘lavagem da honra’, a violência como efeito da disputa masculina pelo feminino não era discutida.

‘Quem ama não mata’ era um slogan utilizado nos anos 70 e 80 do século passado, em defesa da vida da mulher, o que parece ter sido subjetivado por Carlos: “Com ela não... ela era muito bonita pra matar...eu ainda namorava com ela, se fosse o caso...mais o bicho era primo dela, o safado”.

Além disso, um outro código taticamente transgredido por Carlos, diz respeito aos sentimentos. Se no início da entrevista, falando de sua situação presente ele escarna o ‘Corno chorão’; ao narrar sua experiência como homem traído, ele não esconde a sua dor, demonstra os sentimentos e pratica outra forma de exercer sua masculinidade:

Fui embora, quase doido, correndo... com vontade de morrer...ai passei numa avenida na carreira... quase que o carro me pega, aí peguei... expulsei ela de casa....mulher, ... ela ia fazer 15 anos, bem novinha, 14, anos...bem novinha... e eu tava com 28, 28 anos, tava começando na cangaia ....ai vim do lado da Teodoro Sampaio (rua) uma vontade de morrer...eu gostava dela, o coração todo cheio de amor...mas num deu outra não...fui embora pra casa ...naquele dia, eu chorei viu? ....por causa da cangaia que eu levei”.

Se para Barbosa (1998) “[...] as lágrimas, para os homens, tornaram-se símbolos de fraqueza, uma sensibilidade exagerada que podia até levantar dúvidas sobre a sua virilidade (p.330)”, para Carlos, o presidente da Cornolândia, o choro, a vontade de morrer e a quase loucura que havia tomado conta de seu corpo e de sua ‘alma’, foi a forma de expressar a dor sentida pela infidelidade de sua mulher, pois ele estava sendo subjetivado por valores distintos daqueles vivenciado na Paraíba, antes de migrar para São Paulo. São práticas de uma masculinidade em trânsito, inacabada e fragmentada, efeito dos diferentes arranjos, pelos quais ele foi afetado. É uma experiência que implode os valores rígidos de uma prática da masculinidade idealizada para ser fechada e monolítica.

Essa idéia de um masculino incompleto ou inacabado também pode ser percebida quando ele se refere aos direitos iguais para ele e a mulher, em uma situação de infidelidade: “[...] eu levei porque eu mereci... sempre fui mulherengo...sempre eu gostei de tá com duas, três mulher...uma cangaia trocada não dói, não é?” Carlos, um masculino vivendo uma situação diferente daquela que vivia na Paraíba, sentiu e externou, nesta experiência migratória, a dor do coração, que é “[...] uma dor triste...é pior do que a dor do câncer...é dor triste ....é dolorosa....fica com o coração meio trancado,”<sup>272</sup> sentimentos, que

---

<sup>272</sup> Trecho da entrevista de Carlos.

foram produzidos como constituintes da natureza feminina e que Carlos estava negando na prática.

Para o ideal de masculinidade, baseado no perfil de homem como macho, valente forte e viril, encontrar sua mulher ‘sentada na sua cama batendo foto’ com outro, era considerado uma afronta à honra masculina. Valor subjetivo, que na segunda metade do século XX, ainda podia ser acionado pelos Códigos, civil e penal, para punir a mulher, o que, não motivou Carlos.

Além disso, a ação feminina de levar o ‘urso’ para cama, produz pelos códigos da masculinidade hegemônica, a desorganização do espaço que havia sido praticado pelos ‘donos da casa’, pois a cama que deveria ser o lugar da intimidade do casal foi (re) praticado por aquele considerado estranho a ele. A cama, o lugar da intimidade e do prazer de dois, naquele momento foi praticada por três.

Ver sua mulher na cama ‘batendo foto’ com outro com a alegação de que era primo, não o acalmou e em um tom de desespero quase foi atropelado. É a demonização do espaço e do corpo de sua mulher, aquela que teria borrado sua honra, contribuído para que ele surtasse e sentisse o desejo da morte. É uma outra forma de praticar sua masculinidade, pelo medo, pelo desejo de morrer, diferente de um masculino que praticava a dor pela infidelidade feminina pela violência e a morte da mulher.

Embora outras subjetividades estivessem afetando Carlos, ele convivia ainda com aquelas que foram traçadas pelos valores de valente, grosseiro e viril, um exemplo, é quando ele expulsa sua mulher de casa. É uma atitude típica de um masculino que ao sentir seus valores embaçados e sendo um homem subjetivado para não usar a violência, se utiliza do poder, como provedor, para expulsá-la de casa. Por outro lado, exibindo o orgulho machista, ele lembrou com saudade: “ela era bem novinha, tinha 14, 15 anos”. Carlos, um homem subjetivado e transtornado pela dor da traição partiu para outra relação, arrumou outra mulher, desta vez, segundo ele, tendo cuidado com o ataque do urso: “O urso só espera uma oportunidade boa, vai com aquele papo furado dele ... lá vai...lá vai ... lá vai, aí tem uma hora que ele ataca. Quando ele ataca é fatal... o ataque dele é fatal...não tem coração que resista né”<sup>273</sup>

[...] passou, passou arrumei outra de novo...uma menina da Bahia, quando cheguei tinha outro cara batendo foto com ela na cama, sentado com ela na beira da cama.... o que diabo é isso? Não, ele é meu primo!...nunca

---

<sup>273</sup> Trechos da entrevista de Carlos.

tinha visto esse primo dela...era cangaia de novo... mas que castigo é esse ? Eu nasci no dia das cangaia dos cornos?<sup>274</sup>

Ao ser traído pela segunda mulher ele encontrou a resposta para infidelidade na superstição, foi uma forma de suportar a dor. No Nordeste há vários ditados populares de superstição com os animais e alguns deles assustam até os mais valentes dos homens. Um exemplo, é aquele que afirma ‘quem pisa em ‘rastro’ de cobra, fica azarado, associando-o à um [...] símbolo fálico por excelência que ameaça a fidelidade conjugal, pois pular a cobra equivale a pular a cerca no casamento (ALVES, 2004, p.22).’<sup>275</sup>

Carlos indagou ‘seu destino’ e justificou esta outra traição com um novo ditado popular: ‘Eu nasci no dia das cangaia dos cornos?’ Nascer no dia das cangaia dos cornos é uma referência ao dia em que a ‘besta’ [animal] recebe o peso da cangaia sobre seu lombo. É também um anunciado de desclassificação do masculino que estar sendo associando a uma besta. Carlos estava utilizando de uma analogia para apontar sua indignação ao vivenciar a infidelidade feminina, mesmo sendo um homem subjetivado por novos valores. A saída dele foi procurar ajuda e aconselhamento. E encontrou a Associação dos Cornos do Parque Pirajussara em Embu: “[...] lá em São Paulo eu participava da Associação dos Cornos do Parque Pirajussara....ela é muita conhecida também. Lá ele ouvia conselhos e tinha a solidariedade dos amigos. Essa experiência na Associação de Cornos do Parque Pirajussara contribuiu para que ele retornasse à Paraíba, como um agente das transformações que ele havia vivenciado.

Carlos em sua trajetória e como e ‘agente’ de outras subjetividades, voltou para João Pessoa, foi trabalhar no Mercado da Torre servindo lanches e morando na cidade de Bayeux<sup>276</sup>. Esta cidade da Paraíba ganhou adjetivos depreciativos sendo considerada a ‘cidade dos cornos’, o que é contestada por Alves (2010):<sup>277</sup>

---

<sup>274</sup> Idem.

<sup>275</sup> Alves, José Eustáquio Diniz. A Linguagem e as representações da masculinidade / José Eustáquio Diniz Alves. - Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004.

<sup>276</sup> Bayeux é um município do Estado da Paraíba localizado na microrregião de João Pessoa, banhado pelo Rio Sanhauá, tem como limites as cidades de João Pessoa a leste e Santa Rita a oeste. De acordo com o IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA), no ano 2006 sua população era estimada em 95.004 habitantes. Disponível no site < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bayeux> > visitado em 21/02/2011.

<sup>277</sup> “Cidade dos cornos”: historiador desmistifica título recebido por Bayeux. Disponível no site < <http://setecandeeiroscaja.blogspot.com/2010/09/o-historiador-ariosvaldo-alves-explica.html> > visitado em outubro de 2010. Disponível também no site < [http://www.giropb.com.br/?p=noticia\\_interna&id=3326](http://www.giropb.com.br/?p=noticia_interna&id=3326) > visitado em 21/02/2011.

Designaram de “cangaia” a rua Antônio Ferreira, popularmente conhecida como rua da Cangalha por motivo do trabalho árduo de mulheres que enfrentavam o preconceito da época, confeccionando esteira, manga de garrafa e cangalha para burro de carga[...] De Rua da cangaia, passou a cidade da cangaia. Daí veio o termo depreciativo criado pelos maliciosos que não a amam e não conhecem sua história.

Nesta cidade ele conheceu outra ‘menina’ e a levou para trabalhar com ele no mercado. Era início de um novo relacionamento e de novas experiências na infidelidade. Ela tinha 18 anos e ele 38. Um comerciante vizinho a Carlos passou a conquistá-la. “[...] Ele começou cantando a menina e contando vantagem: Carlos, vou tomar essa menina de você!... [...] como ele tinha dinheiro, ofereceu dinheiro pra ela sair com elee a menina saiu...com o tempo ela apareceu grávida e realmente ele era o pai”.<sup>278</sup> Essa narrativa de Socorro foi confirmada por Carlos: “Quando meu amigo e ‘sócio’ pegou... e tava namorando com ela escondido...meu Deus, até na Paraíba, vim levar de novo”.<sup>279</sup>

A fala masculina, do amigo de Carlos é indicativa do exercício de uma prática da masculinidade diferenciada da hegemônica, pois provocar um homem insinuando que tomaria sua namorada seria sua desmoralização. E depois dessa provocação, tomar sua namorada e manter a amizade é sinal do agenciamento de Carlos de outros códigos culturais na Cornolândia. Além disso, os códigos culturais, que Carlos havia vivenciado em São Paulo estavam sendo praticados por um de seus amigos. “Até na Paraíba, vim levar de novo” é significativo para tal elucidação.

[...] agradei a ele, dei um presente, aquele chifre alí (apontando para um chifre grande pendurado na parede) dei a ele...dei de presente pra ele é... nós ficamos amigos, depois ele ficou com raiva porque eu botei ela pra trabalhar de novo comigo...ficou meio chateado comigo, mas de vez ele fala comigo né... então eu disse: eu vou botar uma associação...assim também tava demais né? Muita cangaia em cima de mim e eu sem nada pra comprovar.

Na experiência migratória, Carlos manteve alguns daqueles códigos que havia subjetivado na sua formação como masculino na Paraíba, mas teve a capacidade de afetar e ser afetado por outros diferentes daqueles subjetivados em sua terra. Essa capacidade, afirmam Domènech, Tirado, Gómes (2001): “[...] não é tampouco uma propriedade da carne, do corpo, da psique, da mente ou da alma. É simplesmente, algo variável, produto ou propriedade de uma cadeia de conexões entre humanos, artefatos técnicos, dispositivos de ação e pensamento (p.129)”, ou seja, Carlos ao vivenciar outros códigos que transitavam socialmente na cidade de São Paulo foi por eles parcialmente modificado,

<sup>278</sup> Trechos da entrevista de Socorro, a ‘psicóloga’ dos cornos.

<sup>279</sup> Trecho da entrevista de Carlos.

experimentado, criando pela primeira vez, uma Associação de Cornos para participar e viver suas experiências como masculino, sendo subjetivado por outros saberes e agenciando outros homens em defesa dos novos códigos culturais que redefinem um tipo de masculinidade, como aquela que permitia o homem chorar, falar de suas fragilidades, rir e brincar da dor da traição.

O agenciamento é para Escóssia & Kastrup, (2005)um “[...] plano coletivo, que surge como plano de criação [...] e de produção de subjetividades(p.303),”<sup>280</sup> que em sociedade contemporânea como nossa funciona de forma efêmera, contingencial, através de um marketing, como a Cornolândia. É forma de produzir subjetividades passageiras e identidades divididas.

---

<sup>280</sup>Escóssia, Liliana da &Kastrup Virgínia.O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo sociedade Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, mai./ago. 2005.

## 5. Na Cornolândia um masculino transformado, transtornado e agente de outros códigos da masculinidade

Socorro e Carlos – A Psicóloga e o Presidente da  
Cornolândia



Fonte: Jornal da Paraíba

*Meu Deus, fizeti com que eu não seja  
cornol/  
Se eu for, que eu não sinta/ se eu sentir, que  
não saiba, /Se eu souber, que não acredite/ se  
eu acreditar/que eu não veja, se eu ver, que  
eu me conforme... Amém! Nossa senhora das  
pontas finas defendei-me das pontas  
grossas<sup>281</sup>*

A volta de Carlos para João Pessoa como agente de mudanças e de transformações sociais pode ter sido significativo pelos os nomes que ele colocou nas barracas que instalou na feira para o comércio. A primeira “Tapas e beijos” e a segunda “Encontros dos Cornos”. Essa última é onde ele trabalha atualmente e onde funciona a Cornolândia. Os nomes dados às barracas por Carlos foi um jogo, uma estratégia de marketing, tanto para atrair os seus fregueses como para junto com ele, subjetivar novas práticas da masculinidade.

<sup>281</sup> Oração dos Cornos, disponível na CORNOLÂNDIA

“Tapas e beijos”, é o título de uma música sertaneja interpretada pela dupla ‘Leandro e Leonardo’ no início dos anos noventa do século XX e que fazia grande sucesso na época. O nome da barraca foi em homenagem, segundo ele, a um casal que vivia brigando. “[...] porque tinha um casal ali que era briga de manhã...e de noite era amigos...tava se beijando”. Um homem que coloca o nome ‘Tapas e Beijos’ em seu estabelecimento de trabalho, é um masculino brincalhão, traquino que tira das experiências do cotidiano lições e utiliza o local de trabalho, através da astúcia, de nele fazer práticas de sociabilidades sobre o amor, a paixão e a dor., é a crise da “[...] moral burguesa que levava o homem à renúncia do gozo em prol do trabalho, da família e da cultura. (MACHADO, 2001, p.2.<sup>282</sup>

A criação das Associações de Cornos parece a primeira vista, ser algo estranho e risível. Quando o assunto é Associações de Cornos, imediatamente a reação do senso comum, é de riso, mas o riso faz parte da crítica social. Desde que o homem tomou ‘consciência’ de sua existência, que ele não pára de rir (MINOIS, 2003). Na contemporaneidade, o riso é a indisciplina, mas é também constituinte da democracia. É liberdade e zombaria. É ironia e dessencialização. O riso na Cornolândia é usado como uma tática, para fazer funcionar uma ação, uma via, um caminho, supostamente descontraído, para chegar ao outro e agenciá-lo para fazer funcionar a produtividade das subjetividades dos novos códigos culturais, ou seja, é um riso de dor, que ainda conserva a agonia da perda dos valores da honra que valorizava um tipo de masculinidade.

Assim, a criação da associação de cornos pode ser considerada uma arte para renovar as subjetividades consideradas do tipo padrão, como a masculinidade hegemônica e conviver com as mudanças na contemporaneidade. Não tem sido comum os homens criarem associações para ser reconhecidos como traídos. A associação criada por Carlos reivindica a sociabilidade da dor, um amparo subjetivo ao masculino para ajustar-se à outros códigos culturais.

São situações do fazer e do dizer cotidiano que não estavam estabelecidas para os homens. Para Nolasco (1993) <sup>283</sup> “[...] mediante uma autorização social que gera reconhecimento e valorização, os homens podem entrar em contato com situações cotidianas e sensações que até então lhes eram interditas (p.17).

---

<sup>282</sup>Machado, Ondina Maria Rodrigues, O Tempo na contemporaneidade. Trabalho apresentado no 1º Simpósio do Séphora - Núcleo de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo: Sintomas, discursos e laços sociais e publicado nos anais do evento. Rio de Janeiro, UFRJ, 2001. Visitado em Julho de 2001 e disponível no site <[www.ebp.org.br/.../Ondina\\_Machado\\_O\\_tempo\\_na\\_contemporaneidade.pdf](http://www.ebp.org.br/.../Ondina_Machado_O_tempo_na_contemporaneidade.pdf)>.

<sup>283</sup>Nolasco, Sócrates Álvares. O mito da masculinidade/ Sócrates Nolasco .- Rio de Janeiro : Rocco, 1993.

O Jornal da Paraíba considera a criação da Cornolândia como uma troca de experiências do homem corneado que agora está liberada. “Há 16 anos que os cornos passam por aqui contando suas histórias. Essa camada tão especial da população, que muitas vezes sofre com piadas de mau gosto e discriminação, corre cada vez mais para o seu refúgio, onde a confissão dos traumas e as trocas de experiências estão liberadas (JORNAL DA PARAIBA, 30/03/2008, Caderno 7)”. A liberação referida pelo jornal é uma referência de que os códigos para que os homens exerçam as práticas de masculinidades diferentes das vivenciadas até então, estão em trânsito, circulando e produzindo novas formas deles se sentirem homens.

Se a dor da traição é praticada para agenciar outros códigos da masculinidade, a visibilidade da dor ocorre pelos símbolos para adornar o ambiente, produzir significados sobre a traição, mas principalmente, funcionam para construir a integração. Para Bourdieu, apud Zaluar(2001)<sup>284</sup> “[...] o símbolo é, por excelência, instrumento de integração social, pois cria a possibilidade de consenso sobre o sentido do mundo e, portanto, da dominação (p.149)”. Na Cornolândia, além dos símbolos, o seu funcionamento ocorre, pelo controle do sócio, sua premiação e atividades que promovam sua satisfação para gestar a vida por outras práticas masculinas.

## 6. A Cornolândia e o agenciamento de novos códigos: outras práticas masculinas

(Dor de Amor -Beth Carvalho)

Ai como dói.../Ai como dói a dor

Como dói a dor de amar/Quem se desencantou

Sabe o que é chorar/Neste mundo não tem professor

Pra matéria do amor ensinar/Nem tão pouco se encontra doutor

Dor de amor é difícil de curar

---

<sup>284</sup>Zaluar, Alba and LEAL, Maria Cristina. Violência extra e intramuros.Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2001, vol.16, n.45, pp. 145-164. ISSN 0102-6909.



Modelo de carteira de sócio  
Fonte: Arquivo da Cornolândia



Socorro segurando o foto do cartão  
CHIFORCARD  
Fonte: Jornal da Paraíba

A Cornolândia, presidida por Carlos, é um modelo de associação, diferente da organização dos sindicatos. Os sindicatos, na sociedade disciplinar, funcionavam desejando atingir as massas, como forma de resistência a exploração social e ao trabalho, em defesa da qualidade das instituições; resistindo através das ‘palavras de ordem’ e fazendo um movimento circular, fábrica-sindicato-rua-fábrica-sindicato. A Cornolândia é uma associação ‘virtual’, típica da contemporaneidade, na qual, segundo Deleuze (1992) “Não se estar mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se "dividuais", divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou "bancos" (p.220).

Os masculinos, que participam da Cornolândia, não transitam pela associação acionados por ‘palavras de ordem’, mas quando sente a dor; quando os códigos da masculinidade, novos ou velhos, exigem deles uma reflexão de si, ou seja, uma mudança como prática de si. Esta prática do funcionamento das suas subjetividades tem visibilidade quando eles consultam a ‘psicóloga’ da associação. Os sindicatos ou as associações de classe, de uma forma geral, estavam preocupados com a qualidade de vida das massas, a Cornolândia, ao contrário, está preocupada com a qualidade cotidiana do indivíduo, com as possibilidade de gestar outras formas de através de outras subjetividades.

Na Cornolândia, não existe a filiação formal praticada pelas associações de classes; o que existe é um modelo de carteira de sócio, onde ninguém se associa, mas os seus ‘sócios’ querem possuí-lo para provocar risos, agenciar novos adeptos à sua causa e socializar a dor. A associação também ‘oferece taticamente benefícios’, como o cartão de créditos (CHIFROCARD- ou seja, um corno feliz) que não têm validade nenhuma, mas os ‘supostos’ sócios querem adquiri-los. A criação simbólica do CHIFORCARD é uma forma de se reconhecer e ser reconhecido subjetivamente como homem traído, na condição de homens divisíveis, com identidades fluidas e passageiras.



Figura 4- Fotografia de um homem traído protegido por Nossa Senhora- Fonte: Arquivo da Cornolândia

É um cartão que ‘simbolicamente’ funciona como um crédito para sua aceitação

no social, tanto por ter sido traído, como por estar transitando com outras práticas da masculinidade. Divulgar que foi traído, através do cartão de crédito, é uma forma de se apropriar das novas tecnologias. Na sociedade contemporânea, a divulgação, a comunicação e as práticas de sociabilidades funcionam em rede, através das novas tecnologias. Na Cornolândia, o cartão de crédito e a mídia contribuem para sua divulgação, ao contrário das antigas associações, que sua divulgação, ocorria pelo os instrumentos simples, como o panfleto ou a carta denúncia.

O sistema de controle da sociedade contemporânea, segundo Deleuze, (1992) “[...] é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua (p.230)” e funciona pelas estratégias de marketing. Na Cornolândia, o marketing, é o agenciamento de homens para assumir os novos códigos da masculinidade, pelo novo tratamento dado à infidelidade feminina e não pelos os debates, as reuniões longas, nas quais eram traçadas táticas para lidar com o outro - o patrão, a fábrica, a polícia ou o Estado. Na Cornolândia, as sociabilidades têm como fundamento a modificação de si, para exercer outras práticas da masculinidade.

Na Cornolândia, o homem traído também é agraciado com um prêmio, o TROFÉU PAN CORNO. Recebe o troféu o homem que mais conseguiu suportar a dor da ‘chifrada’. O prêmio, diz Deleuze (1992), na sociedade de controle, funciona pelo o mérito. Na

Cornolândia, o prêmio do Pan Corno é entregue aquele que tem sobrevivido à dor da traição, sem perder sua virilidade e estar exercendo sua masculinidade.

Na Cornolândia, o masculino traído, não perdeu a fé e tem uma oração que lhe protege: “*Meu Deus, fazei com que eu não seja corno, Se eu for, que eu não sinta, se eu sentir, que não saiba, Se eu souber, que não acredite, se eu acreditar, que eu não veja, se eu ver, que eu me conforme... Amém!* Nossa senhora das pontas finas defendei-me das pontas grossas”. O masculino ainda disputa o espaço da ornamentação com a imagem de Nossa Senhora. O corno é, neste quadro, referenciado, homenageado e cultuado.

Por outro lado, o homem que coloca um chifre na cabeça não está pensando em desmoralização, mas deseja ser associado a um touro, como símbolo de virilidade. Esta associação identitária do chifre do touro com o homem que foi corneado lembra-nos os atributos masculinos nas touradas, espanhola e portuguesa, de acordo com a fala de Vale apud Aquino (2008)<sup>285</sup>:

[...] o touro sacrificado na tourada espanhola e simbolicamente na portuguesa, transmitem às pessoas seus atributos ideais masculinos como agressão, coragem, frontalidade e nobreza, quando se incorpora, a partir do sacrifício sangrento, as suas qualidades de macho (p.134).

Se na tourada, os homens que sacrificam o touro se apropriam da sua capacidade sexual, na Cornolândia, a alegoria dos chifres como símbolos, pode significar que a infidelidade feminina não abalou sua virilidade, ao contrário, os chifres são as armas de defesa touro, e simbolicamente, nesta situação do homem traído também. Outro símbolo é a marca da identidade comercial usada na associação. As notas fiscais da barraca são tiradas em nome de ‘Carlos, Corno, dos Santos’. A publicização comercial como corno, com sua autorização, é um jogo de marketing, usado para a barraca, uma publicidade para diminuir a os valores morais que ainda podem circular no social.

Os homens, na Cornolândia têm também um bloco de carnaval (JORNAL DA PARAÍBA, 30-03-2008 CADERNO 7), no qual os participantes podem fazer da sua dor uma prática pela alegria. “O carnaval é com exceções locais, o único fato do calendário que toca na essência original da festa, que é formar um contraste com a vida de todos os dias, de ser uma ocasião em que outros valores são importantes, em que as normas habituais não correm (MINOIS, 2003, p.608)”.

---

<sup>285</sup>Ver. Aquino, Francisca Luciana de. Homens “cornos” e mulheres “Gaieiras” Infidelidade conjugal, honra, humor e fofoca num bairro popular de Recife –Pe. Francisca Luciana de Aquino . —Recife: O autor, 2008.

Se na Cornolândia, o masculino utiliza todos estes instrumentos técnicos e simbólicos para agenciar novos valores e exercer outras masculinidades, as suas subjetividades como um cuidado de si, precisam de apoio psicológico para trabalhar a dor e aceitar a traição e as transformações na ocasião do cotidiano. Essa tem sido a função da vendedora de tapioca na Cornolândia.

## 7.O tratamento terapêutico da dor masculina: a produção de subjetividades para acalmar a dor

[...] o psicológico abandona o espaço privado e intransferível das psiques individuais para alojar-se nas encruzilhadas e nas ruelas que marcam o mal-estar do mundo com outros seres humanos<sup>286</sup>

Os homens que foram traídos e voltaram para o relacionamento precisam de ajuda da psicóloga, a exemplo, dos homens da Cornolândia, pois além de ser necessário agenciar códigos novos e adeptos a sua causa, precisam praticar uma ação sobre si. São homens que ainda precisam de ajuda, e a psicológica tem esse papel fundamental na associação. É através da ajuda da psicóloga que as novas masculinidades podem ser praticadas e exercidas. O atendimento psicológico ajuda a romper com alguns códigos que desenham o tipo de masculino como macho, aquele que não se reconhece como fraco e muito menos propenso a confidenciar suas fraquezas. O macho se reconhece como forte e não se sente abalado por uma ‘cangaia’.

A confidente e conselheira dos homens é uma mulher, conhecida como ‘psicóloga dos cornos’. Ela participa da associação usando as táticas ainda antigas, para curar a dor masculina, como os conselhos, distribuindo seu tempo de ‘por a mão na massa da tapioca’ e a reserva do tempo para ouvir as confissões. Ir ao ‘consultório psicológico’ é quebrar com a idéia de que este é um lugar de homem fraco. É uma ação, que funciona por fora do controle do Estado, sem as exigências legais, como o diploma de psicólogo, espaço adequado e hora marcada. Esta ação pode contribuir para que novas subjetividades sobre o

---

<sup>286</sup> Domènech, Miguel, Tirado, Francisco, Gómes, Lucia, 2001.

masculino sejam reinventadas, outros códigos sejam agenciados e suas dores amenizadas, mas é também uma forma de chamar a atenção socialmente da dor de um tipo de masculino, através de ‘um benefício risível’, o que indica ser uma prática diferente de sociabilidade.

Maria do Socorro dos Santos, na época da pesquisa tinha vinte e oito anos. É uma jovem de cor morena, estatura média e tem um sorriso permanente no rosto, transmitindo muita paciência e calma. Em 2008, fez cinco anos que ela comercializa com tapioca no mercado da Torre. Seu nome foi indicado por Carlos para tratar da dor masculina pela traição, o que ela leva muito a sério. “[...] tudo começou de uma brincadeira, de certa forma, verdadeira. E me escolheram como psicóloga porque eu tinha paciência de ouvir as histórias”.<sup>287</sup> Tratar a dor masculina sofrida pela infidelidade feminina embora seja concebida por Socorro como ‘coisa seria’, é uma festa, que funciona como um desvio social, em que o riso ajuda na produção de subjetividades.

Socorro escuta as insatisfações da vida amorosa dos homens que participam da Cornolândia e se reconhece como ‘Graduada em Psicologia’ na ‘faculdade’ dos homens traídos. Ela trata o desamparo afetivo do masculino, usando sua ‘sala de atendimento’ como um ambiente que permite a interação com os homens em sofrimento. ‘Psicóloga’ e ‘pacientes’ não desvinculam das atividades do trabalho para tratar a dor, já que o espaço de trabalho e o espaço terapêutico são os mesmos. “[...] Enquanto eu fazia a tapioca aí o pessoal chegava, contava histórias e no final dava minha opinião e conselhos, ai pronto, fui ficando como psicóloga até hoje.”<sup>288</sup>

A dor, para a ‘psicóloga’, deve ser analisada e conhecida sua procedência para extirpá-la da alma masculina. É uma astúcia para que o masculino saiba lidar com a infidelidade feminina atendendo aos novos códigos culturais. São invenções cotidianas que manipulam e reinventam novas subjetividades para confrontar astutamente as composições de forças que ainda têm ‘sustentabilidade’ na produção cultural.

A dor masculina chega de mancinho, atraído pelo cheiro da tapioca. Entre um gole de café e um ‘dedo de prosa’, a terapia passa a acontecer. “Eles chegam sério, depois ficam mais a vontade né/ e começam rindo, mas depois contam suas histórias<sup>289</sup>”. Se para um profissional da psicologia, as histórias de seus pacientes devem se constituir como segredo, na Cornolândia, as histórias dos homens traídos são socializadas e abertas e funcionam

---

<sup>287</sup> Trechos da entrevista de Socorro

<sup>288</sup> Idem.

<sup>289</sup> Ibidem.

como máquinas de produção das subjetividades. Nas histórias narradas à psicóloga, o ‘urso’ sempre aparece como aquele homem esperto, usando do celular, uma tecnologia atualizada para praticar a conquista e aproveita a ocasião da falta de esperteza do marido.

Teve uma história de um rapaz que era caminhoneiro e quando ele tava trabalhando, aí a esposa ligou para conversar com ele...ele tava ocupado e mandou o amigo atender o *celular*; o amigo ficou puxando assunto com a esposa ... nessa história, ele deu uma cantada nela e ela gostou...aí no dia de folga dele, se encontraram, aí o marido dela ficou sabendo, quase que matava ela, mas depois ele veio aqui, desistiu, ficaram separados e depois (eles) voltaram de novo.<sup>290</sup>

O caminhoneiro, ao ser traído pela mulher, contou com o apoio da ‘psicóloga’, que diferente, das práticas exercidas pelos profissionais da psicologia que trabalham para auxiliar no ‘mal-estar que se aloja no interior’ do indivíduo, ela utiliza de conselhos, pelos quais, ele deve produzir novas subjetividades atualizadas sobre a traição e consiga ser feliz ao lado do seu amor. São subjetividades contemporâneas indicadas pela ‘psicóloga’ dos homens traídos “[...] que vem questionar a presença de uma interioridade em separado de uma exterioridade, tais como as polarizações clássicas: sujeito e objeto, consciência e mundo, corpo e alma ou individual e social (MACHADO, 1999, p.1).”<sup>291</sup> Para ser subjetivado por este tipo de ação, o passado na contemporaneidade, não tem a importância que historicamente lhe foi dado, e o que deve ser pensado é o presente: “Eles ficam tristes [...] mas depois começam a sorrir, faz brincadeiras, esquece o passado e agora é só bola pra frente [...] aí esquece o passado...agora o importante é o presente, o passado não adianta mais.”<sup>292</sup>

‘Esquecer a dor do passado e viver o presente’ é uma indicação, a qual o presente na contemporaneidade é fluido, rápido e estamos em busca da felicidade instantânea, pois na contemporaneidade, a felicidade “[...] deixa de ser uma meta e se torna um objeto, e o caminho em sua direção toma ares de corrida de 100 metros, onde, se barreiras houver, elas deverão ser derrubadas e não ultrapassadas, impondo-se, neste contexto, uma ética de cunho altamente utilitarista (MACHADO, 2001, p.3)”; assim, é pela utilidade do presente, que a produção das subjetividades deve ser operacionalizada na Cornolândia. Por outro

<sup>290</sup> Ibidem.

<sup>291</sup> Machado, Leila Domingues. Subjetividades contemporâneas In: BARROS, M<sup>a</sup> Elizabeth Barros (org.) Psicologia: questões contemporâneas. Vitória: Edufes, 1999.

<sup>292</sup> Ibidem.

lado, se o passado, na contemporaneidade funciona pela preservação de um de memória informacional, através da máquina, do computador, do chip e é representada como uma memória arquivada em bytes, o que sugere nas palavras da ‘psicóloga’, o passado deve ser esquecido.

Nas histórias contadas pela psicóloga, o comportamento feminino está mudando e exige que o homem pratique sua masculinidade pela igualdade de gêneros, evitando viver em farras com os amigos, pois ele corre risco de ser traído.

O rapaz tava construindo a fossa, aí chegou o final de semana caiu na farra, na *gandaia*; aí a mulher com raiva chamou o vizinho. Quando ele chegou da farra, encontrou a mulher com o vizinho... ele saiu com tanta raiva que bateu a porta, esqueceu que a fossa tava aberta e caiu dentro da fossa... a sorte dele é que a fossa tava seca, senão seria um desastre total.<sup>293</sup>

A história acima narrada por Socorro provoca um desencadear de risos porque mescla a narrativa da dor da traição com a situação trágica de cair em uma fossa. Além disso, há um discurso de reprovação por parte da ‘psicóloga’ a uma atitude de um masculino irresponsável facilitando para que a mulher lhe seja infiel. De acordo com a pesquisa de Goldenberg (2003, p.225)<sup>294</sup> a mulher trai, em geral, por vingança: “[...] se ela aprendeu a perdoar, por outro lado, também se mostra capaz de ‘pular a cerca’ por pura vingança”. Tese confirmada pela ‘psicóloga’ Socorro, escutando os homens traídos: “Dizem que a maioria deles gosta muito de farra, são farristas, não dão atenção pra elas [...] não têm carinho, ai elas ficam aborrecidas, falta de apoio, atenção, aí ... elas com raiva, arrumam outro [...] por vingança”<sup>295</sup>.

Na Cornolândia, os homens traídos e os traidores, procuram o atendimento ‘psicológico’. É importante gestar novas formas de qualidade de vida, refletindo suas ações para que as práticas masculinas que estão sendo agenciadas não caiam em descrédito. É nessa circunstância que o ‘urso’ faz a terapia. Ele tanto faz uma análise de sua prática, como aponta que o homem traído correu risco, porque também estava vivenciando as práticas antigas das masculinidades. “[...] Porque as vezes ele (o esposo) sai, não dá

<sup>293</sup> Ibidem.

<sup>294</sup> Goldenberg, Mirian. *Infel- Notas de uma antropóloga*. – Rio de Janeiro: Record, 2006; Viveros, Lillian. *O livro da traição feminina*. — São Paulo, Matrix, 2003.

<sup>295</sup> Trechos da entrevista concedida por Socorro.

atenção a mulher, nem carinho [...] aí ... eu chego como amigo vou lá e pronto [...] era o que ela tava precisando, de um apoio... um ombro amigo (risos)”.<sup>296</sup>

No ambiente terapêutico, ainda comparecem aqueles homens que não conseguem falar de si, ainda estão aprisionados por códigos masculinos que reprimem seus sentimentos. São homens que ainda estão sob o efeito do ideal de homem forte e por isso suas ‘angústias’ não devem ser publicizadas; aguentam a dor no peito sem gemer, como um típico macho para não sentir-se desmoralizado, o qual contribui para que ele conte suas histórias, como se fossem de amigos.

Eles contam... e sempre falam que aconteceu com amigos, mas nunca com eles, mas no finalzinho acabam confessando: essa história aconteceu comigo mas não conte a ninguém não. Eles têm vergonha, sempre é um vizinho, um colega, um amigo<sup>297</sup>.

Mas também pode ser outra ação masculina para produzir outras representações, pois contar sua história como sendo de um amigo é se distanciar do que ocorreu consigo, procurar ver de fora, passo fundamental para trabalhá-la, torná-la um objeto e agenciá-la. Há situações em que a mulher não trai com outro homem, mas com outra mulher.

Tinha outro rapaz que pegou a noiva com uma amiga, e quando ele viu não acreditou e desmaiou... só acordou com 12 horas depois do fato acontecido no hospital...gostou tanto que casou com ela, faz dez anos que estão casados... é a perdição dele, ... que ele fala né?;<sup>298</sup>

O homem traído, segundo Socorro, teve um choque, mas voltou para o relacionamento ainda mais apaixonado. Para um homem subjetivado pelos códigos da masculinidade hegemônica seria uma afronta a sua virilidade e, o rompimento dos códigos de conduta para o masculino e o feminino na matriz heterossexual. A aceitação deste tipo de traição significa que na Cornolândia o agenciamento de novos valores está funcionando e as representações da sexualidade na contemporaneidade estão sendo modificadas.

Entretanto, na Cornolândia, também há uma produtividade de textos que são arquivados e podem ser representados, como constituintes de uma masculinidade

---

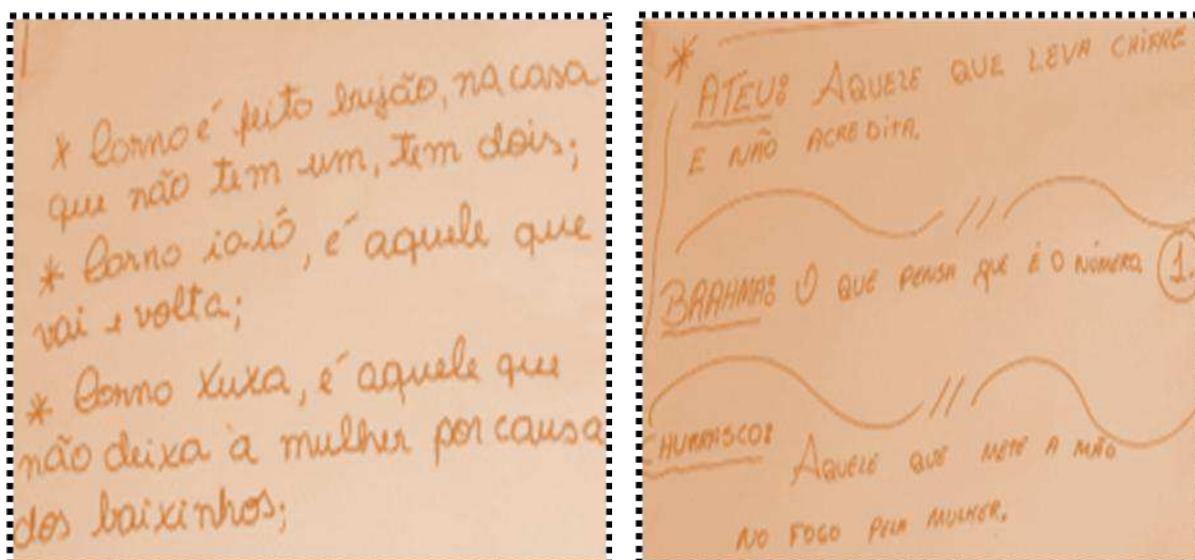
<sup>296</sup>Idem.

<sup>297</sup> Idem.

<sup>298</sup> Idem.

hegemônica. São os cartazes e a lista com as tipologias de cornos, o que indica que as práticas da masculinidade, baseiam-se na multiplicidade, praticando os homens, os valores considerados conservadores e os atualizados.

### 8. Os enunciados dos textos de uma masculinidade: as posições identitárias dos homens traídos quando permanecem na relação



Figuras 5e 6 - Cartazes com as tipologias de cornos – Fonte: Arquivo Cornolândia

Na Cornolândia, há vários cartazes como esses acima para se referir ao homem traído. Neles encontram-se pequenos enunciados com estilos de aforismos. Falar ou escrever sobre um tema no estilo de aforismo é colocar um conjunto de representações em uma sentença breve. Segundo o dicionário de Aurélio a palavra aforismo é de origem grega (aphorismós) e do latim (aphorismu) o que quer dizer: sentença moral breve e conceituosa.

O estilo do aforismo tem parentesco com os provérbios, com os ditados populares e quase sempre vem com um tempero de humor. Os ditados populares podem ser encontrados, entre vários lugares, como por exemplo, em pára-choque de caminhões, como estes: “se o mundo fosse bom, o dono morava nele”, “não me siga que estou perdido”, “pra

que beijar no rosto, se a boca está tão perto?” Os aforismos, discutidos neste item, tratam exclusivamente sobre a traição e tanto são encontrados na Cornolândia, como nas páginas da internet<sup>299</sup> e em folhetos de cordel<sup>300</sup>. Os aforismos discutidos nesta tese são usados através de uma linguagem para dar significados identitários aos homens que permanecem na relação depois de traídos. Nestes enunciados, eles são identificados como cornos. Este tipo de texto pode ser considerado como prática da masculinidade hegemônica.

Para Carlos, há uma diferença entre um homem traído e um corno. Um homem quando é traído e sai do relacionamento, sua masculinidade não é afetada; enquanto isso, aquele que permanece na relação depois de traído, fica desmoralizado e é concebido como Corno. É uma política identitária que funciona para desqualificar os homens que passam a praticar outras práticas diferenciadas da masculinidade hegemônica. Para este tipo de masculinidade, um homem de moral deve ser reconhecido socialmente, pelo o respeito, pela sua coragem, pelo amor sobre si, pelas decisões. É um tipo de homem ‘que vale pelo que fala’.

O perfil dos aforismos, sobre o masculino corneado, indica a relação de alteridade vivenciada por homens no interior desta prática masculina. Nesta experiência, em particular, além de ser uma relação de alteridade entre intragêneros, é uma tentativa de salvaguardar os códigos masculinos que asseguram sua manutenção e que estão sendo quebrados pelo o homem, na condição de cornos. O corno nos aforismos é associado aos objetos, aos animais, aos valores sociais, à identidade étnica, entretanto, é raro o corno ser associado a perda da virilidade. O homem traído é associado ao homossexual nos aforismos é reconhecido como desvirilizado, o que é uma forma de rebaixamento social para os códigos de uma masculinidade hegemônica. O homem traído, ao contrário, continua sendo viril, configurando uma relação intragêneros.

O humor é uma marca na tipologia do corno encontrado nesses enunciados. Existem os enunciados para quem leva chifre e para os que são cornos. Levar chifre, de acordo com a gramatologia dos aforismos, é considerado normal, como por exemplo, temos os seguintes enunciados: ‘chifre é como caixão, um dia você vai ter o seu’, representando a traição feminina como uma experiência do cotidiano. Outro enunciado associa o chifre à dor: “Chifre é como ferida, se não tratar, demora a curar; um chifre só se cura com outro

---

<sup>299</sup>Diversas páginas na internet apresentam os aforismos sobre masculinidade e sobre a corneação, como exemplo, os que estão disponíveis no site <<http://www.piadasonline.com.br/MostraPiadas.asp>> visitado em 10/09/2010.

<sup>300</sup>Cf. O folheto de cordel, Vieira, Guaipuan. A relação dos cornos brasileiros (lista oficial do país).

chifre.” Indicando que, o chifre se tratado, é curado, e o remédio é o reconhecimento de sua moral na sociedade, configurando que não é a traição que desmoraliza o homem,mas a sua permanência na relação depois de traído. Quando se trata de enunciados sobre cornos, eles são produzidos diferentes daqueles para homens traídos: ‘corno é feito bujão, na casa que não tem um, tem dois; ‘corno só é solidário no chifre’; ‘o corno que ama não mata’.

A produção destes enunciados pode indicar que as mudanças ocorridas nessas últimas décadas, tanto contribuíram para que o masculino fosse subjetivado para exercer um outro tipo de masculinidade, como para que ele usufrísse alguns códigos da masculinidade hegemônica, fazendo seu trânsito entre várias práticas da masculinidade. Alguns deles vão ao consultório da psicológica e depois de traídos voltam para mulher. Enquanto tem aqueles que usam as tipologias para o corno por permanecer na relação depois de traído. A produção destes enunciados é uma indicação de que os homens na Cornolândia são plurais, assumem posições identitárias divisíveis.

#### QUADRO TIPOLÓGICO DO HOMEM CORNEADO

<b>Corno Ateu</b>	<b>Aquele que leva chifre e não acredita</b>
<b>Corno Atrevido</b>	Aquele que se mete na conversa da <u>mulher</u> com o ‘Ricardão’ (urso)
<b>Corno Azarado</b>	A mulher o trai com um ‘sapatão’
<b>Corno Azulejo</b>	Baixinho, quadrado e liso
<b>Corno Banana</b>	A mulher vai embora e deixa uma penca de <u>filhos</u> .
<b>Corno Brahma</b>	O que pensa que é o número 1
<b>Corno Boiola</b>	Além de corno é veado
<b>Corno Bravo</b>	Aquele que quando chamado de corno quer brigar
<b>Corno Brincalhão</b>	Aquele que leva chifre o ano inteiro e no carnaval sai fantasiado de Ricardão
<b>Corno ‘Xuxa’</b>	È aquele que não se separa da mulher por conta dos baixinhos (crianças)

Embora esses enunciados sejam usados, através de uma brincadeira para se referir à uma tipologia de homens que foram traídos, eles produzem significados para diferenciar aqueles que se ‘conformam’ com a situação, e são pelos seus pares, considerados desmoralizados e aqueles que saem da relação como homem forte, de respeito e digno.

Ser um ‘corno ateu’,por exemplo, não está ligado diretamente à ausência de crenças religiosas. O significado desse enunciado desqualifica o homem que não preserva o código masculino de coragem e grandeza. A falta de cumplicidade na preservação desses códigos faz que com a linguagem de dominação masculina lhe dê a identidade de ‘corno’ ateu. Na

masculinidade hegemônica um homem não deve viver em uma relação conjugal com dúvidas. A dúvida atormenta-o e o encaminha para o descontrole e a falta de decisão, características da ausência de uma masculinidade ideal. Não acreditar na traição corresponde ao medo de tomar decisões. São atitudes que além de denegrir o status da masculinidade, tem o efeito da desmoralização. Homem honrado deve ter coragem e decisão. A ausência desses atributos pode arrastá-lo para a falta de 'fé' na sua masculinidade.

A identidade do homem como 'corno' atrevido é aquele não tem dignidade, respeito e vergonha. A preservação desses códigos masculinos deve produzir respeito e reconhecimento social. Um corno que tem amizade com o 'urso' não honra as 'calças que veste'. Sabe da traição, não sai da relação e ainda mantém bom relacionamento com o urso, descaracterizando a decência masculina.

Nomear um homem de 'corno azarado' porque foi traído não pelo um homem, mas por uma mulher, significa que além de o homem está descumprindo os códigos gerais da masculinidade ao ficar na relação como traído, ainda não teve sorte, pois foi trocado por uma pessoa do mesmo sexo que sua mulher. A traição, por uma pessoa do mesmo sexo deixa o masculino necessitando de terapia, o que, para este tipo de masculinidade ainda é considerado mais traumático, pois demonstra fraqueza e fragilidade.

O 'corno azulejo' é um sujeito simbolicamente fora dos padrões estéticos do ideal masculino. A busca do corpo ideal na modernidade estar associada à necessidade de exercícios físicos para formação de homens viris, destemidos, robustos. Essa idéia tem seus pressupostos já no século XIX quando a "[...] beleza de um corpo masculino robusto era indicio de valor moral, pois o corpo atlético simbolizava ao mesmo tempo coragem máscula unida aos bons princípios morais (OLIVEIRA, 2004, p.61)". Ser 'baixinho, quadrado e liso' não deve constituir um homem ideal para uma mulher e a infidelidade feminina decorre então da falta de cuidados com o corpo pelo masculino, exigência da modernidade para um homem. Além disso, no ideal de masculinidade, o homem deve prosperar para garantir o seu lugar de provedor. Um homem baixo, quadrado e liso não atrai as mulheres.

O 'corno banana' é o homem mole, fraco, diferente do homem macho, durão. É aquele que assume os filhos quando a mulher o deixa por outro. Para os códigos masculinistas quem deve assumir 'o cuidar' das funções da maternidade é a mulher. Ser

pai significa ser provedor, amar os filhos e lhes dar educação enquanto seus membros estiverem constituídos na família e sob o seu controle.

O ‘corno Boiola’ é duplamente excluído da masculinidade hegemônica. Além de o homem ser traído pela mulher, trai o seu próprio gênero, vivenciando uma relação intragêneros. A opção por uma relação homossexual é uma afronta à masculinidade e aos códigos que ostentam seu poder.

O ‘corno Brahma’ é aquele que se reconhece como o único na relação com a mulher. É um enunciado que faz um trocadilho com a publicidade da cerveja que leva essa fantasia comercial, e que pensa ser a única no mercado com a preferência nacional. O número UM significa universalidade, totalidade. Para os códigos masculinistas ser este tipo de corno é achar que a mulher não o trai.

O ‘corno bravo’ é aquele que estando desmoralizado pela sua condição de corno não pode assumir um código que ele teria desmoralizado. Um homem traído, teria por esta tipologia perdido a sua condição de valente, o que sugere que exercer a masculinidade com esta identidade é querer usar de uma condição perdida.

O enunciado do ‘corno brincalhão’ afirma ser aquele que leva chifre o ano inteiro e no carnaval sai fantasiado de Ricardão. Um homem que leva chifre, e no carnaval se veste de corno pode provocar o riso. O riso do masculino respeitado não deveria ser o da fantasia, aquele que provoca a sua desmoralização e a crítica sobre si, mas aquele produz a crítica sobre o outro, além disso, a seriedade deveria constituir os traços da masculinidade para que o retorno fosse o respeito.

O ‘corno xuxa’ é uma analogia à uma apresentadora de TV de um programa infantil. Com este apelido, o homem é representado como aquele que não larga a mulher por conta dos baixinhos. Este enunciado também é conservador, pois critica a masculinidade do homem emergente, aquele estaria exercendo atribuições na família, que foi considerada por um longo período histórico, como típica do feminino. É uma crítica conservadora ao lugar do pai nos novos arranjos familiares.

O homem, que é reconhecido como já ter sido traído, mas saiu da relação, é considerado forte e respeitado, ao contrário, o homem que permanece na relação, é considerado corno e precisa fazer a terapia da dor para se libertar deste estigma ou é desmoralizado pelos seus pares. Ao que, tudo indica, o masculino está lidando com os conflitos, entre o ideal de uma masculinidade e a masculinidade ideal exigida pela contemporaneidade.

Essas tipologias sobre os homens traídos que permanecem na relação são textos produzidos por economia masculinista para criticar as práticas de uma masculinidade que estão exercidas por outras subjetividades. As atribuições dadas ao homem corneado e tratadas na brincadeira, podem ser consideradas como um humor conservador em que o Outro (o corno) estar mudando, aceitando as transformações sociais. São produções identitárias construídas por um processo de alteridade e no interior de um sistema de representações. Segundo Silva (2000)<sup>301</sup> é por meio da representação que, por assim dizer, que a identidade a diferença passa a existir (p. 91).

As práticas da masculinidade indicadas e vivenciadas na Cornolândia são táticas masculinas, que tanto indicam ser emergentes, como de concordância com alguns códigos da masculinidade hegemônica. São práticas masculinas para lidar com as transformações na contemporaneidade, pelas quais, a produtividade do poder, tanto é exercida pela lutas das mulheres e homens, como por outras formas de controle social e da produção de novas subjetividades. As lutas das mulheres, praticando uma escritura feminista, lutando para poder decidir sobre seu corpo; ter maior inserção no espaço público; ser reconhecida também como sujeito da sexualidade e aliada as lutas pelo fim da legítima defesa da honra, entre outras contribuíram para que houvesse a produtividade de outras formas de subjetividades sobre o masculino e o feminino. Além disso, as mudanças na contemporaneidade praticadas por novas tecnologias, exigindo outras formas de controle social; a produtividade de textos e ações de outras práticas da sexualidade, para além daquelas praticadas na matriz heterossexual, enfim, as práticas masculinas na Cornolândia são efeitos de uma contemporaneidade que exige do indivíduo novas formas de gerar a vida. É bem verdade que essas transformações convivem com outras práticas de outra ordem social, por isso, como afirma Deleuze, o sujeito na contemporaneidade é divisível, ele produz práticas masculinas rápidas, passageiras, provisórias...que não podem ser enquadradas por uma idéia de coerência.

De qualquer forma, exercendo ou não distintas práticas da masculinidade, a dor sentida pela infidelidade feminina fere o peito de todos. Que dor é esta que não tem fim? As recentes práticas da masculinidade extirpariam a dor da traição feminina ou o homem deve levar para o túmulo? É uma dor subjetiva, profunda que as marcas da cultura

---

<sup>301</sup>Silva, Tomaz Tadeu da. (org) Kathryn Woodward. Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

produziu. Ela fere o peito, se aloja no coração e é provisória a datação do seu fim. Só a morte, quem sabe, pode retirá-la de cena.

## 9. A dor e a morte da dor: com que rosto ela virá?

(Canto para minha morte – Raul Seixas)

Com que rosto ela virá?/  
 Será que ela vai deixar eu acabar o que eu tenho que fazer?/  
 Ou será que ela vai me pegar no meio do copo de uísque?  
 Na música que eu deixei para compor amanhã?/  
 Será que ela vai esperar eu apagar o cigarro no cinzeiro?/  
 Virá antes de eu encontrar a mulher, a mulher que me foi destinada/  
 E que está em algum lugar me esperando/  
 Embora eu ainda não a conheça?/

Assim, como na contemporaneidade tudo é efêmero, na Cornolândia, a dor é vivida no instante. Carlos se apropriando do riso e do escárnio vivenciou angústias e também desconforto, diante deste mundo que parece estar confuso. Foram angústias diante dos sentimentos e de emoções embaralhadas. As palavras como totalidade, unicidade e homogeneidade não conseguiram explicar as experiências de Carlos vivendo sua dor. Na minha experiência de pesquisa realizada com ele não foi possível sentir uma dor, mas dores, incertezas e multiplicidades de terapias: nas conversas com Socorro, nas brincadeiras com os transeuntes, nos enunciados colados nas paredes e organizados em uma pasta, na relação comigo como pesquisadora e em outras formas de terapias cotidianas.

A geração de Carlos deve ter chorado nos bares ouvindo músicas bregas acompanhados de seus copos solitários. Carlos foi subjetivado, se tornou diferente e marcou a diferença entre seus pares. Tentou acompanhar as mudanças sobre a condição feminina e seu espaço de masculino foi modificado de forma aberta, subjetivado e transtornado, masas vezes, ‘tirando uma onda’ da dor. Ele não bebia e por isso sua dor não

podia ser afogada em um copo na mesa de bar. Ele a sufocava ora em seu peito, ora nas sociabilidades com os amigos, e muitas vezes coletando enunciados sobre o homem traído.

Estamos vivendo um momento histórico onde tudo é muito instantâneo, inclusive o amor, como afirma Bauman (2004). Este autor defende que na contemporaneidade tudo é passageiro, inclusive o amor e o prazer e eu acrescento e também, a dor. A questão da segurança nas relações afetivas relativizou-se. Para Bauman (2004) o amor não está imune a confusão da pós-modernidade:

Se você investe numa relação, o lucro esperado é em primeiro lugar e acima de tudo, a segurança – em muitos sentidos: a proximidade da mão amiga quando você mais precisa dela, o socorro na aflição, a companhia na solidão, o apoio para sair de uma dificuldade, o consolo na derrota e o aplauso na vitória; e também a gratificação que nos toma imediatamente quando nos livramos de uma necessidade. Mas esteja alerta: quando se entra num relacionamento, as promessas de compromisso são “irrelevantes” a longo prazo (p. 29).

Bauman (2004) chega a associar o amor à morte. A diferença, diz ele: é que no amor o desejo e o excitamento desviam essa associação. “[...] O amor pode ser, e frequentemente é, tão aterrorizante quanto a morte. Só que ele encobre essa verdade com a comoção do desejo e do excitamento. Faz sentido pensar na diferença entre o amor e a morte como a que existe entre atração e repulsa (p.23)”. As palavras do autor parecem assustar o leitor quando chega a afirmar: “[...] a tentação de apaixonar-se é grande e poderosa, mas também o é a atração de escapar. E o fascínio da procura de uma rosa sem espinhos nunca está muito longe, e é sempre difícil de resistir (p. 23)”.

As dores de amor vividas por Carlos parecem ser uma defesa coletiva da masculinidade. Uma ação de derrisão que marca a singularidade para reforçar os vínculos que ligam sua condição de homem. O homem, afirma Minois (2003): “[...] ri totalmente de qualquer coisa, até para ouvir o som da própria voz (p.554)”.

Afastei-me de Carlos e o deixei com sua dor para escrever o texto de qualificação do doutorado. São práticas cotidianas de pesquisador: conversas, gravações de entrevistas, transcrições e isolamento. Apresentei o texto da qualificação à banca examinadora, na qual sugeri que eu voltasse para aprofundar os dados da pesquisa. A qualificação realizou-se no mês de dezembro de 2009, eu pensei: vou em fevereiro e aproveito para acompanhar e registrar dados sobre o bloco dos cornos no carnaval.

Voltei ao mercado da Torre na cidade de João Pessoa. Percorri outros caminhos até chegar à barraca de Carlos. Estava havendo uma pequena reforma no mercado. Estava indo eu ao encontro do riso e do escárnio e do homem subjetivado. Fui chegando e vendo Socorro fazendo tapioca e perguntei por Carlos. Os olhos de Socorro anunciavam outro tipo de dor. Carlos havia morrido e com ele a morte do agente das subjetividades sobre outros códigos masculinos.

Olhei para a barraca –“Ponto de Encontro dos Cornos” - nem uma palavra sobre traição nas paredes, nenhum chifre pendurado, nenhuma placa anunciando a dor dos cornos. A mulher de Carlos mandou tirar tudo, me dizia Socorro. Acabou a festa do riso e do agenciamento de subjetividades de códigos masculinos na CORNOLÂNDIA. Como no trecho da música de Raul Seixas acima, com que rosto a morte pegou Carlos? Ela não deixou nem ele ler este texto, como eu havia lhe prometido. Ela não esperou nem ele curar a dor do amor. Ela se alojou no seu peito, juntinho à dor sofrida pela traição feminina e escarnou o riso sobre a sua própria dor.

Se nas experiências de Carlos, a dor da traição feminina foi vivenciada pelo riso e pelo agenciamento, como táticas para produzir outras subjetividades, ela foi para outros homens entrevistados, a fúria assassina da linguagem sobre o corpo feminino. No próximo capítulo, eu discuto os discursos de alguns homens que não têm sido afetados pelas transformações ocorridas na contemporaneidade. São homens que usam a linguagem falocêntrica, para praticar uma fúria sobre o corpo da mulher que trai, e sobre o masculino que permanece na relação depois de traído, ou seja, por um masculino afetado de forma parcial pelas mudanças sociais.

## Capítulo Quarto

“Que busco eu com toda essa assassina fúria de macho”? : a traição feminina,  
a linguagem falocêntrica e práticas da masculinidade

Quando  
com minhas mãos de labareda  
te acendo e em rosa  
embaixo  
te despetalas  
Quando  
com o meu aceso archote e cego  
penetro a noite de tua flor que exala  
urina  
e mel  
Que busco eu com toda essa assassina  
fúria de macho?  
Que busco eu  
em fogo  
aqui embaixo?  
Senão colher com a repentina  
mão do delírio  
Uma outra flor: a do sorriso  
que no alto o teu rosto ilumina?

(Um Sorriso, Ferreira Gullar<sup>302</sup>)

---

<sup>302</sup>Ferreira Gullar é um poeta, crítico de arte, biógrafo, tradutor, memorialista e ensaísta brasileiro. Disponível in [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferreira\\_Gullar](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferreira_Gullar) visitado em 20 de março de 2011.

## 1. A fúria da linguagem masculina: o escárnio sobre o corpo feminino e a desclassificação do homem traído

“Garçom!  
No bar todo mundo é igual.  
Meu caso é mais um, é banal  
Mas preste atenção por favor”<sup>303</sup>

### 1.1. O encontro com o grupo que conta histórias de amigos traídos

Diferente do mercado, onde encontrei Carlos, o qual falou de sua dor por ter sido traído, fui ao encontro de um grupo de homens, para me contar algumas histórias de traição de seus amigos. Não há lugar mais propício para falar, sentir e ouvir sobre traição feminina do que em uma mesa de bar. Neste espaço onde lazer, emoções e ‘papo em dia’ se misturam, eu peço uma cerveja. ‘Véu de noiva’? Pergunta o garçom. Linguagem corriqueira no espaço do bar em que as vozes, os murmúrios, os afetos e desafetos são produzidos. Estava eu em um lugar, onde se ouvia o mar soprar, murmurar seu lamento e sua fúria, mas também, como uma criança traquina, dava cambalhota, através de suas ondas. Era um final de tarde de sábado na praia Cabo Branco, na cidade de João Pessoa.

No bar, eu sentia o cheiro das frituras vindo da cozinha, o qual atrapalhava minhas idéias e aguçava minhas inquietações sobre como conseguir gravar aquelas histórias em um ambiente de tanto movimento de cheiros e sons diversos. Eram, a música, as conversas e a interferência dos garçons transitando no meu pensar. Tudo isso começou a me deixar em pânico. O medo de dar tudo errado me apavorava. Primeiro, entrou uma mulher. Era minha sobrinha e também a interlocutora para que eu pudesse chegar até eles. Em seguida, entraram os três homens. Já entraram rindo. Um deles eu já conhecia. Fui apresentada aos outros dois.

Em tom de quem queria ter certeza da entrevista sobre infidelidade, um deles perguntou: “Quer dizer, que hoje nós vamos falar de ‘cangaia’<sup>304</sup>? E todos riram. Eram

<sup>303</sup> Trecho da música do cantor Reginaldo Rossi “Garçom”.

<sup>304</sup> “Cangaia” na linguagem coloquial e cotidiana significa traição.

eles, Bob, Assis e Pedro<sup>305</sup>. Os três trabalham com impressão digital<sup>306</sup> em uma micro-empresa que funciona na cidade de João Pessoa, no Estado da Paraíba, a qual tem como proprietário Pedro. Assis e Bob são seus funcionários. Eram cinco horas da tarde. Não sei se foi astúcia dos deuses do Olimpio ou de Iemanjá, mas aos poucos o bar foi esvaziando e eu só ouvia naquele momento o barulho das ondas do mar, o que facilitou a gravação das entrevistas.

Assis, é filho de paraibanos, nasceu em São João de Meriti, no Rio de Janeiro, e ainda atravessa a sua fala forte e eloquente, o sotaque de carioca. Ele tem 33 anos e acompanhou os pais de volta para Paraíba ainda criança, devido à violência que se intensificava naquela cidade nos anos 70<sup>307</sup>. Ele fez o segundo grau e trabalha operando uma máquina digital, como também, participa da confecção da impressão. É um homem que já viveu vários relacionamentos, e estar no quarto casamento. “Hoje estou com uma pessoa, mas não sou casado no ‘legítimo’. Já me casei três vezes, estou no quarto relacionamento, mas também não é ruim e também não é bom.... tou na corda bamba<sup>308</sup>”, relatou ele. Faz doze anos que ele conhece Pedro.

Pedro também é natural do Rio de Janeiro, tem 50 anos, tem curso superior e é formado em administração de empresas. Ele está na Paraíba ‘há uma dezena de anos’<sup>309</sup>, é casado com uma historiadora e tem duas filhas. Ele apresenta uma conversa de homem instruído. É simpático e muito educado. Bob nasceu em Santa Rita, fez o segundo grau, e um curso técnico em São Paulo para operar máquina de impressão e tem 34 anos. Do primeiro casamento tem uma filha e do segundo, um filho. Os três homens, cada um a sua maneira, tem uma beleza peculiar. Dos três homens, aquele que dominava e controlava a entrevista dos demais, era Assis, sempre interferindo nas narrativas dos amigos, o que parecia não incomodá-los.

Na pesquisa para este capítulo estes homens apareceram de forma circunstancial. Quando fui fazer a entrevista com Carlos, encontrei Bob<sup>310</sup>, o qual ficou interessado no tema e articulou alguns amigos para que eu fizesse esta entrevista. São homens que conhecem histórias de homens traídos. A história, narrada por eles, considerada e escolhida

---

<sup>305</sup> Os nomes dos sujeitos da pesquisa usados aqui são pseudônimos, como forma de respeito à privacidade identitária dos mesmos.

<sup>306</sup> Eles trabalham com designer.

<sup>307</sup> Argumento utilizado por ele.

<sup>308</sup> Trechos da entrevista de Assis.

<sup>309</sup> Pedro não quis dar informação sobre sua vida pessoal.

<sup>310</sup> Bob é um amigo meu e de minha sobrinha que mora na cidade de João Pessoa.

para esta tese é a de um homem traído por sua mulher, que vou lhes dar o pseudônimo de Paulo e Sueli. A primeira entrevista ocorreu em um bar e a segunda, na residência da minha sobrinha.

As entrevistas se configuraram diferentes das já realizadas até então para esta tese, como também são diferentes os homens entrevistados, confirmando as leituras de alguns estudiosos sobre o tema, de que as masculinidades são distintas e plurais. “Há uma adoção do termo masculinidade no plural, em função da coexistência de mais de um tipo de masculinidade e de que um mesmo sujeito pode pertencer simultaneamente a mais de uma modalidade de masculinidade (FILHO, APUD ZAGO & SEFENER, 2008: p.21)<sup>311</sup>.

A minha primeira preocupação foi como coordenar aquela prática de pesquisa: tanto pela particularidade do espaço, no qual foram realizadas as entrevistas, como pela situação da mesma, pois eu estava ouvindo as narrativas de três homens simultaneamente. Apresentei-lhes o meu tema e a minha preocupação acadêmica naquela atividade, perguntando-lhes quem gostaria de iniciar a entrevista. O que Pedro prontamente respondeu: “Bob vai começar o depoimento da bitola”. “A bitola de quem”? Perguntou Bob e todos riram. As entrevistas aconteceram de forma que não teve uma sequência dos discursos dos entrevistados. Na medida em que um homem estava falando havia a complementação do outro, e essa experiência não atrapalhou o meu trabalho como pesquisadora.

Foram narrativas sobre homens traídos, mas as personagens principais foram as mulheres. As três mulheres, Sueli, a esposa de Paulo, a personagem de Norminha, da novela ‘Caminho das Índias<sup>312</sup>’, e a esposa de um amigo traído, que nenhum momento da entrevista seu nome foi citado. Sueli teria traído Paulo com um único homem, e em razão dessa experiência, seu corpo, foi pela linguagem falocêntrica, inscrito por escárnios e desclassificado.

Paulo foi narrado como homem que vivia traindo Sueli, mas pelo fato de não usar da sutileza para traí-la, foi considerado como responsável pela traição de sua mulher. Além disso, Paulo foi desclassificado como corno por ter voltado para Sueli depois da traição.

---

<sup>311</sup>Filho. Aurivar Fernandes. Com o olhar tudo vem acompanhando: representações sociais da masculinidade em Florianópolis - Trabalho de conclusão de curso para título de bacharel em Psicologia pela Universidade do Vale do Itajaí- Centro de Educação- Biguaçu- 2009. Disponível no site [siaibib01.univali.br/pdf/Aurivar%20Fernandes%20Filho.pdf](http://siaibib01.univali.br/pdf/Aurivar%20Fernandes%20Filho.pdf) – visitado em Janeiro 2011.

<sup>312</sup> A novela “Caminho das Índias” foi ao ar pela emissora da TV Globo em 2009.

As outras duas mulheres que são narradas pelos entrevistados por terem tido várias experiências de traição, são representadas como anormais e doentes. Concluídas as entrevistas com esses três homens fiz a associação de estar tendo contatos com outros masculinos e outros femininos e de estar diante de uma fúria da linguagem masculina proveniente de uma ordem falocêntrica, ou seja, de uma linguagem centrada no falo, no qual “[...] se configura como uma forma de subjetivação de uma determinada cultura (NERI, 2003: p.2)”<sup>313</sup>.

Nesta organização da linguagem falocêntrica, o masculino está no centro, como pai, autor e aquele que deve proteger um conjunto de textos culturais, pelos quais devem fazer funcionar a economia masculinista e dar sentido à masculinidade hegemônica. As práticas da masculinidade hegemônica são construídas na relação entre as diferentes masculinidades. É uma masculinidade, que tem o homem como o centro do poder, usa o falo como centro da linguagem; o homem é reconhecido como sujeito da sexualidade, e na relação com as demais práticas masculinas, exerce dominação.

Neste capítulo, discuto como os discursos dos entrevistados, através da linguagem falocêntrica, produzem a fúria discursiva sobre o corpo feminino e a desclassificação do masculino, pela experiência da traição, como uma reação do exercício de uma masculinidade, cujos códigos culturais defendidos por eles, podem ser associados a um tipo de masculinidade hegemônica.

Para Continentino (2006) baseada nos estudos de Derrida, a linguagem no ocidente:

[...] não só é marcada por um fonologocentrismo, ou seja, por um centramento no sentido tendo a voz como meio de expressão que lhe é mais próprio, mas também por um falocentrismo, como a autoridade de uma paternidade (paternidade do autor, do seu querer dizer, da sua consciência como autoridade que protege e garante a organização, intenção e legibilidade do seu texto) à qual é referida todo texto (p.28).

Segundo Araújo (2004, p.9)<sup>314</sup>: “É na e pela linguagem que se pode não somente expressar idéias e conceitos, mas significar como um comportamento a ser compreendido, isto é, como comportamento que provoca relações e reações”. Além disso, como afirmam

<sup>313</sup>Neri, Regina. A Psicanálise e as novas formas de subjetivação e de sexualidade. A construção fálica-edípica: Uma teoria da diferença? Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro 2003.

<sup>314</sup> Araújo, Inês Lacerda. Do Signo ao discurso. Introdução à filosofia da Linguagem/ Inês Lacerda Araújo.- São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

Christofoletti e Faveri (1999)<sup>315</sup> “[...] o homem se define pela e na linguagem, marca sua individualidade ali na territorialização do seu dizer (p.12).”

A linguagem falocêntrica, usada sobre o corpo feminino e sobre o homem traído, é uma tática para fazer com que ela funcione socialmente, como uma reação a uma ação indesejada, “[...] não importa bem sob que maquinarias, é, então, estabelecer posições políticas, instâncias de fala lugares de ação, novas verdades, velhas mentiras, éticas (CHRISTOFOLETTI E FAVERI 1999; p. 13).”

Pela linguagem, esta prática da masculinidade produz posições identitárias desclassificadoras dos sujeitos que exercem outras masculinidades. Usando da especificidade deste estudo no qual, utilizo o conceito de identidade de Silva (2000)<sup>316</sup>, pelo o qual as identidades “[...] surgem da narrativização do eu [...] e são construídas dentro e fora do discurso e emergem no interior das modalidades específicas de poder (p. 109)”.

Como pergunta Ferreira Gullar no poema que constitui a epígrafe que abre este capítulo: “Que busco eu com toda essa assassina fúria de macho? Que busco eu em fogo aqui embaixo”? Se Carlos, presidente da Cornolândia, agenciou códigos para exercer práticas divididas da masculinidade, os homens entrevistados, através do funcionamento da masculinidade hegemônica, usam a linguagem falocêntrica, não só para escanar o corpo feminino, como desclassificar o masculino traído.

“A parte ruim você vai comer agora’ é um enunciado construído pelo o ‘urso’ e narrado por Assis. A ‘parte ruim’, se refere ao tamanho do pênis como grande e que a mulher não deve aguentar e, ‘ela vai comer agora’, a outra metade do enunciado, representa o homem como a parte ativa na relação sexual, enquanto a mulher é representada como passiva. As palavras, como ‘grande’, ‘em cima’, ‘comer’, alto, e tanta outras, ganham poder nesta linguagem falocêntrica, na qual produzem efeitos que recaem sobre o feminino e sobre o homem traído.

---

<sup>315</sup> Christofoletti Rogério e Faveri Rodrigo Borges de. Ética e linguagem — notas de um diálogo inconcluso WORKWG PASTES WS Lffiradsrtcn, UFSC, n. 3, 1999.

<sup>316</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

2. ‘A parte ruim você vai comer agora... [são] mais de quatro palmos de peia’:  
a força e o poder da linguagem centrada no falo

Eu sou melhor do que você

Ana Carolina

(Composição: Mauricio Pacheco)

[...] Todo homem tem voz grossa e tem pau grande  
Que é maior do que o meu, do que o seu, do que o de todos nós  
Todo mundo é referência e se compara só pra ver quem é melhor  
Todo homem é mais bonito do que eu, mas eu sou mais que todos  
Todo mundo tem swing, é forte, é feliz e sabe sambar  
Todos querem, mas não podem admitir a coexistência do orgulho e do amor porque  
Eu sou melhor do que você!<sup>317</sup>

Embora funcione uma linguagem falocêntrica sobre o corpo de Sueli, sua trajetória, antes da traição, é elogiada por Pedro. Na fala abaixo ela é elogiada porque teria casado virgem e durante a experiência no casamento teria sido maltratada pelo marido. São construções e significados identitários da mulher como honrada, pois ela teria honrado o pai, casando virgem; e, como mulher casada, vinha honrando o marido, possivelmente usando a honra masculina como um escudo contra os possíveis desejos de ter um relacionamento extraconjugal, o que lhe confere respeito e defesa do masculino.

[...] não é que a mulher seja safada não, que a mulher de [Paulo] não era safada, era uma menina virgem, foi maltratada, ela foi levada a fazer isso...ele construiu essa figura e outra coisa, eu tou prevendo: ele vai ser o maior Corno da..(risos)<sup>318</sup>

Mas a identidade de mulher honrada de Sueli é reelaborada quando a sua experiência de traição é discutida em uma mesa de bar. As conversas de homens em mesa de bar, em

<sup>317</sup> Trecho da letra da música de Mauricio Pacheco “Eu sou melhor do que você”

<sup>318</sup> Trecho da entrevista de Pedro.

geral, tratam de futebol, cachaça e mulher. Sobre a mulher, em geral, são conversas misógenas e o bar, é um espaço de sociabilidade “[...] onde dialogam permanentemente diferentes e as diferenças (MENEZES, 2009, p. 50 )”<sup>319</sup>. Pedro, Assis e Bob estavam com amigos, entre eles, Paulo, em um ambiente deste tipo, em um lugar qualquer da cidade de João Pessoa. Depois de muitas cervejas e de ter colocado o ‘papo em dia’:

[...] aí de repente, aí alguém disse : tua namorada [esposa] tá aonde? Ele [Paulo] disse tá em casa, e não tá, e num tá, esse amigo tinha vindo de outro bar... vamo lá, vamo lá que o cabra tá na tua casa e com tua mulher, e o cabra disse tá não...e tá e num tá ; quando ele chegou lá na casa, o que acontece: quando ele chegou ela ia saindo no carro...aí o amigo disse: lá vai ela.. é ela que está no carro; ele disse: tou vendo não. Ela ia saindo com outro no carro. O amigo disse: olhe diretinho... ele disse: tou vendo não...tou vendo só um vulto. Aí o amigo de lado disse: um vulto? E cangaia agora tem outro nome? Vulto? agora o principio da cangaia agora é vulto...<sup>320</sup>

As conversas masculinas, sobre a traição de Sueli, funcionam entre homens com distintas masculinidades. Os homens que praticam a masculinidade hegemônica, usam da linguagem para querer provar a traição de Sueli, enquanto o marido, que exerce um tipo de masculinidade diferenciada evita tomar conhecimento, no que é classificado por eles, como ‘corno vulto’. São experiências praticadas por certa organização chamada de hegemônica, mas se diferenciam entre si, pois “[...] manteriam relações de subordinação, cumplicidade ou de marginalização em relação à hegemônica (FIALHO, 2006, p.4).”<sup>321</sup>

A partir desse bate-papo acima em mesa de bar foi sendo produzido o ‘enunciado da bitola’. Estes três homens passaram a coletar informações sobre a traição de Sueli, as quais teriam sido informadas pelo próprio ‘urso’. Sueli e Paulo teriam brigado, culminando na separação do casal. Depois deste fato, ela teria mudado a rotina vivida até então, e arruma um emprego em uma cidade do interior da Paraíba. Quando o mês de junho chegou e com ele, o forró, ela foi ao Centro Histórico<sup>322</sup> da cidade de João Pessoa para se divertir.

<sup>319</sup> Menezes, Leila Medeiros de Os bares da vida: Espaços de sociabilidade e de construção poética In Cadernos do CNLF Vol. XII, Nº 15 - XII CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA - Análise e crítica Literária 02- Rio de Janeiro: 2009.

<sup>320</sup> Trechos da entrevista de Assis.

<sup>321</sup> Fialho, Fabrício Mendes. Uma Crítica ao Conceito de Masculinidade Hegemônica tese de doutorado apresentada no Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2006. Disponível no site [http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006\\_9.pdf](http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006_9.pdf) visitado em Junho de 2011.

Em uma festa, na qual, o estilo musical conhecido como o ‘forró’ tem a preferência para animá-la, é pouco provável que alguém fique sentado apreciando-o apenas com os ouvidos. Em um ambiente em que a sanfona com seus movimentos de abrir e fechar produz sons e ataçam as glândulas sudoríparas dos dançarinos, Sueli foi convidada para dançar, por um “[...] homem altamente educado, bonito, bem vestido, altamente romântico, um cavalheiro, um dom Juan<sup>323</sup>”.

De acordo com o senso comum, o dom Juan pode ser também denominado de ‘garanhão’, ‘machão’ ou ‘conquistador’, aquele que é considerado ativo. Ao contrário, a mulher não deve convidar um homem para dançar por ser naturalmente passiva. “Na lógica sexista, o homem é induzido a ser sempre conquistador, a tomar a iniciativa de convidar uma mulher para sair, dançar e para a relação sexual (ALVES, 2004: p.23)”.

O ‘dom Juan’ além de convidá-la para dançar, passou a cortejá-la, oferecendo-lhe flores e maçãs do amor. “Ela se agarrou com o buquesão...e a maçã do amor e... ficou pensando ali: faz oito anos de casamento e eu nunca tinha recebido nem sequer um big-big [chiclete]”<sup>324</sup>. Essa é uma retórica masculina que acredita ser o desejo feminino viver um amor romântico, idealizado como essência do feminino. O masculino que praticava o romantismo do século XVIII, segundo Giddens, (1993, p. 70).<sup>325</sup>

Ele é o escravo de uma mulher particular (ou de várias delas na sequência) e constrói uma vida em torno dela; mas a submissão não é uma atitude de igualdade. Ele não é participante da exploração emergente da intimidade, mas, mais que isso, de um regresso a época anteriores.

O masculino do século XXI usa, de acordo com os relatos de Assis, as características do amor romântico como uma prática de sedução dos homens como ‘especialistas em amor’. A própria noção de masculino, representada pelo ‘Dom Juan’, e narrada por Assis, é de uma prática masculina de um homem cavalheiro, idealizado pelos romances e a literatura do século XIX:

---

<sup>322</sup> O Centro Histórico de João Pessoa “É o principal acervo arquitetônico da Paraíba, relatando as diversas fases da história local [...] é hoje centro de atividades culturais e artísticas, predominando ali a arquitetura barroca e colonial, onde se sobressai o antigo Hotel Globo, agora transformado em Centro de Artes”. É também um espaço onde são produzidos vários shows. Disponível <<http://www.hotelguarani.com.br/turismo-joao-pessoa-centro-historico.php>> visitado em 29 de março de 2011.

<sup>323</sup> Trechos da entrevista de Pedro.

<sup>324</sup> Trecho da entrevista de Assis.

<sup>325</sup> Giddens, Anthony. A transformação da intimidade. Sexualidade, Amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes.- São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

[...] é um cavalheiro. [...] ele perguntou você vai pra aonde agora? Ela já encantada né, disse: eu vou pra onde você me levar, onde você for. Vamos jantar? - Indagou ela - No que ele respondeu rapidamente: agora, você é uma pessoa que está saindo do relacionamento, eu não posso levar você [para jantar]... e expor a sua pessoa – olha a intenção do cara, altamente cavalheiro<sup>326</sup>.

Nesta narrativa acima, há a preocupação apresentada pelo dom Juan e descrita por Assis, sobre a condição de uma mulher separada e os cuidados para evitar os comentários públicos, o que corresponde ao controle social pelo o comportamento, ou seja, pela norma, contudo, quem estava preocupado era ele e não ela, o que significa um pensamento conservador do masculino.

O importante para discussão nesta tese não é considerar, se a descrição sobre o acontecimento deve ser digna de confiabilidade, mas que, é pelo o lugar do masculino no discurso, que o narrador elabora a concepção de masculinidade por ele defendida. É nesse jogo da linguagem do narrador, que o dom Juan, convida Sueli para um lugar íntimo e discreto, o motel PIGALLE, para curtir TAJ MAHAL<sup>327</sup>:

[...] vamos fazer o seguinte: eu não estou com má intenção com você – você sabe que sou homem, ... tenho minhas necessidades, eu vou levar você pra um motel. Você vai curtir TAJ MAHAL no Pigalle- TAJ MAHAL o... hoje é tope de linha, o mais caro que tem em João Pessoa.<sup>328</sup>

No convite feito pelo Don Juan à Sueli para ir ao motel há uma concepção de masculinidade proveniente das teorias do século XX, em particular, das teses médicas, nas quais afirmavam ser o homem instintivo sexualmente e dotado de virilidade, o que sugere como afirma Assis, ser o sexo uma necessidade para o homem. Esta é uma prática da masculinidade, na qual, segundo Alves, (2004), “[...] supõe-se que os homens estão prontos para o sexo a qualquer momento e constantemente procurando sexo (p. 22)”. Quando os dois chegaram ao motel, Assis narra o que teria havido: “Camarão à baiana?

<sup>326</sup> Idem.

<sup>327</sup> TAJ MAHAL é um mausoléu situado em Agra, uma cidade da Índia e o mais conhecido dos monumentos do país. A obra foi feita entre 1630 e 1652 com a força de cerca de 20 mil homens, trazidos de várias cidades do Oriente, para trabalhar no sumptuoso monumento de mármore branco que o imperador Shah Jahan mandou construir em memória de sua esposa favorita, Aryumand Banu Begam, a quem chamava de Mumtaz Mahal ("A jóia do palácio"). Ela morreu após dar à luz o 14º filho, tendo o Taj Mahal sido construído sobre seu túmulo, junto ao rio Yamuna. Disponível no site <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Taj\\_Mahal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Taj_Mahal)> e visitado em Julho de 2011. Provavelmente o entrevistado se refere ao ambiente criado no motel com algumas semelhanças desta arquitetura.

<sup>328</sup> Trecho da entrevista de Assis.

(risos).”<sup>329</sup>Esse enunciado utilizado por Assis para narrar esse momento recebe a concordância e o coro dos demais entrevistados:

**Bob:** Camarão a baiana é uma iguaria, não é Pedro?

**Pedro:** Azeite de dendê, é...primeira linha

**Assis:** Ela disse: ‘minha nossa senhora, eu acostumada com Bandeirantes’ (risos)

**Pedro:** Bandeirantes é um motel safado que tem aqui...

**Bob:** É uma pousada...(risos) dez reais, meia hora

**Pedro:** É um ventilador, uma chapa de compensado e um ventilador de teto pra dois...(risos)

**Assis:** Ela pensou: acostumada com Bandeirantes, pra tomar banho era uma agonia que era na base da bacia, cuia... abriu lá o chuveiro...chega a fumaça subia da água quente...

**Pedro:** Pegou a sauna....a hidromassagem....coisa que o marido nunca fez.

Para diferenciar o que Paulo e o dom Juan proporcionavam em matéria, de ambiente para fazer sexo com Sueli, há acima o discurso da disputa exercida no interior da economia hegemônica para diferenciar qual era a melhor prática de sedução masculina para oferecer ao feminino. O trecho da letra da música acima, “Eu sou melhor do que você” coloca em cena, a questão da disputa e do orgulho masculino, como alguém ter ou ser melhor que o outro. Considerando ‘o melhor’ neste discurso acima é aquele que oferece maior conforto e possui condições financeiras para subsidiar o consumo feminino no motel. São formas distintas de como eles se reconhecem no funcionamento da masculinidade.

Depois de apresentar o dom Juan como romântico, dominador, sedutor e provedor, Assis narra uma prática sexual de um tipo de masculinidade que usa a valorização do tamanho do pênis:

Só que no meio dessa brincadeira....ela olhou pra o rapaz encantada, e disse, meu filho eu vou fazer uma pergunta: olha na minha vivência... tive o meu esposo, me maltratou muito, me diga uma coisa não tem nada de ruim em você ? Qual é a parte ruim de você? ele disse: eu lhe tratei da parte boa, agora a parte ruim você vai ver agora! [...] quando tirou a zorba [cueca] era pra mais de quatro palmos de peia [...] <sup>330</sup>

Essa é uma prática de um perfil de masculinidade que concebe o homem como o centro de uma relação e sujeito da sexualidade e a mulher, como objeto. Para Machado

<sup>329</sup> Trecho da entrevista de Assis.

<sup>330</sup> Trecho da entrevista de Assis.

(2004), “Sujeitos e corpos femininos são controlados como se ‘pessoas’ não fossem, isto é, como se fosse possível suprimir o saber sobre a sua inserção em relações sociais, tornando-os assim como corpos disponíveis (p.36),” o que é confirmado pela circulação de vários textos masculinistas como por exemplo, ‘vou comer fulana’ ou ‘fulana eu já passei’, no sentido de ter se deliciado.

Para Alves (2004, p.11), “Na cultura androcêntrica, o homem é o sujeito ativo que *come* e, como um objeto passivo, a mulher é *comida*. Isto explica por que o homem acha a mulher gostosa. A este respeito, existem pilhérias que definem a mulher como objeto de cama e mesa (ALVES, 2004, p.11). A palavra ‘palmas’ do ponto de vista do significado se refere à medida, e a palavra ‘peia’, se refere à chicote ou correia. Assim, falar em ‘palmas de peia’, significa ‘chicote ou correia grande’. É uma linguagem falocêntrica no qual associa o pênis não só ao seu comprimento, como pela a força de penetração que assume no corpo feminino.

Concluída a narrativa sobre o que teria acontecido no motel Assis fala com o orgulho o efeito do encontro entre Sueli e o dom Juan, usando novamente a mesma linguagem: “O vapor foi altamente violento. Eu vou lhe dizer uma coisa: uma atriz pornô passa cinco horas para gravar um filme, ela passou seis horas... não foi pra gravar, foi no vapor mesmo”.<sup>331</sup> A idéia de vapor está associada à pressão, o que neste tipo de linguagem significa penetração e força, valores de uma prática masculina machista; além disso, compara a experiência sexual de Sueli com o dom Juan as práticas de uma atriz pornô. O orgulho masculino de possuir um pênis grande, faz com que o narrador, afirme que Sueli se apaixonou pelo Dom Juan, a partir de uma conversa que teria havido entre Paulo e Sueli:

Ele [Paulo] chegou pra ela e disse: qual a diferença entre eu e ele? O que você tá vendo que está apaixonada por ele? Ela pegou as garrafas e disse do jeito que eu disse a você. Esse aqui é você e esse aqui é a dele. Ela disse isso a ele”<sup>332</sup>.

A conversa acima tanto se refere ao valor dado ao tamanho do pênis para o sucesso masculino na relação sexual e afetiva, como reforça o falo como símbolo de poder. A linguagem, que inspira Pedro, Assis e Bob, é aquela na qual o masculino deve ser

---

<sup>331</sup> Idem.

<sup>332</sup> Idem.

reconhecido como o centro da sexualidade, do prazer, da fala e do poder, baseada em atributos que reforçam sua virilidade.

Afirmar que um homem tem o ‘pau’ grande representa a virilidade masculina e reforça o falocentrismo, pois “[...] todo homem tem um pênis, mas são a ereção e a ejaculação, os testemunhos da virilidade (ALVES, 2004, p.22)”. Pela linguagem de Assis, ter o pênis grande é ter reconhecimento e status entre os seus pares. Quando o homem tem o pênis pequeno, pelos códigos da economia masculinista, ele é desmoralizado e inferiorizado. No caso de Paulo, ele é duplamente desmoralizado, pois seu pênis seria inferior ao do ‘urso’ e a ‘bitola’ de sua mulher, não é ‘mais a mesma’.

Se no poema de Ferreira Gullar, com o fogo masculino, ele busca no corpo feminino, uma outra flor - a do sorriso iluminado pelo rosto -, os homens entrevistados, buscam uma medida, - a bitola - fortalecida por uma linguagem falocêntrica, para explicar o possível poder produzido pelo o falo, como efeito da infidelidade feminina. Tanto o poema de Ferreira Gullar, como os discursos dos meus entrevistados é o falocentrismo quem faz o funcionamento do poder sobre o corpo feminino, a diferença estar, que o primeiro é um discurso poético, e o segundo, um discurso escrachado.

### 3. Que busco eu, em fogo aqui embaixo [se] a ‘bitola’ não é mais a mesma: ‘a flor que exala urina e mel’ despetalada pela linguagem

[...] penetro a noite de tua flor que exala urina  
e mel<sup>333</sup>

A flor, no poema de Ferreira Gullar, é associada à genital feminina. O masculino é representado, como aquele que tem o fogo e com as mãos em labareda despétala a flor. É o funcionamento do poder pelo qual produz o masculino como sujeito da sexualidade e o feminino, como objeto. A flor ou a genital feminina, pela linguagem dos meus entrevistados, é transformada em uma bitola, depois que a mulher é infiel ao marido. É uma forma de funcionar o poder do masculino sobre o feminino, através de uma linguagem

<sup>333</sup> Trecho do poema de Ferreira Gullar

violenta marcada pela ausência de ética e de uma subjetividade que ajude praticar a masculinidade machista.

A bitola, enquanto objeto, refere-se a um instrumento que funciona como uma medida, em geral, usada por carpinteiros quando estão madeirando uma casa, mas também é usada para medir trilhos por onde trafegam o trem<sup>334</sup>. A madeira ou madeirada são também palavras que fazem funcionar as unidades discursivas da linguagem falocêntrica. Quando um homem se apropria deste tipo de discurso para afirmar que faz ou vai fazer sexo, em geral, ele diz: ‘vou dar uma madeirada’, se referindo ao pênis, como um ‘pau’, que significa força, penetração e virilidade.

“A bitola não é mais a mesma” é um enunciado do discurso masculino, produzido para atribuir uma desvalorização ao corpo de Sueli, desqualificando-o por ela ter sido infiel, mas também uma forma de controle social, para fazer circular uma prática masculina de opressão. Este enunciado é repetido várias vezes, durante toda a entrevista, através de um jogo da linguagem.

A medida da bitola ao se referir à genitália feminina, produz significados do tipo: ‘arrombada’, folgada e arreganhada. No discurso centrado no falo “[...] vale a mulher de genitais apertadinhos, pois as palavras, arreganhada, larga e estragada, quando em referência às mulheres, são consideradas um vitupério (ALVES, 2004, p.11)”.

Para exemplificar o tamanho da medida que teria ‘arrombado’ a genitália de Sueli, os meus entrevistados, usaram uma garrafa de dois litros de coca-cola e uma garrafa de guaraná de 600 ml que estavam sobre a mesa. A primeira medida, segundo eles, seria a do pênis do ‘urso’, ou seja, do traidor; a segunda é a medida do pênis do Paulo, o marido de Sueli. Para Alves, (2004, p.11)<sup>335</sup>, “O pênis grande e grosso é motivo de afirmação e de orgulho masculino.” Despetalar a flor, pelo o falo, é deixá-la destruída, ‘morta’, sem valor para o prazer masculino.

A comparação entre as medidas do pênis reforça o valor do falo e o discurso sobre ele, no qual a virilidade e a penetração são constituintes de um perfil de masculinidade, do

---

<sup>334</sup> Bitola é a largura determinada pela distância medida entre as faces interiores das cabeças de dois trilhos ou carris em uma via férrea. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bitola>> visitado em 21 de março de 2011.

<sup>335</sup> Segundo especialistas, conforme Zampiere (2004) “[...] o pênis normal mede cerca de 6,5 a 10 centímetros quando flácido e entre 12,5 a 18 centímetros quando ereto (p.123).” Zampiere, Ana Maria Fonseca. Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade- Sexualidade Conjugal e prevenção do HIV e da AIDS. São Paulo: Ágora, 2004.

tipo macho. Como afirma Fonseca, (2006: p.6)<sup>336</sup>: “O pênis do macho apresentado no ato sexual, parece ser um contato entre o homem e o seu próprio membro. A união sexual entre um homem e uma mulher é essencialmente triangular, cujo terceiro elemento, é o órgão masculino”.

Em situações, nas quais a ‘flor foi despetalada’, a recomendação masculina é fazer a manutenção, pela qual, o corpo feminino é associado à uma máquina que precisa de conserto, de um ‘passe’. Linguagem usada pelos mecânicos de automóveis, quando se refere ao motor de um carro. Na tentativa de deixar, durante a entrevista, com mais clareza a questão de que ‘a bitola não é mais a mesma’, os três homens dão uma explicação detalhada, sobre a associação entre o motor do carro quando precisa de reparo e a genitália feminina depois de ter sido penetrada pelo o dom Juan.

**Bob:** Um mecânico até diz: o meu motor é o que? Eu andei tanto e não dei nem um passe, aí vai dar um corte na **cambota**, 0,25,o motor 0,25, já não é o mesmo; a bitola não é a mesma; o motor não é o mesmo; vai prá o segundo corte, 0,50 e vai até o 100. É um virabrequim e vira uma praga....já quase batendo o motor (risos)<sup>337</sup>

**Assis:** Deixe eu explicar: Pedro é perito em mecânica também, já teve oficina e tudo... então entende o termo de bitola. O que é a bitola? È o ‘passe’.... então, funciona assim o motor: é uma camisa, funciona o pistão assim; quando o motor já tá ruim, tem que dá um passe na camisa, ai a camisa tem que abrir mais pra o pistão funcionar melhor; só que quando abre demais aí não tem mais aquela compressão que deveria ter né?

**Pedro:** Do jeito que a coisa foi feita, ela pulou do 0,25 pra 0,75...(risos).

**Bob:** vai bater o motor é rapidinho....(risos).

A camisa ou a cambota são palavras femininas e o pistão, palavra masculina, quando transferidas para o corpo são respectivamente, a genitália feminina e o pênis. Quando a cambota está com folga, mas o pistão precisa funcionar corretamente para o carro ter um bom desempenho, é preciso dar um corte no pistão, diminuindo sua parede e ajustando-o à medida da camisa ou da cambota. Transferindo esta leitura, pela linguagem falocêntrica,

<sup>336</sup>Fonseca, Carlos. La desconstrucion da masculinidade - Revista Internacional de Estudios sobre masculinidades - Volume 1, número 1, Enero-Marzo 2006. Disponível no site <http://www.estudiosmasculinidades.buap.mx/paginas/frames.htm> visitado em 12 de maio de 2011.

<sup>337</sup>Trecho da entrevista de Bob.

para o corpo feminino, para que o homem possa sentir o prazer da penetração, é preciso que a genitália feminina seja assustada ao tamanho do pênis, quando isso não acontece, o corpo feminino é escarnado como possuindo genitália folgada ou frouxa.

Nesta interpretação acima o masculino usa o corpo feminino como espaço de prazer, escarnando-o e associando-o a uma peça de um carro. O escárnio é utilizado, pelos entrevistados como uma punição da linguagem pelo fato da mulher ter traído o marido. É uma prática masculina que faz funcionar o poder por um tipo de linguagem sem ética e machista.

Tanto o pistão como a cambota são ferramentas do motor de um carro, em que a primeira ferramenta penetra na segunda para que haja a combustão de energia, ou seja, fazer o carro funcionar. No corpo feminino, o falo seria o órgão que penetra, e a genitália feminina, o órgão que é penetrado. Nesse sentido, o masculino é aquele que tem força, penetra e faz existir a prática do sexo. Esta associação representa uma das formas de dominação do homem sobre a mulher, na qual funciona o poder de colocar o homem como centro de um tipo de sexualidade fortalecida por códigos masculinistas.

A associação entre o motor de um carro e o corpo feminino além de ser uma metáfora que tem o falo como centro, traduz a geometria do órgão sexual masculino como sendo a medida da virilidade.

Considerando-se que, para uma grande maioria dos homens, virilidade é uma questão de perpendicularidade, a geometria do órgão sexual masculino, em todos os seus ângulos, constitui a medida da sua virilidade e a representação da sua masculinidade (BARBOSA, 1998, p.323-324).

A significação produzida pela medida da ‘bitola’ é uma linguagem assassina e falocêntrica que “[...] recai prioritariamente sobre as mulheres. São elas aquelas especialmente subjugadas pela violência – por vezes silenciosa, mas não menos mortífera –, pela ideologia do falo que impera em nossa sociedade (MORITZ, 2010: p.519)”.<sup>338</sup> Ainda assim, usar esse tipo de linguagem, pode também indicar a existência de uma prática masculina, que quando não é eficaz pelo controle, a interdição e o proibitivo, ou seja, por um modelo ideal de conduta, usa-se o funcionamento do poder para outra tática: a

<sup>338</sup>Kon Noemi Moritz . Ele não tem xoxota!?: a lógica do falo ou a lógica da diferença. In Interlocuções sobre o feminino na clínica, na teoria, na cultura Silvia L. Alonso, Daniele M. Breyton e Helena M.F.M. Albuquerque São Paulo: Escuta/Instituto Sedes Sapientiae, 2008, 416p *Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental - Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 517-521, setembro 2010.

linguagem do falocentrismo o que pode produzir ganhos para manutenção de uma economia masculinista praticada pelos homens entrevistados.

De outro ponto de vista, os entrevistados podem também estar usando este tipo de linguagem como terapia da dor, como um sofrimento pelo fato da mulher estar usando de algumas práticas de ‘liberdade sexual’ consideradas como exclusivas do masculino.

Mas também há a produtividade de um outro tipo de prática masculina, desta vez dirigida ao masculino que não tem sido fiel aos códigos da economia masculinista. Os narradores dessas experiências se sentem não só incomodados, mas agredidos na sua masculinidade, pelo fato de Paulo, depois de ter sido traído, voltou para o relacionamento com Sueli.

#### 4. A desclassificação do homem traído: ‘você não tem saco pra aguentar’

[...] você não tem saco prá agüentar,  
a bitola não é mais a mesma<sup>339</sup>

O responsável pela desclassificação de Paulo, pela leitura de Assis, teria sido ele mesmo, pois ele [...] com 24 anos, pai de um filho e casado com uma mulher de 19 anos “[...] começou a esculhambar. [Foram] 3 a 4 dias fora, com o irmão.<sup>340</sup>”. Só que quando ele chegava nos cantos, ele quer ser o gostoso, não...lá quem manda sou eu...e o homem sou eu ! e quer saber: eu não quero mais!<sup>341</sup>. Paulo, na interpretação dos amigos, teria sido traído porque não cumpriu as prescrições higiênicas do casamento, colocando-o em risco. Isso não significa dizer, que os entrevistados estivessem defendendo a fidelidade conjugal masculina, mas que para eles, Paulo não estava usando da sutileza masculina ao trair.

O fato de Paulo ter vivenciado no seu cotidiano uma experiência ‘devassa’ e pública, o teria levado a correr riscos facilitando a infidelidade da mulher. De acordo com Garcia

---

<sup>339</sup> Trecho da entrevista de Pedro

<sup>340</sup> Trecho da entrevista de Pedro.

<sup>341</sup> Trecho da entrevista de Assis.

(1998, p.43),<sup>342</sup> para a cultura masculina “[...] arriscar-se sexualmente e conquistar um maior número de parceiras faz parte do discurso da masculinidade”, pois o sexo, para alguns homens, significa aventura, excitação e perigo, entretanto, o erro tático de Paulo teria sido a publicidade ou o discurso ‘rasgado’ dessa experiência.

[...] é tanto que rolou um caso, a gente tava imprimindo um adesivo, aí ele chegou disse: ele chegou bem *rasgado* assim: ‘hoje eu vou dar uma madeirada com uma namorada minha’; aí eu olhei pra cara dele e disse: imagina o caba que tá com tua esposa fazer a mesma coisa (risos) aí, ele disse: ‘tô ligando não, tô separado. Ela pode fazer o que quiser’<sup>343</sup>.

Esse discurso tanto é utilizado para responsabilizar Paulo pela traição de sua mulher, como é dirigido de forma violenta ao corpo dela, o que significa que os masculinos narradores e o masculino narrado tem representações diferenciadas da traição feminina.

O entusiasmo de Paulo pelo acesso às festas e às muitas mulheres teria contribuído para que ele e a esposa se separassem. Quando um ‘amigo’ de Paulo em uma possível ação de intriga, fofoca, mas também para cobrá-lo de uma reação à traição feminina, aponta sua mulher saindo em um carro com o ‘outro’ homem, não leva em consideração, de acordo com a argumentação de Paulo, de que eles estavam separados.<sup>344</sup>

O importante para manter os códigos masculinos, era que ele não retornasse para a relação, pois o masculino ficava desmoralizado. De acordo com Assis, o homem traído não fica desmoralizado, isso só acontece quando ele permanece na relação depois de traído, então ele torna-se um corno. É uma construção identitária que na economia masculinista funciona como desmoralização.

A prática masculina de Paulo de voltar para o relacionamento com a esposa significa para os seus amigos, transtorno e complicação, pois segundo Pedro “[...] a questão... era tão complicada...pra você ver ele tava tão transtornado com a situação que na mesma hora ele voltou pra mulher, estabilizou tudo, e quis passar uma borracha.”<sup>345</sup> Para que houvesse uma masculinidade hegemônica, afirma Fialho (2006) era necessário que houvesse o consenso entre os homens na funcionalidade dos códigos. Esta ausência de consenso pode ser percebida na prática masculina de Paulo ao voltar para a esposa depois da traição.

<sup>342</sup>Garcia, Sandra Mara. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In Homens e Masculinidades Margareth Arilha, Sandra G. Unbehaum e Benedito Medrado. (organizadores.- São Paulo: ECOS/Ed.34.1998.

<sup>343</sup> Trechos da entrevista de Assis.

<sup>344</sup> Segundo os entrevistados.

<sup>345</sup> Idem.

‘Querer passar a borracha’ significa desejar ser reconhecido por um tipo de masculinidade; denegrir os códigos que lhe dão sustentação, sem alterar a sua posição identitária no interior da masculinidade, o que, vai de encontro a operacionalidade do conceito de masculinidade hegemônica, pois junto à ela deveria existir outras práticas masculinas “[...] que manteriam relações de subordinação, cumplicidade ou de marginalização em relação à hegemônica (FIALHO, 2006, p.3).” O fato de Paulo ter voltado para o relacionamento não pode ser considerada nenhuma destas práticas da masculinidade acima referidas. O que parece ser interessante é usar a compreensão de Deleuze sobre um homem divisível, ou seja, Paulo queria exercer as práticas da masculinidade que lhe garantisse trair sua mulher, ‘viver de farras,’ mas ao mesmo tempo poder voltar para a mulher quando traído.

Paulo é um outro tipo de masculino que lidou de forma diferenciada com a infidelidade feminina, o que pode significar, como afirma Machado (2005, p.196)<sup>346</sup> quando analisa a obra Schpun,<sup>347</sup> estar havendo “[...] uma desestabilização nas representações do gênero masculino”, confirmando o postulado de que há várias formas de vivenciar a masculinidade, mas que estas práticas não seguem regras rigorosas.

Se as transformações ocorridas na segunda metade do século XX, ou na pós-modernidade<sup>348</sup> abalaram a suposta ordem da masculinidade hegemônica, Paulo estava dividido, inacabado, o que sugere que suas identidades são provisórias, escapam da rigidez das nomeações e das classificações. Quando Assis afirma que ‘a cangaia agora tem outro nome, é ‘vulto’ é uma reação, através da linguagem para Paulo pelo fato de ter voltado para a esposa.

A ‘cangalha’, referida na fala de Assis, é um termo usado para associar ao ‘chifre’ que a mulher coloca simbolicamente sobre o homem, como efeito da traição, e já referida nesta tese. Quando Pedro afirma: “eu tou prevendo: ele vai ser o maior corno da [...]” baseia-se na possibilidade de Paulo ser traído e permanecer na relação. “Eu disse a ele: Paulo, você tem peito? você não devia voltar não, você não tem saco prá aguentar... a bitola não é mais a mesma”.<sup>349</sup>

<sup>346</sup>Machado, Vanderlei . As várias dimensões do masculino: traçando itinerários possíveis Estudos Feministas, Florianópolis, 13(1): 179-199, Janeiro-Abril/2005.

<sup>347</sup>A obra citada por Machado é Schpun, Mônica Raísa. (org) Masculinidades- São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. 233 p.

<sup>348</sup>Sobre a pós-modernidade cf. Bauman, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Tradução Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama; revisão técnica Luis Carlos Fridman.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

<sup>349</sup> Trechos da entrevista de Pedro.

Você tem ‘peito e saco’ são expressões masculinas para expressar força e tamanho. É através do peito largo e forte que o homem demonstra sua força e virilidade. “Um homem peitudo é um homem valente, corajoso e destemido (ALVES, 2004, p.13)”. O ‘saco grande’ é uma associação metafórica ao escroto masculino, que dependendo do tamanho pode ou não agüentar um aborrecimento, e o tamanho da genitália de Paulo já havia sido comparado com a do don juam, o que, para este tipo de linguagem, significa afirmar que o pênis não só tem a força da penetração, do prazer, de centralizar o homem como sujeito da masculinidade, mas é a referência para que o homem seja reconhecido como masculino, forte, corajoso e honrado, o que indica que Paulo é reconhecido pelos narradores como diferentes deles. Nesta relação, Paulo é considerado fraco e ‘não tem peito’. É um outro tipo masculino que foge a tipologia de macho e por isso é resignificado da sua posição de sujeito na economia masculinista. A produção da posição dos sujeitos nesta economia não foi idealizada para as identidades de homem desmoralizado, fraco ou corno, assim, Paulo é nomeado por ele como ‘corno estacionamento’.

## 5. Do corno ‘vulto’ ao ‘corno estacionamento’: as construções identitárias construídas nas relações intragêneros

Sou Sim, e Daí  
(Composição: Juca Chaves)

Eu sou baixinho, feio e narigudo/dizem que eu sirvo só pra dar recado  
mas na verdade eu sirvo para tudo/até chifrudo eu sou se ser casado!  
Eu tenho chifre mas não tenho queixa, se bem que a testa fique bem maior  
até que é bom quando a mulher ns deixa, agente sempre arruma outra melhor.  
Essa é a vida que eu sempre quiz, eu sou cornudo mais eu sou feliz, essa é a vida que eu sempre  
quiz, eu sou cornudo mas eu sou feliz/"Pode rir, mas mulher quando quer trair trai mesmo, vocês  
podem trancar ela dentro do armario que ela te trai com o cabide!"  
"Sábio ditado aquele do pernambuco que diz: Água de morro abaixo, fogo de morro acima e  
mulher quado quer dar ninguem segura!"/Mas infeliz é aquele que acredita que nunca foi traído por  
mulher/seja ela, bonita, mulher nos trai quando ela bem quiser  
mas quem é macho e nunca foi enganado/não trocará de esposa ou de patroa  
e com uma só terá sempre passado, acreditando que ela ainda é boa.  
Essa é a vida que eu sempre quiz, eu sou cornudo mais eu sou feliz/ essa é a vida que eu sempre  
quiz, eu sou cornudo mas eu sou feliz/Infelizmente existem as amélias  
que sendo sérias pela vida a fora/ficam com a gente até ficarem velhas,  
quando já é tarde pra mandar-se embora/porém não tarda o dia da verdade,  
que escapará de um grito em nossa boca/a frase amarga dessa realidade: tira os teus seios do prato  
de sopa./Essa é a vida que eu sempre quiz, eu sou cornudo mais eu sou feliz!

“Sou sim e daí”, o título da música acima de Juca Chaves representa a situação de homem casado que foi traído. Representação diferente da que foi dada à Paulo pelos seus amigos narradores de suas experiências. Desqualificado porque permaneceu no relacionamento depois de traído, Paulo passa a ser identificado nessa produção masculina

como ‘Corno’. Para (SILVA, 2000, p. 91)<sup>350</sup>”. “A identidade é um significado – cultural e socialmente atribuído [...]”. Construir a identidade do ‘outro’ como corno é investir na produtividade de outras subjetividades para que sejam consumidas como verdadeiras, produzindo um efeito de alteridade e diferenciação. Em uma economia masculinista é diferenciá-lo e rebaixá-lo frente a seus pares e socialmente. É uma produtividade das relações de poder na construção identitária. Como afirma Silva (2000, p.81):

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder: a identidade e a diferença não são nunca, inocentes.

Primeiro Paulo foi nomeado pela identidade de ‘corno vulto’. Essa tipologia do ‘corno - vulto’ foi construída para Paulo quando seus colegas o levaram até a porta de sua casa para confirmar a traição. Para construir a identidade de corno para Paulo, a referência é o comportamento de Sueli. É pela prática feminina considerada desonrosa, pelos entrevistados, que é produzida uma política identitária para Sueli e Paulo. Uma ‘mulher de casa’ é diferente de ‘uma mulher de fora’.

Porque o cara acha uma ‘mulher de fora’ é muito bom... eu sou um cara casado há 20 e tantos anos. Só na gandaia é muito bom, é uma beleza, você não tem compromisso com nada. Mas aí ele procurou uma coisa séria, rapaz. Você acha que aquela mulher é séria? Séria era a mulher dele em casa. Agora ela não era assim não. Ele tirou ela dentro de casa com 16 anos de idade, fez um filho na menina, maltratou a menina, primeiro namorado, primeiro homem dela. Quem criou o vulto mesmo foi ele. Ele criou porque é a revolta dela. Na maioria dos casos, bota aí no seu relato, pode botar isso: que o homem é que faz o vulto<sup>351</sup>.

As subjetividades produzidas em favor de um determinado perfil de masculinidade têm efeitos nas construções identitárias das mulheres, nas quais são classificadas como ‘mulher de fora’ e ‘mulher de casa’. Essa separação funciona como marcador de diferenciação nas relações de gêneros e entre as mulheres. As mulheres consideradas ‘de fora’ são aquelas de ‘conduta desonrosa’ do ponto de vista da sexualidade, enquanto as

<sup>350</sup>Silva, Tomaz Tadeu Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/Tomaz Tadeu da Silva(org) Sturt Hall, Kathryn Woodward.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

<sup>351</sup> Trecho da entrevista de Pedro.

‘mulheres de casa’ são as honradas e que estão restritas “[...] ao ambiente interno do lar (SILVEIRA FILHO, 2010, p.4)”.<sup>352</sup> Se Paulo, na interpretação do entrevistado acima, não soube conduzir o casamento para que sua mulher preservasse o relacionamento, ele deve ser considerado o responsável pela infidelidade de Sueli, contribuindo para que ele seja identificado como traído.

Na experiência de Paulo, além dele ser considerado o responsável pela infidelidade da mulher, sua identidade é reelaborada por manter-se no relacionamento, o que indica tornar-se Corno. Assim, Paulo, passa a ser reconhecido pelos seus pares, como ‘corno estacionamento’, isso se deve ao fato de que sua mulher estaria se encontrando com o dom Juan nos estacionamentos dos supermercados.

O dom Juan, concebido pelos entrevistados como um homem ‘altamente cavalheiro’, gentil e que teria levado Sueli ao um motel de primeira classe, como o Pigalle, segundo Pedro, passou a ter encontros com ela nos estacionamentos dos supermercados da cidade de João Pessoa.

[...] porque o urso... como ela não tem tempo, ele agora está de marcação cerrada...onde eles estão transando é no estacionamento...eu não conto..não digo o nome...porque se eu disser a Assis, tudo mundo fica sabendo...não adianta... e se vierem me perguntar, aí eu brigo.<sup>353</sup>

A argumentação para que os encontros passassem a acontecer nos estacionamentos dos supermercados deveu-se ao fato, segundo Pedro, de Sueli não ter tempo disponível para ir ao motel. Argumento pouco confiável para um homem que desejava encantá-la e fazer a diferença entre ele e o marido. “Já rolou no estacionamento do Tambiá, no Hiper, já rolou no estacionamento do Ideal... e no Extra<sup>354</sup>.” A construção identitária de ‘Corno Estacionamento’ circulou não só nos bares da cidade de João Pessoa frequentados por Paulo e os entrevistados, como no espaço de trabalho destes últimos.

[...] ligaram pra Assis, cadê fulano? [Paulo]. Sei não, tou trabalhando. Mandaram um recado pra Assis: olhe, [uma pessoa teria dito]: quando você encontrar os dois, diga que ele vai pisar em rastro de corno ... Assis disse: Como é isso? Ela respondeu: ele vai dar um passo pra trás e um

<sup>352</sup> Silveira Filho, Francisco Maciel. A crise da masculinidade contemporânea. Revista Litteris ISSN 1983 7429- Número 4, Março de 2010.

<sup>353</sup> Trecho da entrevista de Pedro.

<sup>354</sup> Idem.

para frente e outro pra trás e outro e pra frente quando ele for pra frente, pisa no rastro de corno.<sup>355</sup>

O trocadilho acima sobre o ‘pisar em rastro de corno’ significa popularmente quando alguém se encontra em uma situação ou várias situações em que pode ser associada à falta de sorte. Assim, pisar em ‘rastro de corno’ é concebido como uma má sorte porque pode haver uma contaminação na prática masculina. O enunciado ‘quando você encontrar os dois diga que ele [Paulo] vai pisar em ‘rastro de corno’, ou seja, Paulo ao dar um passo para frente e outro para trás, e outro para frente, estaria pisando no seu próprio passo que está marcado pela identidade do Corno.

Essa construção identitária tem como referência o outro, o homem honrado, aquele que é considerado como respeitado socialmente. A circulação social da identidade de Paulo, como ‘Corno Estacionamento’, chegou a uma situação pública na qual a pessoa que teria dado o telefonema estaria ‘acobertando’ o relacionamento entre Sueli e o dom Juan, o que na fala de Pedro, significa mais uma desmoralização de Paulo, por ser a ‘pessoa’, parente dele.

Essa [pessoa que deu o telefonema] hoje é quem tá acobertando e mora no bairro [...] por isso que hoje é no Extra [supermercado] sei porque o cara é meu amigo... então subtende-se... você bota aí no seu relato.<sup>356</sup>

A suposta desmoralização de Paulo, produzida pelos discursos dos entrevistados, ainda vai além, quando ele é traído pela nova namorada com a qual ele estava se relacionando depois de separado “[...] ele já levou cangaia da própria quenga...da própria quenga. Bob chegou lá na loja e disse: Assis houve um vulto. O que foi? A nega que está com Paulo hoje está com o cara da serralharia.”<sup>357</sup> É a revolta masculina pelo fato de Paulo ser diferente deles, os narradores. Paulo diferentemente dos entrevistados é um tipo masculino subjetivado por novos códigos sociais.

Neste trecho da entrevista de Bob, há não só a desqualificação de Paulo, como de sua namorada. As nomeações de ‘quenga e nega’, são identidades pejorativas sobre o feminino, que são associadas à condição de uma mulher vulgar, representado pela mulher que trai. Além disso, para fortalecer as representações dos demais entrevistados sobre a

---

<sup>355</sup> Ibidem.

<sup>356</sup> Ibidem

<sup>357</sup> Trechos da entrevista de Bob.

traição feminina, Bob comenta: “[...] por azar, ele perdeu a bitola e pegou a bitola errada (risos)”, ou seja, Paulo não teria nesse novo relacionamento encontrado a mulher ‘honesta’. Essa é uma forma de apontar marcadores definidores nas relações intragêneros e entre gêneros. Paulo teria sido traído pelas duas mulheres e ainda voltado para a relação, ações que confirmariam sua desmoralização no campo da sexualidade para o ideal de masculinidade representado pelos narradores de sua história.

A sexualidade, pela linguagem falocêntrica, é uma face de uma moral em que a masculinidade se sente obrigada a se projetar como viril e ser respeitado fazendo sexo o tempo todo. “Para se subjetivar eles precisam confirmar seu sexo num movimento de construção pessoal, de prática de si, não há melhor palavra para isso do que fazer sexo (AREDA, p.3),”<sup>358</sup> mas desde que a ‘mulher honrada’ esteja em casa.

O conflito, entre os masculinos entrevistados, envolvendo a infidelidade traduz a possibilidade de que alguns homens podem estar vivenciando a dor pela perda ou pelo afrouxamento de alguns códigos que davam uma certa garantia de ser infiel e de ter a certeza que a mulher estaria em casa sendo preservada e preservando sua honra. Um homem traído, para Pedro, perde a moral, embora não perca a masculinidade.

Um homem tem que ter moral. Se ele está sendo traído, ele chega e parte pra outra [...] ele perde a moral no momento em que fica na relação....quando fica com a mulher...ele vai ter que aturar o preconceito. O corno não perde a masculinidade, mas perde a moral....todo mundo zona...e for um corno bravo, ele passa nos cantos e só ver o zumm (risos)<sup>359</sup>.

Para Durkheim,<sup>360</sup> “[...] toda moral se nos apresenta como um sistema de regras de conduta (p.50).” O modelo de conduta exigido para o feminino nas relações de gêneros é honrar o masculino pela fidelidade conjugal, diferentemente do modelo exigido para o masculino. Quando o feminino viola um ou o conjunto de códigos que edifica uma tipologia de conduta, os efeitos podem ser ao mais diversos, como por exemplo, a violência, a censura ou o castigo (DURKHEIM, p.58). Este tipo de moral masculina, que não consegue ser eficaz pelo o controle do comportamento ou pelo o proibitivo, pois na contemporaneidade o controle pela norma perdeu a preponderância no social, é realizada

<sup>358</sup> Areda, Felipe. A busca pelo falo, a subjetivação masculina ou a homossexualização como moral homossexual. Disponível no site <[www.filoesco.unb.br/foucault](http://www.filoesco.unb.br/foucault) - > espaço michel foucault – visitado em 12 de Fevereiro de 2011.

<sup>359</sup> Trechos da entrevista de Pedro.

<sup>360</sup> Durkheim, Émile. Sociologia e Filosofia. Prefácio de C. Bouglé; Tradução de J.M. de Toledo Camargo. 2 ed. Forense- Rio de Janeiro (S/D).

pela linguagem, que tanto pode funcionar por um tempo mais ou menos duradouro, como pelo o instantâneo, o que significa que Paulo está arriscando as fragilidades dos valores na contemporaneidade para praticar diferentemente sua masculinidade.

Ainda para Pedro, há uma diferenciação da infidelidade feminina sobre o homem casado e o solteiro. O chifre para ele só acontece quando o homem é casado, pois estaria rompendo com os códigos que dão sustentação ao casamento. Quando o homem é solteiro e sai do relacionamento, ‘ele reconstrói sua vida e muda sua imagem’. No discurso de Pedro há a sugestão de que o homem casado quando traído fica com a ‘imagem’ denegrida. Isso significa que a honra masculina, de acordo com Pedro ainda existe, principalmente no casamento.

O chifre acontece quando é casado...agora ...quando você entra num grupo qualquer pode ser contemplado....quando você é namorado você reconstrói sua vida e você muda sua imagem, pronto... Eu se levasse chifre...que ninguém tá livre disso, eu não voltaria, mesmo gostando...porque estaria a zona. Em sociedades mais avançadas tem até troca de casais...mais no Brasil, a mulher é tratada como prostituta....se ninguém comentasse, o problema é o comentário.<sup>361</sup>

Entrar em ‘outro grupo’ de acordo com Pedro corre o risco de ser contemplado com o chifre, o que, contribui para denegrir a imagem do homem honrado, são os comentários, indicando que as práticas masculinas, também estão sob o controle social; que há homens que já conseguiram burlá-las, e outros, ainda estão sob sua sujeição. Essa idéia de Pedro sugere que há uma cobrança social sobre o homem, na qual, mesmo que ele tenha vontade, não deve voltar para relação depois de traído, pois seria sua desmoralização, o que significa dizer, que as representações que circulam sobre a mulher e não sobre o homem, são as aquelas produzem o reconhecimento social masculino. É uma argumentação conservadora, pela qual, atribui ao feminino a responsabilidade de preservar a imagem exigida pelo social. Nesse sentido, há a necessidade de produzir novos enunciados na produção de textos da masculinidade para disciplinar a ordem masculina.

---

<sup>361</sup> Idem.

## 6. Os enunciados da linguagem falocêntrica: poder, controle e disciplinarização da ordem masculina

O enunciado produzido pelos entrevistados para iniciar as entrevistas foi de que a ‘bitola não é mais mesma’. O enunciado aqui não é concebido como uma frase gramatical, mas como “[...] um acontecimento na e da ordem do saber [...]”, conforme discute Araujo, (2004: p. 219). O enunciado não é a mesma coisa que um ato de fala. Para que os atos de fala se efetivem, requer que os enunciados sejam articulados em um algum lugar do discurso, pois “[...] não é o ato de fala que define o enunciado, e sim o enunciado que define e fornece critérios para a individualização e reconhecimento de um ato de fala (ARAÚJO, 2004, p.226)”.

O enunciado, ‘a bitola não é mais mesma’, é endereçado à Sueli. É por este enunciado que se inaugura na linguagem dos homens entrevistados, as subjetividades do falocentrismo sobre o corpo feminino porque o desejo usufruído por Sueli abalou os dispositivos de uma sexualidade produzida de forma diferenciada para o masculino e o feminino. O acesso ao prazer do sexo pelo masculino é representado, por esses entrevistados, como permitido, enquanto ao feminino também é permitido, desde que aconteça na relação conjugal.

Segundo Machado (2004)<sup>362</sup> “[...] o lugar do masculino na relação heterossexual é pensado como o único que se apodera porque é o único que penetra (p.41)”. Este enunciado é uma supervalorização da penetração e sua representação funciona como uma punição para que mulher que trai, através de inscrições no corpo da mulher por enunciados que são endereçados para serem subjetivados.

Para Rezende (2004: p.1)<sup>363</sup> “O corpo é o lugar privilegiado da subjetividade [...]”. E a linguagem é uma das formas de inscrição cultural e identitária do corpo, o que não significa que essas subjetividades não sejam alteradas (LOURO; 2001).<sup>364</sup> Produzir enunciados para desqualificar o Outro é participar do jogo que envolve as práticas de poder

<sup>362</sup> Machado, Lia Zanotta. Masculinidades e violências. Genero e mal-estar na sociedade contemporânea. In Masculinidade (org). Monica Raisa Schpun, Boitempo editorial: Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.

<sup>363</sup> Rezende, Renata. A Tecnologia e a Invenção do Corpo Contemporâneo. Trabalho apresentado ao NP 08–Tecnologias da Informação e da Comunicação, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, Porto Alegre, 2004. Disponível no site < [www.portcom.intercom.org.br/...](http://www.portcom.intercom.org.br/) > e visitado em julho 2011.

<sup>364</sup> Louro, Guacira Lopes. (org) O corpo educado. Pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos. Tomaz Tadeu da Silva- 2ª Ed.-Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

na qual produz o indivíduo. A produtividade do homem na modernidade ocorre por várias técnicas de poder, conforme examina Foucault, (1979):<sup>365</sup>

A ação sobre o corpo, o adestramento do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação do discurso, com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar, tudo isso faz com que apareça pela primeira vez na história esta figura singular, individualizada – o homem- como produção do poder. Mas também, ao mesmo tempo como objeto de saber (p.XX).

O poder dos enunciados, associado à uma cultura masculinista que tem a representação do falo como símbolo e poder da masculinidade, produz no corpo feminino marcas e traços, no qual, o falo, é representado como potência e atividade do corpo masculino (ALVES, 2004, p. 8).<sup>366</sup> Mas essa articulação do falo com a linguagem não só centra na valorização do masculino, como supõe que a posse da simbologia do falo o torne imunizado de qualquer valorização negativa. Tem sido corriqueiro no ‘senso comum’ se usar a expressão masculinista na qual afirma que “lavou estar pronto para outra”, como uma forma de valorizar o pênis, e de reforçar a possível liberdade masculina de ter acesso ao prazer sexual, sem controle e disciplina. Para mulher, ao contrário, há o sentido do proibitivo e da inversão. A valorização na mulher, quando solteira, esteve historicamente associada a sua virgindade, e quando casada, a fidelidade ao marido. Enunciados do tipo “mulher cabaço” e “mulher de um homem só” confirmam a força da linguagem na diferença entre gêneros sobre a sexualidade.

No caso desses entrevistados, a linguagem falocêntrica é acionada em momentos em que o reconhecimento social da masculinidade está em situação de vulnerabilidade, como por exemplo, em situações em que ocorre a infidelidade feminina. É a lei e a força da linguagem que é acionada para repor os códigos masculinistas. O valor da honra saiu do código penal não sendo mais possível acioná-lo para lavá-la no tribunal e a Lei Maria da Penha, foi criada como estratégia para coibir a violência contra as mulheres. Uma possível tática masculina é o uso da força e o poder desta linguagem para fazer a repetição e ser subjetivada.

A prática de alguns homens em usar a linguagem falocêntrica sobre a sexualidade passa pelas relações de poder não somente nas relações com as mulheres, mas também

<sup>365</sup>FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 7 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

<sup>366</sup> Alves, José Eustáquio Diniz. *A Linguagem e as representações da masculinidade* / José Eustáquio Diniz Alves. - Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004.

entre eles, como um marcador de diferenciação entre intragêneros, como é o caso do fato de Paulo ter voltado para a esposa. Se como afirma Foucault (1979), o poder não é uma coisa ou um objeto, mas se constitui na relação, é através da produtividade deste tipo de linguagem que uma das formas de poder é exercida por esses homens.

É o funcionamento do poder para desqualificar as mulheres que têm desejo sexual fora da relação conjugal. Deleuze e Guattari apud Oliveira (2004, p.244), “[...] apontam para o fato de que apenas quando se elegem o masculino como centro, em relação ao qual a mulher se define como falta, como ausência, é que se pode conceber a idéia de um único sexo primordial [...]”. Assim, por exemplo, as mulheres que rompem com esse tipo de saber e tem desejo fora do casamento, é ainda considerada uma devassa. Rolnik (1989: p.25)<sup>367</sup> afirma que o desejo é um movimento de produção e um deles é o movimento de atração e repulsa, nos quais “[...] os corpos são tomados por uma mistura de afetos. Eróticos, sentimentais, estéticos, perceptivos, cognitivos [...]”. O desejo da mulher, fora do padrão produzido, é pela linguagem falocêntrica a desmoralização masculina.

Os discursos dos entrevistados indicam que o desejo masculino pelo feminino é anterior a própria fabricação do seu lugar no gênero, como algo instutivo, natural. “O prazer do homem é diferente: a gente é como “[...] quando passa uma mulher da bunda grande a gente já tem tesão...é só sexo...No homem é, na mulher não.”<sup>368</sup> Esse argumento indica que o homem trai por instinto e a mulher trai porque o masculino não deu a ‘assistência necessária’ à mulher. Neste sentido, há uma produtividade de textos para denegrir o homem traído que volta para a relação, pois ele fica sem moral. Diante disso, Paulo é escarnado até no ambiente de trabalho dos narradores, no qual é comparado por outro personagem que entra na narrativa: ‘João da Burra.’

---

<sup>367</sup>Rolnik, Sueli. Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

<sup>368</sup> Trechos da fala de Assis.

## 7. Enunciados que produzem posições dos sujeitos na economia masculinista:

‘ João da burra’ e ‘ a pomba e o chifre jogaram na tua casa’

Entre o enunciado e o que ele anuncia não há apenas relação gramatical, lógica ou semântica; há uma relação que envolve os sujeitos, que passa pela história, que envolve a própria materialidade do enunciado (SARGENTINE E NAVARRO)<sup>369</sup>

Se o bar é considerado um ambiente no qual a linguagem masculina tem como foco, entre outros temas, o carro e a mulher, nas experiências dos meus entrevistados, no espaço do trabalho, a questão da traição ou da infidelidade feminina, é um tema cotidiano. No espaço de trabalho dos homens entrevistados não trabalham mulheres, o que contribui para circular com mais intensidade a linguagem considerada culturalmente masculina. São linguagens que enaltecem a masculinidade tendo como referência a virilidade e a matriz heterossexual.

Neste espaço trabalha um senhor nomeado por eles, como ‘João da burra’. “[...] João da burra é um menino que trabalha com a gente, ele é donzelo, ele tem uma burra e tem ‘um caso’ com a burra”.<sup>370</sup> Para os códigos considerados masculinistas, um homem virgem/‘donzelo’, ou não gosta de mulher e está fora da matriz heterossexual ou é anormal, o que configura um rebaixamento social. Quando um homem pratica a zoofilia<sup>371</sup>, é considerado um desvio sexual embora na cultura masculinista não é considerado sem virilidade. Uma das práticas sexuais presente nas cidades do interior do Brasil, entre os séculos XIX e o XX, com mais freqüência na zona rural, eram as iniciações sexuais masculinas com animais. Era muito comum se dizer que nas porteiras e nos currais os homens usavam os animais para fazer sexo, sendo enaltcidos por não ‘negarem fogo nem com os animais’.<sup>372</sup>

<sup>369</sup>Sargentini, Vanice, Navarro, Pedro. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade- São Carlos: Claraluz, 2004.

<sup>370</sup>Trechos da entrevista de Pedro.

<sup>371</sup>Zoofilia, do grego ζῷον (zōon, "animal") e φιλία (filia, "amizade" ou "amor"), é uma parafilia definida pela atração ou envolvimento sexual de humanos com animais de outras espécies. Tais indivíduos são chamados zoófilos. Os termos zossexual e zossexualidade descrevem toda a gama de orientação humana/animal. Disponível no site < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Zoofilia> >visitado em 15 de Março de 2011.

<sup>372</sup>Tenho conhecimento de uma pesquisa em andamento realizada por Gilvania Luna da Silva intitulada Homem, não “nega fogo”, vai, nem que seja com a ovelha... Na porteira. A pesquisa está sendo realizada no Município de Alagoa Nova- Paraíba e foi apresentada no II Colóquio Internacional de História- Fontes

‘João da burra’ é nas relações intragêneros um masculino que segundo meus entrevistados, faz sexo com uma burra, sendo por isso vítima de gozação e de brincadeiras, principalmente por parte de Paulo. Era muito comum, ao chegar ao ambiente de trabalho dos três entrevistados, Paulo indagar pela burra a João, o que o deixava incomodado, mas em silêncio.

Durante a semana em que aconteceu a experiência da traição vivenciada por Paulo havia também acontecido um assassinato em um bairro vizinho a sua residência. O crime foi considerado uma barbárie, pois o corpo do homem assassinado teria sido esquartejado e os pedaços de seu corpo jogados em vários lugares. Este fato, segundo os entrevistados, foi muito comentado pela mídia e teria ficado na memória de ‘João da burra’.

Paulo que costumeiramente insultava ‘João da Burra’ por não se enquadrar na matriz sexual homem/mulher, em uma tarde qualquer, chegou ao espaço de trabalho dos entrevistados e teria mais uma vez o insultado, perguntando-lhe pela burra e o mesmo teria respondido: “[...] deixe de brincadeira, que quando eu brincar com você, você não vai gostar [...] não tire liberdade comigo que eu não tiro com você”<sup>373</sup>. Durante todo o dia, Paulo teria usado desse tipo de escárnio para se referir a experiência de João. No final do dia, João teria organizado uma resposta para Paulo: “Ele disse: mas rapaz, tu soube daquele crime que aconteceu em ‘Marco Moura’? [Bairro] Arrancaram a cabeça e as pernas do cara e jogaram num bocado de canto. Pronto: a pomba e o chifre jogaram lá na tua casa”.<sup>374</sup>

Neste caso acima, a linguagem falocêntrica é utilizada por Paulo para denegrir a imagem de ‘João da burra’ por ser incapaz de atrair uma mulher, tratando-o como um masculino derrotado por não usar o falo como poder na relação o feminino, sendo vítima de gozação. Na economia masculinista ser homem é vivenciar experiências heterossexuais a partir da diferença entre gêneros. ‘João da burra’ estaria vivendo uma experiência sexual não humana o que configuraria uma anomalia no interior dos códigos masculinistas. Uma tática de ‘João da burra’ para apontar uma derrota de Paulo, como homem, no interior desta economia é ele ter sido traído por sua mulher.

A ‘pomba e o chifre jogaram na tua casa’ e ‘João da burra’ são enunciados que produzem efeitos de desmoralização dos sujeitos na cultura masculinista. A explicação a partir dos enunciados é a discussão da construção da posição dos sujeitos na ordem social

---

Históricas, Ensino e História da Educação. 18 a 22 de Outubro de 2010. Programa de Pós-Graduação em História – UFCG.

<sup>373</sup> Trechos da entrevista de Pedro.

<sup>374</sup> Idem.

(SARGENTINE E NAVARRO, 2004). São posições que denigrem a ordem das vivências masculinas. Os significados desses enunciados, em particular na economia masculinista, estão associados à desmoralização e ao rebaixamento do masculino. O primeiro, como desmoralizado por ter voltado para mulher, e o segundo como donzelo o que, o desqualifica por não praticar sua sexualidade com uma mulher.

São formas discursivas distintas de produzir a linguagem falocêntrica. Perder a moral, segundo os entrevistados, deveria significar para Paulo, a perda do prestígio, a falta de respeito e de consideração dos seus pares, o que parece não ter as mesmas significações para Paulo. Diante dessas provocações, o mesmo teria reagido de forma violenta, como afirma Pedro: “Mas rapaz não prestou não, pense num corno brabo! Ele ia brigando com todo mundo.”

Resta saber se a reação de violência de Paulo foi produzida pela suposta perda dos benefícios da economia masculinista ou se foi uma reação aos valores masculinos de seus amigos por ele ter voltado na relação com sua mulher. Na primeira alternativa, a violência masculina pode ser considerada como uma tentativa de recolocar o respeito para poder ‘andar de cabeça erguida’ e na segunda, uma forma de agenciar novos modelos de conduta na experiência de homem traído.

“João da burra” e “A pomba e o chifre jogaram lá tua casa” são também enunciados distintos produzidos pelos entrevistados que tentam ajustar as posições diferentes dos sujeitos como masculinos: João como donzelo e Paulo como corno. O primeiro, desclassificado e desmoralizado porque não valoriza o poder do falo para usar na relação com uma mulher e o segundo, também desmoralizado porque na relação com a mulher ele teria perdido a moral, frente a seus pares. São diferentes posições identitárias produzidas pela linguagem que podem ser representadas socialmente como verdadeiras, mas que também podem ser deslocadas para outras formas de subjetivação.

São representações que tanto funcionam para impedir o desgaste de um modelo de masculinidade, desclassificando aqueles que não respeitaram os códigos que lhe dão sustentação, como se utilizam da linguagem como controle social para fazer circular as suas identidades depreciativas.

A dificuldade masculina, em vivenciar novos códigos nas relações com o feminino, pelo menos na análise dos discursos destes entrevistados, deve-se ao fato de que, a cultura masculina considerada como a que edifica um homem é aquela na qual, a dominação e a hierarquia estejam presentes. Voltar para a mulher depois de traído não estaria em jogo

somente a perda da moral, mas a desmoralização entre os seus pares. Seria preciso saber jogar e do jogo tirar proveito. Essa ‘conversa’ desses homens no ambiente de trabalho sugere como a sexualidade é representada e quanto o falo tem o poder deles se reconhecerem e reconhecer o outro. É pelo o falo que eles idealizam as identidades masculinas, como corajoso, forte, peitudo, moralizado e sujeitos da sexualidade. Paulo e ‘João da burra’ são masculinos que não são reconhecidos por eles nesta tipologia. Seriam sujeitos que perderam suas posições por não seguirem as prescrições de textos culturais que dão forma à cultura masculinista.

O ideal desta tipologia de masculino é mais do que uma condição. É uma prática tramada por códigos, comportamentos, valores que envolvem o jogo do dizer e de querer, estar sempre ‘por cima’. Voltar para mulher depois de traído é estar ‘por baixo’. Quando um homem insiste em voltar para mulher depois de traído é um outro tipo de masculino que provavelmente já foi subjetivado por outras práticas culturais, o que, provoca nos narradores a produtividade de outras identidades sobre Paulo para desmoralizá-lo.

O duplo padrão de moralidade, utilizado para o homem e para a mulher, reforça a diferenciação entre gêneros, através de vários argumentos. Um exemplo é uma outra situação quando a mulher trai mais de uma vez. As mulheres, narradas com este perfil são para os meus entrevistados, consideradas compulsivas por sexo, ou seja, doentes e anormais. Pedro se utiliza de um saber sobre a saúde mental para classificá-las como compulsivas sexuais, enquanto os homens na mesma situação são referenciados como sujeitos da sexualidade, macho e viril.

No próximo item, problematizo este ‘diagnóstico’ realizado pelos entrevistados, como efeito de uma dor sofrida pelo masculino ao testemunhar o uso de códigos considerados masculinos pelas mulheres, ou seja, trair várias vezes é considerado um código de pertencimento ao masculino, e que, quando usado pelas mulheres, estariam usufruindo de um valor que não é de sua prática cultural, o que dar a Pedro o poder de argumentação de que elas estão doentes.

## 8. Elas sentem prazer e eles dizem que elas estão doentes: o diagnóstico masculino marcado pela dor

Você viu na novela ontem, no finalzinho, que ela já estava atrás daquele boy lá, o indiano que foi embora. Então, quer dizer, e você viu, que durante a separação, ela não traiu...ela não traiu com ninguém. Você devia abordar isso, e aí é um caso mais profundo, você vai ter que consultar especialista, seja lá quem for....psicanalista, psiquiatra eu não sei...é serio, tem mulheres que só sente prazer se tiver traindo (Pedro- um dos entrevistados)

Em 2009, momento em que foi gravada essa entrevista para este capítulo estava sendo apresentada por uma emissora de TV brasileira, a novela “Caminho das Índias” e a atriz Dira Paes vivenciava a personagem ‘Norminha’, uma mulher que traia o marido. A personagem de Dira Paes e as experiências das mulheres que vivenciaram a infidelidade e narradas abaixo, são na interpretação de Pedro, diagnosticadas como doentes ou compulsivas sexuais. São formas distintas daquelas representadas pela traição de Sueli. A mulher ‘sexualmente doente’, constituiu como diagnóstico produzido pela medicalização da população no século XIX. Esse diagnóstico de Pedro parece ser mais uma forma de representar um pensamento de insatisfação pelo avanço das mulheres nas conquistas sociais e no campo da sexualidade.

O masculino representa estas mulheres como doentes, por estar transgredindo o ‘seu lugar’ de objeto na sexualidade, o que seria uma apropriação indevida dos valores considerados masculinos. Essa dor masculina indica ser um mal-estar que está funcionando

como uma terapia através da linguagem. Birman<sup>375</sup>, analisando a dor e o sofrimento na pós-modernidade, afirma que:

[...] no lugar das antigas modalidades de sofrimento centradas no conflito psíquico, nas quais se opunham sempre os imperativos dos impulsos e das interdições morais, o mal estar se evidencia nos registros do corpo e da ação (p.1).

A infidelidade feminina que foi historicamente interdita por valores jurídicos, sociais e morais, pode entre tantas outras interpretações, estar sendo vivenciada como uma ação que antes parecia pertencer naturalmente à cultura masculina. No trecho acima que foi utilizado como epígrafe e extraída da entrevista concedida por Pedro, a experiência do personagem de Norminha é diagnosticada por Pedro como doente, na qual sugere que eu, como pesquisadora, procure especialistas no campo da psique para explicar o ‘fenômeno da compulsão sexual’, mas a história indica que eu faça um outro caminho: a medicalização do corpo feminino como produzido socialmente.

A sexualidade feminina, associada à anormalidade e à doença é histórica e podemos encontrá-la nos discursos médicos do XIX, o que na época funcionava como um regime de verdade para circular socialmente. Essa possível anormalidade sobre a sexualidade feminina garantia socialmente uma medicalização sobre o seu corpo e ao mesmo tempo fortalecia a diferenciação e a desigualdade nas relações de gêneros, particularmente na diferença a partir do sexo.

Havia historicamente uma produtividade discursiva sobre a sexualidade, na qual o homem era instintivamente viril e a mulher não deveria valorizar o prazer sexual. Essa formulação dos discursos médicos tinha força de verdade pelo menos até as primeiras décadas do século passado, no qual circulava a valorização da sexualidade e da virilidade, como privilégios do masculino.

O desejo de uma mulher “[...] por outros homens que não o marido considerado como adultério, também aparecia aos olhos dos médicos como manifestação histórica (DEL PRIORE, 2006, p. 209)”. Del Priori (2006, p.208) ainda afirma que: “Partia-se do princípio de que, graças à natureza feminina, o instinto materno anulava o instinto sexual e

---

<sup>375</sup>Birman, Joel, Dor e sofrimento num mundo sem mediação. Estados Gerais da Psicanálise: II Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003. Disponível no site <[www.estadosgerais.org/mundial.../5c\\_Birman\\_02230503\\_port.pdf](http://www.estadosgerais.org/mundial.../5c_Birman_02230503_port.pdf) - >visitado em maio de 2011.

conseqüentemente, aquela que sentisse desejo ou prazer sexual seria inevitavelmente anormal”. Em um estudo sobre o prazer sexual feminino, Veiga, (2007),<sup>376</sup> afirma que:

[...] fazia parte da feminilidade a não valorização do ímpeto sexual – privilégio masculino,- devendo até abdicar do sexo, contanto que não prejudicasse a formação familiar. Deste modo, a falta de orgasmo era coisa mais do que cotidiana: era normal, uma reação natural da ‘mulher de bem’ (p.23).

Com o fortalecimento da família nuclear, para a ‘mulher de bem’ sentir o prazer sexual só na instituição do casamento, diferentemente da prescrição higiênica que foi elaborada para o homem, no qual ele era instintivamente sexual. Essa produtividade discursiva transferia o prazer da sexualidade para o campo da moral, sendo o prazer considerado instintivo para o homem e, para a mulher, quando fora da instituição do casamento, anormal, constituindo como um marcador de diferenciação entre gêneros. Assim, a infidelidade era uma dor subjetiva que era sentida pela mulher. A mulher que vivenciava a experiência da traição conjugal significava a desonra dela e do marido, na qual, a honra muitas vezes, era lavada pela violência física sobre a mulher.

Enquanto o prazer sexual para o masculino foi historicamente concebido como instintivo e viril, para a mulher, no século XIX, foi concebido como uma anormalidade, ficando conhecida como histeria ou para alguns estudiosos da saúde mental, como ninfomania, ou seja, tendência das mulheres para o ‘abuso’ do prazer sexual. Segundo Santos e Sartori (2007, p.24)<sup>377</sup> apud Esquirol<sup>378</sup> “[...] a ninfomania implica um transtorno físico, sexual, e não imaginário, fora de realidade [...]”, indicando que o sexo em excesso para o feminino seria uma doença.

Mais de um século depois, uma das formas de representação utilizada discursivamente pelo masculino é associar a traição feminina à doença, me refiro às representações de Pedro, nas quais, existem mulheres que só sentem prazer quando traem, neste sentido seria uma compulsão sexual. Essa interpretação tanto pode estar associada ao fato das mulheres estarem usufruindo um dos códigos tipicamente da cultura masculina

<sup>376</sup> Veiga, Ana Paula. Orgasmo: querer e poder. Revista IGT na Rede, v. 4, nº 6, 2007, p.22-31. Disponível no site <http://www.igt.psc.br/ojs/> ISSN: 1807-2526, visitado em Novembro de 2010.

<sup>377</sup> Santos, Tania Coelho Dos, Sartori Ana Paula. Loucos de amor! Neuroses narcísicas, Melancolia e Erotomania Feminina- Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, v.39, p.13-33, 2007- issn 0101-4838

<sup>378</sup> “Jean Étienne Esquirol (1772-1840) ([1938] s.d.), médico da Salpêtrière e de Charenton, na França, foi o discípulo mais fiel e ortodoxo de Phillipe Pinel, seguindo sua nosografia e sua orientação nos estudos. Mas ele foi também o grande alienista daquele período, a referência maior para várias gerações de psiquiatras [...]” cf. Obra de Santos e Sartori já citada p.23.

como a virilidade, o que seria uma anormalidade do corpo, como também, essa interpretação pode significar a produtividade subjetiva da dor e do sofrimento masculino vivenciada pela traição feminina.

As mudanças discursivas e sociais, ocorridas na segunda metade do século XX, contribuíram para produzir novas representações sobre a sexualidade, na qual “[...] foi desembaraçada da mão da igreja, separada da procriação, graças aos progressos médicos e foi desculpabilizada pela psicanálise (DEL PRIORE, 2006, p.312)”

Veiga apud Kinsey (2007) afirmou que a mulher, “[...] dentro dos parâmetros fisiológicos, é capaz de ser multiorgásmica (p.24)”. Essa constatação produz novas representações na ordem social, embora na fala de Pedro, o prazer sexual feminino em ‘excesso’ ainda pode ser associada ao comportamento:

Eu tenho um [parente], alto executivo em Brasília, diretor de uma empresa grande. Casou com uma mulher belíssima. A mulher chegava aqui (em João Pessoa) e olhava pros homens. Eu dizia Joana (a esposa de Pedro): essa mulher é picareta...Joana dizia: não, é porque a mulher olha pra mulher...Joana, pelo amor de deus, essa mulher é picareta...Não que é que a figura olha pra mulher, mulher se veste pra mulher. È o que dizem, né? Mas no caso dela era diferente! A gente ia pros bares aqui na praia, chegava um casal, eu só via ela olhando. .. Resultado: eles se separaram. Ela era muito bonita, muitoooo bonita mesmo, um mulherão, uma escultura. Ela era funcionaria dele. Ele tinha quase o dobro da idade dela, pegou, casou, tiveram um filho.... que não eu num vejo nada dos dois ali ...[fazerem] um DNA, mas eu já disse a ele faça não.... No dia que ele soube do caso [traição] ligou pra mim chorando dizendo que ia se matar; eu disse, tá doido rapaz, faça isso não.<sup>379</sup>

Uma mulher, particularmente a casada, deve para Pedro, ser recatada, discreta e apresentar uma conduta que não a identifique como uma devassa. Se para a conduta masculina não foram criadas interdições nem a associação que denigra sua sexualidade e seu corpo, para a mulher, sua forma de sentar, olhar, vestir e falar, muitas vezes, pode lhe garantir estereótipos que podem ser associados à sua desonra. Uma mulher casada que se preocupa com sua aparência e quando chega aos lugares públicos passa a olhar outros homens que não o marido, sugere o discurso de Pedro, deve-se desconfiar de sua fidelidade conjugal.

O comportamento da mulher acima, interpretado pelo entrevistado, coloca em dúvida a paternidade da criança como filho de seu parente: “O pirralho não é filho dele não?”

---

<sup>379</sup> Trechos da entrevista de Pedro.

pergunta Bob<sup>380</sup>, ao que Pedro responde: “Se fosse comigo eu tinha feito DNA, mas também não adiantava mais não, já fazia quatro anos [...] até hoje ele cria como filho”<sup>381</sup>. Se o DNA é na atualidade utilizado juridicamente e socialmente, em especial pelas mulheres, para comprovar a paternidade, no argumento de Pedro, é uma forma de comprovar a infidelidade feminina.

Na narrativa abaixo de Pedro, o que reforça o argumento da tese de compulsão sexual, era de que a mulher de seu parente transava com vários homens, ‘até com o ginecologista e com os clientes do marido’, situações que em geral, quando vivenciadas por homens, podem assumir o significado de virilidade.

No dia que ele soube do caso [traição] ligou pra mim chorando dizendo que ia se matar; eu disse: tá doido rapaz, faça isso não. Quando ele veio descobrir, eles se separaram, tava pra voltar e uma amiga dela ligou pra ele e contou tudinho. Até com o ginecologista dela, ela transava. Era uma mulher doente... ele, ele executivo, diretor geral de uma empresa... tanto que ele hoje faz auditoria...e ela era vendedora dele...até com clientes, ela transava...chegava um cliente, ela se engraçava, saía e transava...quando ele soube...a amiga, a amiga dela que contou a ele. Disse, rapaz, eu tenho pena de seu caso, não volte não... agora foi uma confusão danada pra ele se livrar... deu boa vida a ela, hoje ela deve ta lascada lá, porque a pensão que ele dá é irrisória<sup>382</sup>.

Se no caso de Paulo, lhe foi produzida a identidade de corno, no caso acima, o masculino é exaltado pela questão de sua inserção no trabalho como executivo e diretor geral de uma empresa, mas principalmente, porque se separou da mulher quando tomou conhecimento da infidelidade; enquanto isso, sua ex mulher, afirma Pedro, ‘deve está lascada porque a pensão que ele dá é irrisória’. Essa é uma representação que associa o ‘lugar’ do homem nas relações de gêneros como provedor, homem bem sucedido e que, em caso de separação, a mulher estaria financeiramente prejudicada.

Como parte das mulheres tem conquistado inserção no mercado de trabalho e resignificado as relações afetivas e familiares é bem provável que este não tenha sido um problema considerado com essa dimensão. O que parece ser a questão que aflige subjetivamente Pedro é que as mulheres citadas por ele estão utilizando do prazer e da virilidade fora do casamento, sendo por ele considerado, como um comportamento que não é tipo da mulher, mas do homem.

---

<sup>380</sup> Trechos da entrevista de Bob.

<sup>381</sup> Trechos da entrevista de Pedro.

<sup>382</sup> Trechos da entrevista de Pedro.

Se para a linguagem falocêntrica o falo é um símbolo de virilidade masculina e deve ser deslumbrado, a mulher por não possuí-lo, deve ter um modelo de conduta que reprima seus prazeres sexuais, pois o contrário seria utilizar dos códigos tidos como masculinos.

A diferença sobre as posições masculina e feminina na sexualidade é histórica. A mulher, nos textos renascentistas aparecia como desejada e desejanse. A diferença concebida para os órgãos genitais, feminino e masculino, ocorria pelo primeiro possuí-lo dentro do corpo e o segundo por possuí-lo externamente. No século XVIII passou-se, a partir dos discursos do saber biológico, a construir um perfil de mulher como dessexualizada. Nos discursos médicos do século XIX sobre o corpo feminino, o clitóris foi associado à um pequeno pênis. A descoberta do clitóris entrou para as margens sendo para Rago (2002) “[...] silenciado física e discursivamente nos momentos<sup>383</sup> de maior controle sobre a mulher, sobretudo naqueles em que é associada à figura da mãe e, portanto, totalmente dessexualizada (p. 2)”.

A partir dos anos 70 do século passado, foram desconstruídas as formulações acima se divulgando cientificamente e, politicamente pelo movimento feminista, que a mulher atingia o orgasmo, sobretudo pelo clitóris, desmistificando a idéia que não havia prazer feminino ou ele acontecia exclusivamente pela penetração (MARGARETH RAGO, 2002). Para Rago (2002):

O clitóris, órgão pouco falado e conhecido entre as mulheres principalmente, fazia sua portentosa aparição, de certo modo, assustadora para os homens: os holofotes punham em cena o pequeno órgão que havia passado tão despercebido e desconsiderado por homens e mulheres por muito tempo (p.1).

A produtividade de novos saberes (médicos, sexólogos e feministas) sobre o desejo sexual feminino contribuiu para que houvesse também maior conhecimento da mulher sobre o seu corpo e que socialmente e discursivamente, o prazer sexual tanto para o homem como para mulher, fosse considerado como positivamente para a saúde.

Além disso, a história indica mudanças do comportamento feminino sobre o prazer sexual. O fato de algumas mulheres estarem rompendo com a idéia de que o desejo sexual é ‘coisa de homem’ tem contribuído também para modificar a produção de uma concepção

---

<sup>383</sup>Para a autora, um exemplo de controle “[...] são os regimes totalitários, o fascismo italiano e o nazismo alemão que promoveram a figura dócil da mulher camponesa, aconchegante e aninhada entre os filhos, abnegada e bondosa, porém, totalmente assexuada (p.2)”

natural, na qual a mulher é o objeto da sexualidade e o homem o sujeito. Ocorre, porém que a infidelidade feminina é concebida como vingança, como afirma Pedro: “O homem trai quando tem mulher. A mulher só trai quando é traída”. Essa diferenciação supõe que o masculino trai devido a sua virilidade e a mulher, assim o faz, por vingança. Nos estudos de Goldenberg (2006, p.285)<sup>384</sup> a justificativa de vingança passa pela culpabilização do homem. Como a virilidade é concebida como uma essência do masculino, o prazer feminino fora do relacionamento teria o efeito de uma dor, daí viria a vingança. É uma forma de auto-afirmação do masculino e desclassificação do feminino.

Para Assis, “O que leva uma mulher casada trair não é falta de sexo, é falta de carinho”. Embora não seja interesse desse trabalho discutir as relações de causa e efeito do fenômeno da infidelidade, observa-se nos discursos dos entrevistados uma tentativa de explicá-la a partir do desejo sexual para o masculino e, para o feminino, pela falta de carinho, o que corresponde na história narrada, a explicação da infidelidade pela falta de carinho do marido ou como uma doença. É uma explicação que intenciona negar os avanços discursivos no campo da sexualidade, na qual a virgindade e a infidelidade são valores que estão sendo revisitados.

Nesse estudo, quando a mulher rompe com esses valores e sente prazer com vários homens, é no discurso de Pedro, desclassificada, como “[...] uma mulher devassa. Só sente prazer quando trai. O homem [quando] trai é...a própria bebida... o tesão, eu acho que o homem parte por aí, o homem não se envolve”. Nesse sentido a traição feminina é considerada por ele, uma devassidão, enquanto a traição masculina é explicada pela culpa da bebida ou do desejo.

Esse parece ser um diagnóstico da dor, apresentada de forma subjetiva por a mulher está produzindo novas representações sobre seu corpo e sua sexualidade. É uma tática para demonstrar os sentimentos de forma invertida, através da linguagem, pois chorar e apresentar sentimentos de perda seriam na cultura masculinista sinal de fraqueza e vulnerabilidade, conforme indica Barbosa (1998),<sup>385</sup> nos seus estudos:

Chorar, de todas as formas de se expressar emocionalmente, é tida como um desprezível sinal de fraqueza e vulnerabilidade pois se qualifica como índice da incapacidade de se organizar interiormente. O não-chorar é ainda, em círculos mais conservadores, o selo da repressão emocional

---

<sup>384</sup> Goldenberg, Mirian. *Infidel. Notas de uma antropóloga*- Rio de Janeiro: Record, 2006.

<sup>385</sup> Barbosa, Maria José Somerlate . *Chorar, verbo transitivo*- cadernos pagu (11) 1998: pp.321-343.

representando, nos ambientes masculinamente claustrofóbicos, um sinal de virilidade e uma marca de fortaleza (p.328).

O segundo exemplo de anormalidade e doença, segundo Pedro, trata-se de outra mulher de seu amigo. É um professor amigo da família que teria lhe procurado para confirmar a traição de sua mulher.

Eu vou falar um caso de um amigo meu, não vou citar o nome é ... um professor [...] uma figura pública... e você pode gravar. Essa novela agora lembrou bem. Ele foi lá em casa uma vez, de 11 horas da noite. Deu aula no cursinho e foi pra lá e perguntou: é verdade? a gente disse: que era...e até hoje tá morando com ela, voltou pra ela...mas ele passou um ano separado... Agora, olhe bem, um ano que ela não o traiu...ele arrumou vários casos...com uma argentina de Flavio, ela foi no apto da mulher quebrou tudo...baixaram em policia; ele teve um caso com uma amiga minha. Ela falou pra mim: Pedro o que isso? A mulher chegou lá, foi lá baixou o cacete...foram pra delegacia, e isso quando tava separada dele... Então, o que me leva a crer é o seguinte: o que passou nessa novela, esse caso da mulher do meu irmão e da mulher desse professor, é que são pessoas doentes que eu acho que só se realizam se botar chifre. No caso desse professor, a mulher trabalha na [...] até Zé Almeida já faturou. E ela é nova, até Zé Almeida... já faturou.<sup>386</sup>

Se por um lado há a exposição de uma ‘tese’ de que a mulher que sai com vários homens está doente, por outro lado, há o reforço da linguagem falocêntrica quando se refere aos momentos de prazer vividos por ela: ‘até Zé Almeida já faturou’, associando a mulher à um objeto para ser usado e as práticas masculinas de ter prazer com várias mulheres como normais. Além disso, nesta ‘tese’ o diagnóstico do prazer sexual feminino como doença é argumentado pelo fato da mulher só trair quando está com o marido, o que corresponde a uma ambiguidade, pois culturalmente não há traição se não houver o outro.

Para os códigos masculinistas é considerado natural que o homem utilize de táticas na relação com sua mulher quando pretende traí-la, como por exemplo, afirmar que vai participar de uma reunião; que vai fazer um serviço extra ou vai viajar etc. Quando a autoria da astúcia é uma mulher, pela linguagem masculinista, ela é considerada como doente.

[...] eu cansei de tá tomando uma com o marido dela.... Ela tem esse negócio e coisa, ela telefonava pra ele 11 horas da noite, ela dizia: olhe

---

<sup>386</sup> Trecho da entrevista de Pedro.

[eu vou fazer] serviço extra não sei o que, não sei o quê... e eu conversei com Manoel Couto. Couto passou por cima e me contou a história toda...ela é desesperada por [...] Agora só quando está com o marido...quando ela se separa, ela não tem prazer pra nada ...aí ela é fiel a ela mesma....isso aí você devia abordar era um capítulo novo que eu tou dando a dica ...porque aí é serio....isso aí é interessante, é doença da mulher....como...o ser humano....tem um bocado atores que estão fazendo tratamento porque são compulsivos sexual.<sup>387</sup>

Se o diagnóstico masculino sobre a ‘liberdade sexual’ feminina associada à doença perdeu o significado científico e social, a dor e o sofrimento sentido pelo masculino pelo fato da mulher estar usufruindo da ‘liberdade sexual’ indica que há novas formas de lidar com a infidelidade feminina, o que, no discurso de Assis, está associado à esculhambação: “O comportamento masculino está mudando...tanto a mulher está esculhambando como o homem... estão dando mais ênfase ao sexo do que o amor.”

Se para os códigos masculinistas viver intensamente o sexo é considerado virilidade, força e poder, o fato da mulher viver situação semelhante, indica para esta ordem, estar havendo uma desordem social. São formas de sentir a dor pelas perdas, mas também de sentir saudades da condição de macho: “O cabra macho tá acabando... não tem qualidade...tem que tratar bem a mulher.<sup>388</sup>” A condição de ‘cabra macho’ que parecia inabalável, vem historicamente passando por resignificações como por exemplo, mudanças das linguagens sobre a sexualidade, como também estão sendo produzidas novas subjetividades e representações sobre a sexualidade feminina.

Se o falocentrismo, centrado na linguagem, escarna o corpo da mulher que trai, o diagnóstico da doença, pelos homens entrevistados, sobre a virilidade feminina é uma astúcia discursiva para reafirmar que a virilidade e a ‘liberdade sexual’, são prerrogativas que deveriam ser de uso exclusivo do homem e que estão sendo utilizadas pela mulher, o que promove a produtividade de uma dor para um tipo de masculinidade, considerada como de um macho. É a dor terapêutica realizada pela linguagem produzida por um ideal de uma economia fechada, mas que está sendo fragmentada pela ação do desejo feminino e por novas formas do masculino subjetivar e ser subjetivado nas experiências de traição.

A fúria sobre a mulher que trai pode ser considerada como novas formas de violências operacionalizadas pela linguagem. Com já foi dito, a violência física e a

---

<sup>387</sup> Idem.

<sup>388</sup> Trecho da entrevista de Assis.

psicológica do homem sobre a mulher, se denunciada será punida juridicamente, a saída, neste exemplo de pesquisa, foi um outro tipo de violência mais sutil, a linguagem sobre o corpo feminino.

Neste capítulo foram discutidas as narrativas sobre homens traídos e sobre as mulheres que traem. Nelas foi possível ter visibilidade das representações tanto de uma masculinidade hegemônica, como de uma masculinidade emergente, o que não significa dizer que o masculino, considerado como emergente, tenha rompido totalmente os valores considerados tradicionais, ou seja, as práticas masculinas estão sendo vivenciadas diferentes e por homens divisíveis. O que é visível, nestes discursos, é que, os narradores apresentam um ideal de masculinidade, o qual parece está sendo revisitado pelo masculino narrado.

As mudanças ocorridas na segunda metade do século XX, e já referidas no capítulo anterior sugerem que as mesmas produziram efeitos para que a mulher sentisse como sujeito da sexualidade e pudesse gestar o seu próprio corpo e novas formas de vida. Se antes dessas mudanças, a honra masculina deveria ser carregada pelo corpo da mulher, significava que ela deveria ser disciplinada para não sentir os desejos sexuais fora do casamento. Com a possibilidade de a mulher não reprimir seus desejos e os valores da honra estar fragmentados, cria-se uma angústia e uma dor na masculinidade pela possibilidade de a infidelidade feminina ficar tão banalizada quanto a masculina.

## Conclusões... (provisórias, acidentais)

A forma de o masculino lidar com a infidelidade feminina tem relação com a honra masculina no casamento, o que, nesta tese, é analisado pelo funcionamento de várias experiências, sobre as quais, foram produzidas as seguintes interrogações: Como foi produzida a pedagogia do corpo feminino para ser o guardião da honra masculina e como os homens na contemporaneidade têm elaborado táticas para suportar a traição feminina, analisando as diversas práticas que têm contribuído para afirmar sua masculinidade? Estas questões me permitiram afirmar que o masculino exerce sua masculinidade de forma distinta, por diferentes formas de subjetivação e de relações de poder. Iniciei esta reflexão pela primeira parte da interrogação sobre o material da pesquisa.

A regularidade dos valores da honra ocorre no funcionamento da prática pedagógica sobre o corpo feminino, pelo o processo de subjetivação, no qual, deveria ser o ‘lugar’ do controle social, o que, corresponderia a idealização das identidades da mulher, como honrada, fiel, zelosa, cuidadora, aconselhada, recatada, discreta, entre tantos outros. Essa produtividade identitária para a mulher funcionou através da prática de vários textos culturais, como os gestos, os conselhos, o comportamento, a musicalidade, a cultura escolar e doméstica, as práticas afetivas e tantas outras, sendo exercitada pelo o funcionamento de várias formas de poder.

Estes textos, ao serem consumidos, deveriam produzir subjetividades para garantir a ‘obrigatoriedade’ moral de a mulher zelar a honra, o que sugere que a subjetivação, atravessa a produtividade das posições de sujeição do feminino na relação com o masculino e efetiva a constituição da individualização, como uma técnica de poder sobre o outro: Segundo Foucault apud Carvalho (2007; p. 153),<sup>389</sup> trata-se de uma:

---

<sup>389</sup>Carvalho, Alexandre Filordi de. História e subjetividade no pensamento de Michel Foucault. Tese de doutorado- Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível no site < [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/.../tde-20122007-13343](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/.../tde-20122007-13343)> visitado em Julho de 2011.

[...] forma de poder que exerce sobre a vida cotidiana imediata que classifica os indivíduos em categorias, os designa por sua individualidade própria, os ata à sua identidade, lhes impõem uma lei de verdade que ele deve reconhecer em si e que os outros devem reconhecer nele [...].

Funcionando assim, uma forma de governabilidade do outro sobre o eu. Nas minhas experiências, esse governo foi exercido por minha mãe, dona Toinha e de certa forma, compartilhado por mim e vigiado pelo controle social. Esse processo de sujeição, para garantir a subjetivação dos valores da honra masculina foi operacionalizado pela diferenciação pedagógica para o masculino e o feminino e pelas subjetividades da sexualidade, associadas à preservação da virgindade e a fidelidade feminina no casamento.

Pela preservação da virgindade, eu estaria honrando meu pai e toda a família, e pela fidelidade conjugal, estaria honrando o meu marido, contribuindo para que eu me reconhecesse e fosse reconhecida como responsável pela honra, tanto da família paterna como da futura família que eu deveria construir. Nesta atribuição de responsabilidade deveria haver não só a disciplinarização do corpo pelas técnicas pedagógicas, mas também o controle social, através da norma, funcionamento pela relação do saber-poder.

Ao contrário, o masculino que mantivesse a virgindade, colocava a sua masculinidade sob suspeita, e quando casado, se fosse infiel, o controle social sobre ele, era operacionalizado de forma distinta daquele produzido para o feminino. O masculino, pelo processo de pedagogização foi subjetivado para ser viril, qualificação pela qual, deveria garantir as práticas de sua sexualidade, pela desvirginização precoce e pelo exercício de uma prática sexual ativa, argumentado pelo fato de que o homem era um ser instintivamente sexual, o que, contribuiu para que o masculino se reconhecesse e fosse reconhecido como sujeito da sexualidade. O masculino reconhecido, como centro da sexualidade, da família, da organização do trabalho, das relações de gêneros, da linguagem, contribuíram para que o poder e as práticas de dominação fossem por ele exercidos, o que, lhe conferia ser respeitado e honrado. É uma concepção do funcionamento do poder como natural, unitário e centrado no masculino.

Assim, a pedagogização do corpo feminino, funcionava como uma ação de disciplinarização para que a mulher subjetivasse a sua condição de inferioridade na relação com o masculino, utilizando de técnicas de controle sobre ela para que o homem fosse honrado, em troca, ela tinha a garantia social de ser reconhecida como mulher 'direita', o que, deveria lhe dar satisfação social, de se reconhecer diferente da mulher desonrada e contribuir para moralidade do social.

A pedagogia do corpo foi produzida, pelo efeito de um conjunto de dispositivos discursivos que atravessou a cultura da época, como os discursos dos médicos higienistas e os dos juristas, veiculados no cotidiano pelas fotonovelas e por alguns signos da modernidade, como o rádio e sua programação radiofônica; a musicalidade, a escola, com suas técnicas de pedagogia do corpo; as sociabilidades pelas festas; pelos rituais de namoro e do casamento, enfim, por múltiplas formas de procedimentos.

Esse conjunto de procedimentos postulava como afirma Certeau (2004, p. 99), “[...] um lugar suscetível de ser circunscrito como próprio e ser a base de onde pode gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças [...]”. Postular esses procedimentos, a partir desta leitura de Certeau e utilizada neste estudo, é praticar a mulher honrada pela valorização da honra masculina, através de técnicas pedagógicas de intervenção e de disciplinarização. Como exemplo, cito as brincadeiras de crianças, o comportamento, a linguagem, os cuidados com a saúde do corpo, as formas de relacionar com masculino, como o namoro e o casamento, além dos enunciados discursivos cotidianos, que deveriam funcionar para normatizar as relações entre os gêneros. Essas técnicas de sujeição funcionavam por várias formas de poder moleculares, (FOUCAULT, 1979) nas quais deveria haver a produção do saber-ser, na qual, a pedagogização do corpo deveria ser a técnica eficaz sobre outro, para viabilizar os dispositivos discursivos.

A arte pedagógica, através do lazer, funcionava pela repetição das cantigas de rodas; pelas brincadeiras para aprender a cozinhar e a cuidar das bonecas. Essas atividades lúdicas estavam ligadas a dedicação e o amor ao lar e deveriam disciplinar o corpo para feminilidade e para o feminino relacionar-se com o masculino. Era um exercício cotidiano que deveria ser praticado pelo feminino para produzir o seu ‘lugar,’ na matriz heterossexual como boa mãe e boa esposa, funcionando como uma pedagogia da maternidade, o que, me qualificava como um dos requisitos para honrar o futuro marido.

Outra técnica pedagógica ocorria pelo comportamento feminino. Saber sentar, de preferência de pernas cruzadas ou bem juntas; saber usar as roupas para não expor as pernas, os seios e a silhueta do corpo. Saber ouvir e praticar os conselhos. Com a pedagogização eu deveria me reconhecer e ser reconhecida socialmente, como uma mulher regrada, normatizada, na qual, me diferenciava das mulheres consideradas ‘devassas’, como as prostitutas e as ‘loucas’, que eram aquelas que teriam sido pedagogizadas por outros tipos de técnicas para não contaminar o social. Estar normatizada era criar uma técnica de disciplinarização sobre si, e controladora pelo o outro. Essa normatização, pelo

comportamento, era uma garantia fundamental para abrigar os valores da honra masculina. Era pelo comportamento que a mulher deveria ou não ser escolhida para formar uma família, instituição que defendia a honra familiar.

Enquanto isso, o masculino deveria ter comportamentos diferentes daqueles prescritos para as mulheres, como por exemplo, sentar de pernas abertas; possuir físico forte; vivenciar sua sexualidade de forma liberta; ter prazer com mulheres consideradas desonradas; vigiar e controlar as irmãs no espaço público, entre outros. O masculino era representado como imunizado da normatização moral. Viver em prostíbulos e ter experiências com prostitutas significava que o homem, além de estar exercendo sua masculinidade, como viril, não contribuía para sua desonra, pois elas eram mulheres consideradas desonradas, e assim o homem exercia sua masculinidade, como sujeito da sexualidade e de poder.

Os cuidados com o corpo tanto estavam associados ao comportamento como a reprodução. O corpo feminino, quando experimentado pela menarca deveria ser pedagogizado por conselhos, instruções sobre saúde, mas também por cuidados. Um corpo que estava se preparando para reprodução, segundo as prescrições médicas, estava desabrochando para a paixão, o que podia desencadear comportamentos que rompiam com a pedagogização sobre a mulher preparada para o casamento; além disso, casar jovem era uma prescrição da medicalização social que deveria contribuir para uma família saudável. A reprodução deveria ser tanto um compromisso, como um destino da mulher. “Fazer filhos até secar a fonte” musicalizada na composição de Chico Buarque, era um compromisso que deveria ser assumido pela mulher para viver e manter a prole em uma relação duradoura. A paixão era um sentimento considerado provisório, instantâneo e não correspondiam às exigências de segurança em um casamento. Casar com mulher vulnerável às paixões era correr risco no funcionamento do zelo da honra.

Outras formas para fazer funcionar a pedagogia do corpo feminino vinham de fora da família, mas para a família, um primeiro exemplo, foram os efeitos sonoros do rádio. As novelas radiofônicas tinham na sua programação os exemplos dos efeitos da perda da virgindade, situação na qual, não só trazia problemas familiares, como produzia preconceitos sobre a mulher. Os exemplos funcionavam como uma repetição no processo de subjetivação e fortaleciam a pedagogia do corpo feminino para ser virgem, puro, casto e assim poder zelar a honra masculina. A perda da virgindade significava desonra familiar o que foi produzido pelo discurso jurídico no início do século XX e só saiu do código Penal

em 2005. Pela a norma, a perda da virgindade significava atribuição identitária como mulher falada, fogaosa ou disponível, sendo rejeitada socialmente para honrar o homem e considerada um anormal no social.

Um segundo exemplo foi a circulação dos enunciados. Eles são unidades discursivas e produzidas por sujeitos para interferir na vida social. Eles deveriam regular moralmente os ‘lugares’ atribuídos aos gêneros, como por exemplo, ‘o homem pode tudo’, na ‘mulher tudo pega;’ ‘a mulher fica falada, cai na boca do povo’; ‘mulher conheceu homem não fica sem ele’; ‘ruim com ele, pior sem ele’; ‘você não pode fazer isso ou aquilo... seu irmão faz porque é homem’ e ‘prendam suas cabritinhas porque meus bodes estão soltos’. Estes enunciados eram endereçados ao masculino e ao feminino por dona Toinha, mas também nas práticas de sociabilidade vivenciadas na rua, funcionando como uma produtividade da diferença entre gêneros no processo de subjetivação, fortalecendo a política identitária pela diferença e a alteridade e o fortalecimento do homem como sujeito da sexualidade e como centro do poder.

O valor da honra masculina no casamento higiênico passava pelo valor da fidelidade da mulher ao homem. Era um ‘ritual’, pelo o qual, praticava-se o pacto da fidelidade para organização da instituição familiar. A pedagogização, durante o período em que eu estive sob a proteção dos pais, deveria ser a garantia para eu praticasse a identidade de mulher honrada. As relações de gêneros, vivenciadas no casamento, deveriam funcionar pela submissão feminina, exercidas por relações de poder do masculino, as quais funcionavam por códigos de uma masculinidade, baseada na virilidade, na coragem, proteção e dominação. Era pelas práticas pedagógicas que a mulher devia não só respeitar este tipo de masculinidade, como educar os filhos homens para reproduzi-la.

Ocorre, porém que as subjetividades não funcionam como uma grade ou uma prisão sobre os sujeitos. Eles tanto são afetados como afetam outros processos de subjetivação. Os consumidores, segundo Certeau (2004, p. 97), “Traçam trajetórias indeterminadas, aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com os espaços construídos, escritos e pré-fabricados onde se movimentam.” O que significa dizer que as técnicas de controle e o auto-controle que deveriam funcionar sem rasuras, foram burlados por mim, e muitas delas, foram resignificadas, como também como repelidas, como uma astúcia que funciona no cotidiano.

O casamento funcionava, através de promessas, tanto pelo masculino como pelo feminino pelas relações de poder. As promessas do masculino estavam associadas pelo

amor a si, enquanto as do feminino estavam associadas pelo o amor ao outro. O feminino deveria prometer ser mãe e cuidar dos filhos; ser boa esposa e fiel; ser dona de casa e produzir o trabalho doméstico; zelar pela família e ser honrada para que o marido fosse respeitado. O masculino deveria prometer não mais trair sua mulher; deixar a vida de boêmio; deixar a mulher trabalhar e estudar; proteger a família, enfim, eram promessas, produzidas por relações de poder, nas quais, indicavam que a mulher, deveria exercer sua feminilidade como passiva e submissa, e o masculino, como ativo e dominador. Contudo, eram promessas, (re) praticadas no cotidiano.

A valorização e a preservação da honra masculina no casamento, também passavam pela representação de que o feminino deveria exercer o trabalho doméstico, como se fosse seu destino, fortalecendo as diferenças entre gêneros e produzindo o lugar da casa, como o espaço da intimidade, da privacidade e da proteção masculina sobre a família. Era no espaço privado, que os valores da honra deveriam estar em segurança, portanto era pelo o trabalho doméstico que a mulher se protegia dos riscos e da sedução praticados no espaço público.

O espaço público era praticado por muitas vozes, por modelos de conduta diferenciados, por mulheres subjetivadas pelo controle social, por homens e mulheres libertinos, pela circulação de novos valores, enfim, o espaço público era um lugar de risco para uma mulher honesta. Não era sem razão, que por mais de 12 anos eu fui impedida de estudar e trabalhar. Talvez o único trabalho, para ser exercido pelo feminino no espaço público e que era considerado de menor risco para mulher, era ser professora primária. Primeiro, porque no processo de pedagogização, a professora de crianças deveria exercer a função de mãe, e segundo porque a profissão de professora havia sido fabricada como uma atribuição feminina, pelo 'dom' que ela possuía para cuidar.

Durante o processo de pedagogização há o funcionamento das burlas. Um exemplo de burla foram as intimidades nos namoros, como os beijos trocados às escondidas; os banhos no açude, espaços considerados de homens; a participação em sociabilidades de lazer sem companhia de membros da família; as fugas para casar etc. As burlas significavam a transgressão e a fragmentação das práticas de pedagogização, como uma experiência de indisciplina, praticadas pela ocasião do cotidiano aos valores rígidos para zelar a honra.

Um outro exemplo de burla que desorganizou a pedagogização do corpo e rompeu com o controle social foi a minha infidelidade ao marido. Este tipo de prática feminina,

considerada indisciplinar pelo controle social, poderia não só descentralizar o poder masculino, como contribuir para desmoralizá-lo, fragmentar os valores da honra masculina e, produzir no social, exemplos de comportamentos que denegriam a moral social.

Entretanto, a operacionalização do controle sobre os sujeitos subjetivados ocorria pela normatização social, a qual era protegida juridicamente pela lei. Uma ação de indisciplina como esta, se fosse denunciada, a lei funcionaria como uma reparação do mal que havia sido provocado no social, e servia como exemplo, para que os sujeitos disciplinados mantivessem o funcionamento da normatividade social.

Nesse sentido, como o masculino, responsável pelo funcionamento da família, era a ‘vitima’ desta indisciplina, o social e o jurídico deveriam ser acionados para defesa de sua honra. Um homem, traído pela mulher e com um corpo inscrito por subjetividades, como viril, corajoso, boêmio, libertino, decidido, autônomo, exercendo sua masculinidade pelo desejo da hegemonia no social, tinha todos os atributos necessários para defender os códigos de honra que valorizavam sua masculinidade.

O código de honra masculina é um componente da economia masculinista, que contribui para funcionar a prática masculina que deseja ser preponderante no social. Assim, um homem ao entrar no casamento, exercendo a prática da masculinidade considerada como tendo uma certa hegemonia, não só quer ser honrado por sua mulher e filhas, como defende ‘com unhas e dentes’ os valores desta economia. Contudo, como afirma Peristiany (1965), “A entrada de um homem no casamento traz, consigo um número de riscos dos quais o mais importante é o risco da diminuição de reputação, devido ao comportamento irregular da mulher ou, menos grave, das filhas (p.xvii)”, o que, pode ou não modificar as práticas da masculinidade.

A partir daqui, farei a reflexão da segunda parte da interrogação sobre o material da pesquisa, analisando as experiências separadamente e desenhando as formas distintas destes homens exercerem suas masculinidades ao lidar com a traição feminina.

Na primeira experiência, o homem traído faz uma operação tática, aplicando golpe por golpe para ‘defender a honra’. A tática, afirma Certeau (1994, p.100) “[...] opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e dela depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas”. O homem traído utiliza dos dispositivos jurídicos que tratavam sobre a honra da família e do processo de normatização social. A organização do discurso jurídico, na sociedade contemporânea, até o início do século XXI, foi ordenado em torno da norma, no qual, julgava o indivíduo pelo seu modelo

de conduta, como forma de controle social. Foucault (1999) em seus estudos sobre a disciplinarização social, afirma que, “Toda penalidade do século XIX passa a ser um controle não tanto se o que fizeram os indivíduos está de acordo com a lei, mas ao nível do que podem fazer, do que são capazes de fazer, do que estão sujeitos a fazer, do que estão na iminência de fazer (p.85)”.

Essa forma de controle social encontra-se presente na produtividade discursiva do processo crime analisado nesta tese, no qual, a infidelidade é julgada na dimensão do presente e do futuro. Para o presente, a lei foi utilizada para que pudesse haver a reparação da perturbação social. Para o futuro, a lei deveria funcionar como exemplo, para que a normatização sobre a fidelidade conjugal não fosse perturbada e que normalidade social funcionasse. Como a infidelidade feminina era considerada, um exemplo de conduta social, fora da normalidade, é pela lei e pela normatização social que a honra masculina deveria ser ‘lavada’, ou seja, (re) praticada pelo exercício da masculinidade. É um tipo de masculinidade, baseada em valores distintos para o homem e a mulher, e exercida pelo funcionamento do poder, não só sobre as mulheres mas sobre os homens que exercem masculinidades diferenciadas.

As provas da minha infidelidade deveriam constar as experiências relacionadas ao meu comportamento, e é neste sentido que o masculino para defender a honra, anexou ao processo judicial como o *primeiro lance* tático, uma carta de uma amiga minha, na qual foi interpretada, pelos os defensores públicos, como *indício* de adultério. A escritura da carta não se referia à traição feminina, mas à separação conjugal e fazia uma crítica geral às relações de gêneros e a necessidade das mulheres se libertarem da subjugação masculina. O teor deste documento não conferia uma prova da traição feminina, pois não se referia ao meu comportamento, base do julgamento pelo judiciário. Este tipo de prática masculina, pode ser considerada, como uma forma do masculino suportar a dor da traição, através da defesa de uma moral social, na qual tinha como aliado o controle social.

O *segundo lance* tático foi me seguir nas ruas e em uma dessas ocasiões, nas festas de São João, ele tira uma fotografia minha acompanhada do homem pelo qual eu estava apaixonada. Se o filme não tivesse sido queimado, a fotografia seria, sem dúvida, para o poder judiciário, uma prova contundente do adultério, mesmo assim, foi utilizada discursivamente pelos defensores públicos como outro indício de prova.

O *terceiro lance* foi utilizado na reunião do Diretório Municipal do PT da cidade de Campina Grande, com o objetivo de acionar a solidariedade e o apoio da militância,

apresentando um documento denúncia sobre a minha conduta desonrosa. A reação da militância foi de silêncio. Se essa ação do homem traído não deveria contribuir para anexar ao processo, a intenção era a reprovação da normatização social, a qual deveria funcionar o controle sobre o meu comportamento.

O quarto *lance* do homem traído foi através da violência doméstica. O fato de eu receber, na porta da minha casa um colega de mestrado, acompanhado de sua namorada para me entregar um texto, fui juntamente com uma de minhas filhas, vítimas da violência física. Desta feita, foi a princípio, um *lance* contra ele mesmo, pois pude colocar no processo judicial a certidão do processo criminal que estava tramitando paralelamente contra ele; o que não foi considerado pelo Juiz no julgamento do separação, pois esta ação, seria uma “[...] conduta comum das cenas domésticas, mormente quando fluem na cabeça do homem latino o pensamento da traição conjugal”.

No processo de separação, o comportamento violento do masculino, ao invés de servir como reparação para o controle social, serviu para justificar a defesa da honra masculina. Ele só serviu como reparação na instância na qual estava tramitando o processo-crime, o que significa dizer que o que estava em jogo no processo de separação era o meu comportamento e não o do homem traído. Além do mais, se aquela não era a instância para através da lei, reparar o ‘mal’ do comportamento masculino, a prática da violência doméstica, não deveria ser considerada, primeiro porque a violência não teria sido a causa inicial da separação, e segundo, esta prática era considerada ‘comum’ da condição de um masculino traído. Nesta situação envolve não só a prática da masculinidade do homem traído como a do defensor público. Ambos estavam defendendo a honra masculina, utilizando-se não só do aparato jurídico, como da norma.

O quinto *lance* foi a organização discursiva produzida pelas testemunhas. Elas deveriam descrever meu comportamento social para provar se teria havido o adultério. Era pelo meu comportamento que a lei e a normatividade social deveriam se cruzar. Um mal comportamento de uma mulher confirmava sua desonra e o mal que havia provocado na honra masculina e a reparação era a forma de funcionar o poder pelo sistema jurídico para moralizar o social.

Comportamentos do tipo: dormir fora de casa; ‘pegar uma carona e ficar à sós em um ambiente de trabalho com o possível adúltero; estar em um festa com o marido e ‘não lhe dar atenção’ e ter provocado ciúmes em outra mulher, eram evidências de que meu ‘mal’ comportamento teria contrariado a base do saber-poder da sociedade e da moralização

social. A pedagogia do corpo viabilizada pelas estratégias da medicalização social e pelos discursos jurídicos havia sido transgredida. A saída era a penalidade, através das verdades produzidas por um discurso jurídico representante do Estado. Estava assim defendida a honra masculina e o homem poderia exercer sua masculinidade, com rasuras, mas vingado pela moral.

Deste modo, o homem traído voltava a exercer sua masculinidade pela produtividade da relação saber-poder, na qual contribuía para práticas de dominação nas relações de gêneros, como sujeito da sexualidade, provedor, viril, corajoso e honrado, qualificações identitárias que lhe conferiam um lugar na masculinidade ‘hegemônica’.

Enquanto isso, pelos discursos que dão significados ao processo de separação, embora o nome do ‘adúltero, seja citado várias vezes, não é a ele que se dirige o controle social e nem é ele considerado o responsável pela destruição da família, o que indica, que os discursos dos defensores públicos, não estão separados daqueles que devem fazer funcionar a normatização social e nem da produção da diferença entre gêneros.

Por outro lado, as práticas da masculinidade exercidas pelo o ‘adúltero’ se diferenciavam daquelas vivenciadas pelo homem traído. Não estou levando em consideração os valores que circulam socialmente, como aqueles que defendem que a posição do ‘adúltero’ é confortável, mas como testemunho, de vida conjugal vivida durante treze anos. Nas práticas cotidianas vividas comigo, ele era um homem que publicizava a sensibilidade, a ética no trabalho, o incentivo à mulher para conquistar novos espaços e o compromisso com a mudança, não só do ponto de vista da política social, como das transformações nas políticas de gêneros, o que refletiam no social, enfim, era um homem que exercia sua masculinidade como emergente e lutando para ser reconhecido por fora das práticas de uma masculinidade, na qual funcionava a dominação dos homens sobre as mulheres. É bem verdade, que nessa tentativa de ser diferente, muitas vezes ele praticava a masculinidade pela limitação e pela dificuldade de ser operacionalizada em uma sociedade movida por muitas cobranças para se sentir homem. São formas distintas de exercer a masculinidade.

Para o homem traído, possivelmente, a questão não era perder a mulher amada, mas ter que suportar a dor subjetiva, pela perda de sua honra, e ser reconhecido socialmente como um homem derrotado no exercício de sua masculinidade.

Na segunda experiência, Carlos, o homem traído, tanto foi subjetivado por códigos de um tipo de masculinidade ‘hegemônica’ vivenciada na Paraíba até os anos 70, como por

códigos diferenciados deste tipo de economia quando habitou alguns anos na cidade de São Paulo. As práticas de subjetivação foram diferentes daquelas vivenciadas pelo homem da primeira experiência, nas quais disciplinou o homem traído para cumprir e defender os códigos de honra e o controle social. Carlos tanto foi disciplinado para vivenciar a masculinidade que desejou ser hegemônica, como vivenciou experiências de uma masculinidade diferenciada. Ele vivenciou treze relacionamentos, dos quais, foi traído em onze.

Quando ele foi traído por uma de suas mulheres em São Paulo, não acionou a justiça e resistiu usar da violência contra a mulher para defender os valores da honra masculina. Ele fez o percurso contrário, tentou praticar a defesa da honra masculina, atingindo o outro, o adúltero, o que, não garantia nem a limpeza, nem a defesa da honra, pois quem deveria preservar a honra masculina, pelo processo de normatização social, era a mulher e não homem, embora, pela lei, o adúltero se denunciado, também seria penalizado para funcionar o controle social. Ele foi afetado por outros códigos sociais, como as transformações que estavam acontecendo no final do século XX, e vivenciou experiências com mulheres que viviam outros códigos sociais, contribuindo para que Carlos fosse transformado por outras subjetividades.

A reação de Carlos à traição feminina foi expressar os sentimentos, como o choro e a vontade de morrer. São práticas diferenciadas para exercer a masculinidade como um masculino inacabado, fragmentado e provisório, resultante dos diferentes arranjos, pelos os quais, ele foi subjetivado e por uma outra forma de controle social, a auto-disciplina.

Essa outra forma de exercer a masculinidade foi produzida na experiência, como homem traído e participando em uma associação de corno em São Paulo, o que, contribuiu para que, ele de volta à Paraíba, criasse uma associação de cornos e exercesse sua masculinidade como agente de novas formas de subjetividades, o que quer não dizer, que tenha rompido totalmente com os códigos da masculinidade que havia marcado sua formação.

A associação de cornos funciona por uma ação, uma esperteza, via um caminho, supostamente descontraído, para chegar ao outro: o riso. É pela brincadeira e pela traquinagem, que Carlos faz a terapia da dor da traição e por essa arte lúdica produz outras subjetividades. Pelo o riso, ele critica sua própria dor.

Esta associação, diferente daquelas que foram construídas para defender a classes sociais, foi construída para defender a manutenção da masculinidade por outros códigos,

que estavam rasurados pela traição feminina. Os masculinos, que participam da Cornolândia, não são acionados por ‘palavras de ordem’, como as antigas associações de classes, mas quando os sentimentos são aflorados em sua pele. São homens divididos, que tanto transitam praticando códigos de uma masculinidade exercida por um homem tipicamente ‘macho’, como exercem códigos de uma masculinidade emergente, em trânsito.

Os homens da Cornolândia choram e afirmam que não choram; sentem a dor no peito pela perda da mulher amada e fala das saudades que sentem delas; contam histórias de homens traídos como se não fossem as suas; rir do homem que permanece na relação depois de traído e sugerem que eles procurem a ‘psicóloga’ da associação; diferencia o homem traído do corno e produz enunciados para funcionar uma política identitária de desclassificação deste último. São diferentes práticas de exercer a masculinidade pela invenção, a criação e o lúdico.

Através da terapia da dor, o masculino abalado pela traição feminina recebe conselhos para praticar outras masculinidades através da ação da ‘psicóloga’, quebrando com os códigos que afirmavam ‘ser homem’ aquele que não se reconhecia como fraco e muito menos propenso a confidenciar suas fraquezas. A função da ‘psicóloga’ na Cornolândia não é a de conhecer o ato fundador, aquele que causou mal-estar no masculino, mas de gerar outros processos de subjetivação para construir outras formas do masculino lidar com o feminino e gestar novas formas de vida afetiva.

Essas práticas da masculinidade são efeitos de um conjunto de transformações ocorridas nas últimas décadas do século passado que passaram a produzir outras subjetividades e outras formas de controle social. Na Associação de Cornos há a vivência de homens que tanto permitem ser afetados por outras formas de viver a família, as relações afetivas, as relações de gêneros e própria masculinidade, como afetam as antigas práticas relacionadas à estas formas de viver; mas também, há aqueles que estão divididos entre uma e outra, exercendo diferenciadas práticas da masculinidades.

Na terceira e última experiência trata-se de uma história, que passa a existir pela narrativa de um grupo de homens sobre um amigo traído. Diferente de Carlos que cria a Associação de Cornos para agenciar outros códigos masculinos, eles usam uma linguagem baseada no falocentrismo para defender uma moral masculina, a qual é baseada no comportamento feminino. O fato de o amigo ter sido traído e depois voltar para a esposa, ele é, por este tipo de linguagem, desmoralizado e sua mulher tem o seu corpo escarnado.

Este grupo de homens usa a linguagem que tem o falo como força e poder para produzir não só a dor pela infidelidade, mas principalmente para apresentar abertamente como eles exercem sua masculinidade. Pela produção de uma linguagem sem ética e baseada na força da virilidade masculina, escarna o corpo feminino associando ao funcionamento de uma máquina, como um carro, que só funciona através do pistão, o qual é associado ao falo.

Quando se referem as experiências de mulheres que têm traído com muita frequência, estes homens afirmam serem elas doentes e precisam de tratamento. É uma forma de colocar suas angústias, frente a outras práticas da sexualidade vivenciadas de forma aberta pela mulher na contemporaneidade, experiências até então, aceitas socialmente como sendo de homens.

Além disso, defendem uma moral masculina, na qual, o homem que permanece na relação depois de traído é desmoralizado. Estes homens produzem em suas narrativas, uma posição conservadora sobre os valores da virgindade e da honra, e ainda consideram que o homem narrado por eles e traído pela mulher, não tem ‘peito’ para aguentar a desmoralização exigida pelo social. São homens que usam esse tipo de linguagem para fazer produzir no social a manutenção de códigos de uma masculinidade ‘hegemônica’, através da força da virilidade masculina.

As formas como o masculino exercem suas masculinidades, nas experiências da traição feminina, produz uma política identitária de forma relacional, no qual, o outro, o feminino é violentado pela força física, psicológica e pela linguagem. São formas distintas de usar a violência, para afirmar que o Outro, o feminino é diferente dele, mas não só, não deve usar as prerrogativas produzidas para o masculino. É uma política identitária ‘assassina’ que pode produzir efeito no social. Mas também posso afirmar que tem mulheres e homens que não se preocupam com o funcionamento desta política identitária e podem praticar a pergunta Hall (2000): “quem precisa de identidade?”

Chego ao ‘fim’ deste trabalho apontando para o fato de que os homens ao lidarem com a infidelidade feminina produzem múltiplas formas de suportar a dor, exercendo distintas masculinidades, baseadas na virilidade e na defesa da manutenção de uma forma de estar HOMEM, produzida historicamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Introdução

ALBERTI Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, p. 66-81.

ALBUQUERQUE JR. Durval. Muniz de. Nordeste **Uma invenção do Falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste -1920-1940)** Maceió, Edições Catavento, 2003.

ALMEIDA, Miguel do Vale. - Gênero, masculinidade e poder. Revendo um caso no sul de Portugal- **Anuário Antropológico**, 95: 161-190u (Brasil), 95: 161-190, 1996.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito.**/ Inês Lacerda Araújo. – Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.

BARBOSA, Maria José Somerlate. **Chorar, verbo transitivo.** In. Cadernos Pagu (11) 1998.

BONI, Valdete e Quaresma, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais-** Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), Janeiro-Julho/2005, p. 68-80.

BUTLER, Judith. Problemas de gêneros. **Feminismo e Subversão da identidade**, Tradução Renato Aguiar.-Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAULFIELD, Sueann. Em defesa da honra: **moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**/ Sueann. Caulfield.- Campinas, SP: editora da Unicamp/Centro de pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1- Artes de fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CONTINENTINO, Ana Maria Amado. **A alteridade no pensamento de Jacques Derrida:** escritura, meio-luto, aporia / Ana Maria Amado Continentino; orientador: Paulo César Duque Estrada. – 2006.216 f.; 30 cm Tese (Doutorado em Filosofia)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma familiar.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

CIPRIANO, Maria do Socorro. **A adúltera no território da infidelidade: Paraíba nas décadas de 20 e 30 do século XX/** Campinas , SP: [s.n], 2001.

DOUGLAS. Mary. Pureza e perigo. **Ensaio sobre a noção de poluição e tabu -** Mary Douglas- Edições 70, Brasil, Ltda. Rio de Janeiro. S/D.

DOMÈNECH, Miguel, Tirado, Francisco, Gómez, Lucia. A dobra, psicologia e subjetivação. In **Nunca fomos Humanos. Nos rastros dos sujeitos**. Organização e tradução. Tomaz Tadeu da Silva...Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

DUSCHATZKY, Silvia e Carlos Skiliar. O nome dos outros. Narrando alteridade na cultura e na educação. In **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença** /organizado por Jorge Larrosa e Carlos Skiliar; tradução Semíares Gorini da Veiga. - Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michel- **A arqueologia do saber**/Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves,-7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Organização e Tradução - Roberto Machado .- Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. Michel. Vigiar e Punir. **História da violência nas prisões**. Tradução de Ligia M. Pondé Vassallo. Petrópolis, Vozes, 1ª Ed. 1987.

\_\_\_\_\_. Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. Michel. **Ética, Sexualidade e Política**. Organização e seleção de textos- Manoel Barros da Mota; Tradução: Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa.- Ed.- Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2006.

FONSECA, Carlos. **La desconstrucion da masculinidade**. In. Revista Internacional de Estudios sobre masculinidades. Volume 1, número 1, Enero-Marzo 2006. Disponível no site <http://www.estudiosmasculinidades.buap.mx/paginas/frames.htm>

FIALHO, Fabrício Mendes. **Uma Crítica ao Conceito de Masculinidade Hegemônica** tese de doutorado apresentada no Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2006. Disponível no site [http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006\\_9.pdf](http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006_9.pdf) visitado em Junho de 2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: a arte de ensinar o que se lê. In **Caminhos Investigativos III Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Marisa Vorraber Costa e Maria Isabel Edelweis Bujes (orgs). – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

FREIRE, Jurandir Costa. **Ordem Médica e Norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LAGO, Mara Coelho de Souza. **A Psicanálise nas Ondas dos Feminismos**- Disponível na página [MC de Souza Lago - miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br](http://mc.de.souza.lago-miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br) visitado em 10 de Dezembro de 2010.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**./Jorge Larrosa; traduzido por Cyntia Farina.- Belo Horizonte: Autentica, 2004, p.153.

LOPES, Charles Roberto Ross. **Representações das masculinidades no medievo. Vestígios do passado. A história e suas fontes**. IX Encontro Estadual de História- Associação Nacional de História Secção - Rio Grande do Sul. Texto proferido em conferência no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Março de 2006.

LOURO, Guacira Lopes. (org) O corpo educado. **Pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos. Tomaz Tadeu da Silva- 2ª Ed.-Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Genealogia da moral: **uma polemica**/Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza.-São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**- Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PEDRAZA, Rafael López. **As emoções no processo psicoterapêutico**. Tradução de Roberto Cirani – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PEDRO. Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**/ Joana Maria Pedro.—Florianópolis: Ed da UFSC, 1994.

PITT-RIVERS. Honra e posição social In **Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas**. PERISTIANY, J. G. (org). Tradução e prefácio de José Cutileiro. Fundação Caulouste Gulbenkian Lisboa, 2ª ed. 1965.

ROSE Nicolas. Inventando nossos eus. In **Nunca fomos Humanos**. Nos rastros dos sujeitos. Organização e tradução/ Tomaz Tadeu da Silva---Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

SARGENTINI, Vanice; Navarro Barbosa, Pedro. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.

VIVEIROS DE CASTRO, José Francisco. **Os delitos contra a honra da mulher**. 4 ed. São Paulo: Livraria Editora Freitas Bastos, 1942.

VIEIRA, Elizabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002; Costa, Jurandir Freire. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

## SITES

ASSIS, Maria Sonia de Medeiros Santos de. **Tese de legitima defesa da honra nos crimes passionais. Da ascensão ao desprestígio**. Dissertação de Mestrado - Curso de Pós-Graduação em Direito público da Faculdade de Direito de Recife – UFPE, Universidade Federal de Pernambuco- Recife, 2003. Disponível no site

[biblioteca.universia.net/.../tese...legitima-defesa-da-honra-nos-crimes-passionais.../38511009.html](http://biblioteca.universia.net/.../tese...legitima-defesa-da-honra-nos-crimes-passionais.../38511009.html).

## Capítulo Primeiro

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. In. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 1, 1991.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In. **História e sensibilidade**. Organização de Marina Haizenreder Ertzogue, Temis Gomes Parente. Brasília: Paralelo 15, 2006.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia: a arte de erigir fronteiras**  
Disponível no site <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm> visitado em setembro de 2010.

\_\_\_\_\_. **Cabra macho, sim senhor!:**  
identidade regional e identidade de gênero no Nordeste. Disponível In  
[http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda\\_remessa/cabra\\_macho\\_si\\_m\\_senhor.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remessa/cabra_macho_si_m_senhor.pdf) visitado em 14/09/2009.

ALMEIDA, Jose Américo de. **A bagaceira**. 27 ed. Introdução de M. Cavalcanti Proença e ilustração de Poty. Rio do janeiro: José Olympio. 1991. (1 ed. 1928).

ALVES, José Eustáquio Diniz. **A Linguagem e as representações da masculinidade**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004. Gráfica Digital/Centro de Documentação e Disseminação de Informações – CDDI/IBGE, em 2004.

ANDRADE, Roberta Manuela Barros de. SILVA, Erotilde Honório. A sociabilidade em ondas sonoras: as audiências e o rádio dos anos 50 e 60 em Fortaleza. In. **Revista Humanidades**. Fortaleza, v. 23, n. 1, p. 7-16, jan./jun. 2008.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In. **História das Mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org) Carla Bassanezi (coord. de textos). 6<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2002.

BRETON, David Le. **Paixões ordinárias** - Antropologia das emoções. Petrópolis, Vozes. 2009.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade e nação no Rio de Janeiro**. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da cultura, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles ¿Que és un dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível no site [espaço michel foucault – www.filoesco.unb.br/foucault](http://espaço michel foucault – www.filoesco.unb.br/foucault) visitado em outubro de 2009.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1990.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e Honra - Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 7 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. 1993. (Biblioteca Básica).

\_\_\_\_\_. **As Consequências da Modernidade**. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP. 1991.

GNACCARINI, José César. O rapto das donzelas. In. **Tempo Social- Revista Social**. USP, S. Paulo, 1(1): 149-168, 1.sem. 1989.

GNACCARINI, José César. **O rapto das donzelas**. Tempo Social- Rev. Social. USP, S. Paulo, 1(1): 149-168, 1.sem. 1989.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do Corpo. In. **Corpo, Gênero e sexualidade- Um debate contemporâneo na educação**. Guacira Lopes Louro, Jane Felipe e Silvana Vilodre Goellner (organizadoras). 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GORE, Jennifer. M. Foucault e Educação: Fascinantes desafios. In. **O sujeito da educação: estudos Foucaultianos**. Tomaz Tadeu da Silva (org). Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. (Ciências Sociais da educação).

HABERT, Angeluccia Bernardes. **Fotonovela e Indústria Cultural – Estudo de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões**. Petrópolis, Vozes, 1974.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e educação. In. **O sujeito da educação. Estudos Foucaultianos**. Tomaz Tadeu da Silva (org). Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias. Antropologia das emoções**. Tradução de Luís Alberto Salton Peretti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e Sexualidade – as múltiplas “verdades” da Contemporaneidade**. Programa de Pós - Graduação em Educação UFRGS. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

**MAIS - Revista feminina mensal** - Editora Três Ano III n° 48- São Paulo, julho de 1977.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In. **Corpo, Gênero e sexualidade. Um debate contemporâneo**. Guacira Lopes Louro, Jane Felipe, Silvana Vilodre Goellner (organizadoras). 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MIGUEL, Raquel B. P e TONELI, Maria Juracy F. De “moça prendada” a “menina superpoderosa”: análise das seções de cartas de leitoras da revista *Capricho* (1954-2004). In. **História Unisinos**. Vol. 12 N° 2 maio/agosto de 2008 12(2):168-179, Maio/Agosto 2008.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro; IUPERJ, 2004.

PEDRAZA, Rafael López. **As emoções no processo psicoterapêutico**. Tradução de Roberto Cirani. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PERISTIANY, J. G. (org). **Honra e vergonha: Valores das sociedades mediterrâneas**. Tradução e prefácio de José Cutileiro. Fundação Caulouste Gulbenkian Lisboa, 2ª ed. 1965.

PINHEIRO, Philipi Gomes Alves. A desonra feminina: defloramentos na Comarca de Vitória/ES (1850/1871). In. **Revista Urutágua- acadêmica multidisciplinar** – DCS/UEM N° 19-set./out./Nov.dez.2009. Maringá (PR).

ROHDEN, Fabíola. A obsessão da medicina com a questão da diferença entre os sexos. In. **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Organizadores: Adriana Piscitelli, Maria Filomena Gregori e Sérgio Carrara. Rio de Janeiro: Garamondi, 2004.

ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade. In **cultura e subjetividade**. Daniel Lins (org).- Campinas, S. P: Papirus, 1997.

ROMERO, Silvio. **História da literatura brasileira**. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945, p.185-189.

SANTANA, Rosemere Olímpio de. **Os raptos consentidos e o cotidiano das cidades** – o papel das festas – na Paraíba do período imperial. Revista de História e Estudos Culturais Abril/Maio/junho de 2009.vol. 6 Ano VI n° 2 ISSN 1807-6971 disponível no site [www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br). visitado em outubro de 2010.

SARGENTINI, Vanice e Barbosa, Pedro-Navarro. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade** – São Carlos: Claraluz, 2004.

SCABELLO, Edilaine Helena. **Desvelando a dor amorosa da infidelidade conjugal: discursos de homem e mulheres**. Dissertação de Mestrado -FFCLRP – Faculdade de filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – USP-2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença.** A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VIEIRA, Elizabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, José Francisco. **Os delitos contra a honra da mulher.** 4 ed. São Paulo: Livraria Editora Freitas Bastos, 1942.

## SITES

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Cabra macho, sim senhor!: identidade regional e identidade de gênero no Nordeste.** Disponível no site [http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda\\_remissa/cabra\\_macho\\_si\\_m\\_senhor.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/cabra_macho_si_m_senhor.pdf) visitado em 14/09/2009

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Pedagogia: a arte de erigir fronteiras.** Disponível no site [http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/pedagogia\\_arte\\_de\\_erigir\\_frenteiras.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/pedagogia_arte_de_erigir_frenteiras.pdf)

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças.** Disponível no site <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>

ALMEIDA, Miguel do Vale. Publicado em português em Anuário Antropológico (Brasil), 95: 161-190, 1996. Disponível no site <http://site.miguelvaledalmeida.net/wp-content/uploads/genero-masculinidade-e-poder.pdf>

DELEUZE, Gilles ¿Que és un dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível no site do Espaço Michel Foucault – [www.filoesco.unb.br/foucault](http://www.filoesco.unb.br/foucault)

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber como experiência. In. **Revista Brasileira de Educação.** Jan/ Fev/ Mar/ Abr, 2002. Nº 19. Disponível no site [www.anped.org.br/.../RBDE19\\_04\\_JORGE\\_LARROSA\\_BONDIA.pdf](http://www.anped.org.br/.../RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf)

ROSSINI, Mirian de Souza. **O cinema popular de Teixeira: Um Produtor de Cinema Durante a Ditadura Militar.** Disponível no site <http://sitemason.vanderbilt.edu/files/102YQ8/Rossini%20Miriam%20de%20Souza.pdf>

SANTANA, Rosemere Olimpio de. Os raptos consentidos e o cotidiano das cidades – o papel das festas – na Paraíba do período imperial. In. **Revista de História e Estudos Culturais.** Abril/Maio/junho de 2009. vol. 6 Ano VI Disponível no site [www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br).

WITHOEFT, Ivonete Tambosi. **A literatura retratada na arte de fotonovela.** Disponível no Blog <http://www.blogger.com/profile/>

[www.locutor.info/.../A%20Origem%20do%20Radio%20no%20Brasil%20e%20no%20http://www.paraibanews.com/2008/05/28/prefeitura-homenageia-eraldo-cesar-criador-do-maior-sao-joao-do-mundo/](http://www.locutor.info/.../A%20Origem%20do%20Radio%20no%20Brasil%20e%20no%20http://www.paraibanews.com/2008/05/28/prefeitura-homenageia-eraldo-cesar-criador-do-maior-sao-joao-do-mundo/)

<http://citybrazil.uol.com.br/pb/juazeirinho/index.php>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fotonovela>

<http://revistajornalismo.blogspot.com/2008/04/quadro-quadro-mas-no-papel-fotonovela.html>

<http://www.robertocarlosbraga.com.br/2010/08/roberto-carlos-em-fotonovelas.html>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Direito\\_de\\_Nascer\\_\(1964\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Direito_de_Nascer_(1964))

[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:9QoVaS7\\_4PoJ:virtualia.blogs.sapo.pt/29596.html+novela+mamae+dolores&cd=8&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:9QoVaS7_4PoJ:virtualia.blogs.sapo.pt/29596.html+novela+mamae+dolores&cd=8&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)

[http://www.jornalonorte.com.br/2009/07/24/show2\\_0.php](http://www.jornalonorte.com.br/2009/07/24/show2_0.php) Visitado em 10/04/2010.

Fotonovelas e Revistas:

GRANDE HOTEL XVIII-Nº 858- Rio de Janeiro - Editora Vecchi Ltda 15/01/1964;

Fotonovela - **O seu segredo** – Rio de Janeiro, Guanabara, Editora de revistas sociais Ersol Ltda Setembro de 1960

“MAIS” - **Revista Feminina Mensal** - Editora Três - Ano III nº 48- São Paulo, julho de 1977.

Revista **Capricho**, Junho de 1961.

## Capítulo Segundo

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **Nordestino: uma invenção do falo- Uma história do gênero masculino nordestino. (Nordeste -1920/1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003.

\_\_\_\_\_. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In. **História e sensibilidade**. Organização de Marina Haizenreder Ertzougue, Temis Gomes Parente. Brasília: Paralelo 15, 2006.

ALVES, Sandra Lúcia Belo; DINIZ, Normélia Maria Freire. “Eu digo não, ela diz sim”: a violência conjugal no discurso masculino. In. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Maio-jun; 58(3):387-92. 2005.

ARAÚJO, Eronides Câmara. **Identidade, Identidades: um estudo sobre os trabalhadores do Serrotão - Campina Grande**. Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Rural da UFPB. 1995.

BARBOSA, Maria José Somerlate. Chorar, verbo transitivo. In. **Cadernos Pagu** (11) 1998.

BIRMAN, Joel. Jogando com a Verdade. Uma Leitura de Foucault. In. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, 12(2), 2002.

BUENO, Ruth. **Regime Jurídico da mulher casada**. Rio Janeiro: Editora Forense. 3<sup>o</sup> edição. 1972.

BORELLI, Andrea. **Adultério e a mulher: considerações sobre a condição feminina no direito de família** **Caderno Espaço Feminino**. v. 11, n. 14, Jan./Jul. 2004.

BRETON, David Le As paixões ordinárias. **Antropologia das emoções**. Tradução de Luís Alberto Salton Peretti.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CANO, M.A.T.; FERRIANI, M. das G.C. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. In. **Revista Latino-americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, abril de 2000.

CARVALHO, Luiz Paulo Vieira de. **Separação judicial com culpa sob o ângulo do novo código civil**. Coletânea de Textos CEPAD — 2 — Editora Espaço Jurídico, Rio de Janeiro, SD

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade e nação no Rio de Janeiro**. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da cultura, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. Supervisão final do texto de Léa Porto de Abreu Novaes et AL. J.- Rio de Janeiro: Nau Ed., 1999.

\_\_\_\_\_. História da sexualidade. A vontade de saber, Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do Corpo In **Corpo, Gênero e sexualidade** - Um debate contemporâneo na educação. Guacira Lopes Louro, Jane Felipe e Silvana Vilodre Goellner (organizadoras). 3 ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GOMES, Nadirlene Pereira e DINIZ, Normélia Maria Freire. **Homens desvelando as formas da violência conjugal**. Acta Paul Enferm 2008;21(2):262-7.

KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? In. **Cadernos Pagu** (27). Julho-dezembro de 2006.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade**. História: Questões & Debates. n. 34. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e Educação: teoria e política In. **Corpo, Gênero e sexualidade- Um debate contemporâneo na educação**. Guacira Lopes Louro, Jane Felipe e Silvana Vilodre Goellner (organizadoras). 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PENNA, Rejane Silva e GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Arquivo particular Júlio de Castilhos: cartas, bilhetes e anotações pessoais como fontes históricas- Patrimônio e memória. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.4, n.2, p. 63-81, jun. 2009.

PERISTIANY, J. G. (org). **Honra e vergonha: Valores das sociedades mediterrâneas**. Tradução e prefácio de José Cutileiro. Fundação Caulouste Gulbenkian Lisboa, 2ª ed. 1965.

RESENDE, Antonio Paulo. As seduções do efêmero e a construção da história. In. **História e sensibilidade**. Organização de Marina Haizenreder Ertzougue, Temis Gomes Parente. Brasília: Paralelo 15, 2006.

SARTI, Cynthia A. A dor, o indivíduo e a cultura. In. **Revista Saúde e Sociedade** 10 (1): 3-13, 2001.

TOMA, Maristela. **Imagens do degrado. História, legislação e imaginário. A pena do degrado nas Ordenações Filipinas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo [s/n] 2002.

ZAMPIERI, Ana Maria Fonseca. **Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade: sexualidade conjugal e prevenção do HIV e da Aids**. São Paulo: Ágora, 2004.

## SITES

ASSIS, Maria Sonia de Medeiros Santos de. **Tese de legitima defesa da honra nos crimes passionais. Da ascensão ao desprestígio**. Dissertação de Mestrado - Curso de Pós-Graduação em Direito Público da Faculdade de Direito de Recife – UFPE, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003. Disponível no site <http://www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20030917083920.pdf>

CABRAL, Rita Amaral. **A teoria da aparência e a relação jurídica cambiária**. Trabalho apresentado no âmbito do curso de pós-graduação, realizado na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Disponível no site [www.estig.ipbeja.pt/~ac\\_direito/rcabral.pdf](http://www.estig.ipbeja.pt/~ac_direito/rcabral.pdf)

GOLDENBERG, Mirian. **Sobre a invenção do casal**. Disponível no site [miriangoldenberg.com.br/content.php?..](http://miriangoldenberg.com.br/content.php?..)

SELIGMAN, Flávia. As meninas daquela hora. Sessões do Imaginário - Porto Alegre – Famecos /PUCRS – Revista eletrônica N° 5 – julho 2000 – anual. Disponível no site <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/740/551>

SIMMEL, Georg. O segredo. In. **Revista Política e Trabalho**. Tradução de Simone Carneiro Maldonado. PPGCS-UEPB N° 15, Setembro de 1999. Disponível no site <http://reocities.com/CollegePark/library/8429/index15.html>

Carta aberta sobre a “Política para as mulheres nos programas de governo do PT”- Eleições Municipais 2008 Laisy Moriere -Secretária Nacional de Mulheres – PT -Junho de 2008. Disponível no site [www.pt.org.br/portalpt/images/stories/arquivos/mulheres.doc](http://www.pt.org.br/portalpt/images/stories/arquivos/mulheres.doc).

Entre o amor e os estados de paixão - Conversa com Werner Schroeter e Michel Foucault-1973. Espaço Michel Foucault. Disponível no site [www.filoesco.unb.br/foucault](http://www.filoesco.unb.br/foucault)

### Capítulo Terceiro

ALVES, José Eustáquio Diniz. **A Linguagem e as representações da masculinidade**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004.

AQUINO, Francisca Luciana de. **Homens “cornos” e mulheres “Gaieiras” Infidelidade conjugal, honra, humor e fofoca num bairro popular de Recife-PE**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco em 2008.

ARÁN, Márcia. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. In. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis. Vol. 11(2). Julho-dezembro, 2003.

BUENO, Ruth. **Regime Jurídico da Mulher casada**. 3 ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1972.

CASTRO, Viveiros de. **Os delitos contra a honra da mulher**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, 1942.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Novas configurações familiares: Mitos e verdades. In. **Jornal de Psicanálise**. São Paulo, 40(72). Jun. 2007.

DOEL, Marcus. Corpos sem órgãos: esquizoanálise e desconstrução. In. **Nunca fomos Humanos. Nos rastros do sujeito**. Organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DOMÈNECH, Miguel; TIRADO, Francisco; GÓMES, Lucia. A dobra, psicologia e subjetivação. In **Nunca fomos Humanos. Nos rastros dos sujeitos**. Organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ESCÓSSIA, Liliana da & KASTRUP, Virgínia. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo/ sociedade. In **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 10, n. 2, mai./ago. 2005.

ESCÓSSIA, Liliana da & KASTRUP, Virgínia. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo/ sociedade. In **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 10, n. 2, mai./ago. 2005.

ESTEVES, Marta Abreu. **Menina perdidas. Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FONTANELLA, Fernando Israel. A Estética do Brega: **Cultura de Consumo e o Corpo nas Periferias do Recife**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação- Centro de Artes e Comunicação- Universidade Federal de Pernambuco – Recife- PE. 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 7 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GASTALDO, Édson. O complô da torcida: futebol e performance masculina em bares. In **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 11, n. 2. Jul./dez. 2005.

GOLDENBERG, Mirian. **Infiel - Notas de uma antropóloga**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

\_\_\_\_\_. **A revolução das mulheres**. Mirian Goldenberg, Moema Toscano (orgs.). Rio de Janeiro: Revan, 1992.

GRÜNEWAD, Rodrigo de Azeredo, *et alli*. **Cadernos do LEME**. Campina Grande, vol. 1, nº 2. Jul./dez. 2009.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil mulher e nós mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. In **Revista Estudos feministas**. Florianópolis, vol. 11(1). Jan-jun/2003.

MARTINS JUNIOR, Carlos. Saber jurídico e controle da sexualidade feminina na “República dos Bacharéis”. In **Anais I Congresso do curso de história da UFG- Universidade Federal de Goiás - Jataí – Goiás**, 2010.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade**. n. 34. Curitiba: Editora da UFPR, 2001. (Coleção História: Questões & Debates).

MINOIS, George. **História do Riso e do escárnio**. Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

- NOLASCO, Sócrates Álvares. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro : Rocco, 1993.
- PERISTIANY, J. G. (org). **Honra e vergonha: Valores das sociedades mediterrâneas**. 2 ed. Tradução e prefácio de José Cutileiro. Fundação Caulouste Gulbenkian: Lisboa, 1965.
- RIVERS, Julian Pitt. Honra e posição social. In **Valores das sociedades mediterrâneas**. 2. ed. Tradução e prefácio de Jose Cutileiro. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1965.
- ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.
- SOUZA, Edinilsa Ramos de. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. In. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 10(1). 2005.
- VIEIRA, Guaipuan. A relação dos cornos brasileiros (lista oficial do país). Folheto de cordel (S/D).
- VIVEROS, LÍlian. **O livro da traição feminina**. São Paulo, Matrix, 2003.
- WAGNER, Adriana; Predebon, Juliana; Mosmann, Clarisse and Verza, Fabiana. Compartilhar tarefas? **Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea**. Psic.: Teor. e Pesq. [online]. 2005, vol.21, n.2, pp. 181-186. ISSN 0102-3772.
- ZALUAR, Alba & LEAL, Maria Cristina. Violência extra e intramuros. In. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol.16, n.45. 2001.

## SITES

<http://www.martinhodavila.com.br/butiquim.htm>

<http://caminhodasindias.globo.com/Novela/Caminhodasindias/Bastidores/0,,AA1706613-16543,00.html>

[http://anamariabraga.globo.com/home/canais/canais-casa.php?id\\_not=2736](http://anamariabraga.globo.com/home/canais/canais-casa.php?id_not=2736)

<http://anamariabraga.globo.com/home/forum/?p=102>

<http://www.luzia.psc.br/blog/2010/04/traicao-no-casamento-2/>

<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/867473-homens-sao-mais-tolerantes-a-traicao-homossexual-que-mulheres.shtml>

Alvim, Davis M. Pensamento indomado: História, poder e resistência em Michel Foucault e Gilles Deleuze, 2010 disponível no site [www.ufes.br/.../Dimensoes%20de%20-%209%20%20Davis%20M%20Alvi...](http://www.ufes.br/.../Dimensoes%20de%20-%209%20%20Davis%20M%20Alvi...) Visitado maio de 2011.

<http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura05.shtml>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Odair\\_Jos%C3%A9](http://pt.wikipedia.org/wiki/Odair_Jos%C3%A9)

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm).  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei\\_Maria\\_da\\_Penha](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_Maria_da_Penha)

[http://www.violenciamulher.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=832&catid=19:reportagens-artigos-e-outros-textos&Itemid=6](http://www.violenciamulher.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=832&catid=19:reportagens-artigos-e-outros-textos&Itemid=6)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u685848.shtml>  
<http://www.ascron.com.br/>

<http://grandeponto.blogspot.com/2006/08/ojuara-e-associao-dos-cornos.html>  
<http://accc-rs.blogspot.com/>

<http://coisadeceareense.blogspot.com/2010/03/associacao-dos-cornos-do-ceara.html>

<http://www.overmundo.com.br/guia/mercado-da-torre>

<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/?n=14828>

<http://www.embu.sp.gov.br/JornalCidade/3.php?id=473>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Embu>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bayeux>

<http://setecandeeiroscaja.blogspot.com/2010/09/o-historiador-ariosvaldo-alves-explica.html>

[http://www.giropb.com.br/?p=noticia\\_interna&id=3326](http://www.giropb.com.br/?p=noticia_interna&id=3326)

<http://www.piadasonline.com.br/MostraPiadas.asp>

## Capítulo Quarto

ALVES, José Eustáquio Diniz. *A Linguagem e as representações da masculinidade*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do Signo ao discurso. Introdução à filosofia da Linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BARBOSA, Maria José Somerlate . Chorar, verbo transitivo. In. **Cadernos Pagu** (11) 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama; revisão técnica Luis Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

CHRISTOFOLETTI, Rogério e Faveri Rodrigo Borges de. **Ética e linguagem** — notas de um diálogo inconcluso WORKWG PASTES WS Lffiradsrtcn, UFSC, n. 3, 1999.

DURKHEIM, Émile. **Sociologia e Filosofia**. Prefácio de C. Bouglé; Tradução de J.M. de Toledo Camargo. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense. (S/D).

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GARCIA, Sandra Mara. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In. **Homens e Masculinidades**. Margareth Arilha, Sandra G. Unbehaum e Benedito Medrado. (organizadores). São Paulo: ECOS/Ed.34.1998.

GAUER, Ruth M. Chittó. Da diferença perigosa ao perigo da igualdade. Reflexões em torno do paradoxo moderno. Civitas Porto Alegre v. 5 n. 2 jul.-dez. 2005.

GOLDENBERG, Mirian. **Infel. Notas de uma antropóloga**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. Sexualidade, Amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes.- São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

KON, Noemi Moritz. Ele não tem xoxota!": a lógica do falo ou a lógica da diferença. In. **Interlocuções sobre o feminino na clínica, na teoria, na cultura**. Silvia L. Alonso, Daniele M. Breyton e Helena M.F.M. Albuquerque. São Paulo: Escuta/Instituto Sedes Sapientiae, 2008. (Rev. Latinoam. Psicopat. Fund, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 517-521, setembro 2010).

MENEZES, Leila Medeiros de. Os bares da vida: Espaços de sociabilidade e de construção poética. In. **Cadernos do CNLF**. Vol. XII, N° 15 - XII CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA - Análise e crítica Literária 02. Rio de Janeiro, 2009.

NERI, Regina. A Psicanálise e as novas formas de subjetivação e de sexualidade. A construção fálica-edípica: Uma teoria da diferença? Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo**. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

SANTOS, Tania Coelho Dos; SARTORI, Ana Paula. Loucos de amor! Neuroses narcísicas, Melancolia e Erotomania Feminina. In. Tempo Psicanalítico. Rio de Janeiro. v.39, 2007.

SARGENTINI, Vanice; NAVARRO, Pedro. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.

SILVA, Gilvania Luna da. **Homem, não “nega fogo”, vai, nem que seja com a ovelha... Na porteira**. Anais do II Colóquio Internacional de História - Fontes Históricas, Ensino e História da Educação. 18 a 22 de Outubro de 2010. Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Campina Grande-Pb.

SILVEIRA FILHO, Francisco Maciel. A crise da masculinidade contemporânea. In. **Revista Litteris**. Número 4, Março de 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org) Sturt Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ZAMPIERE, Ana Maria Fonseca. **Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade- Sexualidade Conjugal e prevenção do HIV e da AIDS**. São Paulo: Ágora, 2004.

## SITES

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Mulher de casa pra gente é da rua pro outro: Masculinidades e práticas sexuais em cidades do nordeste**. Disponível no site [www.cchla.ufrn.br/.../mulher de casa pra gente e da rua pro outro.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/.../mulher_de_casa_pra_gente_e_da_rua_pro_outro.pdf)

AREDA, Felipe. **A busca pelo falo, a subjetivação masculina ou a heterossexualização como moral homossexual**. Disponível no site [www.filoesco.unb.br/foucault](http://www.filoesco.unb.br/foucault)

BIRMAN, Joel. **Dor e sofrimento num mundo sem mediação**. Estados Gerais da Psicanálise: II Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003. Disponível no site [www.estadosgerais.org/mundial.../5c Birman 02230503 port.pdf](http://www.estadosgerais.org/mundial.../5c Birman 02230503 port.pdf)

FERNANDES FILHO. Aurivar. **Com o olhar tudo vem acompanhando: representações sociais da masculinidade em Florianópolis**. Trabalho de conclusão de curso para título de bacharel em Psicologia pela Universidade do Vale do Itajaí- Centro de Educação- Biguaçu- 2009. Disponível no site [siaibib01.univali.br/pdf/Aurivar%20Fernandes%20Filho.pdf](http://siaibib01.univali.br/pdf/Aurivar%20Fernandes%20Filho.pdf)

FONSECA, Carlos. La desconstrucion da masculinidade. In. **Revista Internacional de Estudios sobre masculinidades**. Volume 1, número 1, Enero-Marzo 2006. Disponível no site <http://www.estudiosmasculinidades.buap.mx/paginas/frames.htm>

RAGO, Margareth. Os mistérios do corpo feminino, ou as muitas descobertas do "amor venéreo". In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São**

Paulo. n.25, dez/2002. Disponível no site <http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/mulher/16descobertas.htm>

VEIGA, Ana Paula. Orgasmo: querer e poder. In. **Revista IGT na Rede**, v. 4, nº 6, 2007. Disponível no site <http://www.igt.psc.br/ojs/>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferreira\\_Gullar](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferreira_Gullar)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bitola>

<http://www.hotelguarani.com.br/turismo-joao-pessoa-centro-historico.php>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Zoofilia>

## DOCUMENTOS, JORNAIS E REVISTAS

Processo nº 357/90, fl. 25- **Segunda Vara de família**. Folhas 01 a 76- Fórum Desembargador Federal Nereu Santos. Rua Edgar Vilarim Meira, s/n Liberdade - Campina Grande Pb -1990.

Jornal da Paraíba, ‘**Eles são mais felizes na Cornolândia**’. Domingo, 30 de Março de 2008- Caderno 7.

Jornal Diário de Pernambuco “**Infiel indenizará o ex por flagrante na Cama**”- Recife terça-feira 13 de maio de 2008.

Jornal Folha de São Paulo [online] “**Mercado de trabalho tem cada vez mais mulheres, diz IBGE**” - Cirilo Junior- Rio-28/01/2010. Qui, 28 de Janeiro de 2010- 12:07.

Disponível no site

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u685848.shtml> visitado em 09/02/2011.

Revista Capricho, junho de 1961(sem referência).

Revista Grande Hotel, Ano XVIII, nº 858- Editora VECCHI LTDA- Rio de Janeiro GB S/D.

Revista Foto Novela Ano II- nº - Editora de Revistas Sociais - Ersol LTDA Rio de Janeiro, Estado da Guanabara. 13 de Setembro de 1960.

